



UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LEITURA: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, LITERÁRIOS E
MIDIÁTICOS
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DE MEDIAÇÃO EM LEITURA

CELINA PATRÍCIA SILVA E PIRES

SANTA CRUZ DO SUL – RS

2024

CELINA PATRÍCIA SILVA E PIRES

AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL
DE CRIANÇAS NA CONVIVÊNCIA FAMILIAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado - PPGL, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração em Leitura: estudos linguísticos, literários e midiáticos. Linha de Pesquisa Estudos de Mediação em Leitura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Gustsack

Santa Cruz do Sul

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Pires, Celina Patrícia Silva e

Ampliação do vocabulário e desenvolvimento da linguagem oral de crianças na convivência familiar / Celina Patrícia Silva e Pires. – 2024.

177 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2024.

Orientação: Prof. Dr. Felipe Gustsack.

1. Ampliação do vocabulário;. 2. Desenvolvimento da linguagem oral;. 3. Contação de histórias;. 4. Convivência familiar;. 5. Crianças bem pequenas.. I. Gustsack, Felipe . II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CELINA PATRÍCIA SILVA E PIRES

**AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL
DE CRIANÇAS NA CONVIVÊNCIA FAMILIAR**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado (PPGL) – área de Concentração em Leitura: estudos linguísticos, literários e midiáticos –, na Linha de Pesquisa Estudos de Mediação em Leitura da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras.

Profº Drº Felipe Gustsack

Professor Orientador - UNISC

Profª Drª Rosângela Gabriel

Professora Examinadora – UNISC

Profª Drª Solange Alves de Oliveira Mendes

Professora Examinadora – UnB

Santa Cruz do Sul

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter renovado as minhas forças nos momentos bons e nos momentos em que o desânimo invadia o meu ser durante a trajetória, encontrando o equilíbrio e aconchego em meu mundo para suportar e superar a solidão, lembrando o autor Mahatma Gandhi na sua perspectiva “aprendi através da experiência amarga a suprema lição: controlar minha ira e torná-la como o calor que é convertido em energia. Nossa ira controlada pode ser convertida numa força capaz de mover o mundo”. Portanto, a minha fé permitiu-me seguir em frente na caminhada, em particular a minha vida pessoal longe das pessoas que mais amo e diante de um novo começo.

Aos meus pais, Domingos Confessor Évora e Pires e Ana Maria Correia Silva, maiores exemplos de força e amor, pois desde início mantiveram firmes e fortes na tomada das minhas decisões longe de casa e de tudo, dando o suporte necessário para tais circunstâncias, tudo isso não seria possível sem o esforço deles. Aos meus queridos irmãos que estiveram sempre presentes, e a todos os familiares e amigos Cabo Verdianos que de maneira direta ou indireta demonstraram a alegria com esta conquista e colaboraram neste sentido. As minhas sobrinhas Kayla Larissa e Kaylane Laissa, razão pela qual decidi pesquisar sobre o assunto.

Aos professores, Felipe Gustsack, Rafael Guimarães e Rosângela Gabriel que estiveram presentes no momento da entrevista para a seleção do Programa de Mestrado em Letras - PPGL - UNISC, com Bolsa Institucional de Incentivo à Internacionalização, a todos os professores deste programa, pelos seus ensinamentos, que abriram espaços, permitindo-me sentir a minha transformação. À Assessoria internacional - AI e secretária do PPGL - Luana Pranke, pelas orientações, e todo apoio necessário desde Cabo Verde.

Ao meu orientador, Profº Drº Felipe Gustsack pelos apoios, orientações, partilhas, parcerias e trocas de experiências que mantivemos ao longo desta trajetória para que o meu sonho pudesse virar realidade. Muito obrigada e um agradecimento especial.

Aos familiares de Santa Cruz do Sul - RS, que participaram da pesquisa, e na primeira oportunidade souberam dizer SIM no momento mais sensível da minha vida.

Aos meus colegas e amigos Daniela Jantsch e José Odiley. A Dany, pelo apoio de amiga, irmã acadêmica, pelas trocas e partilhas de ideias, mesmo cada uma estando atarefadas no deserto das suas atividades. A primeira pessoa que eu encontrei no banco da Universidade de

Santa Cruz do Sul no bloco 10 quando cheguei no Rio Grande do Sul, ela marcou muito a minha vida até então e passou a fazer parte dela.

Ao Odiley, por partilharmos momentos aflitos e eufóricos, tendo a biblioteca da UNISC como lugar de encontrar a paz e equilíbrio. Portanto, foi nesse espaço que surgiu a primeira ideia da estruturação do sumário, dizendo ele, “hoje o teu primeiro trabalho de casa vai ser a elaboração do sumário, porque a partir disto vais destravar outros caminhos para a escrita e um direcionamento claro”.

Obrigada a todos vocês por tudo!

Dedicatória:

Dedico este trabalho aos meus queridos e amados pais, aos meus irmãos e as minhas sobrinhas. Gratidão!

RESUMO

O objetivo geral do projeto que deu origem a esta dissertação foi identificar experiências de convivência familiar entre famílias da cidade de Santa Cruz do Sul - RS, que contribuem para a ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem oral das crianças bem pequenas, de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses de idade, considerando a utilização de obras literárias e/ou contação de histórias de tradição oral. A pesquisa teve como questão base investigar quais tipos de histórias literárias e/ou de tradição oral as famílias adotam para contribuir com ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem oral da criança bem pequena? Procurei saber que literatura é essa e quais são os diálogos que os familiares costumam manter, a partir dela, com as crianças bem pequenas para apoiá-las nessas aprendizagens e em que momento isso ocorre. O trabalho se estruturou por três etapas: pesquisas bibliográficas e organizações de informações, pesquisa empírica e cruzamentos e reflexões com os dados empíricos à luz das teorias. Participaram do estudo cinco mães com condições social e profissional diferentes, cujas famílias residiam no Bairro Avenida, Higienópolis, Centro, Bom Fim e Country - antiga Linha João Alves. Essas famílias conviviam com crianças que estudavam na Creche, Escola Municipal de Educação Infantil, em Escola Particular e uma que ainda não estava estudando, nem frequentava a creche. Para a produção dos dados, recorreu-se a entrevistas que ocorreram de maneira presencial no mês de setembro de 2023. Os dados da pesquisa foram tratados de maneira interpretativa. Para Soares (2019, p.173) “a pesquisa qualitativa vai da descoberta à compreensão dos fatos no contexto cultural, pela interpretação dos fatos encontrados, extrapolando a quantificação das informações por meio da indução e argumentação e imprimindo as opiniões do pesquisador”. Destaca-se que através das pesquisas empíricas os principais objetivos e questões de partida que procurava mapear foram alcançados. As conclusões mostraram que as ações que as famílias desenvolviam contribuíam muito para a qualificação da oralização dessas crianças, visando à ampliação do seu vocabulário e o desenvolvimento de linguagem oral. Cada família com as suas estratégias e dinâmicas foram realizando essas ações, mas ainda existiam dúvidas, porque o desenvolvimento da oralidade das crianças era uma preocupação constante, uma vez que buscavam saber se estavam agindo da maneira mais adequada, e o que poderiam fazer para melhorar tais ações.

Palavras-Chave: Ampliação do vocabulário; desenvolvimento da linguagem oral; contação de histórias; convivência familiar; crianças bem pequenas.

ABSTRACT

The general objective of the project that gave rise to this dissertation was to identify experiences of family coexistence among families in the city of Santa Cruz do Sul - RS, which contribute to the expansion of vocabulary and the development of the oral language of very young children, from 1 year and 7 months to 3 years and 11 months of age, considering the use of literary works and/or storytelling of oral tradition. The research was based on investigating what types of literary stories and/or oral tradition families adopt to contribute to the expansion of vocabulary and the development of the oral language of the very young children? I searched to know what this literature is and what are the dialogues that family members usually maintain, from it, with very young children to support them in these learnings and at what time this occurs. The work was structured by three stages: bibliographical research and information organizations, empirical research and crossings and reflections with empirical data in the light of theories. The study included five mothers with different social and professional conditions, whose families resided in Avenida, Higienópolis, Centro, Bom Fim and Country - old Line João Alves Line. These families lived together with children who studied in the Nursery, Municipal School of Early Childhood Education, in Private School and one who was not yet studying, nor frequented a daycare. For data production, it was used interviews that occurred in person in September 2023. The research data were treated interpretively. For Soares (2019, p.173) “the qualitative research goes from discovery to understanding of facts in the cultural context, by interpreting the facts found, extrapolating the quantification of information through induction and argumentation and printing the researcher’s opinions”. Stands out It is noteworthy that through empirical research the main objectives and starting questions that were looked for to map were achieved. The conclusions showed that the actions that families developed contributed to the qualification of oralization of these children, aiming the expansion of their vocabulary and the development of oral language. Each family with its own strategies and dynamics carried out these actions, but there still existed doubts, because the development of the children’s oral skills was a constant concern, as they sought to know if they were acting in the most appropriate way, and what they could do to improve such actions.

Keywords: Expansion of Vocabulary; development of oral language; storytelling; family living; very young children.

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	13
2	AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL NA CONVIVÊNCIA FAMILIAR	23
2.1	Hábitos/costumes da convivência familiar e possíveis implicações para a ampliação do vocabulário	26
2.2	Contação de histórias literárias e/ou de tradição oral na infância	41
3	CONTEXTO EMPÍRICO DA PESQUISA	49
4	PROCESSO DA PESQUISA	53
4.1	Aportes empíricos	57
4.2	Cruzamento de dados empíricos e teóricos	59
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
	REFERÊNCIAS	126
	ANEXO 1	130
	ANEXO 2	137
	APÊNDICE A	139
	APÊNDICE B	142
	APÊNDICE C	143
	APÊNDICE D	145

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Questão 2 -Você tem o hábito de ler e/ou contar histórias orais para seu/sua filho/a?	59
Quadro 2	Questão 3 - Em que momento do dia costuma fazer isso?	65
Quadro 3	Questões 4 - Quais tipos de livros e/ ou histórias de tradição oral você costuma ler ou contar?	67
Quadro 4	Questão 5 - Depois da leitura e/ou contação de histórias quais são as experiências de interação que se estabelecem, normalmente, entre você e a criança?	74
Quadro 5	Questão 6 - Você costuma ler/contar histórias para a criança todos os dias?	77
Quadro 6	Questão 7- Durante a leitura/contação de histórias a criança costuma lhe questionar a respeito dos sentidos das palavras ou você já vai explicando ao perceber que o significado de uma palavra possa não ser do conhecimento da criança?	79
Quadro 7	Questão 8 – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?	87
Quadro 8	Questão 8 (Continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?	89
Quadro 9	Questão 8 (Continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?	90
Quadro 10	Questão 8 (Continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?	95
Quadro 11	Questão 8 (Continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?	97
Quadro 12	Questão 8 (continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?	100
Quadro 13	Questão 8 (continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?	103
Quadro 14	Questão 8 (continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?	105
Quadro 15	Questão 9 - Há alguma outra atividade, realizada por membro familiar, que você considera importante e que contribua para que a criança possa ampliar seu vocabulário? Por exemplo: há alguém que costuma cantar para a criança? Há alguém que costuma brincar com a criança? Quais músicas? Quais brincadeiras?	107

Quadro 16	Questão 9 (continuação) - Há alguma outra atividade, realizada por membro familiar, que você considera importante e que contribua para que a criança possa ampliar seu vocabulário? Por exemplo: há alguém que costuma cantar para a criança? Há alguém que costuma brincar com a criança? Quais músicas? Quais brincadeiras?	110
Quadro 17	Questão 10 - Quando não estão conversando diretamente com a criança, quais são os principais assuntos a respeito dos quais vocês conversam na convivência familiar?	111
Quadro 18	Questão 11- Você, e/ou outra pessoa da família, tem o hábito da leitura (costuma ler com frequência)?	114
Quadro 19	Questão 12- Qual tipo de texto você, ou outra pessoa da família, costuma ler?	115
Quadro 20	Questão 13 - Qual é frequência dessa leitura, por dia/ semana/mês?	116
Quadro 21	Questão 14 - A criança costuma ver você (outra pessoa) lendo?	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Acervo da Família 2	69
Figura 2	Acervo da Família 2	69
Figura 3	Acervos da Família 2	73
Figura 4	Acervos da Família 5	73
Figura 5	Espaço de referência da criança da Família 4	77
Figura 6	Criança da Família 5	94
Figura 7	Criança da Família 5	94
Figura 8	Movimento da oralização das crianças bem pequenas na convivência familiar	125

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AI	Assessoria Internacional
COVID	CoronaVirus Disease
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
RS	Rio Grande do Sul
SESI	Serviço Social da Indústria
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul

1. APRESENTAÇÃO

A pesquisa que deu origem a esta dissertação teve como objetivo geral identificar experiências de convivência familiar entre famílias da cidade de Santa Cruz do Sul - RS, que contribuem para a ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem oral das crianças bem pequenas, de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses de idade, considerando a utilização de obras literárias e/ou contação de histórias de tradição oral. A pesquisa foi realizada segundo uma perspectiva qualitativa do tipo exploratória, com análise de conteúdo que comporta, segundo Gil (2008), o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o tema para poder compreendê-lo. Assim, envolveu um levantamento bibliográfico e, realização das entrevistas que foram, por sua vez, realizadas e registradas presencialmente, aproximando-se da concepção de entrevista semiestruturada, com as mães, que mais intensamente vivenciam essas relações com as crianças. Além disso, por ter contemplado uma amostra de cinco famílias – índice insuficiente para generalizações mais amplas – o tipo de pesquisa baseada no retrato dessas cinco famílias não se alinha a um estudo que representa todas as mães, mas os achados da pesquisa revelaram essa heterogeneidade, abrindo várias frentes para a reflexão, permitindo visualizar como aparece no *locus* familiar o que na instituição escolar assume formatos já esperados.

Neste sentido, a fim de alcançar o objetivo geral, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: mapear o contexto empírico e o processo da pesquisa; realizar uma caracterização das famílias participantes; investigar as possibilidades de ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem oral das crianças na convivência familiar a partir das respostas às entrevistas. Esses objetivos específicos estão divididos por tópicos, o que será detalhado mais adiante na apresentação dos capítulos deste trabalho.

A proposta de pesquisa se justifica por reconhecer a importância das famílias nas contribuições para a ampliação do vocabulário e o processo da aprendizagem de linguagem oral da criança bem pequena. Neste sentido, os artigos lidos e os diálogos em torno do assunto na disciplina de **Neurociência e Educação para a Leitura**, realizada no segundo quadrimestre do Curso de Mestrado do PPGL, foram muitos relevantes, porque, a partir de então, surgiu o interesse e o direcionamento para avançar nesses estudos. Esses artigos tratam de estudos cujas argumentações recomendam aos educadores adotarem práticas que favoreçam o desenvolvimento da linguagem oral nos currículos a partir da Educação Infantil.¹

¹ SARGIANI, Renan de Almeida; MALUF, Maria Regina. Linguagem, cognição e educação infantil: contribuições da psicologia cognitiva e das neurociências. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 22, p. 477- 484, 2018. Disponível em: RA Sargiani, MR Maluf. Acesso em: 29 jul. 2022.

Dessa forma, procurei perceber e dar visibilidade à importância do papel dos pais em todo esse processo linguageiro na vida da criança, sendo que tem maior relevância ainda quando se estabelecem essas pontes com a educação escolar. A educação intencional assistemática pela família traz essa complementaridade como ‘agente mediador’ nesse processo. Portanto, essas contribuições estão dentro de uma perspectiva que não nega o papel didático e pedagógico a ser desempenhado pela instituição educativa, uma vez que as atividades escolares são permeáveis pelo processo didático que inclui planejamento e mediação.

O que venho propondo nesta dissertação remete também à vivência em Cabo Verde desde dezembro do ano de 2017 até Fevereiro de 2022, quando tive a oportunidade de conviver com as sobrinhas gêmeas, muitas vezes exercendo funções de mãe, na condição de tia e baba - juntamente com os demais familiares - uma experiência repleta de significados e encantamentos. No ano de 2022, cheguei a Santa Cruz do Sul - RS, para ingressar no Curso de Mestrado em Letras com Bolsa Institucional de Incentivo à Internacionalização, concedida pela Universidade Santa Cruz do Sul. Essa Universidade é um espaço onde, de fato, há transformações, porque a partir de então comecei a intensificar a experiência e dar sentido ao que vivi alguns anos atrás, e que até então originou o interesse pelo tema de pesquisa.

Nesse sentido, a experiência começou a provocar e proporcionar espaços e liberdades para atender a inquietude perante os desafios e a oportunidade de estudar mais a respeito daquele tema recém experimentado diante dos meus olhos. Era preciso, assim, entrar em intimidade com minhas emoções e viajar dentro do meu eu para pensar e escrever a dissertação. Aos poucos aprendi a conquistar esses espaços de reflexão com o corpo todo e a costurar os conhecimentos das aulas do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL com as minhas experiências anteriores, recorrendo ao pensamento do poeta e escritor Cabo Verdiano Amílcar Cabral, ao afirmar que uma criança é a razão da nossa luta e flor da nossa revolução.

Dessa forma, fui desenhando, aos poucos, com a colaboração do orientador, maneiras de integrar e compreender a presença dos familiares, parentes, vizinhos e amigos em meu processo de escrita, enquanto buscava perceber que todo esse mesmo processo linguageiro vai acontecendo na vida das crianças, principalmente na primeira infância. Em outras palavras, conviver com as sobrinhas resultou em uma experiência de pensar pistas para prosseguir neste estudo, permitindo o encontro com a alteridade, o viajar no tempo e procurar

sentidos que me possibilitaram a oportunidade para continuar na caminhada desta dissertação. Agora percebo que a aproximação da experiência vivida com as reflexões teóricas, além de me provocarem muitas aprendizagens e transformações intelectuais, também estão a me preparar para muitos dos sentidos do cuidado que poderei ter quando for mãe. Tudo isto, graças aos relatos dos familiares que me possibilitaram viver uma experiência-ação, oportunizando compreensões acerca de uma maternidade pela convivência. Nesse sentido, comecei a compreender que nada é por acaso mas, sim, que o tempo prepara para as novas descobertas, para aprendizagens e para entender que tudo, e especialmente o ato de aprender, está costurado no longo e aberto tecido da vida.

Observo que este trabalho, de fato, também vai servir para unir e fortalecer elos de atenção e cuidado com a infância seja aqui no Brasil ou em Cabo Verde, porque já ressoam e continuarão ressoando comigo, principalmente por meio da literatura e de algumas vivências que se assemelham para mim nesses dois países. O Brasil é o lugar que me permitiu dar sentido e significar o vivido que compartilhei com meus familiares em Cabo Verde. Portanto, na terra natal foi necessário deixar renascer a criança que existe dentro de mim, diante de um novo começo (inexperiente) que me possibilitou estar na linguagem, sem antes mesmo ter percebido que nela já estava e que tudo aquilo teria um significado muito especial.

É essa inexperiência que vejo em Berle (2013, p. 19), ao afirmar que se trata de um estar “(...) diante da novidade de um começo. De algum modo, tive que aprender a andar, aprender a falar, aprender a conviver com o desconhecido”. Por isso, penso que a dissertação contribui de uma forma muito positiva e colaborativa nos debates que envolvem familiares nas aprendizagens languageiras das crianças, pois trata de um conjunto de ações e atenção especial para que elas possam desenvolver a linguagem oral, tendo a família como base e suporte para suas vidas.

Hoje percebo não ter sido em vão que a pesquisa surgiu de meu interesse em perguntar: Quais tipos de histórias literárias e/ou de tradição oral as famílias contam para contribuir com o desenvolvimento da linguagem oral e a ampliação do vocabulário da criança bem pequena? Desde o início, na minha experiência em Cabo Verde e agora aqui no Mestrado, tive de investigar qual literatura é essa (Quadro 3) e quais são os diálogos que os familiares costumam manter, a partir dela, com as crianças bem pequenas para apoiá-las nessas aprendizagens e em que momento isso ocorre. Para responder a essas dúvidas de partida, é que propus desenvolver a pesquisa registrando como a ação da família contribui

para a qualificação de uma oralização das crianças visando à ampliação do seu vocabulário e o desenvolvimento de sua linguagem oral.

Quanto à seleção das famílias participantes, a mesma se deu de maneira um tanto aleatória, sem deixar de ser criteriosa. Aleatória, porque a amostra foi se configurando pela conveniência de serem famílias de fácil acesso para mim enquanto pesquisadora. Criteriosa, porque optei por recorrer àquelas famílias com condição social e/ou profissional diferentes, e que pudessem possibilitar uma abertura contextual para reflexões em torno de suas próprias culturas de convivência. A intenção foi trazer pontos diferentes e pontos em comum das histórias lidas e/ou contadas pelas famílias, bem como as atitudes e estratégias adotadas, fazendo, na medida do possível, reflexões a partir de dados descritivos desses diferentes contextos no que diz respeito à contribuição e estratégias culturais dos familiares nesse processo do desenvolvimento da linguagem oral das crianças.

Assim, outro critério de diversidade que procurei contemplar foi o da localização geográfica. Foi possível contemplar famílias que residiam na cidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, no Bairro Avenida, Higienópolis, Centro, Bom Fim e Country - antiga Linha João Alves. Portanto, ao pensar na inclusão social e de pertencimento dessas famílias, participaram da pesquisa aquelas com criança que estudava na Creche Municipal de Educação Infantil Bem Me Quer, Escola Particular de Educação Infantil Caminho do Saber, Escola Particular de Educação Infantil Colégio Mauá (escolinha), criança que não estava estudando ou frequentando a creche e criança que estudava na Escola de Educação Infantil Moranguinho. Além disso, o estudo teve um recorte bem delimitado das idades, o qual variou, seguindo a sequência das Escolas acima listadas, de uma criança com 3 anos do sexo masculino, outra com 2 anos e 9 meses do sexo feminino, a terceira com 1 ano e 10 meses do sexo masculino, a quarta com 2 anos e 2 meses do sexo feminino, e a última também de 1 ano e 10 meses do sexo feminino.

Quanto às escolhas das famílias, foram usadas redes de contatos – meus e de colegas de pesquisa - por meio de WhatsApp, que também funcionou como reforço comunicativo para as informações e o mapeamento das famílias que aceitaram o convite. Mas o primeiro convite, assim como outros em algum momento, se deu de maneira presencial, como é o caso com a primeira família que foi entrevistada na condição de família piloto. Outros foram sendo configurados pela indicação e convite dos colegas e do orientador da pesquisa. Portanto, as famílias foram convidadas de maneira voluntária para participar da pesquisa e

outras se ofereceram prontamente a querer colaborar para este estudo, na medida em que ficaram sabendo de sua dimensão e temática.

A primeira família aceitou participar da pesquisa realizando o que chamei de entrevista piloto. Esta foi necessária para que eu pudesse verificar se o roteiro das questões e outras informações atenderiam aos objetivos de pesquisa e sobretudo para responder ao que procurava mapear. Antes, porém, realizei um exercício de simulação das questões prévias com o orientador da pesquisa e só depois parti para a entrevista piloto mediante algumas informações necessárias e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE A) que foi apresentado, lido e assinado pelas famílias que aceitaram o convite.

Nessa dinâmica de trabalho para a seleção dos familiares, utilizei o WhatsApp para fazer um convite especial, e ao mesmo tempo, agradecer, explicar todo processo e marcar a data para a leitura do TCLE e formalização do aceite para iniciar as entrevistas. Vale ressaltar que só entrei em contato com os familiares após terem aceitado o convite e terem dado permissão para que eu o fizesse e pudesse agregar outras informações a respeito do processo. Esse foi um dos critérios fundamentais que tracei, em combinação com o orientador deste estudo, a fim de respeitar e manter a privacidade dessas famílias.

É importante frisar, novamente, que a entrevista teve início somente depois da apresentação da carta institucional (APÊNDICE B), leitura, aceitação e assinatura do TCLE. Feito isso, foi uma alegria constatar que todas as mães assinaram o termo sem nenhuma restrição, manifestando suas hospitalidades comigo para além do esperado. Ou seja, funcionou tudo de maneira tranquila como se tivessem me conhecido há anos, principalmente na total abertura para as conversas e liberdade em se expressar e, sobretudo, o que cada uma faz, como faz e o que espera com suas ações em prol da ampliação do vocabulário das crianças. Tudo isso foi muito motivador para mim, ampliando o desejo de querer continuar e construir um trabalho de qualidade.

No dia de cada entrevista fiz questão de estar de maneira presencial na sua casa, ou em outro local de preferência da pessoa considerando o mais fácil acesso. Assim, uma entrevista foi realizada em minha própria casa, a segunda na casa da família, a terceira foi na UNISC (local de trabalho da mãe), a quarta foi na casa de uma colega em comum, e a quinta na biblioteca da UNISC, à pedido das participantes. As entrevistas ocorreram no mês de setembro de 2023 e os instrumentos usados foram o gravador e o roteiro da entrevista (APÊNDICE C) com 30 questões semiestruturadas – perguntas abertas e fechadas. Além disso, no decorrer das entrevistas surgiram seis questões de curiosidades que procurei fazer e que ajudaram na interpretação desses dados. Dessa forma, é importante também explicitar

que procurei dar total liberdade às participantes, nesse caso, as mães, por serem mais próximas da criança e que conviviam diariamente com os filhos para escolherem se queriam participar da entrevista por meio do questionário eletrônico ou presencial, mas todas as famílias preferiram o contato presencial.

Nesse sentido, foram abordadas questões de interações sociais com o objetivo de conhecer e compreender diferentes visões de mundo e a realidade dos familiares que participaram da pesquisa, baseadas nas crenças, valores e artefatos culturais. No que diz respeito aos cruzamentos de dados, procurei fazê-los de maneira indutiva sem pretensão de mensurar a realidade, porque se tratou de uma pesquisa exploratória, com análise de conteúdo que nos permite ter uma visão geral do tema, seguindo a perspectiva do campo da sociologia da linguagem dentro de um ambiente social e natural.

Severo e Görski (2023, p. 59) explicam que:

A sociologia da linguagem examina a interação entre esses dois aspectos do comportamento humano: o uso da linguagem e a organização social do comportamento, o que inclui não apenas a descrição de usos, mas também as atitudes linguísticas sobre os usos e os falantes. Trata-se de considerar a maneira como linguagem e sociedade se afetam mutuamente e oferecem reflexões relevantes para a linguística e a sociologia. Destina-se a um público interessado na relação entre comportamento social e uso linguístico, e elege a sociedade como uma dimensão mais ampla do que a linguagem, fornecendo o contexto no qual os comportamentos linguísticos são analisados.

A sociologia da linguagem está ancorada numa perspectiva que proporciona diálogos com a sociedade, integrando a sua dimensão social. O comportamento humano é analisado entre esses dois aspectos, tais como, a maneira como o ser humano se comporta num ambiente social e natural, e como aparece o uso da linguagem dentro desse contexto, trazendo reflexões para o campo da linguística. Além disso, permite compreender e saber como uma determinada comunidade faz ou interage a partir da sua forma de ser, estar, pensar, falar e agir na sociedade.

Os dados da pesquisa foram tratados de maneira interpretativa como fenômenos das experiências do ambiente externo e suas relações com o que a literatura nos proporciona e nos permite trazer à dissertação no aqui e agora. O foco foi compreender, a partir do objetivo e da questão da pesquisa, diferentes visões de mundo e, sobretudo, priorizar as descrições dos resultados fazendo uma costura com o que os autores dizem de maneira que nos permita construir algo lógico e que sirva para mais inquietações. Nas palavras de Bicudo (2005, p. 2), trata-se de compreender que: “pesquisar quer dizer ter uma interrogação e andar em torno

dela, em todos os sentidos, sempre buscando suas múltiplas dimensões e andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez mais...”

O estudo teve uma abordagem múltipla, porque no primeiro movimento fiz as pesquisas bibliográficas e organizações de informações que contemplassem a investigação. No segundo movimento, realizei a pesquisa empírica com a finalidade de perceber sentidos e significados ao que interrogava. No terceiro movimento, contando com as orientações, tratei de fazer os cruzamentos e reflexões com os dados empíricos à luz das teorias, para compor esta dissertação.

No sentido de mapear e conhecer o que já está publicado, em termos do Estado do Conhecimento, acerca do tema, realizei dois movimentos. No primeiro, fiz pesquisas no Google acadêmico, envolvendo o período de (2018-2023), com os seguintes descritores: vocabulário, histórias literárias e convivência familiar. Apareceram aproximadamente 100 trabalhos relacionados. No segundo movimento, realizei uma seleção daqueles trabalhos que vinham ao encontro do que pretendia estudar e que poderiam, portanto, ajudar na reflexão e no desenvolvimento das minhas reflexões. Noventa e três (93) desses trabalhos apresentavam características muito distantes dos objetivos de minha pesquisa, restando apenas sete com os quais minhas intenções podiam conversar, considerando que utilizei as palavras de filtro que estavam diretamente vinculadas aos objetivos da pesquisa e da própria temática em si.

Em termos da organização desses dados e reflexões, esta dissertação está estruturada em cinco capítulos. No primeiro, aqui intitulado de apresentação, procurei fazer um pequeno histórico de minhas relações com o tema, bem como uma contextualização, apresentando, detalhando e interrogando a temática, ao explicitar os objetivos, as justificativas e o contexto teórico-empírico da pesquisa realizada.

O segundo capítulo, utilizei para tratar de algumas contribuições para ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem oral das crianças na convivência familiar, enfatizando costumes dessa convivência, tais como a contação de histórias literárias e/ou de tradição oral na infância, e possíveis implicações dessas experiências para a temática abordada. Para essa etapa, contei com as contribuições de alguns autores, dentre os quais destaco: Maturana (1998), Larrosa (2002), Góes e Cruz (2006), Jerusalinsky (2008), Farias (2008), Brandt et al. (2009), Sousa e Gabriel (2011), Tamis e Rodriguez (2011), Berle (2013), Bissoli (2014), Armonia et al. (2015), Flôres (2016), Falk (2016), Rodrigues (2016), Gabriel e Morais (2017), Vitta et al. (2018), Larrosa (2018), Dias et al. (2019), Guimarães e Mousinho (2019), Souza (2021), Ferreira (2021) e Bastos (2021). Além disso, procurei

estudar e refletir também, metas previstas em documentos reguladores da educação de crianças bem pequenas como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018).

No que diz respeito à contação de histórias literárias e/ou de tradição oral na infância como uma das atividades que favorece a ação pedagógica e contribui para o desenvolvimento da linguagem oral, meu estudo envolveu os seguintes autores: Maturana (1998), Catania (1999), Ourique (2009), Brandt et al. (2009), Berle (2013), Bissoli (2014), Rodrigues (2016), Gabriel e Morais (2017), Vitta et al. (2018), Larrosa (2018), Estevam e Souza (2021), Ferreira (2021), Fernandes (2021), e Bastos (2021).

Já no terceiro capítulo, trato mais objetivamente do corpus empírico da pesquisa e características das famílias participantes. Essas informações foram alimentadas por dados das suas situações socioeconômicas e as características que se fazem presentes no contexto da convivência dessas famílias.

O quarto capítulo utilizei para trazer e detalhar o processo da pesquisa, explicando qual foi o caminho que percorri e quais os aportes empíricos. Nessa parte, transcrevi os dados gerados na íntegra, procurando manter-me fiel aos relatos das participantes da pesquisa, codificando-os para garantir o sigilo ético proposto no TCLE. Após, procurei fazer as súmulas das respostas, ou seja, trechos dos relatos que são apresentados em quadros acompanhados das questões que os geraram. Destaco, porém, que foram selecionadas somente as partes que ajudam a refletir em torno da interrogação e dos objetivos apontados na pesquisa, oportunizando a visualização dos resultados das cinco famílias para cada questão.

A partir daí, realizei os cruzamentos de dados empíricos e teóricos. Isto é, são traçadas as metodologias da compilação e do cruzamento de dados, acompanhados de texto que compara cada relato por semelhança ou diferença por natureza, considerando a teoria e as respostas dos que participaram do estudo. Por fim, destaco o que chamei de achados da pesquisa. Assim, o trabalho é constituído por uma pesquisa empírica e foram trazidos relatos das experiências compartilhadas pelos familiares, o que atende à interrogação deste estudo, a vivência de cada uma das participantes, inclusive a minha, e a leitura de mundo de um modo geral.

Os resultados principais mostram que a convivência das crianças com os familiares que participaram do estudo contribuíam muito para a ampliação dos seus vocabulários, visto que cada família usava as suas estratégias de acordo com a condição social na convivência

familiar, com algumas dinâmicas, tais como contação de histórias, brincadeiras e vivências diversas com outros membros familiares que colaboravam no desenvolvimento da criança. Mas também chama a atenção as muitas inquietações e dúvidas quanto a tais ações, porque assim como algumas dessas famílias mencionaram, havia uma preocupação constante em saber se de alguma forma estavam agindo da maneira mais adequada, e o que poderiam fazer ou reforçar para melhorarem tais convivências e contribuírem no que se refere à ampliação do vocabulário da criança e o desenvolvimento da sua linguagem oral. Para isso, compreendo que é importante também uma formação pedagógica inicial de qualidade.

As interações e usos dos materiais didáticos aparecem e assumem outro formato no contexto familiar. Na Família 1, em casa, a criança tinha contato com as histórias, mas, mais o que foi contado na infância da mãe. A mãe salienta que não tinha um livro que pudesse contar histórias para a criança. A irmã mais velha de vez enquanto lia histórias, e ou colocava vídeos para o pequeno escutar. A frequência de leitura era mais presente na creche. E, em casa, a contação de histórias tinha lugar na maioria das vezes de noite antes de dormir. No momento de interagir com a criança, a mãe falava uma linguagem simples para que o pequeno pudesse compreendê-la, mas não uma linguagem muito difícil, porque a criança tinha apenas 3 anos.

Na Família 2, para a contação de histórias os familiares tentavam seguir uma rotina, mas sem um horário definido. As histórias eram simples, evitando aquelas mais complexas. Às vezes, descreviam a narrativa além do que estava escrito ou aparecia naquelas páginas. A mãe afirmou que ao dirigir-se para a criança tinha o hábito de não ‘infantilizar’ as palavras.

Na Família 3, os familiares gostavam de ler com a criança. O verbo ‘gostar’ (de ler) - associava a ideia de que faziam isso ‘com’ a criança. A leitura e/ou contação de história aconteciam frequentemente no final da tarde. A mãe adaptava a história para a realidade da criança, usando palavras de fácil compreensão, mas sempre procurava manter o mesmo tom de voz.

Na Família 4, a mãe não tinha o hábito de ler e contar as histórias para a criança, pois quando ela pegava o livro para ler, a pequena não deixava. Porém, o horário das brincadeiras com os livros acontecia de manhã e à noite, quando se preparavam para deitar. O vocabulário da criança não era muito extenso, por isso, a mãe costumava falar para a criança o significado das palavras, e se aparecia algo novo ela também explicava, mas sem dar muitos detalhes. Nas interações entre elas, ao falar com a criança, a mãe inventava pronúncias das palavras, e a babá que cuidava da pequena investia na pronúncia correta das palavras.

Na Família 5, a criança não ficava muito quieta para escutar histórias, mas a mãe usava ‘dedoches’ para chamar a atenção da pequena. A mãe lia e/ou contava as histórias para a criança, antes de dormir, durante a semana, e, nos finais de semana com mais frequência. No momento de interações, se aparecia a imagem de um copo no livro, a criança não ia questionar ou perguntar. Então, alguém precisava mostrar para ela, mas ao falar com a pequena, ela adotava uma linguagem normal de adulta.

Percebi, ainda, através das ações empíricas da pesquisa, uma adequação das metodologias que foram usadas para gerar os dados, sendo que os resultados que obtive contribuíram muito para que eu pudesse viver experiências intensas como pesquisadora, alcançando os objetivos e questões de partida que procurava mapear.

2 AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL NA CONVIVÊNCIA FAMILIAR

Neste capítulo, apresento os hábitos/costumes da convivência familiar e possíveis implicações para ampliação do vocabulário das crianças. Entendo que “o vocabulário é definido como o conhecimento dos significados das palavras pela via da linguagem oral ou escrita, de maneira expressiva (produzindo palavras) e receptiva (compreendendo palavras)” (Guimarães e Mousinho, 2019, p.1). Souza (2021, p. 15) afirma que “(...) o vocabulário se apresenta como um recorte do léxico individual, de certa forma como uma identidade exclusiva do sujeito”.

Assim, compreendo que o vocabulário faz parte da identidade exclusiva das pessoas, sendo um dos recortes do léxico mental² dentro do repertório das experiências de vida de cada indivíduo, ao mesmo tempo, considerando que a língua é viva, e que na interlocução com outros sujeitos é possível uma socialização e impacto na linguagem do outro. Contribui, portanto, para o desenvolvimento da linguagem oral como um dos preditores importantes que ajuda a criança a desenvolver as suas habilidades de pensar e comunicar, facilitando a expressão dos seus desejos para além das outras formas de linguagem corporal.

Confirmando essa compreensão, a autora ainda afirma que “é incontestável que o vocabulário é um indicador/preditor de desenvolvimento de crianças” (Souza, 2021, p. 47). Então, ao compreendermos que o vocabulário infantil pode ampliar-se por diversas maneiras através de um conjunto de atividades de que a criança participa, evidencia-se também a ideia de que colabora para o seu bem estar, aprendizagem e desenvolvimento. Isto é, contribui para o modo de compreensão e conhecimento de mundo da criança, uma vez que amplia suas possibilidades de pensar a respeito do que vive no seu dia a dia. Possibilita às crianças desenvolverem vocabulários cada vez mais consistentes, o que auxilia no momento de fazer inferências e procurar o que não está somente na leitura do livro e contação de histórias, mas sim na leitura de mundo e sobretudo do cotidiano no qual elas estão inseridas.

² O léxico mental é a estrutura cognitiva central para o uso da língua: fala, escuta e leitura, por meio dele temos acesso às palavras e a seus significados. Ao adquirirmos uma palavra nova, precisamos incluí-la em uma estrutura já existente de milhões de outras palavras (rótulos e significados). *In*: SOUSA, Lucilene Bender de; GABRIEL, Rosângela. Aprendendo palavras através da leitura. Santa Cruz do Sul: Edunisc, v.1, p. 21, 2011.

Além da leitura de textos infantis adequados para a idade da criança, existem outros tipos de atividades que as crianças podem realizar em casa e que ajudam e contribuem para a ampliação do seu vocabulário. Há, por exemplo, as atividades do dia a dia que as famílias realizam tais como tarefas domésticas em que as crianças participam, exploram o momento, brincadeiras, diálogos etc., e tudo isso, ao fazer parte de seu percurso de experiências cotidianas, ajuda muito para que conheçam novas palavras e aos poucos comecem a ter noção e domínio do seu uso. É preciso considerar, porém, que nos textos infantis, além do vocabulário, as crianças desenvolvem outras habilidades. Na atividade de contação de histórias, elas podem alavancar um processo mais amplo que ocorre por uma série de contingências, ainda que sejam crianças pequenas, porque vão se apropriando dos gêneros textuais.

A própria BNCC (Brasil, 2018) define seis direitos importantes “de acordo com os eixos estruturantes da Educação Infantil - interações e brincadeira”³ e que devem ser observadas para que as crianças tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Tais direitos são: “conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se. Para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver”⁴.

Faz-se necessário citar a BNCC (Brasil, 2018), porque para além do que propus interrogar na pesquisa, esses seis eixos estruturantes da Educação Infantil contribuem para possíveis implicações do vocabulário da criança no seu desenvolvimento, no sentido interacionista. Esses eixos se estruturam também na convivência familiar a partir das interações, leituras compartilhadas, brincadeiras com outras crianças, amigos etc. No entanto, é importante também entendermos que nem sempre todas as famílias asseguram os hábitos de mediações dentro do seu contexto familiar, porque a grande maioria pode não ter acesso a esse tipo de convivência. Nesse sentido, vale destacar que por meio das brincadeiras e leituras dos livros infantis, as crianças vão adquirindo a consciência fonológica que permite ampliar a compreensão das palavras e desenvolver a linguagem oral dentro do contexto imaginativo e criativo.

Outro aspecto importante a considerar em relação ao tema de minha pesquisa tem a ver com a ideia do respeito, não somente aos direitos de aprendizagem da criança, mas também a sua própria cultura, cuja característica central é a ludicidade. Segundo Vitta et al.

³ A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, define seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, e campos de experiências nos quais as crianças podem aprender e se desenvolver (Brasil, 2018, p. 25).

⁴ Idem.

(2018, p. 5), “Considerar as interações e brincadeiras como eixos norteadores é caminhar para um entendimento dos direitos da criança respeitando-a”. Respeitar os direitos das crianças é abrir caminhos para um ambiente de letramento e encontrar nos vocabulários usados senhas de acesso para o conhecimento do mundo, de tal forma que lhes permite fazerem estas buscas na atmosfera familiar e cotidiana da sua vida.

O aporte de múltiplos autores me permitiu ligar várias perspectivas que de certa forma contribuem para ampliar os conhecimentos referentes ao tema e ao que propus na pesquisa. Concordando com Ferreira (2021, p. 17-18), “para tanto, é importante considerar os conhecimentos advindos de várias áreas de conhecimento uma vez que eles ajudam a compreender o universo infantil, apontando algumas características de ser da criança, discutindo sua individualidade, diferença e desenvolvimento”. Além disso, penso como Edgar Morin quanto ao que chama de complexidade da vida, uma vez que nesse sentido é necessário compreendermos que as coisas estão tecidas em conjunto e não estão amarradas em uma única resposta.

Na sequência dos estudos, deparei-me com a necessidade de perceber a semelhança e diferença entre sentido e significado das palavras. O foco deste trabalho levou à reflexão destes conceitos, mas não os abordei tão profundamente, porque não é o objetivo principal da pesquisa. Porém, apesar de brevemente exposta, essa ideia é fundamental porque permite o conhecimento básico da compreensão do sentido e do significado das palavras como um tema correlato da pesquisa e do texto escrito em si. Decidi trazer aqui autores que falam sobre o sentido e o significado das palavras, porque essa ideia adquire relevância para a compreensão do tema da pesquisa, abrindo olhares para as palavras além do dicionário e alcançando o seu universo mundano e literário.

Isso corresponde ao que Gabriel e Moraes (2017) explicam que muitas vezes quando as crianças estão a ler sozinhas não prestam muita atenção nas palavras que aquele cenário representa e que um determinado vocabulário possa ter significados ou expressões diferentes em relação à linguagem oral ou escrita. Isto é, podem vir de maneiras metafóricas e às vezes as crianças não possuem ou têm conhecimentos prévios do assunto para entender que aquele vocabulário está sendo usado de maneira irônica no texto lido em diferentes gêneros textuais. Isso tem a ver com o fato de que na leitura compartilhada e/ou mediada de qualquer atividade, seja ela leitura, contação de histórias etc, caso apareça vocabulário de difícil

compreensão, é importante que os pais expliquem o sentido e significado das palavras e para que servem.

Compreendo que a isso está ligada a qualidade da convivência familiar na contação de histórias literárias e/ou de tradição oral na infância como um processo importante dessas experiências para ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem oral através de mediação do adulto de maneira que ofereçam à criança oportunidades para conquistarem o seu mundo. A contação de histórias para criança é um dos grandes incentivos para o processo de imaginação e criatividade que abre caminhos para a entrada no mundo. Reforço a minha compreensão em Bastos (2021, p. 10), ao afirmar que “as crianças estão na fase dos sonhos, da fantasia e adoram escutar histórias. A contação de histórias é um recurso que exercita a fantasia e a imaginação, favorece a aprendizagem da linguagem, contribui para o senso crítico, amplia vocabulário e conhecimentos”.

Contar histórias figura como um dos principais hábitos ou costumes familiares que contribuem para que a criança possa ampliar as suas verbalizações por meio de vários mecanismos, dentre os quais principalmente a atenção compartilhada em relação aos sentidos e significados das palavras que oferece oportunidades de conhecê-las e ampliar o vocabulário, mas, ao mesmo tempo, me fez refletir e pensar se os familiares tinham esse hábito. Existem diversos fatores que podem contribuir para este processo de maneira mais, ou menos, significativa, a depender de como é potencializado dentro do ambiente familiar e quais as oportunidades e meios oferecidos para tais experiências.

2.1 Hábitos/costumes da convivência familiar e possíveis implicações para a ampliação do vocabulário

A experiência em casa favorece a riqueza da quantidade de palavras à medida que são potencializadas pela leitura compartilhada de livros infantis, contação de histórias, brincadeiras e interações. No momento da leitura compartilhada com e para a criança, feita no livro ou na tela do computador, o adulto pode convidar a criança a desenvolver uma leitura profunda, vendo os detalhes das imagens, compreensão de novas palavras e vocabulários complexos, dando exemplos em situações concretas, pois isso pode ser feito ao decorrer da leitura quando aparecem palavras ou algumas passagens das narrativas de difícil entendimento. A leitura compartilhada de histórias infantis, por exemplo, nas telas ou papel, é um tempo muito precioso à medida que temos a intenção de semear o desejo de ler e ampliar o vocabulário da criança.

Gabriel e Morais (2017, p. 26) definem a leitura compartilhada como sendo:

Um momento de atenção compartilhada em que o adulto convida a criança, ou o bebê, a direcionar o olhar para o livro, ou para a tela do computador, e juntos observarem as imagens apresentadas, ouvirem a história lida pelo adulto, imaginarem as personagens e as situações evocadas pela narrativa e conversarem sobre as palavras e as ideias que vão surgindo ao longo dessa interação.

A ampliação do vocabulário tem a ver com o processo em que a linguagem da criança vai se tornando cada vez mais interativa e sofre influências de outros meios, principalmente quando ela interage com outras crianças. Nessas interações ela utiliza a linguagem verbal para se comunicar e os outros instrumentos da sua cultura, tais como costumes familiares, tradições, valores etc, e todos esses recursos usados são apoiados nas experiências que ela teve com aqueles sujeitos e objetos que estão mais próximos a ela. Além disso, não é sempre que essa ampliação de vocabulário ocorre de maneira tão intencional no âmbito familiar, se os familiares não têm esses costumes de convivência que possam facilitar na aprendizagem da linguagem.

Ferreira (2021, p. 26) vem reforçar a importância da nossa comunicação ao afirmar que:

Podemos dizer que a linguagem da criança tem uma motivação social e, por isso, interativa. Ao comunicar-se com outra pessoa, a criança utiliza a linguagem verbal, o corpo e outros instrumentos da cultura que estão próximos a ela. Essa comunicação é sempre apoiada nas experiências sociais do seu meio. Quando bem pequenas elas estão relacionadas com a linguagem que a família utiliza, especialmente os pais ou adultos que cuidam dela. À medida que ampliam o seu convívio social a linguagem também se apoia nas experiências com vizinhos, membros da comunidade, colegas e amigos com os quais interage.

As crianças bem pequenas utilizam a linguagem da experiência familiar e esta pode ser ampliada também por meio da convivência com os vizinhos, com pessoas da comunidade em geral, colegas e amigos. A linguagem aprendida em casa tem um peso muito importante na construção da personalidade da criança. E, nesse sentido, menciono aqui a leitura compartilhada de textos que pode colaborar e contribuir para que a criança, com o tempo necessário, possa entender a estrutura linguística e gramatical para a organização das suas falas.

Podemos compreender de que tempo estou falando com base no pensamento de Larrosa (2018, p. 192), pois o autor explica que é necessário:

Não só tempo, mas muito tempo, todo tempo do mundo, um tempo que não conta e que não é contado, um tempo indeterminado. Um tempo concomitantemente calmo e vibrante. E um tempo que tem a ver com o despertar, mas também, e sobretudo, com a descoberta e com a autodescoberta, isto é, com tornar possível que se veja o que está coberto, com remover coberturas, com desvelar e revelar, com a luz e com a visibilidade.

O tempo que não é do adulto, mas sim que nasce da própria interação entre adulto e criança, que seja um tempo de aprendizagem, calmo, sereno, vibrante e sem sobressaltos e pressa, pois esse tempo deve ser o tempo de descobertas e autodescobertas de si mesmo e do mundo. A criança necessita de todo tempo do mundo, principalmente aquele tempo que não é contado pelo ponteiro do relógio, mas sim todo o tempo necessário numa infância da educação que segundo Kohan (2005) podemos chamar de devir-criança entendida como uma infância de potencialidade.

Na leitura compartilhada, a criança é convidada a estar nesse tempo mencionado de descoberta e atenção mútua. Trata-se de um tempo que também conduz o adulto para uma perspectiva de deixar transparecer a criança que existe dentro dela, fazendo desse momento, um lugar afetivo e privilegiado. Assim, é que permite à criança conhecer novas fontes de palavras e uma força na infância incrível que perdura para toda a vida.

Na leitura compartilhada, o adulto, os pais ou a pessoa que cuida da criança está envolvida, e portanto comprometida em preparar os materiais adequados para a idade da criança, embora, também, não se pode descartar a possibilidade de que mesmo adquirindo materiais diversos, a certeza de que são adequados, ainda nos permita pensar e questionar, por ser fonte de debates dentro da educação formal. É importante que os pais, por exemplo, preparem o material para a leitura ou contação de histórias e o ambiente de maneira que o espaço permita o silêncio, interação e oportunidades para a criança imaginar e criar personagens a partir das narrativas construídas por ela ou contadas pelos adultos. Já para as crianças com idades um pouco menores, os adultos podem apontar para as imagens e outros aspectos cromáticos utilizando estratégias e interações que ampliam a atenção delas. Os familiares podem conversar a respeito das palavras que aparecem nas narrativas e as ideias, ações que vão surgindo ao longo do texto, possibilitando que a criança conheça novas palavras, sobretudo as que são difíceis de se pronunciar logo no início do desenvolvimento da sua oralidade.

Neste sentido, eu trouxe o exemplo da leitura compartilhada como um dos principais momentos da convivência familiar para ampliação de vocabulários, porque é uma das práticas que permitem oportunidades dos pais conversarem e direcionarem a atenção das crianças para conhecerem novos sentidos aos vocabulários que já dominam, destacando os contextos em que estão as palavras e as relações complexas de seus vínculos, ou não, com o cotidiano, ampliando os seus repertórios. As palavras, na leitura compartilhada, aparecem em

diferentes contextos e dão às crianças oportunidades de brincar com seus sentidos e trocá-las por outras em um processo imaginativo e criador.

Além disso, o desenvolvimento da linguagem oral da criança também depende dos fatores biológicos e está vinculada às influências dos fatores ambientais. A criança possui uma capacidade inata à influência genética, mas para se desenvolver é necessário crescer num ambiente familiar com trocas de experiências e convivências mútuas. Para isso, tem que ser um contexto social e histórico que configura uma singularidade no mundo em que elas estão inseridas que intensificam a experiência do saber. Nessa perspectiva, observo em Berle (2013, p. 59) que “a narrativa, portanto, não é linguagem, mas sim o processo de constituir-se em experiência no tempo e no espaço, em uma história coletiva, configurando uma singularidade no mundo e com o mundo”.

A singularidade que estou falando, a partir da perspectiva da autora, é aquela que fortalece os artefactos culturais e convenções linguísticas de sua cultura, que abre novos espaços para interações recorrentes e uma comunicação dentro da norma e seus limites. Mas, isso só pode ser potencializado de uma maneira positiva por meio das variáveis ambientais do seu cotidiano, possibilitando uma experiência produtiva com vocabulários receptivos e expressivos. Devido às várias desigualdades sociais, é possível compreender que para as famílias desenvolverem metodologia de trabalho, é importante a formação inicial e continuada, por exemplo, como preparar e fazer uso dos materiais didáticos diversos de maneira que suscitem o interesse em conhecer no sujeito aprendente.

Podemos compreender, a partir do pensamento de Capellini, Butareli e Germano (2010) *apud* Souza (2021) e a minha reflexão, que o vocabulário tanto expressivo como receptivo pode sofrer interferências devido aos fatores externos, porque isso depende como as crianças foram apresentadas às oportunidades ou receberam o insumo da qualidade de linguagem para aperfeiçoar seu domínio dos sentidos das palavras. Nessa compreensão, o ambiente familiar e a classe social das famílias podem interferir em vários sentidos e são os principais condutores que oferecem para as crianças novas aprendizagens e experiências de vida. Em Souza (2021), ainda, podemos compreender que o vocabulário receptivo e expressivo contribui muito para a oralização da criança.

Para Armonia et al. (2015, p. 760):

O vocabulário expressivo corresponde ao léxico, que pode ser emitido pela criança e avaliado pelo número de palavras que ela produz. Portanto, é possível avaliar o vocabulário expressivo a partir do momento em que a criança começa a falar. O

vocabulário receptivo é necessário para a recepção e o processamento de informação e configura uma das mais importantes medidas de habilidade intelectual. O surgimento da compreensão de palavras ocorre por volta do primeiro ano. O desenvolvimento do vocabulário receptivo é a base para o desenvolvimento de vocabulário expressivo, sendo que a compreensão de palavras antecede sua produção.

Por meio do vocabulário receptivo que a criança aprende com o adulto, ela consegue se comunicar da melhor forma possível, mesmo não conhecendo toda a forma estrutural de uma palavra, pois recebe a ajuda da convivência e dos diferentes contextos. Assim, a criança pode desenvolver as suas competências e ter melhor compreensão das palavras, completando o ciclo em que o desenvolvimento do vocabulário receptivo contribui para o desenvolvimento do vocabulário expressivo. Então, podemos compreender que o desenvolvimento desse vocabulário não só depende das condições biológicas de cada indivíduo, como também podem ser levados em conta fatores relacionados ao meio ambiente da sociedade e às transformações que nela ocorrem.

Compreendo que a criança primeiro aprende a interagir, guiada pelas palavras aprendidas de outros, depois ela utiliza o vocabulário dentro do seu repertório e do seu conhecimento prévio para se orientar por meio dos seus pensamentos. Assim, podemos entender que palavras receptivas são aquelas que a criança consegue aprender e/ou compreender com a mediação do adulto a partir do que se ouve na convivência, e expressivo é aquele vocabulário que ela consegue manifestar, orientada por meio da sua imaginação, pensamento e raciocínio.

Mas ainda temos outros fatores que podem interferir de maneira positiva ou negativa no vocabulário e no desenvolvimento da criança. Por exemplo, as classes sociais que se referem às condições socioeconômicas. Porque se uma família não tem condições razoáveis, as crianças podem ficar limitadas a alguns meios de acesso que dificultam ou até impossibilitam o seu salto para o mundo das palavras, ainda que a forma como a criança se desenvolve não esteja unicamente condicionada ao local de nascimento ou classe social. Portanto, mesmo que sejamos de classe média ou que a nossa realidade de vida seja diferente de outros lugares, existem ações que podem ser feitas e que contribuem muito para romper com certos limites de compreensão e domínio de vocabulário. Por vezes, não há um determinismo, mas um alinhamento entre a classe social, o acesso a uma diversidade de materiais e o processo de mediação.

Neste sentido, retomo o exemplo da leitura compartilhada de livros infantis, que além de contribuir para o desenvolvimento da criança ao mesmo tempo minimizam as diferenças

socioeconômicas baseadas num contexto adverso. Gabriel e Morais (2017, p. 24) explicam o que mencionei acima, ao dizerem que: “desse modo, a prática da leitura compartilhada pode ser vista como uma forma de oferecer insumos e de impulsionar o desenvolvimento infantil. Além disso, pode ser vista como uma forma de minimizar os efeitos negativos das diferenças socioeconômicas”. Ainda, Tamis e Rodriguez (2011) trouxeram mais exemplos de fatores que favorecem a ampliação do vocabulário das crianças, mencionando que há três aspectos que contribuem também para o desenvolvimento da linguagem na convivência familiar.

Nas suas palavras (2011, p. 6):

A experiência em casa tem importância crucial para a etapa inicial de desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem. Em especial, há três aspectos do ambiente de letramento na família que favorecem esses processos: atividades de aprendizagem, tais como leitura cotidiana; qualidade das habilidades parentais, como responsividade; e materiais de aprendizagem, como brinquedos e livros adequados para a idade da criança.

A vida cotidiana familiar da criança também contribui muito para o desenvolvimento da linguagem oral e aprendizagem baseadas numa realidade cotidiana além da sala de aula. O ambiente onde a criança está inserida tem possibilidades de favorecer contribuições necessárias para o dia a dia da criança, porque, conforme as autoras mencionaram, temos alguns outros aspectos fundamentais que podem colaborar neste sentido. Por exemplo, criando um ambiente de letramento na família, dentre os quais destacamos – leitura cotidiana, brinquedos heurísticos, atenção e qualidade do tempo disponibilizado pelos familiares para com a criança, e leituras adequadas de livros para a idade da criança. Sim, porque mesmo que o livro não seja adequado à idade, isto é, às condições compreensivas da criança, os familiares podem realizar uma leitura adequada do livro para ela, assumindo a posição de mediadores de leitura. Entretanto, ler e mediar são processos articulados, porém, distintos, que também requerem orientações por parte dos profissionais da área.

Também é importante lembrar que na família podemos encontrar um conjunto de habilidades sociais e culturais que os pais oferecem para a educação dos seus filhos. O ambiente de letramento conduz a criança a uma linguagem afetiva, trabalhando a questão das habilidades para a prática da alfabetização, mesmo sendo de dinâmicas e interações diferentes. Todavia, isso depende da cultura familiar, vida cotidiana e atividades de interações que a família acha por bem ou que de fato considera importantes para o seu crescimento.

Em Maturana (1999), citado por Souza (2021), podemos compreender que a estrutura familiar pode ser um agente que gera recursos com grandes valores sociais e educacionais

para o desenvolvimento da criança, mas, também, pode levá-la a um desenvolvimento disfuncional, no sentido de distanciar a criança do seu meio e principalmente retirar as oportunidades de viver todas as etapas do seu desenvolvimento.

O desenvolvimento da criança deve estar vinculado a seus direitos de aprendizagem (Brasil, 2018) que também estão relacionados às outras atividades do dia a dia. Quanto mais a criança recebe oportunidades para o seu crescimento pessoal e é inserida desde muito cedo num contexto histórico, social e cultural da sua estrutura familiar, mais ela ganha e percebe espaços para novas interações. Assim, podemos dizer que a criança é marcada pelo meio social, e ao mesmo tempo deixa a sua diferença no lugar onde habita.

A família, biológica ou não, é muito importante para o desenvolvimento vocabular da criança, contanto que os adultos sejam pontos de referências fundamentais para o seu crescimento. Em Rodrigues (2016), podemos compreender a definição de família como sendo aqueles que vivem debaixo do mesmo teto, podendo ser por descendência da ancestralidade, laços sanguíneos etc, mas o autor afirma que não se refere só a isto, trazendo também a palavra adoção como um dos exemplos. Então, podemos considerar que, segundo ele, ao longo do tempo o conceito de família vem se modificando de acordo com a sociedade. As crianças têm as famílias como pontos de referência que as ajudam a ter a compreensão do mundo e de si, portanto, é na família que a criança inicia o contato com o mundo e com as pessoas à sua volta.

Rodrigues (2016, p. 12) aponta que:

Os primeiros contatos da criança com a vida social é na família e que antes de aprender na escola leva-se o que se aprende em casa. E é por meio dos hábitos de leitura praticados no lar que se pode determinar os primeiros contatos da criança com o universo da leitura, podendo esse contato ser positivo ou negativo.

Considerando esses primeiros contatos com os familiares, compreende-se que antes de ir para a escola a criança aprende os seus modos de ser, estar e viver de acordo com a cultura familiar. Entretanto, o modo de se comunicar por meio da linguagem do dia a dia é diferente do que aparece nos livros de literatura infantil e textos dos contextos escolares, que também são objetos e espaços para sua apreensão de vocabulário. No entanto, dentro da estrutura familiar, a criança é capaz de estar na linguagem e aprender novos vocabulários por meio das coordenações de ações que se dão de maneira afetivamente mais intensas já que suas relações são de maior vínculo.

E, para as crianças que têm irmãos mais velhos ou a contribuição de outros membros familiares, essa experiência será ainda mais significativa, pois pode receber apoio e auxílio de um maior número de pessoas que são, no caso, fonte de suas palavras. As estratégias, a motivação, a mobilização e o interesse por parte de outros membros familiares também facilita muito no engajamento da criança na sociedade uma vez que lhe possibilita ampliar a compreensão de significados de palavras e da própria cultura infantil.

A criança pode, no dia a dia, se deparar com palavras novas e complexas que não são, muitas vezes, do conhecimento dela, o que torna mais difícil a sua compreensão. Por isso, Sousa e Gabriel (2011, p. 24), a partir Vygotsky (1989), explicam que “os significados das palavras infantis se desenvolvem, pois o aprendizado de uma palavra não termina quando a criança aprende a reconhecer sua forma, essa é apenas a chave para inúmeros possíveis significados”. Além disso, antes do reconhecimento da palavra e a articulação com a pauta sonora, a criança passa pelo conceito. Existem palavras que possuem vários significados, os quais variam conforme o contexto e quando a criança aprende uma palavra nova é apenas o início de um grande passo para o seu desenvolvimento e armazenamento da palavra no seu repertório. Nesse sentido, Góes e Cruz (2006, p. 4), ainda acrescentam que:

A aprendizagem de uma nova palavra pela criança é apenas o início de um longo processo de desenvolvimento. Embora o significado da palavra seja sempre um ato de generalização, ele se modifica constantemente à medida que a criança se depara com novas situações de utilização da palavra e que seus processos intelectuais de abstração e generalização progridem.

A partir dessa compreensão, vale lembrar que “enquanto não assumirmos a educação como um direito da criança, seja de que idade for, ela não será legítima e comprometida com seu desenvolvimento integral” (Vitta et al., 2018, p. 5).

O conceito de palavra, nestes casos, não se limita à ideia de um nome, algo que se possa utilizar para nomear as coisas do mundo, ultrapassando sentidos de intimidade, de subjetividade que tem a ver com a emoção que possibilita a relação da criança com o mundo e consigo mesma. Por exemplo, dentro da linguística e psicolinguística, é importante o conceito de palavra na sentença, no texto. Como a fala é contínua, na escrita, os espaçamentos em branco são delimitadores de onde inicia e termina a palavra. Assim, conhecer e saber utilizar-se de uma nova palavra também tem a ver com a qualidade afetiva, emocional da relação estabelecida com o outro. O significado das palavras é aquele que o vocábulo representa dentro do seu contexto, mas que adquire sentidos particulares conforme o envolvimento da criança no processo de conhecê-lo. Afinal, existem vocábulos que não representam uma única função numa determinada situação, sendo, portanto, polissêmicos.

Conforme afirma Souza (2021, p. 14), “nas interações interpessoais, as palavras são o suprasumo da comunicação, uma vez que a grandeza e a dimensão do vocabulário são decisórios para estabelecer a expressão e o entendimento entre as pessoas”. As palavras não têm uma posição neutra, e os significados não são apenas objetivos mas, também, subjetivos e até pessoais, íntimos, às vezes. Pessoas de diferentes lugares às vezes não possuem em seus repertórios os mesmos significados das palavras e a sua compreensão em outras regiões ou países, porque tais significados variam de acordo com a cultura e costumes locais.

Para Sousa e Gabriel (2011, p. 21):

Devido ao aspecto cognitivo e polissêmico da palavra, sua aquisição não é neutra e impessoal. Os significados não são únicos e objetivos, como aqueles que vemos nos dicionários. As pessoas não possuem em seus léxicos mentais exatamente os mesmos significados para as mesmas palavras, nem o mesmo espectro de compreensão.

Os significados das palavras têm a ver com a função que exercem em cada contexto, dando sentidos às situações, falas e frases. Além disso, os significados também dependem da situação e da empregabilidade de uma palavra nas falas, uma vez que varia de acordo com a dinâmica de diferentes estabilidades ou ocorrências. Segundo Góes e Cruz (2006, p. 3), “as palavras não podem ser consideradas fora de seu acontecimento concreto, pois a variação dos contextos de ocorrência faz com que os sentidos sejam ilimitados e, de certa forma, mostrem-se sempre inacabados”. Quando as crianças aprendem uma palavra nova, é importante que o vocábulo já venha com exemplos dentro do seu contexto. Quando o conhecimento das palavras ocorre fora do seu acontecimento concreto, os sentidos tornam-se limitados e mostram-se como um processo acabado.

Observo que é necessário recorrer aos parágrafos anteriores para retomarmos novamente o exemplo da leitura compartilhada. A leitura de textos e dinâmicas de interações na convivência familiar abrem o caminho para novas conquistas que ampliam a rede de conhecimento para que a criança conheça o sentido e o significado das palavras, principalmente quando elas são expostas aos vocabulários complexos que aparecem nos livros.

Gabriel e Morais (2017, p. 42) pontuam que, “de modo geral, os livros constituem uma fonte rica de vocabulário novo, e a leitura compartilhada oferece oportunidades para discutir o significado das palavras e também de integrar as novas palavras na rede de conhecimentos léxico-semânticos”. Ainda em Sousa e Gabriel (2011, p. 21), compreendemos que “os significados são construídos a partir da interação social, das experiências individuais e das realidades mentais pessoais, dotadas de valores e graus de sentidos diferentes, que são

dinâmicos e evoluem constantemente”. Os livros infantis apresentam fontes de palavras para discutirmos as grandezas e a dimensão do sentido e do significado dos vocábulos assim como o ambiente social e familiar são espaços que também oferecem aprendizagens, ainda que não sejam formal e pedagogicamente intencionadas.

Isso corresponde ao que Gabriel e Morais (2017, p. 30) afirmam ao destacarem o exemplo de que “(...) durante a leitura compartilhada, o adulto que está lendo para a criança tende a ensinar novos vocábulos e a fazer questionamentos sobre as palavras, direcionando a atenção da criança para as palavras, numa atividade metalinguística (quando a linguagem é o foco da atenção)”.

Desse modo, quando a criança escuta alguém falando algo, registra a palavra no seu campo lexical, mesmo que não saiba ainda pronunciar a palavra aprendida de maneira correta. Portanto, compreendemos como Flôres (2016, p. 79), que “(...) quando uma criança escuta alguém – por exemplo, seu pai ou mãe – dizendo algo, numa determinada situação, essa criança registra a palavra na memória, e a partir de então o termo memorizado fica disponível no léxico mental da criança”. Para as palavras complexas, com o tempo ela pode aprender a verbalizá-las da melhor maneira possível, mas é necessário contato constante com a palavra. A convivência na família pode trazer a oportunidade de a criança inserir a palavra no seu repertório linguístico.

Todavia, conforme explicam Sousa e Gabriel (2011, p. 27), “Nos primeiros anos de vida, a palavra serve para indicar e nomear, sendo que a criança não percebe a existência do nome separado do objeto: palavra e objeto constituem a mesma entidade”.

O ser humano é capaz de aprender pela observação, mas tudo é feito pensando na idade da criança. A palavra não pode ser entendida somente como um ato de falar ou expressar, as crianças também aprendem e entram no universo das palavras através do toque, do manuseio etc. A decodificação dessas palavras aproximam crianças no mundo da leitura, proporcionando momentos de convivência e aprendizagens significativas para as novas descobertas. Hoje em dia existem várias possibilidades que permitem à criança explorar os seus vocabulários, criando conexões entre o corpo e a mente. Contudo, Dias et al. (2019, p. 7) afirmam que “de fato, a habilidade de vocabulário tem um desenvolvimento importante nos anos pré-escolares (...)”. Além disso, também podemos compreender que a palavra é, de fato, uma unidade de sentido. Mas não compõe a interlocução por completo no momento de conversar, participar e recontar o texto lido.

Para Larrosa (2002, p. 21):

As palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos.

Estar na linguagem nos permite dar sentido ao que somos e o que nos acontece. Nós pensamos, expressamos e escrevemos com as palavras. A palavra nos permite estar na linguagem e dar sentido às coisas. Ela determina o nosso modo de ser e de nos colocarmos diante da dimensão compartilhada do mundo em que vivemos. É possível afirmar que as palavras ajudam a criança a simbolizar, pois à medida que ela aprende consegue se familiarizar e assimilar os sentidos dos vocabulários aprendidos com a sua vivência, principalmente nos anos pré-escolares.

Ainda com base nos pensamentos de Larrosa (2018), compreendemos que para tal, a presença do adulto se faz através da palavra. O adulto, para além de ser mediador, é considerado um artesão da palavra que pode ser compreendido também como oscilação entre palavra e silêncio permitindo abrir espaços e dar a ler a sua palavra à criança num ambiente de interações recorrentes. Jerusalinsky (2008, p. 11-12) afirma que, “o fato de haver infância implica que a linguagem seja o que ela for. A criança está na linguagem, mas tem que ser capturada por ela. A infância é a origem da linguagem, assim como esta é origem da infância”.

Dessa forma, só pelo fato de a criança estar na linguagem não significa que irá desenvolver ou aprender palavras novas, mas ao contrário ela começa a descortinar o seu mundo, criando oportunidades para vivenciar momentos mágicos e cheios de descobertas. Portanto, concordando com Ferreira (2021, p. 27), “é preciso propiciar às crianças, experiências de leitura enriquecedoras, nas quais elas possam refletir sobre a realidade, desenvolver a imaginação e o conhecimento do outro e de si mesmo”. Ainda em Berle (2013, p. 57), compreendemos que é necessário “(...) constituir um repertório linguageiro que imanta o mundo e as coisas do mundo de sentidos. Assim como a infância é a origem da linguagem, é também a origem da experiência (...)”.

As crianças precisam deste repertório linguístico, porque a linguagem aprendida em casa na infância pode não dar conta das exigências dos textos que circulam no ambiente escolar, ou melhor, na sociedade, já que os textos que são explorados na escola precisam ser legítimos, podendo ser de maior ou menor intensidade e qualidade conforme os costumes e a cultura vigente no ambiente externo, porém os saberes culturais também fazem parte da jornada da criança, e ao chegar à escola ela já traz o seu acervo cultural que permite uma experiência positiva, pois o mundo também é fora das portas das escolas. Para Bissoli (2014b, p. 835), “a linguagem é um produto das relações sociais, mediadas pelos objetos da cultura, é igualmente válido quando refletimos sobre o desenvolvimento infantil”.

As experiências e interações adquiridas em casa, ajudam as crianças a fazer interpretações do mundo antes de aprender a ler. A leitura do mundo possibilita experiências para leitura das palavras, transformar e ampliar cada vez mais o seu repertório e o universo conceitual que vem junto com as palavras.

A qualidade da interação com os pais ou o cuidador tem um papel formativo no desenvolvimento inicial da criança em relação à linguagem e à aprendizagem. De fato, a quantidade e o estilo do vocabulário utilizado pelos pais para conversar com seus filhos estão entre os principais elementos preditivos do desenvolvimento da linguagem nos primeiros anos. As crianças são beneficiadas pelo contato com um discurso adulto rico e diversificado em informações sobre os objetos e os acontecimentos do seu ambiente (Tamis e Rodriguez, 2011, p. 3-4).

Dessa forma, os familiares que acompanham o desenvolvimento da criança em cada etapa da vida, que conversam com os seus filhos usando estilos de vocabulários que ajudam na neuro formação da sua consciência e na construção da sua personalidade, estão a contribuir para criar ambientes que oportunizam possibilidades de aprendizagem. O estilo de vocabulário usado pelos pais influencia muito no desenvolvimento da criança, mas é necessário dizer que a interação entre pais e filhos deve estar vinculada à emoção do amor, porque a criança é um sujeito em uma condição especial de aprendente dos sentidos de sua relação com o mundo e que constrói e reconstrói, para isso, o conhecimento dado.

Portanto, tal como pontua Maturana (1998, p. 22-66):

Não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato. Por isso penso também que, para que se desse um modo de vida baseado no estar juntos em interações recorrentes no plano da sensualidade em que surge a linguagem, seria necessária uma emoção fundadora particular, sem a qual esse modo de vida na convivência não seria possível. Esta emoção é o amor. O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência. Por isso a linguagem, como domínio de coordenações consensuais de conduta, não pode ter surgido na agressão, pois esta restringe a convivência, ainda que, uma vez na linguagem, ela possa ser usada na agressão. Para que haja história de interações recorrentes, tem que haver uma

emoção que constitua as condutas que resultam em interações recorrentes. Se esta emoção não se dá, não há história de interações.

Nas interações sociais, as famílias ocupam a função de configurar e confirmar para as crianças um espaço onde de fato há acolhimento com base na amorosidade. Assim, possibilitam relações primárias que contribuem para constituírem o sentimento de pertença das crianças. Conforme mencionei acima, esse sentimento deve estar vinculado às emoções do amor de maneira que possa construir valores e virtudes, que não permitam o rompimento do laço de afetividade entre criança e mãe, por exemplo. A criança, nessa perspectiva, pode experimentar o mundo por diversos caminhos e atividades sociais, acessando diferentes contextos e novas experiências.

Larrosa (2002, p. 21-23) afirma que a experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Compreendo que a experiência que o autor está a falar é aquela que nos permite transformar e fortalecer as influências do próprio meio cultural e da leitura do mundo, aquela que nos permite viver e experimentar intensamente as coisas nas forças dos sentidos que fazem para cada um. Além disso, Berle (2013, p. 58) afirma que “a experiência possibilita a ampliação de um repertório linguageiro capaz de gerar reelaborações que complexificam e significam as aprendizagens da criança”. Através dessas experiências, nós precisamos abrir espaços que nos possibilitem ter, ganhar e experimentar aprendizagens consistentes e as reelaborações de sentido que geram vantagens para compreensão das palavras como estruturas e os seus níveis de expressão.

Ainda em Maturana (1998, p. 29), compreendemos que o “educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência”. Na convivência familiar, quando a criança interage entre si e os membros da família, ela se transforma de uma maneira muito rápida e se envolve nas outras atividades sem limitações. A transformação social se dá por meio de uma experiência-ação durante a qual cabe nos questionarmos que mundo estamos apresentando para as nossas crianças com a memória de uma boa infância.

Então, neste sentido, compreendemos que a comunicação e algumas atividades diárias entre os pais e as criança têm que estar adequadas aos cuidados infantis, como por exemplo, de maneira que ao entrar na escola as crianças não o façam com déficit nos diferentes níveis de aprendizagem, o que pode dificultar ou impossibilitar de avançar para outras habilidades no desenvolvimento cognitivo rumo ao sucesso escolar. Além disso, considerando que os

familiares são mediadores de provocações externas no entorno da criança, a atenção oferecida por eles precisa adequar-se às necessidades individuais da criança.

Quando tudo o que acontece com a criança se baseia no marco de um relacionamento, de uma troca real, que lhe permite tomar consciência da pessoa que se ocupa dela e de si mesma ao mesmo tempo, só então a criança pode ser consciente da sua integridade individual e da sua identidade pessoal (Falk, 2016, p. 19-20).

A criança que cresceu numa família com relação baseada no marco de relacionamento de troca real, cria memórias positivas, com autoestima elevada e uma boa socialização primária na infância, fortificando raízes imprescindíveis que criam conexões com pessoas à sua volta, permitindo-lhe tomar consciência da pessoa que se ocupa e sua identidade pessoal, e para as crianças que não tiveram essa vivência, a experiência acontece de maneira diferente.

Todos esses aspectos mencionados até agora, podem dar suportes para as crianças desenvolverem as suas habilidades na escrita, por exemplo, como relacionar grafemas aos fonemas e fazer decodificação das palavras escritas. Nesta perspectiva, é por meio das palavras que a criança expressa as coisas no mundo e do mundo, buscando conhecer, atribuindo sentido e significado. Esse sentido só é possível com a palavra. A palavra é a chave que liberta a linguagem, e isso pode ser intensificado somente com o dinamismo do hábito de leitura e outras atividades interacionais que oferecem oportunidades de crescimento.

Concordando com Tamis e Rodriguez (2011, p. 2), há que se compreender que:

Crianças que manifestam atraso no início do processo de escolarização são de risco para apresentarem, precocemente, dificuldades acadêmicas e são mais propensas à repetência, (...). Esses atrasos são especialmente frequentes em crianças que vivem em situação de pobreza. Crianças de famílias de baixa renda apresentam desde cedo um atraso em relação a seus colegas em habilidades de linguagem e desenvolvem o vocabulário a um ritmo mais lento em comparação com crianças de famílias economicamente mais favorecidas. Vocabulários receptivo e produtivo limitados, predizem dificuldades posteriores na escola, em leitura e ortografia.

Mas, podemos considerar que quando as crianças chegam à Pré-escola já sabem comunicar e trazem inúmeras informações oriundas de interações em contextos diferentes. Nessa faixa etária a criança já possui habilidades cognitivas que permitem a sua comunicação oral que contribui para o armazenamento das palavras em seu léxico mental, de maneira que lhe permite fazer comunicações mínimas e interações consistentes. No caso de crianças bem pequenas, precisam aprender a fazer perguntas, expressando suas falas, seus sentimentos, expondo as suas intenções, curiosidades e interagindo com outras crianças.

Farias (2008, p. 123) considera que “o desenvolvimento da criança só é possível pela mediatização do adulto. Só dentro de um processo de comunicação, primeiro afetivo e motor, e depois emocional e verbal, é que podemos entender o desenvolvimento global da criança”. Desse ponto de vista, compreendo que é necessário entender que a aprendizagem primeiro acontece por partes e depois precisa ser entendida como um todo, ou seja, primeiro a criança conhece, adapta e depois assimila, incorpora o conhecimento aprendido.

Ainda, na família a criança pode e às vezes consegue formar vínculos e conexões entre percepção e ação. Por exemplo, compreendemos como Rodrigues (2016, p. 35) que “a família que possui uma rotina de leitura pode contribuir e muito para a formação do hábito de leitura da criança. Conviver em um espaço letrado, onde os pais são vistos frequentemente com livros, induz aos filhos o mesmo comportamento”. A escola também é convidada a assumir esse papel, trabalhando intencionalmente com metodologias de ensino diferentes daquelas mais comuns nos ambientes familiares, porque existem crianças que não têm essas oportunidades.

Neste sentido, os pais que leem constantemente e que estão sempre com livros na mão fazendo leituras, repassam para os filhos a visão de que os livros são as nossas melhores companhias e que para sermos bons leitores ou termos vocabulários amplos, é necessário (con)vivermos o mais intensamente possível essa experiência. Brandt et al. (2009, p. 13) afirmam que “é dando, portanto, os primeiros passos para construir o caminho da leitura que a criança se constrói, construindo seu mundo”.

Tal como pontua Souza (2021, p.17-18):

Resultados de um outro estudo revelaram que o apoio e suporte do ambiente familiar são ferramentas importantes na constituição de um ambiente estimulador de conhecimentos. Dessa forma, diálogos sobre a rotina dos filhos, partilha de leituras, contação de estórias, passeios e atividades que extrapolem os muros escolares promovem o alargamento de compreensão e conhecimento da criança corroborando para o desempenho escolar satisfatório.

No que tange ao ambiente familiar, existem outras atividades para além das que já foram apresentadas durante este capítulo, que contribuem muito para explorar o sentido das palavras dentro de um contexto. Por exemplo, os diálogos nas famílias em que os pais dialogam com os filhos sobre como foi o dia ou como está sendo o dia, fazendo passeios ao ar livre etc, como ações que preparam a criança para um bom desempenho escolar e a compreensão das palavras. Souza (2021, p. 28) afirma que “as condutas familiares representam outro fator que pode incidir no bom desenvolvimento vocabular da criança, na medida em que os genitores se mostrem disponíveis e interessados pelas atividades e conteúdos escolares de seus filhos”.

Contudo, o vocabulário oral da criança pode sofrer alterações ou não, isto devido aos fatores externos que vêm por parte de alguns insumos positivos ou negativos na própria convivência familiar. Como sabemos, vivemos cercados de pessoas, vizinhos e amigos etc, e na maioria das vezes as coisas que os pais fazem ou deixam de fazer implicam no desenvolvimento da linguagem oral dos filhos. Algumas aprendizagens ocorrem bem antes do nascimento da criança, e se na convivência familiar as crianças são envolvidas diariamente em conversas (diálogos), mais cedo elas chegarão a um nível de vocabulário satisfatório. Mas, é importante também deixar claro qual é o papel dos professores. Afinal, eles são muito importantes no que tange ao universo da vida escolar da criança, assim como é necessário que os pais saibam quais são as necessidades da criança quando nasce, porque assim como os adultos precisam da fala para se comunicarem e se sentirem pertencentes à comunidade, as crianças também sentem a mesma necessidade.

2.2 Contação de histórias literárias e/ou de tradição oral na infância

Nesta seção, discuto especificamente como a contação de histórias literárias e/ou de tradição oral contribui para a aprendizagem de vocabulários e o desenvolvimento da linguagem oral. Concordando com Bastos (2021, p. 45), “(...) trabalhar a literatura desde a infância, é também desenvolver nas crianças a força da palavra (...)”.

Além disso, observo que a leitura compartilhada de histórias infantis contribui para que a criança conheça novas palavras, principalmente aquelas mais complexas mas que podem ser facilmente entendidas por meio das narrativas ou contextos diferentes. Por meio de textos, se não houver uma exploração intencional de unidades menores, neste caso, a palavra, a criança ficará centrada na compreensão do texto, nas informações que lhe chamaram mais a atenção. Gabriel e Moraes (2017, p. 37) pontuam que “a atenção dos pais e das crianças está na história que está sendo lida. Nessas interações, pais e crianças podem fazer questionamentos sobre palavras ou partes da história, buscando ampliar a compreensão do texto”. Nesse sentido, para ampliar o vocabulário, é importante criar metodologias de trabalho, explorando essas unidades linguísticas. Para isso, a atenção do adulto principalmente tem que estar focada nas atividades que estão a decorrer no momento da leitura e/ou contação de histórias, fazendo questionamentos que possam captar a atenção da criança para fazer inferências quanto à compreensão da história e do mundo. No universo da formação, chama-se a atenção para esse trabalho com diversos gêneros textuais. Mas, como assegurar isto no ambiente familiar?

A atenção dos pais têm que estar direcionada na história que está sendo narrada, e se por acaso aparecem palavras novas ou complexas durante a contação de histórias, é necessário uma explicação sobre aquilo. Além disso, os pais podem fazer questionamentos, instigar a criança a pensar sobre palavras ouvidas e aprendidas, oferecendo exemplos e explicando com o maior detalhe possível. Quando estamos a ler e/ ou contar histórias à criança, é importante que a atenção seja compartilhada, despertando na criança o desejo de ler e de conhecer palavras, brincando com as melodias dos vocábulos e fazendo jogos de palavras.

Basto (2021, p. 19) afirma que “partindo da ideia de que cada criança tem sua própria cultura e conhece o que nela aprendeu, então, uma mesma história será internalizada por cada criança de uma maneira muito pessoal e singular”. Ainda, para Fernandes (2021, p. 8), “é durante a infância que se começa a fazer a leitura de mundo e o ato de ler irá ajudar na compreensão do mundo à sua volta”.

No entanto, embora cada criança venha de uma cultura e costumes de vida diferentes, e a mesma história pode ser interpretada e entendida de maneira singular, os conhecimentos adquiridos podem ser experienciados de maneira que não sejam isolados ou fragmentados, pois a criança precisa compreender, interpretar e experienciar o universo em que está, junto com outras crianças e adultos.

Nessa perspectiva, Ferreira (2021, p. 20) vem acrescentando que:

Em todas as fases da vida o ser humano está em constante descoberta, aprendendo coisas novas, através do contato com seus semelhantes e domínio dos fatores socioculturais do meio em que vive. Por isso, todo e qualquer contato com outras pessoas acaba agregando conhecimento e experiência.

Em Brandt et al. (2009), compreendo que o hábito de contar histórias é um dos exercícios que permite à criança socializar, desenvolver aptidões e lidar com algumas situações. Portanto, essa prática de interação ajuda a criança a formar memórias significativas que proporcionam infância feliz e uma ação educadora baseada nas experiências imaginárias a partir do campo da literatura. Para Bastos (2021, p.17), “Quando, por exemplo, uma criança escuta uma história e depois conta uma versão completamente diferente, uma versão inventada por ela, a partir de figuras nos livros, então, isso é imaginação e criação”. Além disso, podemos compreender, por exemplo, como Larrosa (2018, p. 194), que na contação de histórias “para que a mediação seja possível, o mestre tem que dar tempo, luz, presença e palavra”.

Assim,

A arte de contar histórias enriquece o caráter formativo do ambiente escolar, oportunizando a imaginação, o vocabulário e o possível despertar da curiosidade, entre outras possibilidades. Contar histórias para as crianças pode ter uma ação educativa muito grande, a qual pode desenvolver nas crianças várias capacidades como: a expansão da linguagem, enriquecer o vocabulário, facilitar a expressão, articulação, espontaneidade, estimular a inteligência, desenvolver o poder criador e observador do pensamento da criança; auxiliar na socialização (relações sociais), revelar diferenças individuais, formar hábitos e atitudes sociais e morais (valores), cultivar a sensibilidade, emoção, imaginação, memória (dar sentido ao pensamento), atenção, lógica; aprimorar conhecimentos; ampliar as experiências das crianças; familiarizar a criança com os livros e as histórias e desenvolver o interesse nelas, com a curiosidade exposta no encantado mundo da vida (Ourique, 2009, p. 1-8).

Neste sentido, através da contação de histórias, as crianças conseguem ter oportunidade de viajar no mundo da fantasia, sendo criativas com a capacidade de imaginar e criar situações através daquilo que assimilaram, mesmo antes de serem alfabetizadas. Portanto, concordando com Brandt et al. (2009, p. 6), observo que “tal compreensão condiz com nossa proposta ao passo que consideramos que contar histórias, vista como ação pedagógica, possibilita a reflexão, a correção e o consequente aperfeiçoamento do fazer referente à oralidade, à leitura e à escrita (...)”. Ou seja, a contação de histórias faz com que as crianças ampliem suas capacidades de reflexão, criando sensações de confortos e tranquilidade que as aproximam da linguagem do adulto com valores educativos gradativamente mais complexos que auxiliam para o desenvolvimento e a compreensão da oralidade.

Tendo presente o estudo de Estevam e Souza (2021, p. 6), compreendo que:

A literatura infantil é reconhecida como formadora da consciência cultural muito recentemente. Antes que a criança aprenda a ler, ela observa e sente a história. Enquanto ouve o adulto lendo para ela desenvolve um elo como leitora. Entre um e dois anos a criança observa as mímicas faciais do contador de histórias, por isso as histórias devem ser contadas com muita vivacidade e ritmo, precisam ser curtas, com gravuras em todas as páginas. Os livros de pano ou de plásticos são adequados, porque há o prazer de levá-los à boca.

A criança pode primeiro observar e sentir a história e só depois aprender a ler, porque depende de alguém que leia para ela, que lhe ofereça material de leitura, portanto, não acontece igual para todas as crianças. O interesse dela em querer manusear o livro se aprimora cada vez mais com essas práticas e, ao sentir a história, manusear, já estará realizando a leitura. A ação pedagógica no que se refere ao campo da convivência familiar, se dá no modo de viver as interações sociais dentro da família. Na contação de histórias, por exemplo, a criança desenvolve um conjunto de ações que contribuem para lidar com as suas

emoções, desenvolvendo o dom de ouvir e escutar os outros, bem como, algumas outras habilidades que podemos compreender tal como afirma Fernandes (2021, p. 11):

Durante a contação a criança compreende a necessidade e a importância de ouvir o outro, portanto dentro dessa perspectiva, pode afirmar que a criança, por meio da contação de história, aprende valores, respeito ao próximo e isso tudo é uma forma também de aprender a lidar com as emoções.

As emoções têm um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Assim, se for no sentido negativo, pode impactar na vida da criança, atrasando a aprendizagem, principalmente no seu modo de agir. Da mesma forma, sendo num sentido positivo, permitem descobrir o encantamento da vida e a construção significativa de um educar linguageiro.

Tendo por base o estudo de Maturana (1998, p. 29), compreendo que:

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem.

A narrativa, seja ela literária e/ou de tradição oral, faz com que nos tornemos seres da linguagem, permitindo ao mundo em que vivemos que seja um espaço mais leve, conhecendo a casa comum que habita dentro de nós. É este mundo que, conforme explica Berle (2013), permite à criança reconfigurar o modo de viver e aprender a inaugurar ação no mundo. Segundo Edgar Morin, só se torna possível entender a poesia da vida se aprendemos a viver na coletividade e entender a complexidade da vida, ou seja, aprender que na vida pouco se constrói no isolamento da individualidade.

Então, as palavras que usamos para nos comunicarmos servem para explicarmos o mundo e entendermos os nossos sentimentos visando trabalhar em torno deles. Essa comunicação ocorre por meio de ideias concatenadas que, obviamente, fazem uso das palavras. Entretanto, é certo que a palavra somente constrói-se com a palavra e a partir dela podemos dar conta do mundo que estamos vivendo. Segundo Berle (2013, p.53), “há que se constituir um repertório de imagens do viver no e com o mundo”. Em outras palavras, o hábito da leitura e/ou contação de histórias facilita este processo.

Wolf (2019) postulou na sua obra que a leitura ajuda a criança a levantar voos para mundos completamente novos, mas precisamos compreender que a transformação somente é possível quando percebemos que tudo começa no corpo e esse corpo é administrado por um desejo. O desejo da intenção começa no corpo. A criança comunica com o corpo e outras

‘ferramentas’ de interação cultural disponíveis a ela, podendo esta ação de comunicar-se ser intensificada a partir da interlocução entre família, criança e histórias. Berle (2013, p. 81) vem afirmando que “ação e narrativa significam, assim, a inseparabilidade entre corpo e palavra na ação lúdica de aprender a tornar o mundo inteligível a partir da interlocução linguageira”.

Ainda nessa perspectiva, Rodrigues (2016, p. 33) afirma que:

Os livros com gravuras em que somente as imagens falam por si só são livros ideais para crianças que ainda não sabem ler. Os pais ao lerem tais livros podem interpretar e contar a estória, de um modo que a criança preste atenção, fazendo caras e bocas, com entonação dos sons como, por exemplo, o som do cachorro ao latir, elementos indispensáveis que um contador de estórias deve ter, a qualidade de entreter, o que seria o lúdico.

No entanto, na contação de história é necessário que haja motivação, engajamento e atenção conjunta. Com base no ponto de vista de Tomasello (2003), compreendemos que a atenção conjunta envolve o comportamento dos pais por inteiro. A atenção da criança e a atenção dos pais precisam estar sintonizadas com as expectativas e a imaginação da criança para que tal ação alcance os melhores resultados em termos da aprendizagem da atenção, da linguagem oral e também da memória de uma boa infância. Estas são algumas das funções que interferem no desenvolvimento da criança, e contribuem muito para a qualidade da convivência na família.

Assim, compreendemos que não há uma receita pronta, mas concordando com Brandt et al. (2009, p. 13) “diríamos, todavia, que é um caminho de construção e compreensão, pois acreditamos que compreendemos o mundo à medida que o construímos, uma vez que ele não está posto, vai sendo inventado na linguagem”. Portanto, acredito que cada família além de ter os seus hábitos e recursos, sabem como é a melhor maneira de lidar ou convidar a/o seu/a filho/a para estarem na linguagem.

Concordando com Bissoli (2014, p. 832-838), compreendo que:

Crianças são sujeitos que aprendem à medida que vivenciam experiências novas e, nesse processo, desenvolvem suas capacidades especificamente humanas. Adultos são sujeitos que, intencionalmente, criam necessidades não-naturais nas crianças, enriquecendo, com a cultura, as formas de ver o mundo, de ver-se no mundo e de ser dos pequenininhos. Famílias são parceiras do trabalho de cuidar e educar. As possibilidades de desenvolvimento não estão condicionadas pelo local de nascimento ou pela classe social a que pertencem as crianças. Alcançar ou aprender a manipular um objeto que o adulto possui, descobrir o nome de alguma coisa ou conhecer como funciona um brinquedo, por exemplo, podem gerar diferentes ações comunicativas.

Ou seja, as crianças aprendem muito rápido e quanto mais elas experienciam coisas novas e saibam como manipular com os objetos disponíveis à sua frente, maior é a chance de

desenvolverem as capacidades comunicativas, mas os suportes necessários são fundamentais para o seu desenvolvimento. Como por exemplo, as experiências da cultura, hábitos familiares, valores e gostos nas formas de ver o mundo, de ver-se no mundo contribui muito, abrindo caminhos para assimilarem as coisas advindas da própria cultura, tradição que colabora para um ambiente de letramento na família. Nesse sentido, para que tais ações aconteçam, compreendo, conforme pontua Catania (1999, p. 22), que “Alguns tipos de aprendizagem envolvem ações e outras envolvem palavras”.

No entanto, compreendemos que as palavras também são ações no mundo. Assim, as histórias de tradição oral envolvem ações imaginativas por meio de vozes da experiência, que também possibilitam às crianças terem familiaridade com vocábulos do seu contexto e sobretudo conhecendo o sentido coletivo que contribui para a formação do pensamento. Ainda com base nos pensamentos de Catania (1999), podemos compreender que para as crianças muito pequenas as estratégias e dinâmicas usadas na contação de histórias de tradição oral requerem palavras, mas também o uso de exemplos. Para especificar o entendimento dos vocabulários incompreensíveis, os exemplos são fundamentais, assim como acontece com as histórias mais lúdicas cujas narrativas, em geral, já vem demonstrando a ação que cada personagem desempenha naqueles enredos.

De fato, dependendo da faixa etária, é provável que algumas crianças quando escutam as histórias, e depois conseguem imaginar a ação, têm a tendência de levar essas mesmas histórias para as brincadeiras, dependendo do gênero textual, colocando em prática, modificando algumas passagens, enfim, criando, imaginando, inventando e reinventando. Nas brincadeiras também é importante a presença e a introdução dos objetos livros. Estevam e Souza, nesse sentido, pontuam que “na casa ou na escola a presença do adulto continua sendo fundamental, pois é indispensável a sua orientação para a brincadeira com livros” (Estevam e Souza, 2021, p. 4).

Ainda, em termos de contação de histórias, Rodrigues (2016, p. 32) explica que “toda criança adora ouvir histórias, principalmente quando são contadas pela mãe, pai ou avós, porque é mais que um estímulo e sim uma total relação de afeto. Um momento que deve ser compartilhado e praticado todos os dias”. A partir das histórias, sejam literárias e/ou de tradições orais, a criança desenvolve a sua autonomia, a sua independência, socializando com o seu meio externo. Além disso, Ferreira (2021) afirma que por meio das brincadeiras as crianças conseguem expressar os seus sentimentos, desejos, aprendendo a ordenar,

desorganizar, destruir e reconstruir o seu mundo. Através desse meio ela modifica e deixa a sua marca na sociedade e torna-se agente ativo na sua convivência familiar.

Ainda, nas palavras de Vitta et al. (2018, p .5):

O brincar proporciona oportunidades e experiências que exigem da criança a aquisição, treino e aprimoramento das habilidades motoras, cognitivas e emocionais para ter autonomia e independência e, com isso, agir sobre o meio, apreendê-lo e modificá-lo deixando sua marca enquanto ser social.

Escutar histórias proporciona para a criança momentos de lazer, diversão, oportunidades para organizar os seus pensamentos, suas falas, expressando as suas emoções, viajando dentro de si, estimulando a sua criatividade e imaginação. Ou seja, trata-se de uma ação pedagógica positiva de compreensão e interpretação do mundo de acordo com os conhecimentos prévios, porque a criança também pode contar e ler a história, não só escutar.

Como indica Rodrigues (2016, p. 35-36):

As estórias contadas antes de dormir é uma ótima opção de incentivo, após o momento da leitura os pais devem perguntar o que o filho achou da estória, o que gostou e o que não gostou, ou seja, fazer a criança interagir. Estabelecer aos poucos uma rotina de leitura assim como a hora do estudo e do almoço.

Concordando com Brandt et al. (2009, p. 11), vale ressaltar que “propor a contação de histórias pelas crianças cumpre, ao nosso ver, o objetivo de lhes oportunizar espaço para o desenvolvimento das narrativas orais, liberando a ação imaginativa como maneira de perceberem-se a si mesmas na relação com o mundo”. As narrativas orais contribuem para as ações imaginativas da criança de maneira que elas possam ampliar o universo das palavras dentro do seu repertório, a capacidade de reflexão e ação no mundo nas articulações e organizações do pensamento. “(...) As narrativas de histórias se tornam importantes para o desenvolvimento cultural, criando bases para novas experiências de leituras e para atuação cada vez mais consciente no mundo circundante” (Ferreira, 2021, p. 22).

Em Bastos (2021, p. 19), podemos compreender que:

Quando a criança resgata aquilo que ela já conhece (nível de desenvolvimento real), o livro serve como o mediador (zona de desenvolvimento proximal ou eminente) para ela alcançar algo que ela ainda não conhece (nível de desenvolvimento potencial) ou seja, pela mediação da história ou de alguém que esteja contando a história, ela alcança algo novo, diferente e, talvez, surpreendente.

Na contação de histórias é necessário levar em conta o que a criança consegue fazer sozinha e o que consegue fazer com a ajuda do outro, pois dessa forma, ela consegue praticar o vocabulário oral, relacionando as suas falas com outras ações do cotidiano. Os pais podem dar exemplos para além do que está sendo dito nos livros, pois assim as crianças conseguem

ter um repertório lexical que dará melhores suportes para as demais interações com o mundo e com a própria escola.

Como pontua Bastos (2021, p. 31):

Com base nessa importância da experiência em ouvir histórias, a criança, ao chegar na escola, já traz como acervo pessoal sua própria leitura e compreensão de mundo, na medida em que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, pois as pessoas são capazes de fazer interpretações das situações cotidianas antes de saber ler.

Nessa abordagem, os pais podem perguntar para a criança o que gostou e o que não gostou e o que aprendeu com a história contada ou lida. Dessa forma, ela desenvolve as suas falas brincando com as palavras, trocando a ordem estrutural das frases, o que contribui para o acervo pessoal da criança nas diferentes formas de pensar e dizer as coisas. Neste sentido, considero que o hábito de contação de histórias na família, torna-se mais importante ainda quando a criança apresenta certos atrasos no desenvolvimento oral, que pode ser agravado “(...) porque não há um repertório de sentidos, de palavras, de cheiros, cores, sabores, aromas, de vividos” (Berle, 2013, p. 53).

A seguir, vamos entrar no contexto empírico das famílias que participaram do estudo. Neste próximo capítulo apresento algumas informações a fim de compreendermos e ver a realidade social das cinco famílias. O texto contempla relatos das informações, conforme falas das mães de cada uma dessas crianças no decorrer das entrevistas, conforme o roteiro da entrevista utilizado para a orientação das ações de pesquisa.

3 CONTEXTO EMPÍRICO DA PESQUISA

Conforme mencionado na apresentação, os dados empíricos foram gerados junto a cinco famílias que residiam na cidade de Santa Cruz do Sul - RS e as informações que as caracterizavam foram facultadas pelas participantes durante a conversa que tivemos nos dias das entrevistas.⁵ Ou seja, os dados foram obtidos durante a entrevista e, depois, à medida que eu escutava as gravações, transcrevia as narrativas sem nenhum apoio de ferramentas tecnológicas, a fim de não perder/esquecer detalhes de cada situação vivida no contexto. Assim, fui ouvindo e escrevendo, considerando que seria concebida como uma experiência de melhor aproveitamento e familiaridade em relação a algumas expressões usadas fora do contexto acadêmico. As informações foram transcritas de maneira que possa dar sentido e contextualizar os leitores no tempo, como por exemplo, do ponto em que partimos, quais as realidades dessas famílias, o que de fato caracterizava essas participantes e que considere necessário trazer para o estudo.

Foram as mães que responderam às questões, por serem a pessoa mais próxima da criança e que conviviam diariamente com os filhos. Do ponto de vista metodológico adotado por mim, selecionei as mães para participarem do estudo, porque a sociedade acredita que são as melhores informantes, com visão muito mais abrangente sobre o assunto, ainda que não possamos naturalizar essa situação. Portanto, meu estudo também levou a refletir se não é o momento de começarmos a dar outro sentido a essa diversidade metodológica com o intuito de realinhar esses arranjos familiares paternos. Nesse sentido, discutir a questão de vínculo afetivo em diversas condições que respondem essas necessidades, no que trata sobre as relações entre pais e crianças bem pequenas na primeira infância, sem descartar a possibilidade de que a presença de um pai na vida de uma criança é fundamental em qualquer faixa etária.

A primeira família, que eu identifico como **Família 1**, foi entrevistada na condição de **Família Piloto**. A mãe da criança tinha 43 anos, era casada e tinha três filhos. A filha mais velha tinha 17 anos, um filho, 14 e a criança (menino), com 3 anos, estudava na Creche Municipal Bem Me Quer. No total, essa família era constituída por cinco pessoas: pai, mãe e os três filhos. O nível de escolaridade da mãe era o Ensino Fundamental Completo. A família morava no Bairro Avenida e a mãe trabalhava como Funcionária Pública Municipal na área

⁵ Tempo de duração de cada entrevista - Família 1 - 37min - Família 2- 46min - Família 3- 38min - Família 4- 47 min- Família 5 - 23 min.

da merenda, com jornada de trabalho de duração de oito horas por dia. O seu salário mensal era aproximadamente em torno de três mil reais. A criança desta família era a mais velha de todas as outras que participaram do estudo. Durante o dia, a mãe e a criança não ficavam juntas, porque a mãe trabalhava no período da manhã e à tarde e a criança passava a maior parte do tempo na creche. Então elas só se viam, na maioria das vezes, à noite. O horário da criança na creche era mais ou menos das sete e meia da manhã até às dezoito e trinta da tarde. Entre as atividades que ela fazia na escola, a família mencionou que são mais atividades de brincar, porque na idade dela brincar era vital para sua aprendizagem e desenvolvimento. Assim, apenas nos finais de semana e dias de feriados a família aproveitava para fazer algo diferente com a criança, de maneira que podiam aproveitar a convivência em família.

Quanto à **Família 2**: a mãe tinha 34 anos e o seu estado civil era união estável, mãe de uma segunda filha. A primeira (considerada para meu estudo) tinha 2 anos e 9 meses e a segunda 11 meses. Então, são quatro pessoas: a mãe, o pai, que também estava com 34 anos, e as duas filhas. A mais nova ia na escola só à tarde, pois é o turno em que a mãe trabalhava. Eles residiam no Bairro Higienópolis. A mãe tinha o Ensino Superior Completo, era formada em Fisioterapia e trabalhava na sua área, quatro ou cinco horas por dia. O trabalho dela era como autônoma, então não tinha um horário definido. A sua renda familiar, somando-se à do seu parceiro, alcançava em torno de quinze mil reais. A criança, foco de minha conversa com a mãe, estudava na Escola de Educação Infantil Caminho do Saber, escola particular de Santa Cruz do Sul. A criança desta família era a segunda mais velha das participantes. Ela fazia o que se chama de turno integral, passava o dia todo na escola, pois o pai trabalhava também o dia inteiro e só nos finais de semana tinham mais tempo de dar atenção para a convivência em família. Então, procuravam estar juntos e sair para passear, ter contato com a natureza e fazer outras atividades que podiam contribuir para o fortalecimento das relações familiares com as duas crianças.

No que diz respeito à **Família 3**: a mãe tinha 40 anos, era casada e tinha dois filhos. O filho mais velho tinha 6 anos e o segundo, 1 ano e dez meses. Portanto, moravam entre quatro pessoas: a mãe, o pai (que estava com 43 anos) e os dois filhos. Eles residiam no Bairro Centro da Cidade de Santa Cruz do Sul. A mãe tinha Pós-Graduação em Gestão de Pessoas e trabalhava na sua área de formação como Coordenadora de Marketing e Comunicação. O trabalho dela era em torno de oito horas por dia, e o salário mensal era de quinze mil reais. A criança, a respeito da qual tive a conversa com a mãe, estudava à tarde no Colégio Mauá

(escolinha), uma escola particular de Santa Cruz do Sul, e no turno da manhã, ficava com a avó.

A mãe, na **Família 4**, tinha 43 anos e o seu estado civil era união estável. Ela tinha uma criança de 2 anos e 2 meses, e ambas residiam no Bairro Bom Fim. O nível de escolaridade da mãe era Superior Completo, sendo que ela era formada em Pedagogia. Conforme seus relatos, no momento não estava trabalhando, mas exercia a função de dona de casa e cuidava da filha, pois residiam a mãe e a criança. O pai morava e trabalhava em outra cidade, vindo para casa somente nos finais de semana. Então, podemos dizer que residiam juntos a mãe, a filha e o pai, mas a maior parte do tempo ficavam somente ela e a filha. Essa família tinha também uma babá que cuidava da criança à tarde, mas não residiam com elas. O pai da criança era pecuarista, trabalhava em uma fazenda, e seu ganho financeiro mensal (que não era fixo) variava em torno de cinco salários mínimos. A criança dessa família era a terceira mais velha das cinco que participaram da pesquisa e ainda não frequentava nenhum tipo de escola.

Quanto à **Família 5**, a mãe tinha 35 anos, o seu estado civil era união estável, tinha uma filha de 1 ano e 10 meses, residiam o pai (que tinha 33 anos), a mãe e a criança. Eles moravam no Bairro Country - antiga Linha João Alves. A família morava um pouco mais perto do interior, e o espaço onde residiam não era tão povoado quanto outros lugares, o que lhes oportunizou uma convivência com bastante pátio e a presença de produtores rurais. A mãe tinha o Ensino Superior Completo, era formada em Pedagogia e trabalhava na sua área de formação, no SESI, como coordenadora de projetos, em torno de oito horas por dia, com estudantes no contraturno das atividades escolares. As crianças que frequentavam o seu local de trabalho possuíam de seis a 14 anos. Era um espaço que acolhia crianças de pais que trabalhavam na indústria. Os funcionários trabalhavam com três tipos de projetos: “Tecnologia”, “Ciências e Escolarização”, e “Corpo, Ritmo e Expressão”. Então, no meio desses projetos, a mãe da criança atuava como monitora e a sua renda familiar mensal variava em torno de seis mil e quinhentos reais. A criança dessa família frequentava a Escola de Educação Infantil Moranguinho. Essa era uma escola particular, mas disponibilizava 30 vagas para a prefeitura, através de bolsas de estudos, sendo uma delas era ocupada pela filha desta família. Conforme a mãe, o tratamento interno dos profissionais não mudava em nada, considerando o atendimento municipal e o particular, apenas o fato de que sua filha não pagava a mensalidade.

Em síntese, observei que as principais características presentes entre as participantes era que tinham duas famílias de classe média alta e três famílias de classe média-baixa. Conforme os objetivos de meu estudo, considerei que a diversidade de classe social dessas famílias era relevante para fazer o cruzamento de dados e o levantamento de ideias em torno do tema, agregando perspectivas diversas de compreensão. Foi preciso considerar, no entanto, que temos famílias oriundas de outros grupos sociais que vivem uma realidade de vida diferente. A grande maioria pode não ter acesso às oportunidades que essas crianças tiveram.

Na **Família 1**, o nível de escolaridade da mãe era o Ensino Fundamental Completo. **Família 2**, a mãe tinha o Ensino Superior Completo. **Família 3**, o nível de escolaridade da mãe era Pós-Graduação em Gestão de Pessoas. Na **Família 4**, a mãe tinha o Ensino Superior Completo. E, na **Família 5**, o nível de escolaridade da mãe era o Ensino Superior Completo. A classe social pode ter repercussão nos materiais didáticos que os pais podem comprar para os filhos. O nível de escolarização tem um impacto muito grande no vocabulário disponível para as pessoas conversarem durante as interações, então, há uma relação, quanto maior o vocabulário os pais possuem mais vão usar nas interações com as crianças, aprendendo palavras novas que não sejam somente aquelas do dia a dia, frequentando as interações entre os pais e com as próprias crianças.

Apresentados esses dados, passo a narrar como ocorreu o processo de pesquisa, mas antes trago considerações a respeito do que é pesquisa qualitativa e do que deve e do que não deve acontecer durante as entrevistas, sobretudo para evitar que conhecimentos prévios sobre o assunto interfiram na geração e tratamento dos dados da pesquisa junto aos familiares. Vale lembrar, em se tratando de pesquisa qualitativa, que quanto mais os dados sejam transparentes tanto melhor para que o trabalho não deixe lacunas e/ou se perca o fio condutor do estudo.

4 PROCESSO DA PESQUISA

O estudo realizado para esta dissertação seguiu a metodologia qualitativa, portanto, tratou-se de um estudo exploratório, com análise de conteúdo, e com o interesse voltado para os familiares e suas interações com as crianças bem pequenas, focando nas questões que dizem respeito à ampliação do vocabulário e desenvolvimento da linguagem oral das crianças. González (2020, p. 2) pontua que “essa questão pelo *o que* da Pesquisa Qualitativa é de natureza ontológica. Refere-se ao ser desse modo de abordar a constituição de conhecimentos sobre assuntos sociais e educacionais”. No mesmo sentido, para Ribeiro et al. (2023, p. 3), “os paradigmas de pesquisa surgem a partir de diferentes perspectivas ontológicas e epistemológicas, ou seja, são entendidos como diferentes visões de mundo”.

Assim, por ser um estudo exploratório, os dados foram gerados nos ambientes naturais baseados em fatos, ideias ou opiniões com o intuito de entender visões de mundo e compreender aspectos relevantes sobre o tema da convivência familiar e suas implicações para a oralidade das crianças bem pequenas. Conforme Soares (2019, p. 168):

A pesquisa qualitativa se caracteriza pelo desenvolvimento conceitual, de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo ou interpretativo a partir dos dados encontrados. Tem caráter exploratório, subjetivo e espontâneo, percebido pelos métodos utilizados neste tipo de pesquisa, como observação direta, entrevistas, análise de textos ou documentos e de discursos de comportamento gravados.

No caso específico de minha pesquisa, usei o método qualitativo exploratório, com análise de conteúdo, porque me permitiu ir na comunidade para conhecer a natureza da realidade e o contexto dos familiares que participaram da pesquisa. O meu foco estava em compreender a partir do objetivo e questões de partida, diferentes convivências e experiências dos familiares e/ou parentes na realidade dos seus cotidianos, tais como, os seus modos de (con)viver, baseados nas suas crenças e valores culturais.

Seguindo o que propõe o método qualitativo, gerei dados que me possibilitaram descrever o que realmente eu estava procurando saber na convivência dessas famílias, sem deixar de tomar cuidado quanto ao fato de que são crianças de diferentes faixas etárias e que a realidade de vida de cada uma é diferente. Além disso, o método qualitativo ajudou a compreender a realidade dos familiares e ir mais a fundo no gerenciamento dos dados, permitindo gerar mais informações, percebendo e podendo realizar novos questionamentos para o estudo.

Nessa perspectiva, Soares (2019, p. 176) acrescenta que “a escolha de um tipo de pesquisa não importa na necessidade de exclusão de outrem. Quanto mais se aprofunda na identidade dos dados, mais análises são possibilitadas e mais confrontos com a realidade social dos fatos discutidos”. Ou seja, as pesquisas que poderão surgir futuramente com o foco direcionado às minhas buscas, podem complementar, atualizar essas informações ou não, obtendo mais resultados sociais sobre tais realidades para a compreensão dos múltiplos aspectos, trazendo novas inquietações, pois desenvolvi a pesquisa sempre com o benefício da dúvida, da incerteza, mas por meio delas pude construir caminhos para a minha (cons) ciência possível a respeito do tema. Segundo Bicudo (2005, p. 2), “(...) a interrogação mantém-se viva, pois a compreensão do que se interroga nunca se esgota”.

A pesquisa qualitativa não se compromete a traduzir os resultados em números ou fazer uma abordagem estatística. Neste sentido, fiz os cruzamentos de dados de maneira indutiva, descrevendo as situações relacionadas com as variáveis de cada resultado da pesquisa sem maior ou menor pretensão de mensurar a realidade, priorizando as descrições e interpretações dos fenômenos relatados.

Soares (2019, p. 179) pontua que “a pesquisa qualitativa está mais voltada para compreender realidades de grupos sociais, mas ainda assim indicará uma parte do todo, uma amostra aproximada da situação real vivenciada”. Em Ribeiro et al. (2023, p. 2) pude compreender que “a pesquisa qualitativa tem foco na compreensão da experiência das pessoas e seu significado a partir de suas próprias perspectivas e não do pesquisador”.

Nessa direção, Sousa et al. (2020, p. 5) afirmam que “(...) a pesquisa de cunho qualitativo tem seu foco de interesse voltado para o indivíduo e para suas relações e interações com o ambiente”. Dessa forma, na pesquisa de campo, tive a preocupação de compreender os fenômenos sociais baseados nas experiências de cada um dos ambientes (externo) de convivência. Em outras palavras, pude assegurar maior responsabilidade em termos dos dados gerados, descrevendo a situação e sempre relacionando e pensando em que sentido esses resultados estavam, ou não, alinhados aos meus objetivos de pesquisa. No entanto, procurei não impor o meu entendimento prévio sobre o assunto, e isso corresponde ao que Ribeiro et al. (2023, p. 4) afirmam ao escreverem que a pesquisa qualitativa “(...) é indutiva, visto que o pesquisador não tem a pretensão de impor o seu entendimento prévio sobre a situação pesquisada. O pesquisador vai a campo sem predefinir constructos ou instrumentos para mensurar a realidade”.

Ainda quanto à metodologia, vale destacar que a abordagem usada contempla diferentes ações de pesquisa e possibilitou que o estudo fosse dividido em três momentos. No

primeiro momento fiz as pesquisas bibliográficas e a organização de informações que contemplassem o foco do estudo, delimitado pela questão de partida. A segunda parte se constituiu da pesquisa empírica e a terceira dos cruzamentos de dados empíricos e reflexões.

No que concerne ao segundo momento do trabalho, o contato com a primeira família foi de maneira presencial no mês de agosto de 2023, a fim de que eu pudesse explicar o objetivo da pesquisa e quais os meus propósitos. Depois marcamos a data para a entrevista de acordo com o horário e disponibilidade da participante. Assim, essa entrevista foi realizada como piloto, no mês de setembro de 2023, na minha residência, a pedido da família. Mas, antes, a participante foi informada da importância de sua participação nessa entrevista piloto e que a mesma poderia integrar meu estudo, como de fato ocorreu.

Nas palavras de Maia (2020, p. 25), o procedimento piloto é definido como sendo:

Uma das etapas mais importantes na elaboração de um questionário. Quando você considerar que o questionário está pronto, responda você mesmo. Veja se as questões estão compreensíveis, o tempo que demora a responder, etc. Depois parta ao piloto, isto é, procure algum participante similar ao participante pretendido (ex.: se os participantes forem professores, escolha um professor também), para responder ao questionário. Ele saberá que está, além de participando da pesquisa, também testando o instrumento e, após o preenchimento, converse com ele sobre como foi o responder: se faltaram questões, se compreendeu ou não, o que pode ser melhorado, alterado, etc. Veja nas dúvidas de preenchimento ou erros de interpretação, que questões devem ser alteradas e/ou substituídas, etc.

As outras entrevistas também foram realizadas no mês de setembro de 2023. As perguntas foram pensadas a partir dos objetivos da pesquisa. Para sua elaboração, pude conferir, juntamente com o orientador, se as metodologias traçadas para o estudo atendiam aos meus propósitos, estudando as perguntas (Apêndice C) para podermos ver se a linguagem e a objetividade das questões estavam explícitas no sentido de facilitar sua compreensão por parte das participantes da pesquisa. Depois desse processo, parti para a entrevista piloto mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deveria ser apresentado e assinado pelas famílias que aceitaram o convite.

Além disso, vale destacar que a realização da entrevista piloto foi uma ação importante para que eu pudesse verificar se as questões, sua sequência no roteiro e as informações solicitadas atenderiam ao que eu procurava mapear. Mesmo assim, durante essa entrevista, questionei se a participante teria algo a acrescentar ou se já estava tudo compreendido por ela, procedimento que acabei repetindo também nas demais entrevistas.

À medida que eu terminava de fazer as entrevistas com cada uma das participantes, fazia a transcrição (Apêndice D) dos dados de maneira fiel, conforme suas falas. Nesse sentido, procurei atender ao que Maia (2020, p. 35) explica:

Após a aplicação de um questionário ou a realização de uma entrevista, os dados devem ser transcritos. Do registro (gravação, filmagem) é preciso transpor a interação verbal em texto para análise. Isso pode ser feito pelo pesquisador ou alguém treinado, mas recomenda-se que o próprio entrevistador o faça.

Ainda, conforme explica Maia (2020, p. 17), “nas pesquisas qualitativas, é comum usarmos a amostra por conveniência (selecionados por estarem mais disponíveis)”. Nesse caso, procurei, ainda, atender ao critério de diversidade quanto à localização geográfica das famílias na cidade. Portanto, ao pensar na inclusão social e de pertencimento dessas famílias, participaram da pesquisa famílias de classe ‘média alta’ e ‘baixa’,⁶ de maneira que eu tivesse uma abertura para fazer algumas reflexões comparativas entre os resultados do estudo.

Aspecto que também considero importante destacar é que os primeiros contatos com as famílias foram feitos via Whatsapp, a partir de indicações de colegas e do orientador, respeitando o fato de que recém estávamos saindo do período da pandemia do COVID-19 e isso daria às famílias uma maior tranquilidade para responder ao convite de participação na pesquisa. A partir daí, procurei definir, com aquelas famílias que aceitaram participar, a realização presencial das entrevistas. A esse respeito, observei que esse procedimento foi extremamente importante, porque essa proximidade transmite uma sensação de leveza e confiança, tanto para as famílias quanto para mim. Ou seja, pude transmitir para as famílias a segurança, seriedade e responsabilidade com o que queria, ao mesmo tempo em que demonstrava que precisamos das famílias para construirmos uma educação de qualidade. Afinal, acredito que as ciências e o que acontece nas convivências familiares podem (talvez até precisem) andar de mãos dadas para compreendermos as suas importâncias durante o percurso de vida da criança, sem deixar de respeitar o jeito e o modo de ser e agir de cada família.

Um dos instrumentos que eu usei nas entrevistas presenciais, além de um roteiro composto por 30 questões semiestruturadas com perguntas abertas e fechadas (Apêndice C), foi um gravador. As perguntas fechadas compõem os dados de identificação que contribuem para a apresentação do contexto de vida das famílias. Sousa et al. (2020, p. 8) explicam que “as entrevistas semiestruturadas têm a finalidade de obter informações de entrevistados sobre

⁶ Evidentemente, por ser pesquisa qualitativa exploratória, atendendo o objetivo do estudo em trazer famílias representativas de um grupo social, não foi plenamente alcançado, porque a realidade dessas famílias é diferente da grande maioria das outras crianças brasileiras.

um determinado tema/assunto, por meio de uma conversa planejada seguida por um roteiro e por indagações”. Em Maia (2020), podemos compreender que as entrevistas semiestruturadas partem de um roteiro de questões previamente elaboradas, mas, dependendo da dinâmica da entrevista, podem ser adequadas – re-estruturadas – afim de facilitar a geração dos dados que se deseja. Ou seja, o/a pesquisador/a pode orientar-se por meio desse prévio roteiro de questões, tópicos, mas tem a possibilidade de flexibilizar sua formulação durante a entrevista.

Tais aspectos, procurei deixar visíveis no item que segue, no qual apresento os achados da pesquisa, acompanhados de informações codificadas que serviram de orientações para o cruzamento dos dados, descrevendo como eles foram tratados. Além das narrativas gravadas, alguns familiares me enviaram fotos após a entrevista, às quais agreguei também aquelas fotografias de livros que fui autorizada a fazer na casa de uma das famílias (ANEXO 1, 2).

4.1 Aportes empíricos

Na posse desses dados, vale destacar que em um primeiro momento fiz a transcrição das narrativas de maneira fiel, conforme as palavras e modos de falar das participantes da pesquisa, o que se pode verificar no APÊNDICE D. Pareceu-me importante fazer isso porque considerei que toda a pesquisa requer rigorosidade e autenticidade. Mas, também o fiz a fim de verificar possíveis achados da pesquisa que podem emergir a partir das sutilezas dos modos de narrar e que, mesmo não sendo aproveitadas nesta dissertação, poderão contribuir para trabalhos futuros a respeito do tema.

Destaco, ainda, que nos relatos transcritos (Apêndice D), em alguns momentos, aparece a escrita em itálico, significando que aquela manifestação é de outra pessoa, que não era a entrevistada. Na Família 1, a criança estava por perto, então teve um momento em que a conversa era entre a mãe e o pequeno, que de fato, fazia parte da narrativa. Na Família 4, conforme mencionei ao longo do trabalho, como a entrevista foi realizada na casa de uma colega em comum, então estavam outras pessoas na casa que faziam parte do membro familiar e, que também conviviam diariamente com a criança. Na Família 5, em algumas passagens da entrevista a mãe me mostrou uma fala entre ela e a criança, por meio do celular, que considerei importante também não omitir para que a frase não perdesse o sentido e dificultasse o entendimento. No mesmo sentido, sempre que registrei parênteses e três pontinhos, significa que a entrevista teve uma pausa por causa de alguma interrupção. Por fim, vale também destacar que para a transcrição e tratamento dos dados, por questões éticas

e profissionais, utilizei os nomes fictícios,⁷ identificando essas famílias pelos códigos 1, 2, 3, 4 e 5. Para cada resultado da pesquisa foi apresentado o objetivo das perguntas que geraram esses resultados, pois a lista de perguntas completas consta no apêndice do trabalho (Apêndice C). Em cada passagem dos relatos, apresentei as narrativas das famílias dando início primeiro ao comentário a respeito do que foi perguntado e o que obtive como resultados transcritos.

Assim, os resultados que estão grifados são aqueles cujos significados remetem ao objetivo geral do estudo e que passei a considerar como achados da pesquisa, pois essa surgiu do meu interesse em perguntar: Quais tipos de histórias literárias e/ou de tradição oral as famílias adotam para contribuir com ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem oral da criança bem pequena? Essa inquietação me levou a investigar que literatura é essa e quais são os diálogos que os familiares costumam manter, a partir dela, com as crianças bem pequenas para apoiá-las nessas aprendizagens e em que contexto isso ocorre.

Depois da transcrição das entrevistas, apresentei os resultados num quadro com os cruzamentos dos dados empíricos. Cada quadro foi separado por Famílias e os respectivos relatos de cada participante. As narrativas estão em itálico, bem como no texto também em algum momento no qual citei as falas das participantes, isso é para diferenciar das citações dos autores. Os dados foram organizados de maneira que atendessem aos meus objetivos, buscando diferenças ou relações entre partes. Em seguida, estabeleci as relações entre o que as famílias relataram, o que as teorias dizem a respeito e o que pude perceber enquanto pesquisadora implicada em tais ações da pesquisa, procurando destacar sua contribuição para os conhecimentos a respeito desse tema.

Em outras palavras, foi necessário buscar os sentidos dos relatos de maneira que evidenciassem os objetivos e a interrogação da pesquisa. Para organizar os sentidos dessa comunicação e das perguntas que resultaram nesses dados, trago, no Apêndice D, os comentários numerados que descrevem as questões. Nos próprios relatos que compõem esse

⁷ Os nomes fictícios emergem das iniciais das primeiras letras dos nomes verdadeiros falados pelas participantes. Os nomes escolhidos são: **F1** - Sérgio (criança), Rita (irmã), Beto (irmão) e Benilde (Tia). **F2** - Betânia (criança), Ana (irmã), Tânia, Clarice e Magda (amigas da criança). **F3** - Gael (criança). **F4** - Itelvina (criança), Alice (tia), Zilda (mãe da tia) e Conceição (babá da criança). **F5** - Isabela (criança), Guto (pai da criança) e Bartolomeu (nome mencionado). Tal como explicam Lima Monteiro et al. (2019, p.164) “propor nomes falsos ou iniciais também performam uma maneira de apresentar os sujeitos da pesquisa”. In: LIMA MONTEIRO, Ana Claudia; BORSOI RAIMUNDO, Maria Paula; GERARD MARTINS, Bárbara. A questão do sigilo em pesquisa e a construção dos nomes fictícios. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, v. 9, n. 2, p. 114-123, 2019. Disponível em: [AC Lima Monteiro](#), MP Borsoi Raimundo... - *Psicología ...*, 2019 - scielo.edu.uy. Acesso em: 3 nov.2024.

apêndice, todavia, procurei codificar (identificar) em negrito, aqueles trechos de narrativas que interessam ao tema da pesquisa e respectivas reflexões.

De posse dos resultados empíricos da pesquisa, fiz os cruzamentos de dados, apresentando esses resultados no formato de quadros (tabelas) como uma espécie de sùmula daquelas respostas que condizem com o tema do estudo. Essa codificação se constituiu como uma seleção das partes dos relatos que correspondem aos objetivos e questões da pesquisa. A opção por essa maneira de apresentar os dados empíricos tem a ver com a intenção de permitir uma melhor visualização dos dados, das diferenças e semelhanças que existem na convivência de cada família. Além disso, a partir desses quadros busquei uma compreensão desses resultados à luz da literatura fazendo a interpretação.

4.2 Cruzamento de dados empíricos e teóricos

Nesta seção, apresento as metodologias de compilação e cruzamento dos dados no formato de quadros (tabelas) acompanhadas das perguntas que geraram esses resultados. Nestes quadros aponto as famílias nas colunas e em cada linha o que considero campos de sentido discursivo em suas originalidades e semelhanças entre os relatos do trabalho de campo. Essa divisão por linhas atende a intenção de facilitar a leitura e compreensão das falas de cada família, ancorando as interpretações de semelhanças e diferenças próprias do contexto da respectiva cultura de convivência familiar. Para o cruzamento de dados e interpretações, respeitando as questões de ética na pesquisa, codifiquei essas famílias pelas nomenclaturas **F1**, **F2**, **F3**, **F4**, **F5**. No que diz respeito às reflexões interpretativas desses resultados, trago, após os quadros que seguem, alguns autores já referidos na fundamentação teórica, cujos pensamentos possibilitam conversas com os dados empíricos.

Quadro 1. Questão 2 -Você tem o hábito de ler e/ou contar histórias orais para seu/sua filho/a?

F1	F2	F3	F4	F5
<i>A gente conta histórias. A gente não lê. A gente conta o que na nossa infância foi contado para a gente.</i>	<i>Sim, o meu marido também conta.</i>	<i>Sim, tanto eu quanto o pai dele.</i>	<i>Não, porque eu pego o livro para ler, eu vou ler histórias, ela não deixa eu ler, ela não quer que eu leia.</i>	<i>Sim. Isabela tem muitos livros.</i>

<i>Eles (o pai e a irmã) contam também, a minha filha principalmente. Ela bota para ele um videozinho de uma historinha, ou daí ela mesma conta para ele uma historinha.</i>	<i>Ela nos conta também. Ela relata as coisas do dia a dia da escola.</i>	<i>A gente gosta de ler com ele.</i>	<i>Ela quer olhar e dizer balão, casa, peppa pig, papai, mamãe. Ela quer olhar as figuras e dizer o que é que tem nas figuras, e ela não se prende.</i>	<i>A gente seguidamente conta uma história para ela.</i>
<i>Meu marido também, depende quem está com ele. Ele pede, a gente conta. Ele gosta também de falar sobre as historinhas.</i>	<i>Ela pede para ler.</i>	<i>O pequeno já pede pra gente ler para ele.</i>	<i>Ela não deixa, aí eu começo a ler, né, e ela não deixa, ela puxa, aí ela começa, casa, carro. Ela começa a apontar os desenhos e querer mostrar o desenho que é, e começa folhear o livro.</i>	<i>Ela pouco para para escutar uma história, então eu uso dedochê.</i>
<i>Ele tem mais frequência de leitura lá na creche, não tão em casa. Em casa a gente não costuma, a não ser a Rita que daí de vez em quando lê um livro para ele.</i>	<i>A gente tenta seguir uma rotina.</i>		<i>A gente tem muitos livros, ela adora livros.</i>	<i>Ela explora bastante, não só leitura.</i>
<i>A gente conta mais o que a gente sabe, porque eu realmente não tenho um livrinho assim, das histórias para ler para ele.</i>			<i>A gente lê pelas figuras, então é assim que a gente lê.</i>	

Fonte: Elaboração da autora (2023)

Conforme se pode notar pelo **Quadro 1**, das cinco famílias que participaram da entrevista, quatro falaram que tinham o hábito de contar histórias para a criança e uma priorizava mais a questão das brincadeiras e vivências. Na **F1**, os familiares tinham o hábito de contar histórias para a criança, mas não o costume de ler (todos os dias), porque não tinham livros de histórias que podiam ler para a criança. Então, na convivência dessa família, a contação de histórias seguia mais uma tradição oral por parte da mãe, retomando o que na infância dela lhe foi contado. Todavia, a filha mais velha e o pai também tinham o hábito de

contar histórias para a criança, e, de vez em quando, a irmã lia livros e contava histórias para o pequeno. Outras vezes, colocava vídeos também, o que remetia ao uso das novas tecnologias. Portanto, a contação de histórias de tradição oral emergia como prática de maior intensidade, dependendo de quem estava com a criança, pois ela sempre pedia aos familiares que lhe contassem histórias. A criança gostava de ouvir e contar histórias, sendo que a família compreendia que o hábito de leitura se fazia presente mais na creche. O que também assegura a importância das instituições nesse papel didático.

Na **F2**, o hábito de contar histórias para a criança se fazia presente, tanto por parte do pai quanto da mãe da criança. Os familiares tentavam seguir uma rotina na contação de histórias. Além disso, a criança também contava histórias para a família e sobretudo gostava de relatar as coisas do dia a dia que aconteciam na escola. E, esse fato mostrava um traço cultural dessa família no que diz respeito também à escuta (audição) de histórias (relatos) na convivência. E, da mesma maneira que a criança da **F1**, ela tinha o hábito de pedir aos pais que lhe contassem histórias.

Na **F3**, igualmente, tanto a mãe quanto o pai gostavam de ler histórias com a criança. É interessante perceber, no caso do relato dessa família, que aparecem o verbo ‘gostar’ (de ler) associado à ideia de que faziam isso ‘com’ a criança, fato que chamou minha atenção, apesar da maior objetividade das respostas dessa família às questões apresentadas. Em semelhança às crianças da **F1** e **F2**, a criança da **F3** também costumava pedir para que os pais liam ou contassem histórias para ela. Conforme explica Rodrigues (2016), toda criança adora ouvir histórias, principalmente quando são contadas pelos parentes mais próximos, tais como mãe, pai e avós, entre outros familiares. Assim, confirma-se a ideia defendida por diferentes estudiosos/as do tema – conforme procuro mostrar ao longo desse texto – de que a contação de histórias, além de oferecer um insumo positivo, desenvolve na criança o grau de afetividade e amorosidade coletivo. Existem várias estratégias e possibilidades que os pais ou a pessoa que cuida da criança possam usar na rotina do seu dia a dia para desenvolver a contação de histórias na convivência familiar, o que acaba incentivando o hábito de leitura, a ampliação do domínio linguageiro da criança, deixando boas lembranças para uma infância feliz. Vale destacar, ainda, que para a contação de histórias os livros que tem gravuras e que as imagens falam por si, trazem algumas possibilidades que podem colaborar nesse sentido. Dessa forma, usando a criatividade para prender a atenção da criança, fazendo caras e bocas, imitando sons etc, elementos indispensáveis para tornar a narração mais criativa,

intensifica-se a qualidade de entreter e fazer que esse acontecimento se torne um momento mais lúdico e agradável possível para a criança.

Nessa direção, Loureiro et al. (2021, p. 9) explicam que:

As histórias lhe possibilitam descobrir novos mundos, encontrar outras formas de agir e, assim, vão aprendendo de tudo, e mais um pouco, envolvida pelo espanto, pela curiosidade, pela emoção, de modo prazeroso e divertido. E como nessa fase a criança ainda não lê nem escreve, a história vem auxiliar no desenvolvimento da oralidade, ampliando o seu vocabulário, estabelecendo e fortalecendo laços afetivos.

Quanto à **F4**, a mãe afirma que não tinha o hábito de ler histórias para a criança, porque quando começava a ler para e/ou com a criança, a pequena não deixava e não queria que lia para ela, pois não se prendia muito, apenas queria olhar o livro e começar a falar balão, peppa pig, casa e mamãe. No caso, a criança queria somente observar as figuras e dizer o que já conhecia delas. Logo, começava a puxar o livro e falava casa, carro, etc. Assim, começava a apontar os desenhos, querendo folhear o livro e mostrar o que ela estava a observar no desenho. Talvez, o não interesse da criança revelava toda uma representação que tinha do espaço, de material, de quem tinha 'legitimidade' para realizar a leitura e fazia perguntas. A parte esse aspecto relatado pela mãe, na casa dessa família tinha muitos livros e a criança adorava manuseá-los. Mas, a leitura era feita pelas figuras, pois conforme a mãe, esse era o modo que elas liam.

É interessante observar que a criança de **F4**, que estava com 2 anos e 2 meses, ainda não desenvolvia a atenção concentrada para escutar uma leitura de história. Compreendo que é importante levar em consideração que cada criança tem o seu tempo para aprender, mas uma criança que cresce num ambiente de cultura letrada costuma viver processos cognitivos iniciais de oralização e alfabetização desde muito cedo, criando as suas experiências naquilo que lhe interessa vivenciar. O que estou a dizer é que esse interesse é/pode ser aprendido com as interações não passivas da criança naqueles momentos de contação de histórias. A esse respeito, há todo um conjunto de ideias, especialmente do campo dos estudos de mediação em leitura, com as quais são difundidas atividades lúdicas constitutivas e complementares à contação/leitura de histórias provocando uma aprendizagem prazerosa. Até por ter aprendido a escutar histórias desde pequena, uma criança da mesma idade que ela, normalmente já teria aprendido a gostar de ouvir narrativas. Todavia, esse seu aparente 'desinteresse' pode ser também considerado normal, se interpretarmos que sua ação de nomear as figuras já é o início da sua aprendizagem de contar/ler histórias. Ou seja, mesmo não estando interessada em ouvir a leitura da história por sua mãe, essa criança também estava no processo de

aprendizagem da oralização independente de ser um estágio diferente de outras crianças da mesma idade e de contexto cultural semelhante.

Para Vasconcelos (2022, p. 2-5), o estágio sensório-motor, conforme definido por Piaget, “se encaixa na criança de 0 a 2 anos e é marcado pela criança não representar objetos mentalmente, mas por sensações e ações”. Além disso, a autora destaca, ainda, que o “ato de contar histórias como recurso psicopedagógico possibilita o fortalecimento de vínculos, o acolhimento e a mudança de comportamento mediante o despertar e a tomada de consciência, independente da faixa etária”. Mas, alerta para o fato de que quando “a criança mostra um comportamento inadequado, para ajudá-la é necessário o uso da linguagem correta, procurar entender o porquê ocorre determinado comportamento e conduzi-la a gerenciar seus sentimentos”. Porém, nos faz refletir e pensar se dentro desse contexto da aprendizagem, os pais teriam essa pedagogia. Permito-me conjecturar, a partir dessas ideias, uma vez que a entrevista não me possibilitou averiguar com a precisão desejada, a possibilidade de que essa criança da **F4** tenha vivido uma experiência mais frágil de contação de histórias, processo que vem sendo, “cada vez, mais utilizado pelos pais” que é “o contar histórias para o bebê ainda na barriga da mãe”.

Essas ideias justificariam, ao menos parcialmente, o fato de que nas convivências familiares dessa criança, observa-se que a interação era mais pela questão das brincadeiras com os livros como objetos de manipulação, ainda sem a intensidade do desejo de conhecer a história que eles contavam. Todavia, conforme pude compreender julgo importante destacar as ideias de Vitta et al. (2018), para quem a brincadeira oportuniza à criança experimentar e cultivar novas experiências, treinar, aprimorar e desenvolver a capacidade motora, cognitiva e emocional, ao mesmo tempo ganhando a sua autonomia e independência, deixando a sua marca enquanto ser social no mundo.

Na **F5**, os familiares também tinham o hábito de contar histórias para a criança e seguidamente faziam isso. A criança dessa família, semelhante à **F4**, também tinha muitos livros em casa, e explorava outras atividades além da leitura. Durante a contação de histórias a pequena da **F5** também não ficava muito quieta para escutar a história, mas a mãe usava estratégias como os ‘dedoches’ para convidar a criança a participar da contação de histórias, o que configura outra qualidade à convivência. Em Loureiro et al. (2021, p. 5), compreendo que “contar histórias possui características de uma arte, uma arte que requer do narrador

habilidade, conhecimento e poder de envolver as pessoas, no sentido de despertá-las para o prazer de conhecer, de viver e de estar no mundo”.

Então, é de se compreender que segundo Bastos (2021), o fato de a criança crescer numa família com experiências e hábitos de ouvir histórias, quando for para a escola já traz desde essa convivência familiar acervos culturais que auxiliam na leitura do mundo e das palavras. O interessante é que as pessoas são capazes de fazerem interpretações dos acontecimentos cotidianos mesmo antes de saberem ler ou escrever, isto devido às experiências que tiveram na infância além dos muros da escola. Por sua vez, Ourique (2009) e Ferreira (2021) afirmam que ouvir histórias é importante, porque além das crianças aprenderem a lidar com suas emoções, cultivam o hábito de querer ouvir os outros, ter conhecimentos e formação dos seus valores, ver as suas diferenças e ter relações sociais, sempre respeitando as pessoas. Mas, também ampliam o universo vocabular, potencializando a sua imaginação na escuta dos ditos e não ditos (silêncios) da narrativa literária (Bajour, 2023). E, isso faz com que a criança viva uma ação educativa muito grande, abrindo caminhos para desenvolver a linguagem, enriquecer o vocabulário e a inteligência, agregando sentidos outros aos seus pensamentos.

Contudo, além das brincadeiras, que também são implicações necessárias para que as crianças ampliem os vocabulários, podemos compreender em Gabriel e Morais (2017), que os livros de um modo geral são as grandes fontes de palavras novas e ricas de sentidos que ampliam e ressignificam, conforme a narratividade, material rico em gêneros e tipos textuais. Nesse sentido, o adulto que cria o hábito de leitura compartilhada na família com e para a criança, está oferecendo oportunidades para que ela esteja exposta a uma quantidade muito grande de palavras e sentidos complexos, permitindo que essa criança, desde cedo, ganhe espaço e voz na sociedade, ao criar e apresentar raciocínios lógicos que fortalecem a sua capacidade em reconhecer as palavras. Além disso, se pode observar que na leitura compartilhada com a criança, o adulto abre caminhos para discutir o significado das palavras e à medida que fazem isso estão inserindo novas palavras na rede de conhecimento que faz parte e vai constituindo o repertório linguístico da criança. Portanto, aumenta-se o gosto e o prazer pela leitura na convivência familiar, o que implica no adensamento de conhecimentos em decorrência do contato diário com novos vocabulários e sentidos próprios das histórias literárias.

Quadro 2. Questão 3 - Em que momento do dia costuma fazer isso?

F1	F2	F3	F 4	F5
<i>Na maioria das vezes de noite, antes de dormir a gente conta uma historinha.</i>	<i>Quando ela está em casa, nos finais de semana. Tem o hábito de ler histórias no banheiro. Lemos aqui durante as brincadeiras.</i>	<i>No final da tarde normalmente, depois do jantar, depois que eles tomam banho.</i>	<i>Ah, de manhã como fica só eu e ela, a gente faz isso. A noite no quarto quando a gente vai deitar, aí a gente fica brincando com esses livros.</i>	<i>Antes de dormir as vezes a gente conta uma historinha. Nos finais de semana acontece também. Final de semana a gente pega, claro que é com mais frequência, às vezes de manhã, às vezes de tarde, às vezes de noite também.</i>
	<i>Enfim, não tem horário definido não: é antes de dormir, quando está brincando.</i>		<i>Ela pega os livros e fica folheando os livros, tem livros que tem mais gravuras, ela fica ali mexendo. Ela repete os nomes. Então são vários momentos assim, que acontece essa leitura, desta maneira.</i>	<i>Mas, durante a semana não são todas as noites.</i>

Fonte: Elaboração da autora (2023)

No **Quadro 2**, podemos observar que na **F1**, os familiares tinham o hábito de contar histórias para a criança, na maioria das vezes, de noite antes de dormir. E, isso corresponde ao que pensam Gabriel e Moraes (2017, p. 43) quando afirmam que “convém lembrar que há vantagem em que a leitura compartilhada no seio familiar tenha frequentemente lugar à noite e que, depois dela, a criança possa dormir tranquilamente. Durante o sono tem lugar a consolidação das recordações e da aprendizagem”. Mas, obviamente, se for uma criança que tenha jornada dupla numa creche, esse espaço e prática de leitura e/ou contação de histórias podem assumir um outro sentido na convivência familiar.

Já na **F2**, para a contação de histórias não tinha um horário definido, acontecia quando a criança estava em casa, nos finais de semana, e quando ela estava brincando. Além disso, a mãe pontuou que eles tinham o hábito de ler a história para a criança no banheiro, mas às vezes ela mesma pegava o livro e começava a contar a sua própria história.

Na **F3**, a leitura e/ou contação de histórias para/com a criança normalmente acontecia no final da tarde, depois da janta e do banho. Então, como na **F1**, podemos considerar que a contação de histórias se dava à noite, depois de ter terminado o dia, ou seja, depois que a criança estava a se preparar para deitar e dormir.

Na **F4**, o horário das brincadeiras com os livros acontecia de manhã e à noite, no quarto, também quando a mãe e a criança estavam juntas se preparando para deitar. No caso dessa família, a criança costumava pegar os livros e folhear, especialmente aqueles livros que tinham mais gravuras, e a pequena começava a repetir os nomes, sendo vários os momentos em que acontecia a leitura desta maneira.

Para Estevam e Souza (2021), tanto em casa como na escola, a presença do adulto é indispensável para as crianças, pois elas precisam e gostam de orientações para aprenderem a brincar com os livros. Além disso, somente a criança não consegue ter o domínio e o conhecimento das palavras que se apresentam no livro, bem como as imagens que vem junto com esse objeto. Nesse sentido, com base nos pensamentos de Catania (1999) e a minha reflexão, posso afirmar que tem momentos, dentro das interações com o objeto livro, que requerem apenas a ação corporal, ou seja, o ato de fazer/brincar sem necessariamente fazer uso da linguagem oral, mas também tem situações que envolvem a manifestação e os sentidos das palavras para que a brincadeira se torne mais lúdica e agradável. Sousa e Gabriel (2011) reforçam essa compreensão dizendo que nos primeiros anos de vida, mesmo para as crianças que ainda não aprenderam a ler, o objeto desempenha um papel muito importante. Compreendo, assim, que na primeira infância a palavra serve para indicar e nomear, sendo essa uma das ações pedagógicas, pois a criança não consegue entender a palavra separada do objeto ou o objeto separado do nome, entendendo o que às vezes não está escrito no livro ou nas entrelinhas.

Na **F5**, antes de dormir, durante a semana, às vezes os familiares contavam histórias para a criança. Nos finais de semana, a contação e/ou leitura de histórias aconteciam com mais frequência. Às vezes de manhã, às vezes de tarde, e às vezes de noite. Rodrigues (2016) afirma que os familiares que têm o hábito de contar histórias para a criança antes de dormir estão oferecendo para ela um ótimo incentivo, e ainda acrescenta que na contação de histórias os pais podem aproveitar o momento para perguntar o que a criança achou da narrativa, mas isso é feito de maneira que haja participação coletiva, interesse de ambas as partes. Em termos de semelhanças e diferenças entre os costumes das famílias participantes da pesquisa,

na F5, assim como na F1 e F3, a contação de histórias aconteciam às vezes antes de dormir, enquanto na F2, não tinha um horário definido.

Quadro 3. Questões 4 - Quais tipos de livros e/ ou histórias de tradição oral você costuma ler ou contar?

F1	F2	F3	F4	F5
<p><i>Chapeuzinho Vermelho, Três Porquinhos, Branca de Neve, Histórias sobre índios .</i></p>	<p><i>Assim ah, a história chapeuzinho vermelho, não, a gente inventa tá, até pode contar a chapeuzinho vermelho, mas a gente bota outras coisas no meio, não tem um nome específico. Menino Mogli, mas assim, inventando a história, não seguindo à risca, o conto como ele seria. Tem o Bom dia do Urso e o Rato, Pescador Jeremias, Ernesto. Livros de banho e plásticos. Livros só com formas, bichinhos.</i></p>	<p><i>Chapeuzinho vermelho. As histórias infantis da Disney. São muitos livrinhos, assim. Tipos de Histórias infantis com animais, Patrulha Canina.</i></p>	<p><i>Peppa Pig é um desenho infantil. Livros de animais, zebra, macaco, bichos, girafa, as coisas do zoológico. Livros de banheiros de plásticos que eles têm os animaizinhos, assim, né. Ai um outro que é um dos primeiros que ela gostou muito, é o livro Grandão que fala de crianças para ir ao banheiro, tinha uns bebês com vasinho. Lousa pequenininha que apaga.</i></p>	<p><i>Coleção João e o Pé de feijão, Rapunzel, Branca de Neve e Sete Anões, o livro da Malala . Livros que eu gosto muito que ela explora, Ruth Rocha. Ela gosta muito da Bruxa, Bruxa Onilda .</i></p>
	<p><i>Na verdade assim, contação de histórias a gente acaba inventando uma história. A gente inventava uma história para ela dormir. Na verdade, a história que eu contava era retratando o dia a dia dela, mas sem colocar o nome dela. Assim, ah, era uma vez uma menina com a pele branquinha de porcelana, cabelo cor de ouro, e ela começa igual a Bibi, igual a Bibi.</i></p>	<p><i>Mas muito livro, por imaginação é menos.</i></p>		

	<p><i>Então esses livros (nas estantes) a gente conta o que está escrito, mas quando a gente conta a história sem ler um livro, aí a gente vai inventando a história e vai contando conforme ela vai tendo interesse, a gente vai ampliando.</i></p>			
<p><i>História tradicional na infância, eu gosto muito das histórias dos três porquinhos. Eu gosto muito do Saci Pererê e de chapéuzinho vermelho tradicionais.</i></p>	<p><i>Histórias de tradição oral, não tem nada muito específico. Livros são autores de diversos lugares, então não seguem uma cultura específica, são livros que vêm de fora. Livros com histórias um pouco mais complexas e elaboradas.</i></p>	<p><i>Tradicionais aqui do Rio Grande do Sul com o pequeno eu acho que não, daí é já com o mais velho, com o pequeno é mais essas histórias mais lúdicas, assim, personagens mesmos.</i></p>	<p><i>Histórias tradicionais, ainda não, porque ela não entende, né, ela é muito bebê. Ela tem apenas dois anos né, então ainda não cheguei.</i></p>	<p><i>Histórias de tradição oral não aconteceram ainda. A Bíblia das Meninas ou história sagrada de meninas é uma tradição. É um dos livros que a gente conversa um pouquinho sobre a nossa cultura, a nossa tradição. Mas alguma coisa específica do Rio Grande do Sul, não, mas de origem alemã, sim. Livros que estão escritos em alemão, então eu conto para ela, mas também a gente não fala da origem. Não adianta também que nem a história do Rio Grande do Sul, só se eu tivesse um livro para mostrar para ela, mas se eu não tenho um livro, uma narrativa, não adianta dizer, o quero-quero é daqui do Rio Grande do Sul. Ela vai achar que quero-quero é um passarinho. Então ela não vai entender essa questão de cultura.</i></p>

Conforme o **Quadro 3**, na **F1**, a mãe da criança apontou as seguintes histórias: Chapeuzinho Vermelho, Três porquinhos, Branca de Neve e histórias sobre Índios. Enquanto as histórias de tradições orais, ela mencionou histórias dos Três porquinhos, Saci Pererê e do Chapéuzinho Vermelho.

Na **F2**, temos as histórias de Chapeuzinho Vermelho e do Menino Mogli que eram contadas, mas não seguiam à risca o roteiro. Ao longo da contação eram acrescentadas outras narrativas, sem um nome específico. Contavam histórias do Bom dia do Urso e o Rato, Pescador Jeremias e Ernesto. O que percebo é mantém uma estratégia mais próxima à tradição oral, mesmo tendo e adotando livros de banho e plásticos, livros somente com formas e bichos (Figura 1 e 2).

Figura 1- Acervo da Família 1



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 2- Acervo da Família 1



Fonte: Arquivo pessoal

Quando na posse dos livros, a mãe relata que contava as histórias e/ou lia o que estava escrito conforme o momento. Ou seja, na contação de histórias os familiares inventavam outras narrativas. Exemplo disso é que certa vez estavam a contar histórias para a criança dormir, retratando o dia a dia da pequena, mas sem mencionar o nome dela: *Era uma vez uma menina com a pele branquinha de porcelana, cabelo cor de ouro*⁸ ... E a criança começava a falar *igual a Bibi, igual a Bibi*. Mas, quando a história era narrada sem livros, os pais inventavam outras narrativas e ampliavam conforme a criança demonstrava interesse.

Podemos observar em Ferreira (2021, p. 21) que:

Por meio da oralidade acontece o desenvolvimento e capacidade linguística, por incrementar o vocabulário, fazendo com que uma maior capacidade de criação se desenvolva. O reconto e a criação de histórias inventadas pode ser uma excelente oportunidade para a criança desenvolver a oralidade, na medida em que nessas situações de falas espontâneas elas podem elaborar mais facilmente suas próprias histórias, desenvolvendo a sequência de ideias, a memória e a criatividade.

Em termos de histórias de tradição oral, todavia, a **F2** não tinha nada específico, baseando-se nos livros que eram de autores e lugares diversos que não seguiam uma cultura específica como a gaúcha, por exemplo, pois são livros que vinham de fora com histórias mais complexas e elaboradas. Assim, cabe destacar como semelhança entre as histórias lidas/contadas na **F1** e na **F2**, a presença da história de Chapeuzinho Vermelho.

Quanto à **F3**, igualmente, a história de Chapeuzinho Vermelho se fazia presente, mas foram mencionadas outras histórias tais como: histórias infantis da Disney, histórias infantis com animais e personagens, e Patrulha Canina (desenho animado). Além disso, a mãe afirma que as histórias de tradições orais aqui do Rio Grande do Sul com o pequeno não aconteciam ainda, porque eram contadas as histórias com personagens mais lúdicas. Contudo, na **F3**, diferente da **F2**, as histórias eram lidas a partir dos livros de, e bem menos por imaginação.

Na **F4**, temos desenho infantil de Peppa Pig, livros de animais do zoológico, Zebra, Macaco, Bichos e Girafa. Além disso, livros de banheiro (de plástico) com animais, livro que falava de crianças para irem ao banheiro, e outros livros com imagens de bebês com vaso, e por fim, uma lousa infantil. Sobre histórias de tradições orais, a mãe afirma que não tinha o hábito de contar para a criança, porque ela não entendia ainda, por ser muito bebê. Em semelhança com a **F2**, temos livros de plástico para o banho e livros com formas e bichos.

⁸ As narrativas das mães que aparecem em *itálico* dentro do texto são para diferenciar as citações dos autores usados como referencial teórico.

Conforme pontuam Estevam e Souza (2021), podemos compreender que os livros de plástico que as crianças levam para o banheiro são úteis para quem ainda não aprendeu a ler, porque são adequados, especialmente naqueles casos em que elas ainda têm o prazer de levá-los à boca.

Na **F5**, temos a Coleção João Pé de Feijão, Rapunzel, Branca de Neve e Sete Anões, Malala, Ruth Rocha, Bruxa, Bruxa Onilda, e Por que escurece à noite?. Da mesma forma, nessa família também não estava presente o hábito de contar histórias de tradição oral para a pequena. Segundo a mãe, a criança não entenderia nada apenas com uma narrativa, sem o apoio de um livro com imagens. Todavia, a mãe relatou que a Bíblia das meninas é uma tradição, e elas conversavam um pouco sobre a cultura germânica, especialmente no sentido religioso. Ou seja, alguma coisa específica de tradição oral, como as do Rio Grande do Sul, não era uma prática; mas algumas de origem alemã sim porque a partir dos livros que estavam escritos em alemão, os pais contavam as histórias para a criança. Em termos de semelhanças, nessa **F5**, assim como na **F1**, apareceu a história de Branca de Neve e os Sete Anões.

Tal como afirma Pires (2023, p. 15-17):

Na tradição oral recorre-se à expressão verbal e, conseqüentemente, surgem variações, que contribuem para uma grande diversidade de tradição oral. É de notar que a literatura tradicional contém muitos gêneros de tradição oral, como é o caso dos contos, as fábulas, as lendas, os romances, as rimas, as lengalengas, as orações, os provérbios, as adivinhas e anedotas. Ouvir histórias tradicionais permite às crianças expandir o seu conhecimento sobre o mundo, promover as suas competências literárias, desenvolver as suas competências estéticas, promover o contacto com textos de imagens simbólicas, que fazem parte do nosso património e imaginário coletivo e, por fim, dá oportunidade de experienciar uma relação afetiva com os vários tipos de literatura tradicional.

No **Quadro 3**, o que chamou a minha atenção é que das cinco famílias entrevistadas, três apontaram a história de Chapeuzinho Vermelho e duas de Branca de Neve. As histórias que apareceram mais vezes, fiz questão de ir atrás para uma busca mais detalhada, porque essas também fizeram parte da minha infância, e ainda fazem parte da infância das crianças da minha terra natal. Dessa forma, como tenho o conhecimento da história e para recordar algumas passagens, procurei nos acervos da Biblioteca da UNISC, com o objetivo de ampliar o meu horizonte e recordar algumas passagens. Narrei essas histórias num sentido mais imaginário e pela experiência com a narrativa, no sentido de viver o devir-criança enquanto adulto e trazer na escrita a memória da minha infância para que eu pudesse entender e também para que os leitores compreendam a necessidade da literatura infantil na construção e

assimilação do vocabulário das crianças a partir dessas histórias bem como das outras já mencionadas.

A reflexão que pude fazer desse fenômeno é que os pais sempre têm a preocupação de mostrar o certo e o errado para os filhos, não importando quantas vezes vão errar ao longo do processo, desde que saibam tirar das experiências de vida novas lições, ouvindo com atenção e carinho o que é melhor para se auto construírem, sendo que tais narrativas também contribuem para isso. Além disso, tal como afirmam Loureiro et al. (2021, p. 11) “ao ouvir uma história, se bem lida ou narrada, a criança aprende a correta sonoridade das palavras (...)”. Assim, minhas buscas cumprem a função de me levar a compreender melhor o que estou falando, tornando coerente a minha argumentação com os resultados da pesquisa e as histórias que mais foram apontadas.

No entanto, a partir do pensamento das autoras acima mencionadas, podemos questionar se, de fato, existe a correta sonoridade das palavras, porque os sotaques empregados em cada região ou cidade não são iguais. Isso depende da cultura local, hábitos e costumes daquela região. A forma como uma pessoa fala pode estar condicionada ao local de convivência. Mas a partir de um outro contexto, podemos afirmar que existe, sim, a correta sonoridade das palavras. Por exemplo, na leitura compartilhada de histórias, de fato, se a pessoa que está lendo ou narrar a história, pronunciam-se as palavras conforme a sua fonologia, colabora muito nesse sentido.

A história de Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, retrata a importância de obedecer aos pais, bem como a ‘valentia’ por parte da criança em superar e enfrentar obstáculos que a vida apresenta e desafia. Na história Branca de Neve e os Sete Anões a narrativa busca mostrar que a beleza interior é essencial, e a capacidade de cuidar de si é fundamental, portanto o ciúmes e a inveja não devem apagar o que há de mais essencial em nós, cada criança é única e especial. Ser humilde e lidar com assuntos importantes contribui muito para o amadurecimento. Com isso procuro mostrar que o processo de aquisição e ampliação do vocabulário oral das crianças bem pequenas não ocorre de maneira separada de uma compreensão dos sentidos dessas palavras contextualizadas pelas respectivas narrativas. Ao serem ouvidas pelas crianças tais narrativas atribuem sentidos outros às palavras, os quais lhe são apresentados com uma vinculação direta às emoções (Maturana, 1998).

Ainda há um certo conservadorismo e predominância em relação àquelas literaturas infantis mais clássicas no Brasil. Por exemplo, os acervos dessas famílias (Figura 3 e 4),

produzidos no Brasil pelos autores brasileiros com ilustrações criativas, têm dificuldades de se popularizar. Embora, aos poucos, estão abrindo espaços para tais destaques, mas, é importante pensar de que maneira essas obras poderiam chegar mais nessas famílias.

Figura 3- Acervos da Família 2



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4- Acervos da Família 5



Fonte: Arquivo da Família 5

Quadro 4. Questão 5 - Depois da leitura e/ou contação de histórias quais são as experiências de interação que se estabelecem, normalmente, entre você e a criança?

F1	F2	F3	F4	F5
<p><i>Ele não faz muitas perguntas, mas a gente pergunta para ele, assim, normalmente responde certinho.</i></p>	<p><i>Nós brincamos, ela às vezes acaba também falando da história, ou ela inventando junto.</i></p>	<p><i>Eu costumo contar história e voltar no livrinho com ele, para ele, mostrando o que ele está vendo no livro né.</i></p>	<p><i>No quarto dela tem uma mesinha com cadeirinha, então ali tem giz de cera. Eu comprei aqueles papeis grossos, sabe, blocos. Eu compro aqueles livrinhos de desenhar para ela, geralmente eu pego com animais.</i></p>	<p><i>Aí a gente conta uma história, ela pega e guarda o livro, e ela diz agora é este, daí a gente conversa um pouquinho, quando vê ela está brincando com outra coisa.</i></p>
<p><i>Ele não interage ainda direitinho, mas se eu pergunto para ele, tipo da história dos três porquinhos, o que é que o primeiro porquinho fez? aí, ele sabe, fez a casinha de madeira, de palha. Tudo ele sabe, conta e presta atenção.</i></p>	<p><i>Ela acaba criando uma música num ritmo de outrem entende, a gente pega um ritmo da música e troca as palavras.</i></p>	<p><i>E aí, ele (menino) vai trazendo algumas coisas que ele (livro) traz só a imagem, é um patinho, mas ele já começa a juntar a ação que aquele personagem está fazendo, o patinho está comendo, ele está brincando.</i></p>	<p><i>Ela pede para mim desenhar as coisas, vou desenhando, então tem esse cantinho que daí tem os livros juntos, a gente pega ali os livrinhos. A gente tem um quadro em casa, ah, na parede que é preto para escrever de giz. Aí, ali a gente faz desenhos, mas, mais é desenho de carro, nuvens, sol, então essa é a maneira que a gente desenvolve um pouco assim essa questão.</i></p>	
		<p><i>E aí, eu vou deixando ele não montar a história, mas ele me contar o que ele está vendo naquelas páginas. Eu tento sempre fazer com que ele pratique o vocabulário dele ali.</i></p>	<p><i>Ela carrega brinquedos e a gente brinca em cima da cama, assim ela gosta muito de brincar com carrinho, bola, então tem duas caixinhas que ela leva ali para cima e a gente fica ali brincando. No quarto dela também tem uma piscina de bolinha assim pequenininha que a gente colocou. Ela tem um cavalinho</i></p>	

			<i>também que ela brinca, então é assim, em alguns momentos a gente brinca junto.</i>	
		<i>Ele tem curiosidade de questionar do jeito dele na verdade. E a gente percebe o quanto isso muda ou incentiva a fala dele no dia a dia.</i>	<i>Incentivo muito ela também a ter umas brincadeiras sozinha, então ela fica se entretendo ali brincando com os brinquedinhos e tal. Ela tem um cavalinho também que ela brinca. Ela tem uma mesa musical que daí aperta como se fosse um pianinho.</i>	

Fonte: Elaboração da autora (2023)

Conforme se pode notar pelo **Quadro 4**, a **F1** pontua que depois da contação de histórias, se os familiares perguntavam à criança, ela sabia responder. Ou seja, exercitava sua oralidade a partir das perguntas que lhe eram feitas, porque prestava bastante atenção, embora ainda não sabia interagir muito bem.

De acordo com Gabriel e Morais (2017), na leitura compartilhada ou contação de histórias os pais podem fazer perguntas de diferentes tipos sobre a história lida ou contada. Os familiares podem fazer questionamentos sobre as palavras, ensinando novos vocábulos, de maneira que possa contribuir para a aprendizagem dessas palavras, principalmente quando a linguagem é o foco de atenção. Os pais podem incentivar as crianças também a fazerem questionamentos sobre as histórias lidas, porque as perguntas contribuem para ampliar ainda mais a compreensão do texto. Nesse sentido, tendo por base Pereira et al. (2020, p. 216), “As questões simples, como podemos observar, contribuem para o desenvolvimento e para a ampliação do léxico e, por outro lado, as questões complexas auxiliam as crianças a desenvolverem habilidades mais refinadas, ligadas à compreensão e interpretação textual”.

Na **F2**, depois da contação de histórias, a interação acontecia por meio das brincadeiras, sendo que nessas brincadeiras, às vezes, a criança também falava da história ou inventava juntamente com os pais, retomando a narrativa da história lida/contada. Além disso, a contação de história também inspirava a pequena a criar músicas parodiando ritmos de outras, ou seja, pegando um ritmo da música e trocando palavras. Isso corresponde à

afirmação de Larrosa (2002) de que podemos compreender que a palavra tem esse poder, pois produz sentidos, criando realidades. Portanto, a palavra tem essa força, ao mesmo tempo que fazemos coisas com as palavras, as palavras fazem coisas conosco, contribuindo para dar sentido ao que somos e sobretudo ao que nos acontece. Através das palavras nós podemos perceber, criar, inventar, mudar e descortinar sentido do/no mundo sem precisar ‘sair do chão’.

Contudo, Bastos (2021) explica, por exemplo, que quando a criança escuta uma história e depois ela conta a sua versão inventada, automaticamente está desenvolvendo a sua capacidade de imaginação e criação. Além disso, contribui muito para o processo de oralização de maneira natural, pois ela não só escuta o que está no livro e o que percebe nas figuras, mas também tem a chance de expandir a sua imaginação e criatividade por meio de novas vivências e experiências.

Quanto à **F3**, depois da contação de histórias, a mãe voltava às páginas do livro juntamente com a criança, mostrando o que ele estava vendo. Mesmo que o livro, às vezes, trazia somente imagens, por exemplo, de um patinho, começava a juntar as ações que a personagem estava realizando: o patinho estava comendo, brincando etc. Dessa forma, a mãe compreende que a criança não ia montar a história por completo, e então ela (a mãe) também falava alguma coisa do livro, momento em que a criança era convidada a narrar o que estava vendo naquelas páginas. O intuito era fazer com que a criança pratique o seu vocabulário nesse contexto. Além disso, ele tinha a curiosidade de questionar as coisas do seu jeito e quanto a isso os pais percebem que incentivavam a fala da criança no dia a dia. Para Pereira et al. (2020, p. 209):

Crianças pequenas se beneficiam quando o adulto investe no uso de questões inferenciais, as quais requerem delas processos cognitivos mais elevados, como inferência, previsão, raciocínio ou explicação, pois são os tipos de perguntas que os leitores proficientes geram para melhorar sua compreensão.

Na **F4**, no quarto da criança tinha uma mesa pequena com cadeira, giz, cera, papéis grossos e blocos, nos quais ela desenhava e pedia que a mãe também fizesse desenhos para ela. Além disso, ao comprarem os livros, a mãe pegava os que eram feitos para desenhar, e geralmente eram aqueles que tinham desenhos de animais. Tinha um canto da casa que tinha livros da criança com quadros na parede nos quais a filha escrevia com giz, faziam, também ali, desenhos de carro, nuvens e sol. Na casa dessa família tinha também uma sacada na sala, local em que a criança escrevia e desenhava com giz. Outra interação que oportuniza a oralidade, são os brinquedos que ela colocava em cima da cama para brincar com a mãe, pois

gostava muito de brincar com carrinhos, bolas, piscina de bolinhas, cavalinhos etc. Mas, essa mãe tinha incentivado a criança a realizar algumas brincadeiras sozinha. Essas interações constituem as maneiras que os familiares desenvolviam na convivência familiar.

Figura 5 - Espaço de referência da criança da Família 4



Fonte: Arquivo da Família 4

Na **F5**, depois da contação de histórias, a criança pegava o livro e guardava. Mas, em seguida, começava a falar: - *agora é este*, convidando a família a continuar lendo/contando histórias, ainda que logo passava a brincar com uma outra coisa.

Quadro 5. Questão 6 - Você costuma ler/contar histórias para a criança todos os dias?

F1	F2	F3	F4	F5
<i>Não, não é todos os dias.</i>	<i>Não, não todos os dias. Então todos os dias é lido, mais são as mesmas histórias, tanto que ela mesma sabe de cor, ela pega e vai abrindo o livrinho e vai contando as histórias às vezes sozinha também.</i>	<i>Ai, não posso dizer que são todos os dias, mas num três, quatro vezes por semanas eu acho que sim.</i>	<i>Todos os dias, mas em momentos diferentes. Ela ainda não se prende a contar historinhas. Eu acho que talvez é porque ela não vai na escolinha também, ela ainda não tem essa visão ainda.</i>	<i>Não diariamente. Os livros sim são muitos explorados, mas não diariamente. É raramente nos finais de semana que acontece, que está eu o Guto tomando chimarrão, alguma coisa assim. E ela no meio com brinquedos e livros.</i>
<i>Lá na creche a profe conta muitas historinhas para eles. Então eu acho</i>		<i>E ele tem contato com as histórias na escola também. Então</i>		<i>Na escola eles pegam seguidos.</i>

<i>que a profe conta pelo menos uma, duas vezes por semana.</i>		<i>provavelmente na escola tem essa contação todos os dias.</i>		
-----------------------------------------------------------------	--	-----------------------------------------------------------------	--	--

Fonte: Elaboração da autora (2023)

De acordo com o **Quadro 5**, percebo que na **F1** as histórias não eram lidas e/ou contadas todos os dias para/com a criança. Mas, a mãe considera que na creche a professora contava muitas histórias para as crianças, provavelmente uma ou duas vezes na semana. Para Rodrigues (2016), podemos compreender que é importante que essa rotina seja estabelecida aos poucos, porém destaca que é um momento necessário e que deve se tornar um hábito a ser compartilhado todos os dias.

Na **F2**, inicialmente a mãe afirma que as histórias também não eram contadas todos os dias, mas logo emenda dizendo que todos os dias eram lidas histórias porém quase sempre são as mesmas histórias. Segundo a mãe, mesmo que os familiares não contavam uma história para a pequena, às vezes ela sozinha começava a contar sua própria história, pois já sabia de cor. Ou seja, ela pegava os livros de histórias e, à medida que abria as páginas, começava a contar.

Conforme Bastos (2021) quando a criança resgata aquilo que ela já sabe ou conhece, que podemos chamar de nível de desenvolvimento real, ela alcança algo novo, mas neste sentido a presença do adulto é fundamental, porque ajuda a criança a alcançar algo que ainda é desconhecido, que pode ser diferente ou até mesmo surpreendente. Assim, a autora ainda afirma que nos livros de literatura infantil a criança tem essa possibilidade de alcançar um nível de desenvolvimento potencial pela mediação do adulto ou algum membro familiar que colaboram neste sentido.

Quanto à **F3**, a contação de história também não se fazia presente todos os dias, limitando-se a *possivelmente três, quatro vezes por semanas*. A criança tinha contato com as histórias na escola, provavelmente, todos os dias. De igual modo, na **F1**, também a mãe afirma que na escola a criança tinha contato com as histórias e que podia acontecer pelo menos uma ou duas vezes na semana. Assim, há uma semelhança de percepções quanto à contação de histórias na escola na **F1**, **F2** e **F3**, sendo que adotava atitude semelhante também em relação à leitura/contação de histórias nas suas casas.

Nesse sentido, vale observar em Gabriel e Morais (2017, p. 32) que:

A leitura compartilhada que ocorre eventualmente, digamos, uma vez por mês quando o avô ou a madrinha fazem uma visita, é bem-vinda e desejável, especialmente do ponto de vista afetivo, mas o grande impacto cognitivo no aumento de vocabulário e familiaridade com as estruturas características da língua escrita se dará pela leitura compartilhada frequente, diária ou quase, dos pais e professores com e para as crianças.

A aprendizagem do vocabulário e a familiaridade com as estruturas da língua se ampliam de maneira eficiente por meio de leitura compartilhada de livros, por exemplo, histórias infantis, seguindo uma rotina consistente. A leitura compartilhada de livros é uma atividade bastante crucial que colabora para aprendizagens de novas palavras, mas, ainda que, na convivência familiar a criança tenha essa oportunidade uma vez por mês quando recebe visitas de parentes próximos, também é aceitável. O papel exercido pelo sujeito aprendiz nesse sentido, é explorar palavras desconhecidas dentro daquela situação, fazendo nomeações desses vocábulos, apontando para as ilustrações presentes, desenvolvendo um conjunto de ações e estratégias adotadas que podem favorecer aprendizagens adequadas ao interlocutor.

Na **F4**, as interações e brincadeiras com livros e as atividades mencionadas nos quadros acima, eram feitas todos os dias, porém em momentos diferentes. Além disso, em termos da contação de histórias na convivência familiar, essa família tinha uma posição diferente, porque a criança ainda não se prendia na contação de histórias. E, na sua compreensão, isso se deve ao fato que ela não estava na escola ou ia à creche.

Na **F5**, os livros eram bastante explorados, mas, também, não diariamente. Acontecia mais nos finais de semana, no momento em que estava a mãe e o pai tomando chimarrão com a filha no meio deles com brinquedos e livros. Mas, segundo essa família na escola eles tinham o hábito de contar histórias seguidamente. Então, assim como a **F1** e a **F3**, a **F5** também depositava na escola uma certa parcela de responsabilidade para que as crianças adquiram o hábito de escutar as histórias, pois ‘as professoras contam sempre histórias para as crianças’.

Quadro 6. Questão 7- Durante a leitura/contação de histórias a criança costuma lhe questionar a respeito dos sentidos das palavras ou você já vai explicando ao perceber que o significado de uma palavra possa não ser do conhecimento da criança?

F1	F2	F3	F4	F5
<i>Eu já costumo assim falar para</i>	<i>Eh, ainda são histórias muito</i>	<i>Eu acho que ainda a gente adapta</i>	<i>Sim, o que significa isso, ela olha na</i>	<i>Ah, ela não questiona né, ela é</i>

<p>ele com uma linguagem que ele entenda, não usar uma linguagem muito difícil. Ele vai entender o que eu estou querendo dizer para ele, sabe, então eu costumo já usar; interagir com ele, conversar com ele da maneira que ele compreenda, porque se eu acabar falando uma palavra muito difícil, ele é uma criança de três anos, ele não vai entender.</p>	<p>simples, não são muito complexas ao ponto de ela questionar o que são as coisas, mas eventualmente se tem alguma coisa que ela não entenda, alguma palavra que ela não conheça, ela pergunta o que é, e a gente explica aquilo.</p>	<p>muito a história para realidade dele. Se o vocabulário daquela história vai além do que ele sabe, a gente ainda se adapta muito. Já conta para ele, nas palavras que ele vai entender; mas ao mesmo tempo assim, surgiu uma palavra nova que eu acho que pode fazer parte do vocabulário dele, eu tento incluir já ou deixar essa palavra na história, e pela carinha dele entende se ele sabe do que a gente está falando ou não.</p>	<p>estrada, por exemplo, ela fala ônibus, caminhão. Ela sabe identificar, porque a gente vivencia muito isso, quando aparece uma coisa nova a gente ensina, fala e ela logo aprende assim, e ela sabe o que é aquilo, então sempre que aparece, porque ela ainda não tem vocabulário muito extenso. Então quando aparece a gente sempre tenta, mas ela logo já se lembra da palavra. Ela já decorou várias palavras, já sabe, né, mas muito pela vivência também.</p>	<p>muito pequenininha, então se ela vê, se ela não conhece um copo e ela vai ver um copo naquele livro para ela, ela não vai dar bola para aquilo.</p>
<p>Se aparecer uma palavra nova na contação de histórias, a família tem a preocupação de explicar; porque ele vai perguntar; a maioria das vezes ele pergunta, o que é isso mamãe?, aí a gente explica para ele, é a mesma coisa que..., sabe, daí a gente complementa.</p>	<p>Às vezes a gente descreve além do que está escrito na história, a gente descreve a cor do pintinho, o céu, quantas árvores tem. Então tudo que compõe aquela página além do que está escrito a gente descreve para ela também, aí vai mostrando o que é cada coisa, então acho que ela acaba ampliando vocabulário por isso, porque a gente descreve além do que está escrito, às vezes a história página é só duas frases, mas a gente descreve a cena toda, né. Ela nem chega a questionar muito, porque é automático da gente já descrever</p>	<p>Ele em si eu acho que não toma a iniciativa ainda de questionar o que é, mas aí pela reação dele, pela carinha dele de se entender ou não, a gente tenta explicar e falar sobre.</p>	<p>A gente vai, a gente mostra, né, que nem animais, cachorro, gato, cavalo, tudo ela já sabe, ela aponta e fala. Se aparece uma imagem nova no livro, por exemplo, copo, daí eu o copo, ah, né, não assim isso de detalhar, né, ela tem uma xícara, e aí ela toma água no copinho dela, e aí eu disse ah, vou trazer uma água para ti, aí ela disse não, no café. Ela quis dizer que queria na xicrinha de café, ela confundiu, então daí eu, aah! expliquei, não, essa é uma xícara, esse é um copo, mas às vezes não todo tempo assim fico dizendo a</p>	<p>Ela não vai perguntar; mamãe o que é isso? né, mas eu por ser mãe, eu sei que algumas coisas do livro ela não conhece, eu já vou explicando, porque se eu não explicar, como que ela vai conhecer? né, eu entendo assim, alguém precisa mostrar para ela. Eu vou contar a história, aí ah, lá pelas tantas, eu disse aí, a Branca de Neve pegou o espelho, olha! está aqui oh, o espelho na mão da Branca de Neve! Daí, ela vai aprendendo o que é o espelho nesse sentido né, assim que a gente faz.</p>

	<p><i>o que está ali. A gente explica, normalmente ela vai nos questionar e aí a gente explica o que é aquilo.</i></p>		<p><i>explicação daquilo sabe, para quê que serve vamos dizer, mas ela sabe prato, garfo. Mas em algum momento tem essa interação sim de dizer, né. Eu digo celular, tablet, mas não assim, o tablet é para isso, celular é para aquilo, a faca é para cortar, isso não, é como se fosse uma coisa do extinto dela assim de às vezes de entender e saber que a xícara mesmo que ela ia tomar água ela chamou de café, mas foi ela que foi sozinha que descobriu.</i></p>	
<p><i>Quando a gente conversa entre nós, a gente conversa de uma maneira mais adulta, porque daí a gente sabe que não é coisa que é direcionado para ele, sabe, agora se é alguma coisa que a gente quer que ele entenda, coisa assim, daí a gente fala mais do jeito dele que a gente sabe que é para ele entender.</i></p>	<p><i>Quando ela fala, nós temos o hábito de não infantilizar as palavras, a gente não fica, ah meu 'amoiiii', não, é meu amor; sabonete. A gente não infantiliza o errado dela, né, a gente não infantiliza as palavras, a gente fala as palavras corretas, então acho que isso influencia também no vocabulário dela, ela não está aprendendo a falar coisas erradas, ela fala errado, porque não consegue articular palavras, mas nós falamos as palavras correta para ela, então acho que isso influencia.</i></p>	<p><i>A fala é adulta, nunca falei, isso é uma coisa que eu escutei muito com o meu primeiro filho que era incrível como ele falava certo desde o início, nunca, nunca, nunca falei com uma voz diferente com eles, e nem a palavra errada. A gente tenta não repetir; eu entendo que eles tem um tempo que eles precisam para aprender a falar certinho né, mas a minha fala com ele vai ser sempre certa por mais que eu acho engraçadinho o jeito que ele fala.</i></p>	<p><i>Eu falo bem na linguagem de criança infantil que nem bebê, que é tão bonitinho, então eu falo mais numa linguagem bem infantil mesmo, até algumas palavras erradas, mas com certeza não é nem um pouco na linguagem adulta mais na linguagem infantil mesmo que ela possa entender. Mas, ela (Conceição) já é mais fala de adulta, não é tão como eu que fala né, ela já gosta de falar mais séria assim, vamos dizer assim, as palavras certas. Ela não faz que nem eu, oh nenezinho, 'bisserinho', mamazinho, ela</i></p>	<p><i>Com a criança, nós falamos, eu acho bem assim interação de adultos, porque a única coisa assim oh, ah, cachorro, eu não falo olha aqui um au au au, eu falo, olha aqui um cachorro né. Olha um miau, olha um cocó, então essa é uma fala mais de bebê né. Se eu falasse, olha lá filha! olha o cocó! Gente aquilo ali não é um cocó, ele faz cocó, mas não é um cocó. Ela é uma galinha, é um galo, então a gente fala, olha lá uma galinha, olha lá um galo.</i></p>

			<i>fala travesseiro, já fala palavra correta, eu já não, eu já invento palavras.</i>	
	<i>A gente não fica assim ah, o piu piu, o passarinho, em vez de falar passarinho, falar o piu piu, não, é o passarinho né, é o pássaro, ah enfim, a gente não fica falando as coisas assim diminutivo, tudo no diminutivo, a gente tenta falar mais correto possível a palavra para ela aprendendo as coisas certas, né.</i>	<i>Quê que é? Ah colher, ele fala 'pelher' e não tem jeito, é "pelher". Gael, é colher, ele, é 'pelher', tudo bem, ele não está conseguindo falar certo, mas eu continuo tratando que eu vou lá dar a colher para ele, e aí nesse momento eu não tento corrigir a palavra, claro tento dizer para ele que está errado, mas se eu vejo que ele não está conseguindo falar certo, eu deixo ele falando do jeito dele, mas toda vez que eu vou falar a palavra eu reforço, a colher, Ga, pega colher.</i>		<i>Então a gente fala olha lá uma galinha, olha lá um galo, a gente não fica fazendo mimimi com ela né, porque eu acho que a criança demora para aprender. Ela aprende uma coisa e depois ela aprende o correto, nesse sentido.</i>
		<i>Que eu percebo lá em casa é muito nessa linha do que eu te falei de está conversando tempo inteiro com eles, falando sobre o que está acontecendo, atividade do dia a dia mesmo, claro adaptando aí, alguma coisa de vocabulário, mas no mesmo tom de voz, não vou mudar o jeito de falar. No que eu percebo é muito isso sim, que tem ajudado eles a desenvolverem o vocabulário e a</i>		

		<i>fala de forma tranquila.</i>		
--	--	---------------------------------	--	--

Fonte: Elaboração da autora (2023)

No **Quadro 6**, vejo que a mãe da **F1** afirma que costumava, ao contar/ler histórias, falava para a criança com linguagem simples que ela podia compreender, facilitando a sua compreensão do que estava sendo dito. Nessa convivência, a mãe acreditava que se ela falava palavras muito difíceis, a criança não ia entender porque tinha apenas três anos. Então, durante a leitura e/ou contação de histórias, se apareciam palavras novas, a família tinha a preocupação de explicar, pois na maioria das vezes a criança perguntava: - *o que é isso mamãe?* Segundo essa mãe, eles explicavam para o pequeno, apresentando sinônimos e exemplos como: *é a mesma coisa que*, e depois complementavam a ideia. Essa mãe pontua, ainda, que quando estavam a conversar entre adultos, a conversa seguia o padrão deles, porque sabiam que não era direcionada para a criança. Mas, se for assunto que envolvia ela e queriam que participava, então eles falavam de maneira mais compreensível para ela, tentando fazer que a criança os entendesse.

Quanto à **F2**, as histórias lidas/contadas eram simples, evitando aquelas mais complexas ao ponto da criança questionava o que era determinada coisa, mas em algum momento, se aparecia palavra que a criança não conhecia ou não entendia o significado/sentido, ela perguntava e/ou questionava e os pais explicavam. Chama a atenção o cuidado alegado quanto ao fato de que às vezes, descreviam a narrativa além do que estava escrito ou aparecia naquelas páginas, descrevendo e mostrando cada imagem, por exemplo, a cor do pintinho, o céu, quantas árvores tinham etc. Ou seja, tudo que compõe aquela página. Nesse sentido, os pais acreditam que ampliam os vocabulários da criança, porque mesmo que a história tenha poucas frases, eles descreviam toda a narrativa. Então, a criança não questionava muito uma vez que já tinha sua curiosidade atendida nesse detalhamento da narrativa, nessa mediação da leitura.

No mesmo sentido, quando falavam com a criança, os familiares tinham o hábito de não infantilizar as palavras, mesmo que a própria criança ainda não as pronunciava de maneira adequada. Ou seja, não articulavam as palavras de maneira errada, como por exemplo, falar *'amoiiii'*, em vez de amor, *'piu piu'* em vez de passarinho e/ou pássaro, *'samenete'* em vez de sabonete. Dessa forma, na convivência dessa família não era realizada uma correção imediata/direta das pronúncias da criança, mas sim a partir da fala da palavra

de maneira correta. Essa mãe afirma que não articulavam as palavras no diminutivo, porque pensam que tudo isso tem um grande impacto no vocabulário da criança, e se ela estava apresentando pronúncias inadequadas era porque ainda não aprendeu a forma correta da pronúncia daquele vocábulo.

Na **F3**, os familiares adaptavam a história para a realidade da criança, pois se o vocabulário das narrativas ia além do que ela conhecia eles tinham a preocupação de contar/ler as histórias usando as palavras que o pequeno podia compreender. Mas, ao mesmo tempo, quando aparecia uma palavra nova e que a mãe acreditava que podia fazer parte do repertório da criança, então ela tentava explicar para que a criança a incluía no seu vocabulário. Essa mãe explicou, ainda, que se houver o caso de uma palavra que não era explorada dentro do contexto, mesmo a criança não tomando a iniciativa de questionar, era possível perceber pela sua ‘cara’ (atitude/linguagem corporal) se estava, ou não, a compreender do que estavam falando.

Além disso, a mãe afirma que sempre falava para a criança com uma pronúncia adulta, porque teve uma experiência positiva nesse sentido com o seu primeiro filho com o qual, também sempre falava as palavras de maneira certa. Dessa maneira, os familiares tentavam não repetir as pronúncias inadequadas das crianças porque tinha um tempo que elas precisavam para aprenderem a pronunciar de maneira correta. Essa mãe, mesmo considerando que o jeito do seu filho falar era engraçado e carinhoso, afirma que mantinham as suas falas com o filho sempre de maneira adequada.

Nesse sentido, se a criança pronunciava ‘*pelher*’ em vez de colher, a mãe sempre tinha a preocupação de reforçar, no mesmo momento, a pronúncia adequada da palavra, explicando para ela a forma correta de se pronunciar. A exceção era quando ela via que a criança não estava conseguindo alcançar a fonética da palavra, então deixava a criança falar do jeito dela, todavia sempre que a criança ia falar a palavra, ela reforçava a pronúncia desejada. Além disso, segundo a mãe, às vezes adaptavam alguma coisa do vocabulário, mas procuravam manter o mesmo tom de voz, não mudando a entonação.

Na **F4**, a mãe afirma que sempre costumava falar o significado das palavras ou imagens para a criança. Disse também que se a pequena ficava a olhar, por exemplo, nas estradas durante as viagens, logo sabia o nome das coisas que via, e começava a falar *ônibus*, *caminhão* etc, porque eles vivenciaram muito isso. Ou seja, compreendi que quando aparecia algo novo, os familiares logo ensinavam para a criança, e ela aprendia e lembrava, tendo

várias palavras ‘decoradas’ (aprendidas) no seu repertório, o que deve, segundo a mãe, à (con)vivência. Então, sempre que aparecia alguma palavra ou objeto novo a mãe mostrava para a criança porque percebia que o seu vocabulário não era muito extenso.

O que despertou o meu interesse é que a mãe disse que se aparecia uma imagem nova no livro, por exemplo, copo, ela não ficava detalhando sempre ou explicando para que serve. Nesse sentido, a mãe deu o exemplo de que teve um momento que ela disse que ia trazer água para a criança, e a pequena falou, no café, porque confundiu o copo com a xícara. Queria falar na xícara do café. Então a mãe explicou, isso é uma xícara, esse é um copo, mas isso às vezes, não sendo todo o tempo que ela dava explicação das coisas e para quê que serve. Ainda pontua que até podia falar celular, tablet, mas não ficava dizendo, o tablet é para isso, celular é para aquilo; a faca é para cortar, por exemplo.

Para Góes e Cruz (2006), as palavras não podem ser consideradas fora do seu contexto ou situações, pois existem várias situações em que a mesma palavra possa ser usada, adquirindo e indicando sentidos diferentes. Sousa e Gabriel (2011) reforçam essa compreensão ao afirmarem que a palavra não é neutra, mas sim polissêmica, podendo ter dois ou mais significados. Nesse sentido, portanto, destaca-se a importância da criança desenvolver o vocabulário desde os primeiros anos de vida, oferecendo oportunidades de aprendizagens durante a leitura compartilhada, (Dias et al. 2019), sendo uma habilidade que vai sendo aperfeiçoada desde a fase pré-escolar.

Chama a atenção perceber que essa mãe, quando estava falando com sua filha, inventava palavras e articulava pronúncias de maneira equivocada, imitando um bebê ou criança bem pequena, porque achava muito bonita essa forma de falar das crianças que estavam aprendendo a oralidade. Ela ainda afirma que não utilizava uma linguagem ‘adulta’, para que a criança podia interagir com ela. Mas, tinha uma babá (Conceição) que cuidava da criança e que pronunciava as palavras de maneira correta. Aqui, vale lembrar de Flôres (2016) quando pontua que uma criança, ao escutar sua mãe, pai ou outros membros familiares dizendo algo numa determinada situação, ela registra essa palavra no seu repertório, o que implica, grosso modo, em um duplo processo de oralização dessa criança.

Quanto à **F5**, a mãe afirma que a criança por ser pequena, não questionava nada na leitura e/ou contação de histórias. Essa mãe exemplifica que se ela via um copo nas imagens do livro mesmo não sabendo ou reconhecendo que aquela imagem representa um copo, ainda não dava a mínima importância, e não apresentava curiosidade em perguntar: - *mamãe o que*

é isso? Na sua condição de mãe, sabendo que a criança não reconhecia algumas coisas do livro, sentia a necessidade de explicar, alegando que se ela não explicava, a criança não ia exercitar esse processo de reconhecer a imagem de objeto e nem sabia para que serve: - *alguém precisa mostrar para ela.* Dessa forma, à medida que a mãe contava a história para a criança, reservava momentos para falar, por exemplo, *a Branca de Neve pegou o espelho... _ Olha! Está aqui, o espelho na mão da Branca de Neve!* Assim, com esses diálogos de convivência e mediação da leitura, pensa que a criança aprendia o que é o espelho e para que serve.

Além disso, essa mãe afirma que falava e interagia com a criança adotando uma linguagem normal de adulta. Assim, palavras como cachorro, gato, galinha/galo, não eram apresentadas à criança como *au au au, miau, cocó*, mas sim: - *Olha aqui um cachorro, gato e galinha ou galo*, porque pensa que esse era um linguajar mais de bebê. Ou seja, os familiares não ficavam fazendo *mimimi* com a criança, porque compreendiam que se ela aprendia a pronúncia errada das palavras e só depois as certas, ela demoraria um tempo maior para desenvolver a fala. Nessa direção, Silva (2022, p. 15) afirma que “em idade de 2 anos as crianças começam a aumentar suas aprendizagens à medida que vão ouvindo novas palavras e observando os costumes e situações ao seu redor, se apropriando dessas novas palavras que vão se tornando aos poucos familiares e fazendo parte de seus vocabulários”.

Em síntese, entendo que para muitos pais, como a criança ainda é bem pequena, há essa compreensão de que para que a comunicação seja feita é necessário fazer mudanças na pronúncia de alguns vocábulos, de maneira que não haja barreiras nas trocas de diálogos. Entretanto, penso que é importante compreender também que aprender e ensinar palavras difíceis para as crianças faz com que elas compreendam e tenham uma percepção bem mais abrangente dos diferentes sentidos das palavras, desde que esse uso de vocabulários difíceis não seja muito exagerado, dificultando e tornando incompreensíveis as ações de comunicação. Nessa fase inicial de oralização, penso que as palavras simples também precisam ser usadas, dentro de diferentes contextos para que possam ser lembradas tornando contínua a aprendizagem. Assim, não há dúvidas de que com o tempo a criança aprenderá e terá autonomia para falar pronunciando corretamente as palavras.

Porém, acredito e entendo que deixar de falar de maneira infantilizada não é um processo muito fácil, especialmente para uma pessoa que é mãe pela primeira vez, estando diante desse ‘milagre’ de um novo começo, sentindo a amabilidade e o sorriso de uma criança tão pequena que ela mesma gerou no seu ventre por nove meses, e sabendo que essa fase da

infância passa muito rápido e que daqui uns anos aquele bebê já estará em um novo ciclo de vida. Mas também é preciso compreender que temos um outro aspecto importante do que podemos chamar de manhês ou *motherese*, “sabe-se que essa modalidade de fala – denominada manhês ou *motherese*, ou *child directed speech* – CDS; em português, fala dirigida à criança - FDC – parece ajustada às características do interlocutor (bebê na fase pré linguística)” (Mendes e Pessôa, 2013, p.18). Ou seja, é importante não se dirigir a uma criança como se fosse um adulto, é necessário adequar a linguagem ao interlocutor com estimulação adequada e características próprias. Nesse sentido, começar bem devagar para que a criança possa complexificar a sua linguagem aos poucos. Mas conforme explicam as autoras, essa fala precisa ser bem elaborada, uma fala que:

apresenta características próprias, como clareza acústica máxima, redundância, discurso mais lento, voz em tom mais alto, expressões faciais que acompanham entonações de voz exageradas e altamente variáveis, tensão vocal nas palavras importantes, sussurros, uso repetido de um pequeno número de palavras diferentes e intervalos estrategicamente colocados (Mendes e Pessôa, 2013, p.18).

Ou seja, algumas mães afirmaram durante as entrevistas que pronunciar as palavras ‘erradas’ ou ‘infantilizar’ as falas para a criança influencia no seu desenvolvimento e, sobretudo, no que se refere aos conhecimentos fonológicos dos vocábulos aprendidos. Porém, percebo que além disso estão outras funções da comunicação e nesse sentido essa adequação das falas e pronúncias, usando expressões faciais contribuem para que se possa criar vínculos de afetos, pois essas trocas emocionais entre criança e a pessoa que cuida dela são primordiais porque complementam, completam o desenvolvimento da linguagem oral e ampliação do vocabulário com sentidos de acolhimento, de amorosidade e, portanto, de pertencimento ao mundo.

Quadro 7. Questão 8 – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?

F1	F2	F3	F4	F5
<i>Ele é um pouco acanhado, interessado e participativo.</i>	<i>Ela conversa bastante, não é silenciosa e é curiosa.</i>	<i>A gente percebe que ele fala bastante para a idade dele. Ele é bem curioso de querer mexer, de entender o que está acontecendo e extremamente independente. Ele quer muito fazer as</i>	<i>Ela conversa, fala tudo, mas pode ver, ela não é de ficar falando. Ela é mais silenciosa, mas ela é curiosa e, é bem observadora acredito. Ela tem umas pessoas que ela convive mais que aí ela se</i>	<i>Ela é curiosa, mas a curiosidade dela não vem através das palavras, como eu te falei né, ela ainda não está na fase dos porquês, mas ela vai atrás para ver as coisas e/ou ela vira o nosso rosto e as</i>

		<i>coisas, então o que ele vê a gente fazendo ele quer fazer igual, tudo ele diz, eu ajudo, eu faço, eu abro, então ele quer abrir a porta sozinho, ele quer ligar as luzes do quarto sozinho, são coisinhas simples ainda, mas são todas as coisinhas que ele mesmo quer poder fazer, então ele está sempre bem ativo.</i>	<i>aproxima mais, né, claro óbvio, mas, ah, com pessoas estranhas já é mais difícil assim.</i>	<i>vezes aponta quando ela não quer falar. Ela é muito falante e conversa bastante. A Isabela é uma criança muito ativa.</i>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração da autora (2023)

No **Quadro 7**, a criança de **F1** era um pouco tímida, mas era interessada e participativa. Na **F2**, a mãe afirma que a criança conversava bastante, não era silenciosa, e era curiosa. Na **F3**, a criança falava muito para a idade dela, porque era curiosa, bem ativa e independente; queria mexer nas coisas dentro de casa, tentando compreender o que estava acontecendo. Dessa forma, o que ela via os familiares fazendo, queria fazer igual. Por exemplo, ela dizia, *eu ajudo, eu faço*, e queria abrir a porta e acender as luzes do quarto sozinho. Em termos de semelhanças, na **F3**, assim como na **F2**, a criança conversava bastante e era curiosa.

Percepções semelhantes podem ser vistas quanto à **F4**, quando a mãe afirma que a criança conversava e era curiosa, mas costumava ficar mais silenciosa com pessoas estranhas e de pouca intimidade. Portanto, ao falar “silenciosa” a mãe deve ter insinuado um certo grau de timidez, o que parece ser bastante comum em crianças dessa idade. Além disso, a mãe relata que a criança era muito observadora das coisas ao seu redor, denotando uma curiosidade semelhante às crianças das **F2** e **F3**.

Na **F5**, a mãe afirma que a criança era curiosa, ativa, falava e conversava bastante, mas que a curiosidade dela não vinha através das palavras, porque ainda não estava na ‘fase dos porquês’. A criança ia atrás das coisas e/ou virava o rosto de quem estava por perto quando queria falar e ser escutada. Em semelhança, na **F2**, **F3** e **F5**, a criança conversava bastante. Além disso, na **F2**, **F3**, **F4** e **F5**, a criança era curiosa. Na **F3** e **F5**, a criança era muito ativa.

Quadro 8. Questão 8 (Continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?

F1	F2	F3	F4	F5
<i>A gente tem um diálogo com ele. Ele fala assim com tanta clareza as coisas.</i>	(Não há informação explícita).	<i>Uma das coisas que eu tenho com ele desde nenezinho, é falar sobre tudo que está acontecendo, então eu sei que ele não vai entender tudo que estou falando, mas tudo que está acontecendo na rotina da casa a gente fala, né, não, agora mãe está fazendo comida, agora nós vamos trocar sua fralda.</i>	<i>Sempre tentei o tempo todo mostrar as coisas na realidade, Eu vivenciando. Eu adoro plantas, têm bastantes na minha casa, eu mostro vamos lá botar água nas plantas, vamos juntas. Eu sempre tento incluir ela nas tarefas, mostrar, vamos lá arrumar a cama com a mãe, bota aqui travesseiro.</i>	<i>Ela participa de tudo. Nós estamos o tempo todo conversando com ela. Eu coloco casaco nela, eu digo agora vai, me dá tua mão direita, agora eu vou botar tua mão esquerda, vamos botar na cabeça, oh! agora nesse buraco vai a cabeça.</i>
		<i>Enquanto a gente estava trocando a fralda fico ali conversando com ele. Então isso, eu acho que para o desenvolvimento da fala deles também ajuda muito, sabe.</i>		

Fonte: Elaboração da autora (2023)

Conforme se pode notar pelo **Quadro 8**, na **F1**, a mãe afirma que eles sempre tinham diálogos com a criança, e ela falava as coisas com muita clareza. Na **F2**, não temos de maneira explícita essa informação. Mas, de maneira implícita, percebi que nessa família os pais tinham diálogos com a criança, porque à medida que fui conversando com a mãe, observei que ela tinha muito cuidado no que se refere à infância baseada na cultura do diálogo, interações, escuta ativa e presenças sem outras distrações. As trocas e partilhas do que aconteceu na escola, são indispensáveis, como a mesma proferiu logo na questão sobre o hábito de contação de histórias, explicando que dependendo do que a criança relatava quando vinha da escola, ela tinha a preocupação de normalizar a situação. Quanto à **F3**, desde que a criança ainda era muito bebê, a mãe sempre falava com ela sobre tudo o que estava acontecendo na rotina da casa, mesmo sabendo que ele não estava compreendendo tudo. A

mãe adotava essa prática, porque compreende que isso ajudava muito para o desenvolvimento da fala do filho. A mesma atitude também é relatada pela mãe da F1.

Na F4, a mãe relata que sempre tentava mostrar para a criança as coisas na realidade, ou seja, incluindo a filha nas pequenas tarefas de casa. Por exemplo, na casa dessa família tinha bastante plantas, e quando a mãe tinha que ir colocar a água nas plantas, ela levava a filha junto para mostrar, também ao arrumar a cama, pedia a ajuda da pequena para colocar o travesseiro etc. Assim, percebo que há uma semelhança de atitudes entre as F1, F3 e F4, no que diz respeito a manter diálogos com as crianças.

Quanto à F5, a mãe afirma que eles estavam o tempo todo conversando com a criança e que ela participava de tudo. Chama a atenção os exemplos apresentados pela mãe para demonstrar essa convivência: - *agora vai, me dá tua mão direita, agora eu vou botar tua mão esquerda, vamos botar na cabeça, oh! agora nesse buraco vai a cabeça*. Então, é dessa maneira que a mãe afirma que ela estava o tempo todo conversando com a criança fato que se assemelha às F1, F3 e F4.

Quadro 9. Questão 8 (Continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?

F1	F2	F3	F4	F5
<i>A gente compra para ele Jogos de quebra cabeça, do alfabeto que daí ele sabe as letrinhas, a maioria ele já conhece, daí ele vai colocando. A gente tem tabuleiro, assim, fazem em caixa alfabeto, daí vai montando, se ele erra, a gente fala não é essa, olha bem, ai ele vai e procura, e daí tem o quebra cabeça que é de dinossauro que é de bichinhos, daí ele sabe encaixar. Carrinhos é uma coisa que ele gosta bastante, ele tem muitos caminhões. Ele tem</i>	<i>As brincadeiras, é pegar os brinquedos e falar o que é que tem ali. Ela vai criando uma brincadeira, ela pega um pote de manteiga e ela vai brincar que está fazendo comidinha. Ela nas brincadeira relata o que a gente faz na cozinha, um exemplo, vamos fazer um café, eu vou fazer um pão, vou fazer um sanduíche. Então assim, as coisas que a gente faz no dia a dia que ela vai aprendendo com a gente, ela traz para as brincadeiras e fala</i>	<i>E aí outras brincadeiras, o carrinho lá no chão, vamos fazer de conta que a gente está indo no supermercado, o que é que tu vai comprar no supermercado? O pequeno então quando a gente está brincando em casa ele pega um carro qualquer que tem um espaço para colocar coisas dentro, e aí está no mercado fazendo compras. Ele faz essa simulação nas coisas que acontecem durante o dia e ele traz para as brincadeiras dele</i>	<i>A gente escova os dentes também, a parte de escovar os dentes juntas, eu boto um banquinho, ela mesma pega já escovinha dela, ela já sabe. Ela gosta assim de participar, eu sempre procuro deixar ela participar de tudo, o banho, a gente toma juntas também.</i>	<i>A gente tem um livro com as vogais com letras, olha que a letra L, olha aqui a letra I, né, ah, isso aqui é a letra da Mamãe, essa aqui é a letra da Isabela. E agora se ela abre o livro, ela diz, olha aqui oh, a letra da Isabela, então acho assim oh, o livro ajuda bastante nesse sentido e mais também a nossa fala, a nossa interação com ela. Eu não leio ao pé da letra o livro, eu olho a gravura e ou contando, né. Olha só! que nem o João pé de feijão.</i>

<p><i>brinquedos, mas é a maioria assim, a bola e os caminhões deles, só isso, mas não tem muitos brinquedos assim.</i></p>	<p><i>nas brincadeiras, o que está fazendo ou então a gente brinca com ela, faz um cappuccino que é um café, ela vem, vamos fazer um 'catutino'.</i></p>	<p><i>dentro de casa. Eu acho muito disso a gente incentivar essa conversa.</i></p>		
<p><i>Ele ainda é muito pequeno, eu acho que se a gente usa alguma coisa, comprar algo que é muito difícil ele ainda não vai saber, porque lá na creche como ele fica bastante tempo lá do que nós, lá eles ainda brincam bastante.</i></p>	<p><i>Ela fala que ela não consegue falar direitinho, ela vai lá pega um copinho, uma colher e brinca e traz o 'catutino' dela, então a gente vai falando, descrevendo, ou eu peço para ela, ah, eu quero agora um milk shake com tal coisa, então assim, ela vai aprendendo palavras novas. Mas é nas brincadeiras que a gente vai incluindo as palavras. Elas têm brinquedos, mas muitas vezes elas nem brincam com os brinquedos, então às vezes é questão da imaginação mesma, ela fala muito enquanto está brincando, ou ela pega as bonecas e aí ela conversa com as bonecas.</i></p>	<p><i>Joguinhos sim, brincadeira assim, massinha de montar, isso ele faz bastante. A gente brinca bastante do lado de fora, pega-pega, jogar bola, andar de bicicleta, de triciclo.</i></p>	<p><i>É que nem a minha tia ensinou ela a dizer a, e, i, o, u, ela passou um dia inteiro falando, era bem pequenininha e até hoje ela repete a, e, i, o, u. A gente quando vai fazer mamã, a gente conta ali 1,2, então ela já sabe contar até 5, porque a gente coloca 1, 2,3,4,5 aí ela aprendeu, mas tudo natural fazendo atividades juntas, nunca sim forçando.</i></p>	<p><i>Ela tem contato com lápis, um caderno, com outras coisas materiais de escritas. Um tablet que ela tem, quando ela mal sabia falar em junho, olha isso aqui oh, as vogais aqui oh, a, fala?. Como que é o nome desse vogal? a! e essa? é! , esse aqui? o, u, e daí ela vai falando, mas isso aqui foi em junho, Julho, agosto, setembro, outubro faz três meses e pouco atrás, aí depois disso ela logo aprendeu de 1 a 10. E daí quando a gente começa a falar, a, daí ela fala e, i, o, u, quando fala a,b,daí ela sabe que é c, d, e, daí ela tranca.</i></p>
	<p><i>Brincadeiras tradicionais é se movimentar, é pintar, brincar de massinha, então eu tenho hábito de cantar bastante para ela, de pintar. Então tem tinta, tem lápis, tem canetinha, tem adesivos para ela colar, enfim, tem um monte de coisas, materiais</i></p>			

	<i>assim, coisa de papelaria, eu adoro ir em papelaria comprar um monte de coisas para inventar coisas final de semana com ela. Meu marido fez chapéu de jacaré, então assim, a gente vai inventando brincadeiras.</i>			
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

Fonte: Elaboração da autora (2023)

No **Quadro 9**, a mãe da **F1** afirma que outras atividades realizadas pela criança envolviam Jogos de quebra cabeça, de tabuleiro, do alfabeto para encaixar as letras e outros como quebra-cabeça de dinossauro etc. Na minha interpretação, esses jogos, de modo geral, implicam no desenvolvimento do raciocínio lógico. Por fim, ela relata que a criança também gostava bastante de brincar com carrinhos, caminhões e a bola. A mãe conclui dizendo que a criança ainda era muito pequena para se entreter com objetos e jogos muito difíceis e que na creche ela também brincava bastante.

Na **F2**, a mãe afirma que desenvolvia bastante atividades que envolviam o domínio imaginário da criança com a intenção dela praticar o seu vocabulário, ou seja, atividades que permitiam à criança vivenciar a realidade e o mundo à sua volta por meio de brincadeiras inventadas que contribuem para o desenvolvimento da linguagem oral e da sua personalidade. Dessa forma, as brincadeiras eram pensadas de maneira que desenvolviam uma projeção imaginária baseada na confecção de receitas na cozinha, por exemplo. Dentro dessa experiência emocional de trocas mútuas, a preocupação sempre era descrever as atividades, incluindo palavras novas, criando novos conceitos vocabulares, de sentido e significado das palavras, os quais a criança ia guardando no seu repertório. Depois, ela utilizava esses conhecimentos nas suas brincadeiras, quando estava nas interações com os pais e no diálogo com as suas bonecas, interagindo por meio da vivência do contexto cultural no seio familiar. Além disso, essas interações também eram pensadas de maneira que geravam possibilidades de interações de modo a englobar ideias pedagógicas, desenvolvidas principalmente nos finais de semana, dando prioridade ao letramento visual na infância, por meio de pinturas, massa de modelar e adesivos que contribuem para o processo fonológico visual e o repertório que atende vasta diversidade, produzindo o seu mundo de forma dinâmica.

Quanto à **F3**, a mãe afirma que tinha interação muito ativa entre ela e a criança, dotada de um sentido próprio que desenvolvia insumos positivos e interações que incentivavam o domínio de autonomia por meio do real e do imaginário da criança. Ou seja, envolvia sua imaginação e criatividade, porque quando a criança brincava de faz de conta que estava indo ao supermercado, então a mãe perguntava para a criança: - *o que é que você vai comprar no supermercado?*. Assim, estabeleciam diálogos de cooperação, incentivando a simulação das atividades que aconteciam no dia a dia, pois conforme a mãe, *é muito importante incentivar essas conversas*. Além disso, desenvolviam também uma cultura lúdica pedagógica, pensando no desenvolvimento infantil em várias vertentes, que incluem não só brincadeiras baseadas na imaginação, mas também *com massa de modelar, brinquedo de montar, jogos pega-pega, jogar bola, andar de bicicleta e triciclo*.

Na **F4**, percebo que a cultura de observar e vivenciar era também condição de aprendizagem que a criança desenvolvia com sua imaginação a partir do que observava, pois a mãe afirma que ela gostava de deixar a criança participar de tudo, de se envolver nas atividades diárias em casa. No entanto, fazia isso de maneira que ela tivesse condições para imaginar o seu mundo mais natural possível, sem forçar nada, de tal modo que construía o seu fluxo interativo a partir das atividades que as duas faziam juntas: tomar banho, escovar os dentes etc.

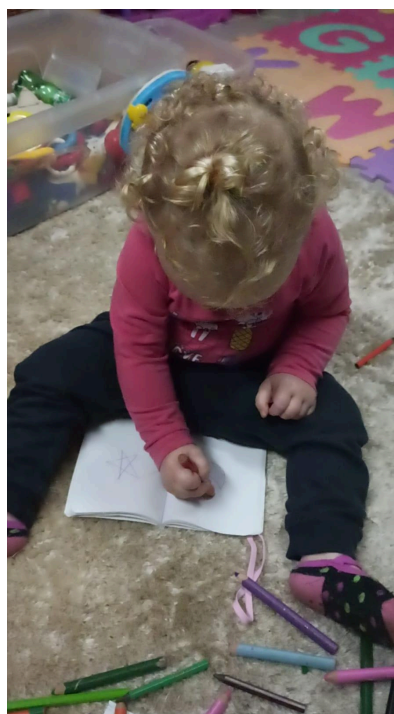
Na **F5**, a mãe pontua que promovia o desenvolvimento da criança através de livros de vogais, levando em consideração que esses livros ajudam bastante na interação e experiências que geram sentidos e significados. Mas, para essa mãe a construção do imaginário da criança na convivência familiar implicava, em algum momento, *não ler o livro ao pé da letra*, entretanto, *ver as gravuras e começar a falar: - Olha só que nem o João pé de feijão. - Olha aqui a letra L. - Olha aqui a letra I. Isso aqui é a letra da mamãe, e essa aqui é a letra da Isabela*. Além disso, a mãe afirma que usava outros tipos de atividades pedagógicas que facilitam a aprendizagem da criança (Figura 6), como por exemplo, ter contato com lápis, caderno e outros materiais de escrita (Figura 7).

Figura 6- Criança da Família 5



Fonte: Acervo da Família 5

Figura 7- Criança da Família 5



Fonte: Acervo da Família 5

Ao meu ver esses tipos de atividades contribuem muito para o pensamento imaginativo da criança e, ao mesmo tempo, colabora para provocar a atenção e a curiosidade de querer saber e aprender mais. Concordo também que alguns tipos de atividades possam acontecer de maneira natural e espontânea, mas é necessário compreender que não se trata somente de brincar, pois que o ato de brincar resulta em experiências e aprendizagens, com simulações, interações à medida que possam dar sentido ao que é experimentado. Conversar com bonecas, brincar com massa de modelar, fazer pinturas, ensinar a criança a contar, pronunciar as vogais, tudo isso colabora para o desenvolvimento da linguagem oral e, sendo assim, é importante também para que ela consiga agir independentemente em algumas situações na convivência familiar.

Quadro 10. Questão 8 (Continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?

F1	F2	F3	F4	F5
<p><i>Ele canta, volte meia está assim, quando ele está sozinho, a gente vê que ele está cantando alguma coisa, só que às vezes são musiquinhas que eles cantam na creche que a gente não conhece, daí a gente não tem muito que questionar, daí fica mais difícil, mas ele canta, são músicas educativos.</i></p>	<p><i>Ouvir músicas, sim, ela gosta, então eu coloco músicas tradicionais, ciranda, cirandinha. Ela gosta da pula-pula pipoquinha, a dona aranha. Eu não gosto muito assim de músicas que remetem funk, um exemplo, tem funk para criança, mas eu tento não, mais próximas disso é os bolofos que é uma música do pão e queijo que ela gosta, mas eu não coloco o vídeo da música para ela assistir, só para escutar, não tem desenho rodando, não tem animação da música. A gente só coloca música ou na caixa de som para ela dançar e sem estar assistindo aquela</i></p>	<p><i>A música, ele ouve muito do que a gente ouve ainda, né, então a gente escuta muito a música Gauchesca, toque Gaúcho, ele escuta muito disso, mas agora nos últimos tempos, as musiquinhas infantis, né, que a gente canta, dona aranha, as mais tradicionais, então ele sempre demonstrou gostar disso. Toquinho, que é um compositor brasileiro bem famoso, compositor infantil, ele canta aquela música, uma das músicas do CD, é patati patacolá, uma música do patinho, que daí sim, é uma música infantil. e aí, ele está bem cantado e sai</i></p>	<p><i>(De acordo com o relato da participante não há informação).</i></p>	<p><i>(Não há informações nessa parte de categorização).</i></p>

	<i>animação da música, porque é tudo muito colorido, enfim é um desenho.</i>	<i>cantando a música, e daí tem uma outra que é da foca que bate palma, ele bate palma com a foca, mas ainda é muito música que a gente escuta também.</i>		
--	------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Fonte: Elaboração da autora (2023)

Conforme se pode notar pelo **Quadro 10**, na **F1**, a mãe afirma que a criança tinha o hábito de cantar músicas educativas que aprendia na creche e vivenciar o seu próprio mundo através das possibilidades que a canção oferece. Nesse sentido, era fundamental para ela, porque quando estava sozinha, começava a interagir consigo mesma de maneira lúdica e prazerosa, desenvolvendo uma espécie de vínculo afetivo com essa canção, no entanto, segundo a mãe, os familiares *não tinham muito o que questionar*, porque não conheciam algumas dessas músicas. Tal como indica Silva (2023, p. 10-11):

A música também desempenha um papel importante na ampliação do vocabulário das crianças. As letras das músicas infantis frequentemente contêm palavras novas e diferentes contextos de uso, o que estimula a curiosidade e o interesse das crianças em descobrir o significado dessas palavras.

Na **F2**, para garantir a riqueza e a vivência que a música possibilita, aprimorando a capacidade de imaginação mais profunda na própria realidade, a mãe gostava de colocar as músicas tradicionais como *ciranda, cirandinha, pula-pula pipoquinha e dona aranha* para a criança escutar e, ela gostava bastante. No entanto, as músicas que remetem ao *funk* não são vistas como algo positivo que colabora na construção da relação familiar. Conforme a mãe, *tem funk para as crianças*, mas o mais próximo que a criança podia escutar era *bolofofos que é uma música de pão de queijo*. O interessante é que essa mãe fazia a opção para a criança apenas escutar a música na caixa de som para dançar, *sem vídeos, desenhos rodando e animação, porque é muito colorido*.

Para Silva (2023, p. 10):

Por meio das letras das músicas, as crianças são expostas a uma variedade de palavras, frases e estruturas gramaticais de forma lúdica e envolvente, favorecendo o desenvolver de habilidades de escuta, identificando sons e sonoridades. Além disso, a melodia da música auxilia a reforçar a compreensão das palavras e melhorar a memória auditiva. A repetição de letras e melodias em músicas infantis possui um papel importante de aumentar a familiaridade com as palavras, facilitando a aquisição e retenção de vocabulário. Assim a música também estimula a criança a se expressar verbalmente, cantando junto e fazendo gestos relacionados à música.

Isso promove a prática da linguagem, a articulação de palavras e o desenvolvimento da coordenação entre fala e movimento.

Quanto à **F3**, a música também é uma das possibilidades que contribui para desenvolver o espírito de humor na criança, oferecendo-lhe oportunidades para brincar e familiarizar-se com as palavras e os sons. A criança dessa família desenvolvia a capacidade e sintonia com as palavras na forma de lidar com vários toques de músicas tradicionais que os pais escutavam bastante, como por exemplo, a música *Gauchesca* e o toque *Gaúcho*, mas também escutava as músicas infantis como: *dona aranha, o pato, o patinho, a foca*. A ludicidade da música a foca oportuniza na criança uma sensação de euforia, porque ao escutar essa música *ela começava a cantar e bater as palmas como a foca faz*. Isso contribui para conhecer as formas de articular as palavras aprendidas naquela canção, promovendo uma aprendizagem por meio dos aspectos lúdicos na música infantil e tradicional representadas através da doçura de tons de vozes das personagens que delas fazem parte. Nesse sentido, vale lembrar Silva (2023, p. 10) ao pontuar que “dessa forma, a música, com sua combinação de letra e melodia, pode estimular a consciência fonológica da criança, aprimorar suas habilidades linguísticas e contribuir para a ampliação de vocabulário de maneira divertida e envolvente”.

Em semelhança, na **F2**, a criança também escutava a música de dona aranha. Na **F4**, não ficou explícito na narrativa da mãe se a criança escutava a música e cantava ao mesmo tempo, brincando com as melodias e a dimensão lúdica que a música em si proporciona ao corpo. Mas pude perceber que existiam outras pessoas próximas da criança que davam esse suporte para ela, atendendo os seus desejos e experiências, o que vou detalhar mais adiante, sustentando o prazer de aprender, vivenciar certos fatos, ao ponto que tais ações colaboram no autodesenvolvimento e num universo com significados estruturados para a criança. Nesse mesmo sentido, também na **F5** deixo mais especificado em outro quadro de respostas, mais adiante, o que me ajudou nas considerações de que a música, de fato, é considerada como uma das principais questões lúdicas para a criança, carregando valores e simbologia da cultura familiar.

Quadro 11. Questão 8 (Continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?

F1	F2	F3	F4	F5
<i>Ele não vai na casa dos outros amigos</i>	<i>Nos finais de semana a gente</i>	<i>Aí, é mais na escola com</i>	<i>Sim, como ela não vai na escolinha</i>	<i>Interação com outras crianças em</i>

<p><i>para brincar, não é assim de se visitar entre colegas não. Eles brincam bastante com amigos. (creche). Mas, eu tenho as minhas primas, meus parentes que têm crianças pequenas que daí a gente vai passear no interior eles brincam.</i></p>	<p><i>costuma passear, a gente tem com que elas têm bastante contato com a natureza e que tenham disponibilidade de brincar de correr. Então nos finais de semana a gente tenta passear; vai nos avós, às vezes em amiguinho.</i></p>	<p><i>colegas, aos finais de semana que a gente tem mais tempo para sair, aí sim, ele tem interação com outras crianças. Mas o dia a dia daí é na escola, porque senão em casa é com irmão, com nós ou com os meus pais, com os avós que aí passam a manhã com ele.</i></p>	<p><i>ela tem pouco essa questão de conviver com outras crianças de brincar. Brincar na casa de outras crianças não acontece muito, porque como sou uma mãe um pouco mais velha, já perto dos 40 anos, a geração de pessoas da minha idade, das minhas amigas, das minhas convivências, não têm filhos pequenos, são poucos. A gente não tem muito contato com crianças da idade dela, muito pouco, mais é com adultos, famílias, mas ninguém tem filhos.</i></p>	<p><i>casa, é só quando a gente vai passear na casa de um casal de amigos que tem criança.</i></p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração da autora (2023)

No **Quadro 11**, na **F1**, outro aspecto interessante que a mãe salienta é que a criança não tinha o costume de ir à casa dos outros amigos para brincar, pois essa ainda não era uma prática dessa família, mas na creche a criança brincava bastante com os colegas e no interior quando iam visitar parentes. Esse fato chamou muito a minha atenção pois penso que os vizinhos, amigos e colegas também têm os seus espaços e processos de contribuição para o desenvolvimento da oralidade na infância de uma criança. Falo isso pela experiência própria ter familiares com crianças menores em casa e de perceber o quanto essa convivência colaborou na criação de memórias afetivas e no desenvolvimento da oralidade dessas crianças. Nesse sentido, também compreendo que isso somente dá bons resultados quando essa convivência atende às necessidades e desejos de aprender das crianças e são adaptadas às experiências de uma convivência positiva oferecida por outras pessoas.

Na **F2**, percebi que pensam na educação da criança em vários sentidos. As crianças visitavam os familiares, amigos e vizinhos, por exemplo, nos finais de semana, quando os familiares tinham mais tempo para passear com as crianças, e aproveitar o dia. Dessa forma, a ideia do lugar escolhido pelos pais colabora bastante, porque me faz perceber e refletir como os lugares dão sentido à vida de uma criança, sendo que é a partir daí ela conhece e elabora a

sua leitura e interpretação do mundo. Por exemplo, quando os pais procuravam oportunizar que as crianças tivessem bastante contato com a natureza para correr ao ar livre etc.

Na **F3**, conforme a mãe relata, percebi que na escola os professores oferecem um espaço social para a convivência com outras crianças, promovendo relacionamentos entre distintas culturas familiares, e o modo de ser de cada criança baseada numa infância que é necessário ser compreendida também como experiência social, desenvolvida por meio de vários contextos considerados na sociologia da infância. A mãe afirma que em casa a criança socializava com os pais, irmão e avós. Na escola é que ela tinha contatos com outras crianças, e quando saiam para passear nos finais de semana. Considero importante lembrar que partindo do pressuposto do que a mãe salienta, essas socializações de maneira global possibilitam à criança estar em contato com culturas infantis diferentes e também perceber que não são separadas das socializações adultas. Embora algumas necessidades da criança sejam adaptadas a partir dos olhares dos professores, isso não nos deve impossibilitar de pensar que também a convivência social partilhada pelos amigos, colegas não sejam essenciais, porque fornecem companheirismo e confiança às outras crianças.

Para Silva (2022, p. 11):

As crianças aprendem principalmente através da sócio interação que ocorre de maneiras distintas em casa, escola e entre amigos. Essa aprendizagem se dá através da imitação e essa imitação começa primeiro por suas famílias, tendo como principal modelo suas mães, que podemos perceber que são a principal fonte de aprendizado para seus filhos que começam a aprender as primeiras palavras ainda em casa e ainda muito cedo, antes dos 2 anos de idade.

Quanto à **F4**, a criança não ia na creche ou escola, tendo pouco contato com outras crianças. Além disso, a mãe relata que as pessoas das suas convivências não tinham filhos pequenos, então ela tinha mais contato com os adultos do que com crianças. Esses aspectos me chamaram a atenção, porque fiquei pensando como essa criança pode ganhar espaços para aprender a manifestar seus desejos, aproximar-se de outras crianças, expressar seus sentimentos etc. como reclamar que seus amigos pegaram o brinquedo, que alguém sentou na sua cadeira, lhe fez chorar e beliscou, que não está a falar com ela, e nem lhe deu um pedaço de algo que está a comer, enfim. Outro aspecto que merece ser levado em conta é que em complemento à convivência familiar, o que eu posso chamar de convivência primária, não há um ciclo que se completa pela convivência externa, em outros contextos. Na verdade, penso que as aprendizagens próprias do contexto da convivência familiar se fragilizam, porque a convivência familiar poderia envolver também aqueles aspectos externos, dando-se de maneira isolada sem que a criança possa trazer e socializar com a família o que conviveu ou

não com outras crianças, por exemplo, chegando em casa e querendo relatar como foi a sua vivência na creche com os seus amigos.

Na **F5**, a mãe destaca que a criança tinha interações com outras crianças em casa somente quando os familiares iam visitar algum casal de amigos, mas também durante a conversa pude perceber que se a pequena frequentava a escola, também interagia com outras crianças. Dessa maneira, a escola proporciona um ambiente potente de relações interpessoais, contribuindo para ampliar experiências e contatos apoiados na linguagem de forma coletiva. Assim, quando as atividades escolares envolvem uma convivência adequada colaboram para o desenvolvimento dos mais diferentes aspectos da linguagem e do universo infantil, sendo que a ampliação do vocabulário e o modo de se expressar nessa convivência complementam o vivido com suas famílias.

Quadro 12. Questão 8 (Continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?

F1	F2	F3	F4	F5
<p><i>Em casa ele interage bastante com a gente, mas assim desenhos, ele gosta de olhar na TV. A gente mostra para ele desenhos de bichinhos, ele gosta muito de dinossauros. A gente bota desenho de dinossauro ou um que tem musiquinha.</i></p>	<p><i>Elas não assistem televisão, é muito raro mesmo assistir televisão. Televisão não é a fonte de palavras novas dela não. Não tem o hábito de jogar nada de eletrônicos.</i></p>	<p><i>Eletrônicos não, ele não tem acesso ainda, não joga nada. Ele assiste TV, isso sim. O mais pequeno como ele tem o irmão mais velho que assiste o desenho, entrou no ritmo, mas ele não, a gente nota que ele não fica muito tempo à frente da televisão quando tem desenho. Ele assiste um pouco e daí ele sai para brincar, então ele não tem muito contato com tela, jogos eletrônicos, nada. Ele vai assistir ou patrulha Canina ou Blazer que é um outro desenho, mas eu acho particularmente que nesse momento do desenho ele fica muito atento as</i></p>	<p><i>Jogos ainda não, porque ainda acho que não entende né, mas desenhos ela olha, esses Peppa Pig. Ela vê vídeo de cores, ah, esses vídeos tipo assim que tem caminhão, ela gosta muito de caminhão, carrinho, e ela vê mais vídeos de cores, coisas assim. Ela não se prende muito na TV, ela pede para ligar, eu ligo desenhos, ela olha um pouquinho, mas não é nada assim, mais o celular, né. O celular sim, ela gosta, ela se prende mais, esses videozinhos assim, mas a TV ela olha mais não é aquela coisa sabe de ficar muito tempo parado ali.</i></p>	<p><i>Ela nunca pegou celular, a gente nunca deu celular para ela, nem para assistir. Jogos, nenhum, e o que ela joga assim que a gente diz assim, a gente joga bola com ela, né. A gente brinca, as outras coisas tecnológicas não.</i></p>

		<p><i>imagem do que a fala. Então na TV não desperta essa coisa assim, eu realmente tenho muita impressão de que ele fica muito mais ligado ao colorido das imagens do que a fala do desenho mesmo, porque ele não reage, ele ri junto com as personagens, aí acontece uma coisa no desenho que todo mundo cai, aí ele vai lá se atira no chão, mas ele nunca questiona uma coisa que foi falado no desenho.</i></p>		
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Fonte: Elaboração da autora (2023)

No **Quadro 12**, na **F1**, conforme já foi mencionado em outro momento do texto, a mãe retoma afirmando que embora tinham momentos de interações-diálogos com a criança na família, destaca um outro aspecto a considerar que tem a ver com os dias nos quais a criança apontava a necessidade de querer interagir com a televisão, vendo desenhos animados que mais gostava de assistir.

Na **F2**, a criança não interagiu com o mundo digital, não assistia televisão e nem jogava nenhum tipo de jogos eletrônicos. Ou seja, pude perceber que a cultura digital não era explorada no sentido de ser aproveitada como prática de interações lúdicas, divertidas que também proporcionaram aberturas às experiências próprias desse contexto. Nesse sentido, essa criança tinha poucas oportunidades de ver como as personagens atuavam, articulavam e brincavam com as palavras e sons e portanto talvez não sentia a necessidade e o prazer de trazer aquele vocabulário também fazer parte do seu dia a dia.

Na **F3**, a criança não tinha contato ainda com jogos eletrônicos, mas ela assistia televisão, porque o irmão mais velho assistia desenhos animados, então acabou entrando num ritmo. A criança não ficava muito tempo à frente da TV, apreciava um pouco e depois saía para brincar. Nesse intervalo de curto período de tempo, *a criança ficava muito mais atenta*

ao colorido das imagens do que às falas das personagens. Ele não reagia e ria juntamente com as personagens. Mas, quando as personagens caíam, o pequeno também se atirava no chão. Então, a partir do que a mãe falou, isso contribui bastante para o desenvolvimento das habilidades motoras. Mas, penso que também apresenta outras contribuições que eu considero necessárias ao seu desenvolvimento e que podem ser acessadas em canais de televisão que transmitem programas adequados, oferecendo diálogos pedagógicos criativos. Ou seja, podem promover aprendizagens significativas, colaborando na ampliação do vocabulário e no processo da linguagem oral.

Quanto à **F4**, a mãe salienta que a criança não jogava jogos eletrônicos, mas assistia televisão, vendo desenhos animados. A criança não ficava muito tempo parada à frente dela, mas isso já era diferente quando se tratava do celular, porque isso, sim, lhe chamava bastante atenção e ela usava por mais tempo. Outro ponto que eu considero importante ressaltar, é que o uso excessivo desses aparelhos eletrônicos pode influenciar o comportamento da criança, impossibilitando de viver cada fase da sua infância dentro do seu tempo. Enfim, penso que quanto mais se tenha um controle consciente do seu uso, melhor para desenvolver outras habilidades que são provocadas por diversos fatores externos.

Na **F5**, a mãe aponta que raramente houve necessidade da criança pegar o celular na mão para assistir algo. Ou seja, durante a nossa conversa, como foi observado em outra família, pude perceber que também essa criança não estava inserida no contexto tecnológico de maneira que comprometia a construção do significado dessa cultura para o seu mundo. Os momentos de lazer eram aproveitados para brincarem juntas e se exercitar um pouco, jogando bola e fazendo outro tipo de brincadeira.

Em síntese, não busquei uma compreensão desde raízes sobre essas discussões, porque o foco principal deste trabalho não é discutir especificamente a questão da importância das tecnologias na ampliação do vocabulário e desenvolvimento da linguagem oral, o que cada família deve fazer ou deixar de fazer, mas no que tange às aprendizagens de palavras em diversos gêneros textuais, de um modo geral, se esses aparelhos eletrônicos foram usados de maneira saudável com o tempo limitado de uso, evidentemente contribuirão de alguma forma para o aprimoramento da linguagem oral na convivência familiar.

Quadro 13. Questão 8 (Continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?

F1	F2	F3	F4	F5
(Não há informação).	<i>Ele (meu marido) senta, ele brinca, esse final de semana eles brincaram muito de mercado, ela era a titia do mercado, a funcionária do caixa, né, aí ela sentava aí vinha com a bacia com algumas coisas da cozinha. Eles brincaram bastante de mercado, ela pegava controle remoto e fazia como se estivesse apitando os itens do mercado, né. Ela gosta de brincar e ele brincou com ela, ele puxou essa brincadeira.</i>	<i>Tudo que a gente faz eles vão junto, então dias que precisa fazer compra no mercado ele vai. O final da tarde tem que passar no mercado para comprar pão para janta, pão para o café da manhã, essa rotina da casa a gente faz assim com que eles participam bastante, então um dia vai no mercado, vai abastecer o carro e tudo sempre conversando muito com eles. No mercado tem a interação de dizer, agora nós vamos comprar maçã, banana.</i>	<i>Ela adora ir no mercado, ela chega no mercado e ela já pede para ir no carrinho, ela senta no carrinho do mercado dentro, aí a gente bota as coisas dentro do carrinho, aí ela fica lá dentro, gosta de ver as coisas.</i>	<i>No mercado a gente leva ela, não todas às vezes, porque às vezes eu busco ela na escolinha, às vezes meu marido busca. No mercado para explicar as palavras, às vezes sim, às vezes não, depende do momento. Ah no mercado talvez a gente não tenha tanta essa interação com ela, mas em casa na hora de guardar as compras sim.</i>

Fonte: Elaboração da autora (2023)

No **Quadro 13**, na **F1**, por ser o primeiro contato, não consegui informações através do relato da mãe afirmando que no supermercado tinha a interação com a criança, no que tange a ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem oral por meio da leitura do cotidiano. Ou seja, como acontecia a interação no supermercado e, fazer com que a experiência de ir às compras com a criança, observando os ingredientes contribuam para experiências enriquecedoras na elaboração de significados para o seu mundo. Considerando que no supermercado existem várias maneiras dos familiares aproveitarem a ida às compras para explorar com a criança os conceitos de algumas palavras escritas nos ingredientes, mas também cores, imagens, enfim. Como destacam Garcia; Sebastiany e Gabriel (2024, p.119), “o supermercado se constitui, assim, como um espaço comercial onde a leitura se torna parte fundamental na jornada da compra, a qual é enriquecida com elementos visuais e sensoriais que tornam a experiência mais envolvente e a complexificam”.

Quanto à **F2**, observei outro tipo de interação que envolve o supermercado que também considero necessária para ensinar as experiências de aprendizagem por meio da leitura da vida cotidiana. Posso tomar como exemplo, baseada na citação de Garcia et al. (2024, p.119), “chegando lá, João começa a perceber a grande quantidade de palavras, cores, formas e números que há nas prateleiras, o que o leva a iniciar uma divertida busca pelos ingredientes”. Nesse sentido, leitura de diferentes suportes e gêneros textuais que aparecem na lista de compras, encartes, propagandas, etc. É dessa forma também que observo na convivência dessas famílias quando a criança era exposta a uma ampla gama de variações linguísticas que contribuem para outros tipos de atividades que colaboram na ampliação do vocabulário. Outro benefício importante que pude observar é que a mãe não afirma diretamente que no supermercado eles proporcionavam à criança uma vasta variedades de interação com os ingredientes, a fim de que resulte em aprendizagens por diversos contextos e gêneros textuais, mas a criança e o pai, *às vezes brincavam de estarem no mercado, ela vinha com a bacia com algumas coisas da cozinha, no qual fazia de conta que era funcionária da caixa, usando o controle remoto, fazendo como se estivesse apitando os itens do mercado.*

Na **F3**, a mãe afirma que quando eles precisavam ir ao mercado para *comprar pão para jantar e café da manhã, abastecer o carro*, as crianças iam junto, sempre mantiveram uma conversa específica para cada necessidade. Isso ajuda a desenvolver a linguagem oral, porque pude perceber que a integração da criança acontecia de diversas maneiras, ampliando a possibilidade de ter contatos com várias formas de conhecer novas palavras que intensificam ainda mais a aprendizagem de vocábulos novos no contexto familiar. Em síntese, a dinâmica dessa família com a criança, segundo a mãe, se dava por diversas maneiras: - *agora nós vamos comprar maçã, banana etc.*

Na **F4**, a mãe não afirma de maneira transparente que explorava o conceito e sentido de algumas palavras no mercado com a criança, mas sim, explica que a pequena gostava de ir ao mercado e sentar no carrinho de compras, observando a mãe colocando as compras dentro do cesto ou carrinho. No exemplo mencionado por ela, considero que esse tipo de interação é passiva, porque quando não oportuniza experiência significativa, envolvendo a criança na ação, então o processo é mais lento, mas acredito que em algum momento tinha sim essa interação-diálogo com a pequena.

Na **F5**, observei que a oportunidade de aproveitar para interagir com a criança era adaptada por meio de diversos contextos e realidade no momento, porque a mãe salienta que a criança ia ao mercado com eles, mas nem sempre acontecia a interação de pegar os ingredientes explorar o que nele estava escrito, observar as cores, sentir o cheiro e aroma dos alimentos, porque no mercado para explicar o conceito das palavras, pode ser complicado por causa da correria do dia a dia, mas em casa, no momento de guardar as compras, sim. Então, convém eu destacar que as interações acontecem de qualquer forma, só que no espaço diferente e, isso também é muito enriquecedor. Portanto, considero importante quanto aos aspectos que tratam sobre questões de supermercado, pois essas interações são tipos de atividades que também são necessárias e contribuem para o desenvolvimento da linguagem oral da criança dentro das convivências familiares.

Quadro 14. Questão 8 (continuação) – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?

F1	F2	F3	F4	F5
<p>(Não há essa informação).</p>	<p><i>Ela participa, a gente vai cozinhar, ela quer estar junto, então a gente fala o que está sendo feito, fala os nomes dos ingredientes que estão sendo usados, né, café da manhã, as coisas que tem aí. As palavras que ela aprende na cozinha, ela traz para brincadeira para tentar assim imaginar.</i></p>	<p><i>Na cozinha para preparar algo, ele ainda não é muito, é mais no café da manhã que ele fica junto ali, que ele quer ajudar a fazer o pão que a gente come de manhã, mas sim quando a gente está em função de alguma coisa, ele quer estar junto para ver, e aí é isso, e aí vou falando sobre tudo que está acontecendo, aí agora a gente vai cozinhar tal coisa para eles entenderem, para esse vocabulário fazendo parte do dia a dia dele.</i></p>	<p><i>Na cozinha eu mostro também, ela adora subir; eu tenho um banquinho e ela sobe em cima do banquinho, fica olhando junto, ela quer ver tudo, ela adora.</i></p>	<p><i>Eu boto as sacolas tudo no chão e daí eu peço ajuda dela para guardar. Digo, Isabela começa a tirar as coisas de dentro da sacola, ajuda a mamãe, e daí ela vai pegando e vai falando o que é já. Ah! feijão! lentilha! Arroz! 'arruis', ela fala 'arruis', daí a gente pergunta, tá isso aqui, o que é?, quando ela não fala tal coisa. Ela não fala massa, mas a massa ela conhece. Um azeite vamos supor; ah isso aqui o que é?. Ela só olha para a gente, ela não diz não sei, ela só olha, eu digo, isso aqui é o azeite, aí ela repete azeite, oh mamãe!, azeite.</i></p>

--	--	--	--	--

Fonte: Elaboração da autora (2023)

Conforme se pode notar no **Quadro 14**, na **F1**, a mãe não menciona de maneira explícita se a criança também aprendia e ampliava o vocabulário com as palavras aprendidas na cozinha durante as refeições. Na **F2**, no momento das refeições a criança participava de algumas atividades na cozinha, mas não era só por estar presente entre eles, havendo uma certa preocupação em desenvolver a linguagem também por meio da alimentação. A mãe pontua que a intenção deles com a criança era falar nomes dos ingredientes que estavam sendo usados no *café da manhã*, e *as coisas que tinha aí*, por exemplo. E, dessa forma, a criança aprendia as palavras e usava esses mesmos vocábulos que ela aprendeu na cozinha para as suas brincadeiras. O que me chamou a atenção em relação à dinâmica de atividades na cozinha, já mencionado, colabora para ampliar o conceito e sentido da palavra, garantindo aprendizagem por longa duração.

Na **F3**, a mãe afirma que na cozinha a criança não interagia muito no momento de preparar refeições, mas no *café da manhã*, ela ficava perto deles para ver e, querendo ajudar, por exemplo, *pedia para fazer o pão para o café da manhã*. Ao mesmo tempo, a mãe afirma seu interesse em fazer com que o vocabulário que envolve a parte da cozinha começava a fazer parte do dia a dia da criança, então ela aproveitava para interagir com a criança sobre tudo o que estava acontecendo no momento, dizendo: - *agora a mãe vai cozinhar tal coisa*. Nesse sentido, percebi que isso permite estabelecer conexões entre ela e a criança e o que estava sendo preparado para as refeições e, como isso colabora na ampliação de sons das palavras e a própria convivência no contexto familiar.

Na **F4**, observei que também aconteciam interação similares às outras famílias, quando a mãe afirma que na cozinha, no momento de preparar algumas refeições para ela e a criança, mostrava o que estava sendo feito e, isso também se dava no fato de que a própria criança sobe em cima do banco para presenciar tudo, começando a experienciar as atividades com seu olhar curioso. Dessa maneira, considero necessário afirmar que não se trata somente de presenciar sem entender nada, mas sim, presenciar e conhecer palavras novas que lhe possibilitam perceber outros sentidos além de diferentes maneiras de dizer o nome das coisas.

Na **F5**, a mãe salienta que as atividades na cozinha, no que tange ao conhecer novas palavras e desenvolver a linguagem oral, aconteciam da maneira prática. Por exemplo, a mãe

colocava as sacolas no chão e pedia a ajuda da criança para guardar as compras, o que denota um aspecto importante de frisar que é o fato de que as interações entre as duas ocorria de maneira muito dinâmica e criativa. Quando a criança tirava as compras de dentro da sacola, começava a falar *feijão, lentilha* e *'arruis'* na sua linguagem de criança em vez de arroz e, se houver momentos que ela esquecia o nome de algum tempero (*um azeite*), a mãe perguntava *o que é isso aqui?*, e, ela somente olhava e não falava, não sei, mas a mãe acredita que ela conhecia. Então a mãe começava a falar, *isso aqui é o azeite*, então a criança repetia, *azeite, oh mamãe!, azeite*. Isso corresponde ao que Silva (2022, p. 11) afirma ao escrever que “as crianças vão aprendendo e desenvolvendo as primeiras palavras através do contato e observação do outro, ou seja, é imitando o que se ouve que elas aprendem as primeiras e novas palavras”.

Quadro 15. Questão 9 - Há alguma outra atividade, realizada por membro familiar, que você considera importante e que contribua para que a criança possa ampliar seu vocabulário? Por exemplo: há alguém que costuma cantar para a criança? Há alguém que costuma brincar com a criança? Quais músicas? Quais brincadeiras?

F1	F2	F3	F4	F5
<p>Eu acho bem importante assim, também o negocinho de jogos que ele joga, assim, que ele senta e interage com ele. A Rita, principalmente tipo na hora de montar alfabeto, ela sempre pergunta vamos dizer; tem a letra A e tem um bichinho abelha, que é isso aqui?, ah, uma abelha, daí ela pergunta o que é que a abelha faz?, faz o mel, tudo ele sabe, ele complementa, e quando ele não sabe, ela ajuda ele. Ela disse, isso aqui é casa, o C da casa, a gente mora numa casa, sim, a gente mora numa casa,</p>	<p>Os avós conversam muito, sentam para brincar; as avós dos dois lados, tanto minha mãe quanto a minha sogra, as duas sentam e brincam de comidinha. Ela está numa fase de brincar de comidinha, aí brincam com ela, aí vão conversando e ela vai interagindo, ela vai falando junto.</p>	<p>Interação de brincadeiras nas famílias têm, mas são todos adultos, porque a única criança pequena é ela, então, essa coisa de brincar muito na rua também na casa dos meus pais, principalmente jogar bola, correr, pega-pega, essas brincadeiras mais agitadas normalmente são na casa do avô e da avó que tem pátio”.</p>	<p>Na verdade tem Avó Zilda, a dinda dela a Alice, aí tem a minha outra prima que é também dinda e o meu marido que é o pai dela e as pessoas que ela mais convive assim, mas são todos adultos. A interação é mais de brincar; levar para passear; levar em restaurante, porque é o que nem acredito às vezes também que a vivência de ir aos lugares que nem por exemplo mas, ela ia até mar; oh! isso aí é o mar!. Então ela já sabe o que é mar; porque ela foi até lá, ela</p>	<p>A brincadeira também está inserida, mas na brincadeira de roda não muito ainda. Ciranda, Cirandinha, a minha mãe tentou brincar com ela esses dias, ela até brincou. Ela deu a mão para minha mãe e girou, mas pouco ainda. Mas outras brincadeiras sim, né, meu pai tem um pião de madeira, então seguido, claro meu pai que domina o pião, que faz girando. Normalmente a gente brinca bastante com ela. Ah pazinha, brincar na areia. Eles fazem com ela, e ela faz em casa também, né. A minha mãe no último sábado pegou ela, e levou ela para a casa dela e levou o carrinho junto de pazinha, e ela ficou brincando, daí pegou areia botou no carrinho, brincar de</p>

<p>sabe, então eu gosto, porque ajuda no desenvolvimento dele, porque daí ele sabe que a abelha faz o mel, que o boi, tem a letra b que é do boi, que o boi puxa carroça. A Rita é mais da parte assim da brincadeira mas ali, mais séria, vamos fazer um alfabeto.</p>			<p>viu, ela sabe, ela foi na areia. Que nem eu te falei da estrada vê caminhões, ela vê, ela já sabe identificar, porque ela viveu isso, ela vive bastante assim coisas na realidade muito mais que na histórias, né.</p>	<p>comidinha. Ai a minha mãe arrancou umas florzinha do jardim dela. E ela fez de conta que aquilo era saladinha dela, nesse sentido assim, um faz de conta.</p>
<p>Todo mundo brinca, o mano gosta muito de jogar bola com ele, ele joga futebol, eles andam de bicicleta, ele tem uma motoquinha. O Beto já é aquele sim que bota na motoca, que empurra, que chuta bola, que brinca com ele de correr, de esconder.</p>				<p>Ela brinca bastante de faz de conta, e consegue brincar sozinha também. Às vezes ela fica uma hora assim brincando sozinha, pega o nenê, dá a mamadeira para o nenê. Isso em casa e com a minha mãe e com a dinda dela também.</p>
<p>A Benilde também, a Benilde Bah, então todo mundo ajuda, a Benilde ajuda, sabe todo mundo do seu jeito, então para ele isso só acrescenta. Mas assim, é a nossa família, a Benilde, a minha mãe, todo mundo interage com ele.</p>				<p>Esse aqui é um outro videozinho, a gente foi para dois irmãos, daí esse é meu marido e o outro é o tio dele, daí ela brincava de correr. Ela corria de braço de um para o braço de outro, é como eu disse como ela é pequenininha, é essas brincadeiras, assim ela ia de um lado para o outro.</p>

Fonte: Elaboração da autora (2023)

De acordo com o **Quadro 15**, na **F1**, a mãe considera importante os jogos que a criança sentava e interagia sozinha, mas também quando a irmã interagia com a criança,

principalmente ao montar os alfabetos e perguntava para a criança, por exemplo, se tem a letra A e tem um bicho: - *o que é isso aqui?* Então, a criança respondia é uma abelha. E, a irmã perguntava de novo: - *mas o que a abelha faz?* E o pequeno respondia: - *ela faz mel.* E, assim, esse jogo se repetia com outras letras. Ou seja, essa criança já sabia que a abelha faz mel, que a letra ‘b’ é do boi que puxa carroça. Tudo a criança sabia, e se não souber responder a irmã lhe ajudava.

A mãe afirma que ela gosta desses tipos de interações que a filha fazia com o irmão, porque isso ajudava no desenvolvimento da criança. Ainda, acrescenta que a irmã era mais da parte da brincadeira mais séria (vamos fazer uma alfabeto). O irmão também brincava com o pequeno, mas no sentido de jogarem bola juntos, andar de bicicleta, colocar na motoca e empurrar, brincar de correr e esconder. A tia e a avó também ajudavam, e assim toda a família colaborava do seu jeito e da forma que sabia interagir com a criança. Percebo que isso corresponde ao que defende Ferreira (2021) ao afirmar que qualquer contato que a criança tem com outras pessoas contribui para que ela desenvolva algum tipo de conhecimento e experiência, pois em qualquer fase da vida, nós estamos sempre vivendo o novo e estando em constantes evoluções, tendo contato com culturas diferentes, aprendendo coisas novas que agregam e/ou modificam a nossa identidade cultural.

Na **F2**, os avós também conversavam bastante com a criança, brincando de fazer comida, e durante as brincadeiras interagiam com a criança, à medida que iam conversando e convivendo juntamente com ela.

Já para a **F3**, a mãe afirma que tinha interação na família, mas que todos eram adultos. A única criança pequena era o filho dela. Então, destaca que as brincadeiras mais agitadas, como por exemplo, brincar na rua, jogar bola, correr, pega-pega, aconteciam mais na casa dos avós que tem pátio.

Na **F4**, a mãe salienta que tem outros familiares que interagiam com a criança, por exemplo, a avó Zilda, as duas madrinhas, Alice e a prima da mãe, o pai da criança e as pessoas que ela mais se abria para a convivência, mas também são todos adultos. Essa família tinha o hábito de levar a criança para o restaurante, para brincar e passear, porque conforme ela pontua, a vivência de ir nos lugares, fazia com que ela também aprendesse bastante, aproveitando o que os familiares mostravam para a criança: - *olha, isso ali é o mar.* Assim, ela já sabia identificar que é o mar, porque foi até lá e viu. Além disso, a mãe afirma que entre os familiares a criança vivenciava coisas muito mais na realidade do que nas histórias.

Para a F5, outros familiares além dos pais que interagiam com a criança são os avós da criança, e a madrinha. Por exemplo, a mãe relata que a criança brincava de roda, mas não muito ainda, e que também a avó tentava brincar de ciranda, cirandinha com a pequena e ela prontamente, dava a mão para a sua avó e girava. Também brincava de pazinha com areia dentro do carrinho, de fazer comida, quando a avó arrancava umas flores do jardim e fazia de conta que era uma salada. Já a madrinha também brincava com ela de dar mamadeira para a boneca. O avô, por sua vez, também brincava com pião de madeira com a criança, fazendo o pião girar para a criança ver. Além disso, o tio e o pai também brincavam com ela de correr de braço de um para o outro.

Quadro 16. Questão 9 (continuação) - Há alguma outra atividade, realizada por membro familiar, que você considera importante e que contribua para que a criança possa ampliar seu vocabulário? Por exemplo: há alguém que costuma cantar para a criança? Há alguém que costuma brincar com a criança? Quais músicas? Quais brincadeiras?

F1	F2	F3	F4	F5
<i>Eh, música, assim a gente costuma assim o que ele gosta, tipo assim, atirei o pau no gato.</i>	<i>Eu canto muito para ela, essas músicas que coloco para tocar, eu também canto da dona aranha, a casinha, enfim, são músicas infantis que eu canto. Então eu acabo cantando nós dois, eu acabo que passo mais tempo com elas, então eu canto as músicas que eu coloco para ela ouvir no rádio.</i>	<i>Sim, cantar sim, cantar a gente busca essas canções mais tradicionais, que a gente vê que ele reconhece. O pintinho amarelinho, a dona aranha são músicas que a gente sabe que acontece na escolinha também, então conforme a gente começa cantar, ele já começa a relacionar também e agora ele está na fase de a gente cantar um pedacinho da música e ele fala uma palavra.</i>	<i>A Conceição é uma pessoa que tenta introduzir sempre essa questão da música com ela. Na verdade, quem faz isso é a Conceição que é a babá dela, ela coloca para ela aquela palavra cantada. Ela deu para ela alguns instrumentos musicais que é um chocalho. Então ela tem esse costume de cantar, de mostrar músicas, mostrar os instrumentos, dos livros que ela deu.</i>	<i>Sim, oh, a música é muito presente. A minha família inteira, na casa dos meus pais, na casa dos meus tios, do meu sogro, então é assim, são músicas de crianças e são músicas de adulto também. A Isabela está acostumada a tudo, então músicas de crianças que meu sogro canta para ela. Meu sogro canta, então ele canta musiquinhas de crianças em alemão para ela, que ela acaba cantando juntos. E, as musiquinhas em alemã que a gente conhece são musiquinhas interativas que tu não só canta, mas que tu brinca com a criança, que ela tem que bater palmas, que ela</i>

				<i>tem que pular.</i>
--	--	--	--	-----------------------

Fonte: Elaboração da autora (2023)

No **Quadro 16**, percebo que na **F1**, na interação com os outros membros familiares, eles gostavam de cantar para a criança o que ela gostava de ouvir: atirei o pau no gato, por exemplo. Quanto à **F2**, a mãe afirma que ela cantava muito para a criança as músicas infantis de dona aranha, e a casinha que ela colocava para tocar etc. Então, as duas acabavam cantando juntas. A mãe passava mais tempo com as filhas.

Já na **F3**, a mãe afirma que os familiares também cantavam para a criança, mas eles buscavam canções mais tradicionais que viam que o pequeno reconhecia. O ‘pintinho amarelinho’, a ‘dona aranha’ etc são músicas que eles sabiam que os professores colocavam na escola também. Então conforme eles começavam a cantar, logo, a criança relacionava as palavras, porque estava na fase em que as famílias começavam a cantar um pedaço da música e ela falava uma palavra. Igualmente, na **F2**, a **F3**, também os familiares cantavam a música infantil de ‘dona aranha’ para a criança.

Na **F4**, conforme a mãe, a babá que cuidava da criança, tentava desenvolver bastante a questão da música com a pequena. Ela colocava as músicas do grupo Palavra Cantada para a criança escutar, oferta um instrumento musical (chocalho), e tinha muito costume de cantar e mostrar livros para a criança.

Na **F5**, igualmente, os familiares também cantavam bastante para a criança, sendo que a música era muito presente na casa dos avós, tios e sogro. Enfim, a criança estava acostumada a ouvir músicas para adultos e crianças. O avô da criança cantava para ela músicas em alemão, e a pequena acabava cantando junto, porque também eram músicas infantis. E, essas músicas são bem interativas porque além de cantar dá para bater as palmas e pular acompanhando o ritmo.

Quadro 17. Questão 10 - Quando não estão conversando diretamente com a criança, quais são os principais assuntos a respeito dos quais vocês conversam na convivência familiar?

F1	F2	F3	F4	F5
<i>Assuntos diários do nosso dia a dia, o que é que aconteceu, o que é que está</i>	<i>Ah, elas são focos ou então nós conversamos, eu e o meu marido a gente conversa</i>	<i>Ah, eu acho muito do que aconteceu no dia, né, de trabalho, serviços, eles estão ali por</i>	<i>Ah, eu essa questão sempre eu cuido muito de ter um ambiente saudável, mas a</i>	<i>Bom, eu e o meu marido conversamos de tudo em casa, assunto aleatório</i>

<p><i>acontecendo.</i></p>	<p><i>sobre o trabalho, enfim. Mas normalmente quando elas estão presente a gente acaba nem conseguindo conversar muito sobre o nosso dia a dia, coisas assim, como elas exigem presença para brincar, a gente está envolvido no brincar dela. Praticamente se estão acordadas, tudo envolve elas, até o nosso assunto.</i></p>	<p><i>perto, então como foi teu dia, aconteceu isso, aquilo, a gente costuma trocar muito sobre isso. Planos do que vai fazer no final de tarde, então isso eles sempre participam, então pensando no momento que eles estão juntos. Eu acho que é muito isso, porque aí assuntos mais densos ou conversas mais sérias dentro da família acabam acontecendo depois que eles já foram dormir normalmente.</i></p>	<p><i>gente conversa, claro que ela está junto sempre, né, quando vai inclusive visitas na minha casa, ela senta junto na mesa, eu sempre faço essa questão de ela participar de tudo. A gente conversa sobre tudo às vezes na frente dela, mas claro, nenhum assunto assim, né, coisas da vida, do dia a dia, às vezes a pessoa conta histórias, mas ela está sempre junto. Claro, a gente acaba não falando coisas horríveis, né.</i></p>	<p><i>mesmo, mas que condiz com a gente né. Depende da ocasião, de tudo, do nosso serviço, como foi o nosso dia, de ideias.</i></p>
	<p><i>A gente conversa no geral assim, inclusive estou tentando botar umas palavras difíceis para ela, estou tentando ensinar ela falando paralelepípedo. Eu lembro umas palavras difíceis, algumas coisas, e eu começo a tentar que ela fale, e é interessante que ela sabonete não conseguia falar sabonete até poucos dias, ela falava 'Samenete'. A gente sabia o que é que era, né, a gente convive com ela, do nada virou sim uma chave, ela começou a falar sabonete.</i></p>			

Fonte: Elaboração da autora (2023)

De acordo com o **Quadro 17**, na **F1**, conforme a mãe, quando estavam em momentos de família, eles conversavam sobre assuntos diários do dia a dia, por exemplo, o que é que aconteceu, e o que estava acontecendo no mundo. Na **F2**, a mãe afirma que quando ela e o pai estavam conversando, as crianças eram os focos de atenção, ou eles também conversavam sobre o trabalho, mas normalmente se as crianças estavam por perto, os pais acabavam não conseguindo conversar muito sobre o dia a dia, porque as pequenas exigiam suas presenças para brincar e, logo eles estavam envolvidos nas interações com as crianças.

Dessa forma, os pais conversavam de maneira geral, inclusive a mãe pontua que ela estava tentando ensinar para a criança algumas palavras difíceis, como paralelepípedo. Assim, à medida que a mãe lembrava de algumas palavras difíceis, ela começava ensinando para criança. Outro aspecto interessante é que a criança não sabia pronunciar muito bem a palavra sabonete, realizando uma pronúncia infantil. A mãe relata que ela falava ‘*samenete*’, mas que em poucos dias começou a articular muito bem a palavra sabonete. Nesse sentido, Tamis e Rodriguez (2011) pontuam que o estilo de vocabulário que os pais utilizam para se comunicar com a criança estão entre os principais elementos preditivos na fase do desenvolvimento da linguagem da criança nos primeiros anos de vida.

Quanto à **F3**, a mãe salienta que eles conversavam sobre o que acontecia no dia a dia no trabalho e serviços, mas quando as crianças estavam por perto, normalmente conversavam como foi o dia. E, também costumavam falar muito sobre o plano do que eles iam fazer no final da tarde, e nisso as crianças sempre participavam. Os assuntos mais densos ou conversas mais sérias, normalmente acabavam acontecendo depois que os pequenos iam dormir.

Na **F4**, a mãe salienta que ela sempre tinha a preocupação de deixar um ambiente saudável, porque quando os familiares estavam conversando, a criança sempre estava por perto, principalmente se tinha que receber visitas. A pequena sentava na mesa juntamente com ela e as pessoas convidadas. E, a mãe sempre tinha a preocupação de deixar a criança participar de tudo, conversavam sobre vários assuntos à frente dela, porém coisas da vida e do dia a dia, e às vezes a pessoa contava histórias, mas acabavam não falando coisas desagradáveis. Já na **F5**, a mãe pontuou que ela e o pai conversavam de tudo em casa, mas eram assuntos aleatórios que condiziam com a realidade deles, do dia a dia, do serviço deles, de ideias, dependendo da ocasião.

Quadro 18. Questão 11- Você, e/ou outra pessoa da família, tem o hábito da leitura (costuma ler com frequência)?

F1	F2	F3	F4	F5
<i>Na família a minha filha tem muito o hábito de leitura.</i>	<i>Atualmente não, chega no final do dia, assim, depois que elas dormem a gente só quer tentar relaxar com qualquer outra coisa, tanto que até ele (marido) tinha o hábito de ler mais do que eu. Ah, ele também relata que ele tem saudade de ter animo e vontade de ler; mas no final do dia está tão cansado que acaba se jogando no sofá ou na cama, e aí o celular; então a gente não tem o hábito de ler livros, enfim.</i>	<i>O pai deles leem bem mais, tem esse hábito de pegar o livro e ler. Eu infelizmente não.</i>	<i>Olha, ultimamente eu não estou lendo nada.</i>	<i>Ah, é só eu e o meu marido. O meu marido já tem esse hábito. O pai dele já lia mais, mas hoje ele também não é um leitor ativo.</i>

Fonte: Elaboração da autora (2023)

Conforme se pode notar pelo **Quadro 18**, na **F1**, conforme a mãe, a irmã da criança tinha o hábito de leitura. Já na **F2**, atualmente os pais não tinham o hábito de ler. O fato que me chamou a atenção é que a mãe frisa que no final do dia depois que as crianças dormem, eles somente queriam tentar relaxar com outras coisas, por exemplo, celular. O pai tinha o hábito de ler mais do que a mãe, e até relatava que sentia saudade e vontade de ter ânimo de novo para as leituras, mas quando chegava no final do dia, ele estava tão cansado que procurava somente deitar no sofá ou na cama, e começava a mexer no celular. Na **F3**, apenas o pai tinha o hábito de ler, enquanto a mãe não. Quanto à **F4**, ultimamente a mãe não estava lendo nada. Na **F5**, somente a mãe e o pai tinham o hábito de ler. O avô da criança antigamente lia mais, mas agora ele não era mais um leitor ativo.

Considero necessário afirmar que o hábito de leitura na família permite à criança ter relação afetiva com o livro, desde a infância. Por isso, é sempre bom que na família se tenha o hábito de leitura, especialmente porque contribui muito para que as crianças possam estar em contato com vocábulos diferentes. Com as práticas de leitura na família as crianças

podem ter conhecimentos muito mais amplos em termos dos vocabulários e seus usos nos contextos, que podem ser apreendidos por meio da leitura em outros gêneros textuais. Ou seja, as crianças que crescem numa família que têm o hábito de leitura, podem conhecer palavras e sentidos diferentes daqueles que estão acostumadas a ouvir no dia a dia.

Quadro 19. Questão 12- Qual tipo de texto você, ou outra pessoa da família, costuma ler?

F1	F2	F3	F4	F5
<p><i>Eu e o meu esposo gostamos mais de ler notícias sobre o dia a dia. Então a gente olha no jornal, na TV, nas notícias ou a gente procura na internet. A gente escuta bastante gazeta, arauto também. A Rita gosta de ler tudo, ela adora pegar livros enormes.</i></p>	<p><i>(Os familiares não têm hábito de leitura).</i></p>	<p><i>O pai, histórias tipo senhor dos aneis. Ele tem hábito de ler notícias, mas aí muito no celular; né. Jornal impresso a gente não tem mais. Tem uma que é outra revista que a gente lê, mas daí não é tão rotina, é mais esporádica.</i></p>	<p><i>Ah, o último que foi do Prem baba, Monja Coen, Bodice. Ah, daí eu também li um que fala sobre, aquele de Paris. Aí a gente leu esse também que fala de relações entre as pessoas, amar e ser livre, e aí também li sobre organização. Eu leio muitos textos no celular; eu vejo um link lá e eu abro e leio inteirinho.</i></p>	<p><i>O último que eu li foi da Nathalia Arcuri, ela fala sobre como economizar dinheiro. O anterior foi do Augusto Cury. Eu gosto bastante de ler, mas não tem nenhum tema específico. O que eu não gosto de ler assim oh, romance, eu não gosto de ler; drama assim. Eu gosto de alguma leitura que agregue alguma coisa, além de só ler e conhecer palavras e sim de conhecer algum método de pesquisa. Notícias leio alguma coisa. No Sesi nós temos a Gazeta, nós temos o físico, né, então ali sim eu acesso.</i></p>

Fonte: Elaboração da autora (2023)

No **Quadro 19**, na **F1**, a mãe e o pai gostavam mais de ler notícias sobre o dia a dia no jornal, na Televisão, ou então procuravam na ‘internet’, mas também escutavam bastante as rádios Gazeta e Arauto. Ao contrário deles, sua filha gostava muito de ler livros enormes. Na **F2**, a mãe afirma que eles não tinham o hábito de leitura. Já na **F3**, o pai tinha bastante hábito de ler livros de aventura, como por exemplo, Senhor dos Anéis. Além disso, também lia notícias no celular, porque jornais impressos não tem mais, e em revistas já é mais uma leitura esporádica. Na **F4**, em termos de leituras feitas nos livros, os últimos que a mãe leu

falam sobre relações com as pessoas, Prem Baba, Monja Coen, Bodice, Paris, Amar e Ser Livre e sobre organização. Ela também lia muitos textos no celular. Quanto à **F5**, a mãe gostava bastante de ler, mas não tinha um tema específico, por exemplo, ela leu o livro de Augusto Cury, e o último foi de Nathalia Arcuri. Portanto, não gostava de ler livros de romance e drama, mas sim que lhe permitisse conhecer palavras e algum método de pesquisa. No local de trabalho tinha jornal físico da Gazeta, então ela aproveitava quando dava para fazer a leitura de maneira física.

Por serem crianças pequenas, considero que esses gêneros textuais não eram os mais propícios, por exemplo, notícias. Por isso, acredito que conhecer diversos textos, seja por meios eletrônicos ou livros físicos, se constitua como um dos processos que mais e melhor contribui para a formação de novos leitores. Nesse sentido, os hábitos familiares de convivência também estão no patamar de uma cultura potente em benefícios positivos, para que as crianças consigam ampliar os seus vocabulários e a visão do mundo. Ou seja, desde que possam ir além daqueles textos limitados aos mencionados pelas famílias, como livros de gosto particular e/ou notícias, avançando também para os livros didáticos que a criança traz da escola e demais materiais de ensino-aprendizagem constituem uma forma significativa que contribui para a convivência e o compartilhar leituras com a criança. Contudo, é importante deixar claro, pretendo dizer que o texto também tem que ser do interesse do leitor, e além disso, subjetivo, mas de qualquer forma, é preciso afirmar, que podem ser livros que permitam os pais brincarem com as palavras, criarem ritmos, explorar sentidos e vocábulos outros dentro do contexto de maneira prazerosa e lúdica, permitindo oportunidades de contatos que criam momentos de trocas.

Quadro 20. Questão 13 - Qual é frequência dessa leitura, por dia/ semana/mês?

F1	F2	F3	F4	F5
<i>Ela faz por conta própria, diariamente.</i>	<i>(Os familiares não têm hábito de leitura).</i>	<i>De vez em quando sim, mas essa coisa de ser um hábito de leitura de todo dia lê um pouco não, porque na maioria das vezes é depois que as crianças foram dormir.</i>	<i>Ah, é que alguns eram fáceis de ler, uma semana, esse do outro a gente levou bastante tempo, lia um pouco uma semana, depois na outra um pouco, demorou mais, então era uma coisa assim diária. Eu gosto de muitas coisas sobre</i>	<i>No Sesi a leitura é de segunda a sexta, todos os dias, nem sempre dá tempo, mas eu tento, mas grossinho talvez em torno de um por mês vai. O meu marido, ele consegue ler mais. Ele sempre lê, mesmo sendo no horário do serviço dele. Eu quando</i>

			<p><i>peças, isso eu leio mas no celular né que é diferente num livro. A leitura no celular ora às vezes é curta, mas geralmente é todos os dias, eu leio alguma coisa, coisa sobre o que está acontecendo no mundo, reportagem, às vezes uma coisa interessante ah, por quê que algumas pessoas, até sobre empatia, sobre pessoas mesmos eu gosto de ler. Assim, quase todos os dias, à noite, vamos dizer duas, três vezes por semana.</i></p>	<p><i>pego um livro, é nos finais de semana, durante a semana eu também não consigo. Às vezes dá, sexta de noite dá. O meu marido, eu não sei se ele lê todos os dias, pode ser que sim, porque ele não lê num livro físico né, ele tem um kindle. Ele leva o kindle junto todos os dias e ele vai lendo ali, eu já não gosto, eu gosto do livro.</i></p>
--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração da autora (2023)

No **Quadro 20**, na **F1**, a mãe realça que a filha fazia leitura diariamente e por conta própria. Já na **F3**, a mãe salienta que o pai não tinha o hábito de ler todos dias e, quando ele fazia a leitura, na maioria das vezes acontecia depois que as crianças dormiam. Na **F4**, conforme a mãe, alguns livros eram fáceis de ler e, em algumas semanas ela terminava a leitura, mas às vezes tinha outros livros que levavam bastante tempo para terminar. Ou seja, ela lia um pouco a cada semana. Notou que demorou mais tempo, mas era uma leitura diária. A leitura no celular às vezes era curta, mas geralmente ela lia quase todos os dias à noite, duas, três vezes por semana.

Na **F5**, a mãe tinha o hábito de fazer leitura no local de trabalho de segunda a sexta, destacando que às vezes não dava tempo para ler todos os dias, mas quando possível tentava pelo menos ler um pouco e, também, às vezes, nos finais de semana à noite. Ela aponta que o livro com formato mais grosso demorava em torno de um por mês para terminar a leitura. Enquanto que o pai sempre conseguia ler mais livros por mês, porque tinha um *Kindle* e, mesmo no horário do serviço, dava para fazer leitura. A mãe não tinha certeza se o pai fazia a leitura todos os dias, mas pensava que sim, porque sempre levava o *Kindle* para o local de trabalho.

Quadro 21. Questão 14 - A criança costuma ver você (outra pessoa) lendo?

F1	F2	F3	F4	F5
<p><i>É complicado, sabe, a gente não convive muito junto diariamente. Quando a gente lê alguma coisa, assim de noite, a gente procura não ficar no celular, a gente procura dar mais atenção para ele, sabe, conversar com ele, perguntar o que ele fez na creche, com quem ele brincou, o que aconteceu.</i></p>	<p><i>(Os familiares não têm o hábito de leitura).</i></p>	<p><i>Normalmente o que acontece é que isso é depois que os meninos foram dormir. Então, dificilmente os meninos veem a gente com o livro na mão lendo. Eu, porque realmente não tenho hábito e o pai, porque isso acontece mais tarde, depois que eles vão dormir. Eles já viram o pai com os livros, eles veem a quantidade de livros que o pai tem lá que gosta de ler, mas essa coisa de ser um hábito de ver o pai ler todo santo dia não, porque costuma acontecer mais tarde, ele lê só a noite e os filhos vejam o pai a ler só de vez em quando com livros. Como o meu mais velho está aprendendo a ler, então o pequeno vê ele lendo e quer ler um livro também, acontece com os dois juntos, muitas vezes o mais velho lê para o pequeno também.</i></p>	<p><i>Não, olha hoje em dia está difícil ver as pessoas lendo como antigamente, está bem complicado isso.</i></p>	<p><i>Ah, eu já tentei, mas não dá certo, porque ela é muito pequeninha, rasga o livro, puxa e daí ela diz, vem brincar mamãe, né. Mas nós já fizemos isso, tanto eu como o Guto, nós já lemos com ela juntas assim. Ela já viu e já participou disso. Ela já sentou no meu colo, já ficou quase dormindo e eu lendo, daí eu acabava lendo em voz alta, para ela deixar eu ler.</i></p>

Fonte: Elaboração da autora (2023)

No **Quadro 21**, na **F1**, a mãe aponta que em casa era complicado a criança ver os familiares com livro na mão, lendo, porque não convivia diariamente com eles. À noite quando procuravam ler alguma coisa, também era o momento de deixar o celular de lado para

poder dar mais atenção à criança, conversando sobre o que ela fez na creche, o que aconteceu e com quem brincou.

Na **F3**, segundo a mãe, dificilmente as crianças viam o pai com um livro na mão lendo, porque não era hábito de todo o dia, mas já viram a quantidade de livros que tinha em casa que ele gostava de ler. O irmão estava aprendendo a ler, então o pequeno via ele lendo e queria ler também, e isso acontecia com os dois juntos, porque o irmão lia para a criança. Rodrigues (2016) explica que o fato das crianças crescerem numa família que tem o hábito de leitura, e que elas observam os pais com livros na mão, induz as crianças a criarem o mesmo hábito/comportamento.

Quanto à **F5**, a criança já viu os pais com os livros na mão, inclusive a mãe salienta que várias vezes fazia a leitura com a criança por perto, mas tinha momentos que não dava certo porque ela começava puxando o livro e rasgando, dizendo: - *vem brincar mamãe!*. Em algumas ocasiões a criança também participava da leitura, sentado no colo da mãe, e também quando ia dormir escutava a mãe lendo em voz alta. Para Pires (2023, p. 18) “Através de práticas pedagógicas como ler ou contar uma história em voz alta promovemos o contacto com a literatura, estimulamos o prazer pela leitura, pela literatura, e, por sua vez, contribuimos para o desenvolvimento linguístico das crianças”.

Para finalizar, apresento as considerações finais com base nas narrativas, nos objetivos, nas metodologias e, nas questões que estava procurando mapear e que considero que foram alcançadas nas entrevistas. Em seguida, escrevi como foi o processo de pesquisa, o que aconteceu durante a trajetória e que também gerou pistas interessantes para possíveis trabalhos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização desta pesquisa, o objetivo geral foi identificar experiências de convivência familiar entre famílias da cidade de Santa Cruz do Sul - RS, que contribuem para a ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem oral das crianças bem pequenas, de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses de idade, considerando a utilização de obras literárias e/ou contação de histórias de tradição oral. Considero importante frisar que através das ações empíricas, os principais objetivos e questões de partida que procurava mapear foram alcançados. Os achados principais da pesquisa mostram que a convivência das crianças com os familiares contribuíam muito para a ampliação dos seus vocabulários e desenvolvimento da linguagem oral. Em outras palavras, percebi que as ações que os familiares desempenhavam na convivência familiar colaboravam muito para a qualificação dessa oralização das crianças, visando a ampliação do seu vocabulário e o desenvolvimento de sua linguagem oral.

Assim, a pesquisa buscou compreender quais tipos de histórias literárias e/ou de tradição oral as famílias adotam para contribuir com a construção e ampliação do vocabulário, a organização e o desenvolvimento da linguagem oral da criança bem pequena. Procurei investigar que literatura é essa e quais são os diálogos que os familiares costumam manter, a partir dela, com as crianças bem pequenas para apoiá-las nessas aprendizagens e em que momentos isso costuma ocorrer.

Em termos do caminho percorrido na pesquisa, selecionei cinco famílias de Santa Cruz do Sul, de maneira aleatória, pois essas participantes foram se configurando pela conveniência de serem famílias de fácil acesso, procurando contemplar a localização geográfica, mas sem deixar de ser criteriosa, recorrendo àquelas famílias com condição social e/ou profissional diferente, possibilitando reflexões comparativas de suas próprias culturas de convivência. Assim, as ações de pesquisa foram realizadas segundo uma perspectiva qualitativa do tipo exploratória, de maneira indutiva e sem a pretensão de mensurar a realidade, abordando questões de interações sociais para que eu pudesse compreender diferentes visões de mundo e a realidade das famílias que participaram do estudo.

Entretanto, apesar de trazer essas cinco famílias para o estudo, compreendo que não representam a maioria da realidade das famílias brasileiras, mas, tendo um retrato dessas mães que participaram da pesquisa, podemos observar as variáveis e categorias que também

podem estar presentes no sistema educativo. O trabalho traz uma visualização no locus investigativo, assumindo um formato diferente da educação formal. A contribuição das famílias, nesse sentido, foi um componente importante no processo de aprendizagem, mas é bem distinto do que se faz nas instituições educativas.

A minha experiência com o tema permitiu viver intensamente todo o processo da pesquisa. Durante as entrevistas com as mães, tomei o máximo de cuidado para não deixar que a ansiedade tomasse conta, que gera um processo de pensamento acelerado e que poderia impossibilitar-me de viver e sentir este momento da melhor maneira possível. Portanto, a aproximação com essas famílias me fez sentir mudanças incríveis em poucos meses, o que refletiu de maneira visível na minha vida pessoal e também enquanto pesquisadora em formação. Com essas ações, pude vivenciar aspectos significativos da maternidade pela convivência, sem deixar de experimentar momentos desafiantes, cheios de obstáculos pelo caminho, os quais causaram, às vezes, certo desânimo, medo de não poder dar ‘conta do recado’ etc. Mas, confesso que era só um medo que eu guardava comigo, pois sem enfrentar esses desafios não iria conhecer o sabor da vitória. Assim, procurei me manter firme nesse propósito buscando apoio na minha fé, nas forças internas, na persistência, na teimosia por aquilo que eu desejava e na responsabilidade pelo que eu prometi para mim mesma. Ou seja, o que eu procurei, todo o tempo, foi manter o comprometimento de entregar um trabalho de qualidade, sem deixar que a interrogação terminasse e percebendo que as verdades nunca se esgotam, sendo um fim intangível na ciência. Um dos principais suportes para enfrentar esses obstáculos foi a minha frequência à biblioteca da Unisc. Procurei ir para a biblioteca todos os dias, e isso ajudou bastante para que a minha dissertação depois da qualificação em menos de três meses tivesse o avanço significativo que considero que teve.

Considero que os aspectos que se tornam forças da convivência familiar das crianças para a ampliação do vocabulário e desenvolvimento da linguagem oral são principalmente: a contação e/ou leitura de histórias, e que sua potência depende do tempo dedicado pelas famílias nas ações de convivência com as crianças. Ou seja, um tempo que também conduz o adulto para uma perspectiva de deixar transparecer a criança que existe dentro dele, fazendo desse momento uma espécie de tempo-lugar afetivo e privilegiado.

Portanto, é sempre bom pensar no desenvolvimento das crianças em todas as suas vertentes, porque precisam de todo o tempo do mundo, um tempo que não é dos pais e que não seja, portanto, apressado, e sim, cheio de devaneios. Na contação e/ou leitura de histórias, o ambiente que permite silêncio, interação e oportunidades para a criança imaginar também

favorece os resultados dessas convivências. A qualificação das interações, chamando a atenção das crianças para imagens e outras linguagens, são outras formas de expressão/manifestação de sentidos que contribuem para uma compreensão das crianças quanto ao enredo das histórias e/ou das brincadeiras.

Além disso, considero que as histórias mencionadas, cujos títulos remetem às histórias infantis e as que são narradas com recortes da imaginação colaboram de maneira diferente para o linguajar das crianças. As primeiras porque seguem uma estrutura narrativa própria de textos escritos habituando a criança a essa cultura e as demais porque aproximam a criança do cotidiano significativo com uma estrutura afetiva mais próxima das oralizações da infância. Ambas, entretanto, oferecem chances de as crianças conhecerem novas palavras e compreenderem o sentido e significado de vocábulos complexos que aparecem tanto na contação quanto na leitura de histórias. Por exemplo, as histórias de tradição oral tem um cunho afetivo e cultural diferente para o desenvolvimento da criança já que estamos a falar de conhecimentos próprios dos costumes de convivência familiar, onde ela é exposta a uma ampla variedade de modos de falar. As histórias lidas, por sua vez, oferecem uma estrutura narrativa mais complexa, um pouco mais linear, mas que também ultrapassa costumes de geração a geração e que contribui para o desenvolvimento da linguagem oral, sobretudo no que se refere à aquisição de um repertório padronizado e que atende às múltiplas diversidades.

Há família que prioriza mais essa questão de contribuir com a oralização das crianças pelas vivências e brincadeiras, enquanto outras não. Concordo que isso é importante para o desenvolvimento do imaginário da criança, tendo em conta que brincar de faz de conta, jogar e brincar com brinquedos estruturados ou não estruturados envolve diversos fatores que contribuem para desenvolvimento da linguagem oral na convivência familiar. Esse aspecto, aliás, vem ao encontro do que a própria BNCC (Brasil, 2018) menciona com os seis direitos de aprendizagem das crianças que são: “conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer- se”. Ou seja, remete às interações e brincadeiras, cuja característica central é a ludicidade, que são oportunizadas ao conviverem com os outros, explorar o mundo, expressar os seus sentimentos, conhecer a si mesmas e o mundo. Considerando que cada família tem a sua própria cultura, o modo de viver e estar na convivência familiar, foi importante constatar que cada uma delas contribui, na convivência familiar e da sua maneira, para que a criança aprenda a fazer a leitura de mundo antes mesmo de saber ler e escrever.

Ainda, de acordo com os achados da pesquisa, considero importante que os familiares não ensinem as crianças somente as palavras simples, mas sim palavras complexas também, pois ajuda a criança a instigar e pensar, ter conhecimentos e domínios sobre outros vocábulos que não são tão comuns ou próximos de sua realidade ou condição social. Nesse sentido, chamou minha atenção o fato de que uma das mães ainda conversa com a criança ‘infantilizando’ a pronúncia das palavras e que a babá, no caso, é quem investe na pronúncia correta. Destaco esse fato por acreditar que por mais que achamos que a criança não está compreendendo o que estamos falando, há que se levar em conta que uma criança aprenderá mais rápido e de maneira contínua se e quando for desafiada, convidada ao universo da oralização aceita e desejada pela sociedade como um todo.

Compreendo que isso ocorre por parte daqueles pais, mães e pessoas próximas da convivência familiar que estão sendo ‘cuidadosos’, carinhosos com aquele ser tão pequeno e que ainda não conhece muitos vocábulos e que nessas horas o amor e o carinho são mais fortes do que um possível compromisso com a boa educação da criança. Nessas circunstâncias os nossos pensamentos nos levam a pensar, estamos diante de uma criança que ainda não sabe falar ou se expressar, então tudo bem se não pronunciar adequadamente as palavras. Porém, é necessário perceber que adequar a linguagem ao seu interlocutor não precisa ser de maneira a ‘infantilizar’ pronúncias e tampouco se dirigir a uma criança como se fosse um adulto. Há maneiras e contextos da convivência em que é possível e necessário que haja insumo adequado, começando bem devagar para que a criança possa aperfeiçoar a sua linguagem. Em outras palavras, às vezes uma hora ou outra acabamos por falar sem perceber ou ainda por não estarmos acostumados a essa realidade, mas quanto mais temos essa possibilidade é sempre bom aproveitar o momento e pronunciar as palavras conforme a sua fonologia adequada. Afinal, conforme vão escutando a articulação correta das palavras, os vocábulos se tornam familiares para as crianças.

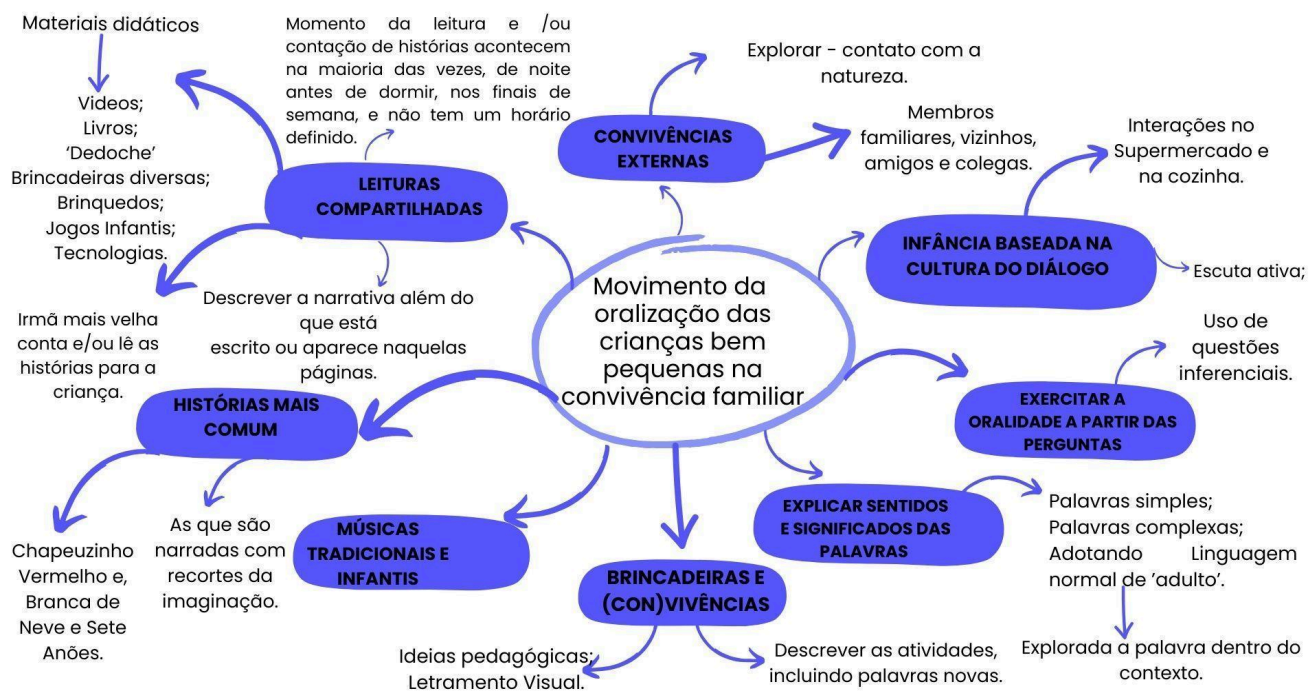
Concluindo minhas reflexões a partir do estudo e das emergências empíricas, a pesquisa despertou-me muito o interesse em conhecer ainda mais a respeito das influências dos costumes de convivência familiar na oralização das crianças bem pequenas. Considero que os familiares que participaram do estudo contribuem muito para a ampliação do vocabulário das crianças, embora cada qual com as suas estratégias e dinâmicas, lembrando que cada família tem os seus costumes, modo de viver e estar na sociedade. Chama a atenção, também, o fato de que essas famílias possuem muitas inquietações e dúvidas, porque conforme alguns familiares mencionaram, não deixa de ser uma preocupação constante saber

se de alguma forma estão agindo da maneira mais adequada, e o que poderiam fazer para melhorarem e contribuírem ainda mais para a ampliação do vocabulário das crianças. Dessa maneira, é importante divulgar mais as pesquisas do PPGL e a literatura da área estudada no ambiente acadêmico que tratam especificamente sobre o assunto, com o intuito de serem mais compartilhados com essas famílias, e ao mesmo tempo, colocar à disposição para ouvirem as suas dúvidas.

Outra dúvida que emergiu das conversas com as mães participantes da pesquisa está relacionada com a busca por saberem se é necessário insistir mais na questão da leitura com a criança ou se é melhor deixar tudo acontecer de maneira natural, sabendo que às vezes pode não ser o momento e que a criança não está preparada para vivenciar aquilo. Mas ao mesmo tempo, percebi que as ações de pesquisa fizeram as mães refletirem e pensarem o que poderiam fazer para mudar e aperfeiçoar suas práticas orais no sentido melhor contribuir para a ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem oral da criança. Diante disso, é necessário afirmar que esses familiares, de maneira inconsciente ou não, fornecem preparação pré-escolar para as crianças, com o intuito de contribuírem para o campo da educação no que se refere à infância e desenvolvimento linguajero das crianças.

Em termos de abertura a trabalhos futuros essa pesquisa leva a questionar sobre a necessidade de que a temática seja explorada em outros contextos, abrangendo outras cidades, outras realidades e outros países. Levar famílias a narrarem sobre o cotidiano de sua convivência tendo como foco a construção e o desenvolvimento da linguagem das crianças pode contribuir para que outros pais, educadores infantis comecem a instigar e pensar mais sobre a oralidade das crianças bem pequenas, considerando que é a linguagem e com a linguagem que a infância encontra o mundo.

Figura 8- Movimento da oralização das crianças bem pequenas na convivência familiar



Fonte: Elaboração da autora (2024)

REFERÊNCIAS

- ARMONIA, Aline Citino et al. Relação entre vocabulário receptivo e expressivo em crianças com transtorno específico do desenvolvimento da fala e da linguagem. *Revista CEFAC*, v. 17, p. 759-765, 2015. Disponível em: AC Armonia, LC Mazzega, FCA Pinto, ACRF Souza... - *Revista CEFAC*, 2015 - SciELO Brasil. Acesso em: 19 dez. 2023.
- BAJOUR, Cecília. *Cartografia dos encontros: literatura, silêncio e mediação*. Traduzido por Cícero Oliveira. – Lauro de Freitas: Solisluna Editora; São Paulo: Selo Emília, 2023.
- BASTOS, Barbara Ferreira Ventura. *Literatura, contação de histórias e a formação do leitor: experiências desde a infância*. Orientadora: Virginia Georg Schindhelm. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Grau de Licenciatura em pedagogia) - Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Santo Antônio de Pádua, 2021. Disponível em: BFV Bastos - 2021 - app.uff.br. Acesso em: 31 ago. 2023.
- BERLE, Simone. *Infância e linguagem: educar os começos*. 2013. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/153>. Acesso em: 6 ago. 2023.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Pesquisa Qualitativa: significados e a razão que a sustenta*. *Revista pesquisa qualitativa*, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: MAV Bicudo - *Revista pesquisa qualitativa*, 2005. Acesso em: 24 set. 2023.
- BISSOLI, Michelle de Freitas. *Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil*. *Psicologia em Estudo*, v. 19, p. 587-597, 2014. Disponível em: MF Bissoli - *Psicologia em Estudo*, 2014a - SciELO Brasil. Acesso 15 nov. 2022.
- BISSOLI, Michelle de Freitas. *O desenvolvimento da linguagem oral da criança: contribuições da Teoria Histórico-Cultural para a prática pedagógica na creche*. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 32, n. 3, p. 829 – 854, set/dez. 2014. Disponível em: M de Freitas Bissoli - *Perspectiva*, 2014b - academia.edu. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BRANDT, Ana; GUSTSACK, Felipe; FELDMANN, Juliana. *Reflexões sobre a contação de histórias: uma proposta para integrar oralidade, leitura e escrita*. 2009. Disponível em: A Brandt, F Gustsack, J Feldmann. Acesso em: 26 ago. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 2 nov. 2024.
- CATANIA, A. Charles. *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- DIAS, Natália Martins; BUENO, Josenilda Oliveira dos Santos; PONTES, Juliana Martins; MECCA, Tatiana Pontrelli. *Lenguaje oral y escrita en la educación infantil: relación con variables ambientales*. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 23, 2019. Disponível em: NM Dias, JOS Bueno, JM Pontes... - *Psicologia Escolar e ...*, 2019 - SciELO Brasil. Acesso em: 31 ago. 2023.
- ESTEVAM, Amanda Gabrielle Oliveira; SOUZA, Maria de Fátima Proença de. *A Importância da literatura na primeira infância*. 2021. Disponível em: AGO ESTEVAM, MFP SOUZA - *fait.revista.inf.br*. Acesso em: 31 ago. 2023.

FALK, Judit (Org.). Abordagem Pikler: educação infantil. São Paulo: Omnisciência, 2016. 79 p. (Coleção Primeira infância: educar de 0 a 6 anos). ISBN 978-85-61190-14-9.

FARIAS, Gerson Carneiro de. O que os bebês sabem? Um modo diferenciado de pensá-los. *Pensar a prática*, v. 11, n. 2, p. 115-124, 2008. Disponível em: GC de Farias - Pensar a prática, 2008 - revistas.ufg.br. Acesso em: 6 Jan. 2023.

FERNANDES, Laís Ramos; DE MORAES, Layanne Rodrigues; DERING, Renato De Oliveira. Contar Histórias e Formar Leitores: A Importância da leitura na infância. *Revista Anhanguera-ISSN*, v. 1519, p. 423X, 2021. Disponível em: LR Fernandes, LR De Moraes... - Revista Anhanguera ..., 2021 - researchgate.net. Acesso em: 31 ago. 2023.

FERREIRA, Ana Karoline Fernandes de Oliveira. A contação de histórias e o desenvolvimento da leitura e da oralidade da criança. 2021. Disponível em: AKFO Ferreira - 2021 - repositorio.ufpb.br. Acesso em: 31 ago. 2023.

FLÔRES, Onici Claro. Como funciona o nosso cérebro: Por que os professores de língua e alfabetizadores precisam conhecer esse funcionamento. In: GABRIEL, Rosângela; Pelosi, Ana Cristina (Orgs.). *Linguagem e Cognição-emergência e produção de sentidos*. Florianópolis: Insular. 2016. p. 268.

GABRIEL, Rosângela; MORAIS, José. A leitura compartilhada na família e na escola. In: FLÔRES, Onici Claro; GABRIEL, Rosângela (Orgs.). *O que precisamos saber sobre a aprendizagem da leitura: contribuições interdisciplinares*. Santa Maria: UFMG, 2017. p. 23-48.

GARCIA, Jaimeson Machado; SEBASTIANY, Vanessa Weber; GABRIEL, Rosângela. O Mercado das Palavras: explorando as potencialidades tecnológicas na Educação Básica. *Lingu@ Nostr@*, v. 12, n. 1, p. 114-130, jan/jun. 2024. Disponível em: [JM Garcia](http://JM_Garcia), VW Sebastiany, [R Gabriel](http://R_Gabriel) - *Lingu@ Nostr@*, 2024 - periodicos2.uesb.br. Acesso em: 13 nov.2024.

GÓES, Maria Cecília Rafael; CRUZ, Maria Nazaré. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. *Pro-posições*, v. 17, n. 2, p. 31- 45, 2006. Disponível em: MCR Góes, MN Cruz - *Pro-posições*, 2006 - periodicos.sbu.unicamp.br. Acesso em: 29 ago. 2023.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 8, n. 17, p. 155 - 183, 2020. Disponível em: [FE González](http://FE_González) - *Revista Pesquisa Qualitativa*, 2020 - researchgate.net. Acesso em: 20 ago. 2023.

GUIMARÃES, Silvia Brilhante; MOUSINHO, Renata. Papel do vocabulário para as habilidades de compreensão leitora. *Psico-USF*, v. 24, n. 4, p. 685-697, 2019. Disponível em: [SB Guimarães](http://SB_Guimarães), [R Mousinho](http://R_Mousinho) - *Psico-USF*, 2019 - SciELO Brasil. Acesso em: 18 jan. 2025.

JERUSALINSKY, Alfredo. Saber falar: como se adquire a língua? Petrópolis: Editora Vozes, 2008. Disponível em: A Jerusalinsky - Petrópolis: Editora Vozes, 2008 - fe.usp.br. Acesso em 19 dez. 2022.

LARROSA, Jorge. O drama da mediação. In: *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício do professor*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, n. 19, Jan/fev/mar/abr. 2002. Disponível em: JL Bondía Revista brasileira de educação, 2002•SciELO Brasil. Acesso em: 27 out. 2024.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida; DE PAULA, Alexsandra Pereira; BRAGA, Aline de Fátima Silva. Contação de histórias e sua importância para o desenvolvimento da criança. Revista Interdisciplinar Sulear, n. 10, p. 131-116, 2021. Disponível em: AMA Loureiro, AP de Paula... - Revista Interdisciplinar ..., 2021 - revista.uemg.br. Acesso em: 27 nov. 2023.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa Elaboração, aplicação e análise de conteúdo. São Paulo: Pedro e João, 2020. Disponível em: ACB Maia -São Paulo: Pedro e João, 2020 - researchgate.net. Acesso em: 9 set. 2023.

MATURANA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Editora Universidade Federal de Minas Gerais, 1998. Disponível em: H Maturana - 1998 - edisciplinas.usp.br. Acesso em: 25 Jan. 2023.

MENDES, Deise Maria L. Fernandes; PESSÔA, Luciana Fontes. Comunicação afetiva nos cuidados parentais. Psicologia em estudo, Maringá, v. 18, p. 15-25, jan./mar. 2013. Disponível em: DMLF Mendes, LF Pessôa - Psicologia em estudo, 2013 - SciELO Brasil. Acesso em: 3 nov. 2024.

OURIQUE, João Luis Pereira. O " contar histórias" da formação: o narrador na perspectiva de Walter Benjamin. Cadernos Benjaminianos, n. 1, p. 111-122, 2009. Disponível em: JLP Ourique - Cadernos Benjaminianos, 2009 - periodicos.letras.ufmg.br. Acesso em: 13 dez. 2022.

PEREIRA, Aline E.; GABRIEL, Rosângela; JUSTICE, Laura M. O papel da formulação de questões durante a leitura compartilhada de livros na educação infantil. Ilha do Desterro, v. 72, p. 201-221, 2020. Disponível em: AE Pereira, R Gabriel, LM Justice - Ilha do Desterro, 2020 - SciELO Brasil. Acesso em: 3 jan. 2024.

PIRES, Rute Isabel Nunes. Contar e explorar contos tradicionais na educação de infância. Orientadora: Ângela Balça. 2023. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação Pré-Escolar) - Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora, Évora, 2023. Disponível em: RIN Pires - 2023 - dspace.uevora.pt. Acesso em: 3 jan. 2024.

RIBEIRO, Fernanda Borges Vaz; PICALHO, Antonio Carlos; CUNICO, Leticia; FADEL, Luciane Maria. Abordagem interpretativista e método qualitativo na pesquisa documental: descrição geral das etapas de coleta e análise de dados. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, v. 17, n. 1, p. 100-113, 2023. Disponível em: FBV Ribeiro, AC Picalho... - Revista ..., 2023 - ... animaeducacao.com.br. Acesso em: 20 ago. 2023.

RODRIGUES, Cássia Regina Machado. A influência da família no hábito da leitura. Orientadora: Telma Socorro Silva Sobrinho. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Grau de Bacharel em Biblioteconomia) - Instituto de Ciências Sociais Aplicada, Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/31/1/TCC_InfluenciaFamiliaHabito.pdf. Acesso em: 4 ago. 2023.

SEVERO, Cristine Görski; GÖRSKI, Edair. Sociologia da linguagem e sua relação com a macro e a microssociolinguística. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 20, n. 4, p. 9755-9767, out/dez. 2023. Disponível em: [CG Severo, E Görski - Fórum Linguístico, 2023 - dialnet.unirioja.es](#). Acesso em: 7 jan. 2025.

SILVA, Maria Das Graças Cruz da. A Importância Da Sócio Interação na Aquisição das palavras na Primeira Infância. 2022. Disponível em: [MDASGCDA SILVA - 2022 - repositorio.ufpb.br](#). Acesso em: 13 dez. 2023.

SILVA, Lybna-Lyssa Cavalcante. A Música Como Influenciadora na Linguagem Oral da Criança. 2023. Disponível em: [LLC Silva - 2023 - repositorio.pucgoias.edu.br](#). Acesso em: 6 jan. 2024.

SOARES, Simaria de Jesus. Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. Revista Ciranda, v. 3, n. 1, p. 168-180, jan/dez. 2019. Disponível em: [S de Jesus Soares - Revista Ciranda, 2019 - periódicos.unimontes.br](#). Acesso em: 9 set. 2023.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. Pesquisa e debate em Educação, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, 2020. Disponível em: [JR de Sousa, SCM dos Santos - Pesquisa e debate em Educação, 2020 - periodicos.ufrj.br](#). Acesso em: 19 ago. 2023.

SOUSA, Lucilene Bender de; GABRIEL, Rosângela. Aprendendo palavras através da leitura. Santa Cruz do Sul: Edunisc, v. 1, p. 135, 2011.

SOUZA, Débora Ocarlina de. A influência do ambiente familiar, percepção parental e condições socioeconômicas no vocabulário receptivo de crianças do ensino fundamental. 2021. Disponível em: [DO Souza - 2021 - acervo.ufrj.edu.br](#). Acesso em: 31 ago. 2023.

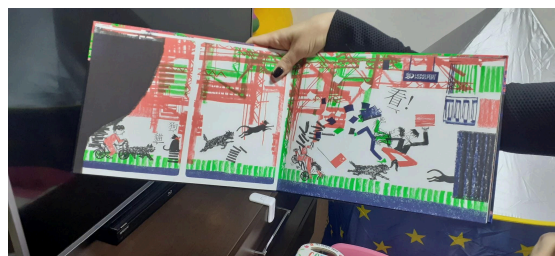
TAMIS-LEMONDA, Catherine. S.; RODRIGUEZ, Eileen. T. O papel dos pais na promoção da aprendizagem e no desenvolvimento da linguagem de crianças pequenas. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância, p. 1-9, 2011. Disponível em: [CS Tamis-Lemonda, ET Rodriguez - ... sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância, 2011](#). Acesso em: 20 nov. 2022.

VASCONCELOS, Débora. A Contação de Histórias Como Método de Intervenção Psicopedagógica. Disponível em: [D Vasconcelos - jornaltribuna.com.br](#). Acesso em: 15 out. 2024.

VITTA, Fabiana Cristina Frigieri; DE ALBUQUERQUE, Girlene Cruz; SCARLASSARA, Bárbara Solana. A Base Nacional Comum Curricular e o berçário. Horizontes, v. 36, n. 1, p. 64-73, 2018. Disponível em: [FCF Vitta, G. de Albuquerque Cruz, BS Scarlassara](#). Acesso em: 30 ago. 2023.

ANEXO 1

Acervos de livros infantis da Família 2









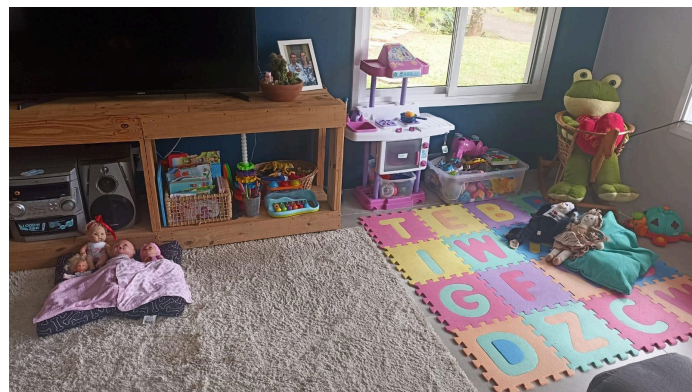






ANEXO 2

Estante de brinquedos, livros e espaço de entretenimento para a criança da Família 5.





APÊNDICE A

DIREÇÃO DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO E DOUTORADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado/a participante!

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário/a do projeto de pesquisa intitulado: **“AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL DE CRIANÇAS NA CONVIVÊNCIA FAMILIAR”**. A pesquisa tem como objetivo identificar experiências de convivência familiar entre famílias da cidade de Santa Cruz do Sul - RS, que contribuem para a ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem oral das crianças bem pequenas, de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses de idade, considerando a utilização de obras literárias e/ou contação de histórias de tradição oral.

A pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa é a acadêmica do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da UNISC, Celina Patrícia Silva e Pires, que poderá ser contatada a qualquer tempo através do número (51) 99919-5476 e/ou do e-mail institucional: celinal@mx2.unisc.br.

O presente questionário tem como objetivo gerar informações que permitam saber quais tipos de histórias literárias e/ou de tradição oral as famílias adotam e que podem contribuir na ampliação do vocabulário e desenvolvimento da linguagem oral das crianças bem pequenas. Trata-se de investigar que literatura é essa e quais são os diálogos que os familiares costumam manter, a partir dela, com as crianças bem pequenas para apoiá-las nessas aprendizagens e em que momento isso ocorre.

A intenção é identificar pontos diferentes e pontos em comum das histórias lidas e/ou contadas pelas famílias, bem como as atitudes e estratégias adotadas, fazendo, na medida do possível, reflexões a partir de dados descritivos desses diferentes contextos, mesmo sendo de realidades diferentes, no que diz respeito à contribuição e estratégias culturais dos familiares neste processo do desenvolvimento da linguagem oral das crianças. Para isso é importante que você responda se aceita, ou não, participar dessa pesquisa, após leitura atenta das informações abaixo.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações. Portanto, qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar da pesquisadora informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Sua participação é possível, pois você atende aos critérios de inclusão previstos na pesquisa, os quais são: que as famílias possuam crianças bem pequenas, na faixa de idade entre 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses; que possam apresentar dados básicos acerca de sua condição social e/ou profissional, possibilitando reflexões comparativas. Sua participação

consiste em responder a uma entrevista presencial a ser gravada, ou questionário online, com 30 questões, cujo tempo de duração média será de 25 minutos.

No caso de questionário online, é importante informar que você deverá responder às perguntas a partir de equipamentos particulares (celular e/ou notebook pessoal). Mas, caso você não disponha desse tipo de equipamento e mesmo assim deseja participar da pesquisa, será agendada, em comum acordo, uma data específica para que essa atividade seja realizada de modo presencial, no qual a pesquisadora irá disponibilizar *notebook* próprio para que você possa responder ao respectivo questionário sem prejudicar o seu desejo de participar.

Cabe informar, ainda, que ao responder o questionário, alguns dos seus dados pessoais, como nome completo e endereço de e-mail, serão registrados no próprio formulário, ou gravados, visando garantir que as informações prestadas sejam de sua autoria e responsabilidade. Tais dados, porém, ficarão sob sigilo e responsabilidade da pesquisadora e do orientador desta pesquisa, professor Felipe Gustsack, que também assina este Termo e poderá também ser contatado por você a qualquer tempo durante a pesquisa através do fone/whatsapp: 51 999489996, ou e-mail: fegus@unisc.br.

Informamos, ainda, que qualquer dado que possa identificá-lo/a será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. O procedimento a ser adotado na produção teórica resultante da pesquisa, para isso, será o de atribuir nomenclatura fictícia a cada um/a dos/as participantes, adotando-se uma sigla alfa numérica F1, F2, F3, F4, F5 (que significa Família 1,2) e assim por diante. Dessa forma, será garantida a sua privacidade e a anonimização do seu e demais questionários dos/as participantes.

Cabe ressaltar, no mesmo sentido, que os questionários, ou entrevistas gravadas, contendo os dados pessoais acima mencionados serão arquivados imediatamente após respondidos pelos participantes, e em seguida serão armazenados numa pasta específica do projeto de pesquisa, garantindo assim o referido sigilo, privacidade e anonimização já referidos. Além disso, essas informações serão deletadas dos equipamentos e/ou sistema eletrônico, sendo suas cópias físicas incineradas imediatamente após terminada essa etapa de ação da pesquisa e defendida a dissertação.

Nessa condição, ao responder ao participar da pesquisa, é possível que algum desconforto aconteça, como cansaço nos olhos ou na coluna pelo tempo disponibilizado pela ação de leitura e respostas ao questionário. Tais desconfortos, se ocorrerem, poderão, todavia, ser minimizados da seguinte forma: fazer pausas durante a leitura do questionário, para alongamento e descanso da visão. Por outro lado, a sua participação é muito importante para a execução da pesquisa, como por exemplo, em termos da sua experiência de vida e contribuição de alguns hábitos para ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem oral da criança na convivência familiar.

Do ponto de vista pedagógico, espera-se que você possa compreender a contação de histórias literárias e /ou de tradição oral como suporte necessário e fundamental para ampliação do vocabulário da criança, além de poder ser uma experiência prazerosa e agradável, complementando outras ações de aprendizagem, como as brincadeiras, por exemplo, que já fazem parte da convivência no seu lar.

Ao final da pesquisa, você, assim como as/os demais participantes, receberá uma mensagem de agradecimento da pesquisadora bem como uma devolutiva acerca dos resultados da compilação e cruzamentos dos dados gerados, podendo, para isso, acessar e conhecer os resultados através de relatórios apresentados pela pesquisadora. Além disso, você poderá conhecer os resultados através da leitura dos artigos científicos que serão publicados a partir das reflexões produzidas com tais informações. Outro processo que também oportunizará a você conhecer os resultados tem a ver com o fato de que a Dissertação,

enquanto documento final de toda a pesquisa, ficará disponível, com acesso aberto, no Site do PPGL-UNISC, após a sua defesa e entrega da versão final.

Por fim, informamos, ainda, que para sua participação nesta pesquisa você não terá nenhuma despesa com transporte, alimentação, exames, materiais a serem utilizados ou despesas de qualquer natureza.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____ RG _____

_____ ou CPF _____ concordo com a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado/a, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos a que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados. Ademais, declaro que não me foi solicitada autorização da utilização de meus dados pessoais, de minha imagem e voz, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, garantindo, assim, que eu não possa ser identificado.

Após tomar ciência das informações e acordos acima, afirmo estar igualmente ciente de que após ter lido o que está escrito “aceito participar deste projeto”, assinando o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e declaro autorizar a minha participação.

Celina Patrícia Silva e Pires – responsável pela pesquisa

Contato: (51) 999195476 – celinal@mx2.unisc.br

Felipe Gustsack – professor orientador da pesquisa

Contato: (51) 999489996 – fegus@unisc.br

Local: Santa Cruz do Sul

Data: 16 de agosto de 2023.

Nome e assinatura do/a voluntário/a

Nome e assinatura do/a voluntário/a

Nome e assinatura da responsável pela apresentação deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome e assinatura do orientador da pesquisa

APÊNDICE B

DIREÇÃO DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO E DOUTORADO

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Santa Cruz do Sul, 31 de agosto de 2023

Prezado (a) Senhor (a)

Apresentamos a acadêmica **Celina Patrícia Silva e Pires**, regularmente matriculada, sob o número **131033**, no Curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Seu projeto de pesquisa, intitulado “Ampliação do vocabulário e desenvolvimento da linguagem oral de crianças na convivência familiar”, foi aprovado na banca de qualificação do PPGL e a mesma está autorizada a realizar as ações de pesquisa necessárias à elaboração da dissertação.

Agradecemos sua acolhida e colaboração nessas ações de pesquisa, destacando que as mesmas têm grande contribuição no processo de desenvolvimento pessoal e profissional da acadêmica Celina, e da pesquisa científica da nossa região.

Na expectativa de sua disponibilidade e apoio para a efetivação dessas atividades de pesquisa, nos colocamos ao seu dispor para quaisquer outras informações que se fizerem necessárias.

Atenciosamente,

Orientador Prof. Dr. Felipe Gustsack
Fone/whats: 51 99948-9996

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC

ROTEIRO DA ENTREVISTA ESTRUTURADA

(Iniciar somente após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)

TEMA: AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL DE CRIANÇAS NA CONVIVÊNCIA FAMILIAR

1. Dados de identificação

- a. Nome:
- b. Idade:
- c. Pai/mãe/outro:
- d. Bairro em que reside:
- e. Estado civil:
- f. Qual é o seu nível de escolaridade?
- g. Você trabalha?
- h. Se sim, qual a sua profissão?
- i. Quantas horas trabalha por dia?
- j. Você trabalha na sua área de formação?
- k. Qual a renda familiar (aproximada)?
- l. Quantas pessoas residem com a criança e quais suas idades?
- m. Nome da Criança:
- n. Idade:
- o. Se a criança frequenta escola (qual?):

2 – Você tem o hábito de ler e/ou contar histórias orais para seu/sua filho/a? (Se não, justificar)

3 – Em que momento do dia costuma fazer isso?

4 – Quais tipos de livros e/ou histórias de tradição oral você costuma ler ou contar?

5 – Depois da leitura e/ou contação de histórias quais são as experiências de interação que se estabelecem, normalmente, entre você e a criança?

6 – Você costuma ler/contar histórias para a criança todos os dias?

7 – Durante a leitura/contação de histórias a criança costuma lhe questionar a respeito dos sentidos das palavras ou você já vai explicando ao perceber que o significado de uma palavra possa não ser do conhecimento da criança?

8 – Quais outras atividades a criança realiza em casa e que você considera importantes para que ela conheça novas palavras?

Por exemplo: Costuma conversar bastante, é muito curiosa ou é mais comedida; interage com outras crianças; costuma realizar joguinhos (físicos ou eletrônicos); costuma assistir desenhos animados; ouvir músicas; dialogar com outros membros da família; etc...

9 – Há alguma outra atividade, realizada por membro familiar, que você considera importante e que contribua para que a criança possa ampliar seu vocabulário? Por exemplo: há alguém que costuma cantar para a criança? Há alguém que costuma brincar com a criança? Quais músicas? Quais brincadeiras?

10 – Quando não estão conversando diretamente com a criança, quais são os principais assuntos a respeito dos quais vocês conversam na convivência familiar?

11 – Você, e/ou outra pessoa da família, tem o hábito da leitura (Costuma ler com frequência)? (Se sim, responder as próximas três perguntas)

12 – Qual tipo de texto você, ou outra pessoa da família, costuma ler?

13 – Qual é frequência dessa leitura, por dia/semana/mês?

14 – A criança costuma ver você (outra pessoa) lendo?

APÊNDICE D

Comentários e Narrativas das famílias

1º Comentário - Nesse primeiro relato, o objetivo era saber dos familiares se têm o hábito de ler e/ou contar histórias para a criança. Neste sentido, se a resposta foi não, procurei fazer com que justificassem o porquê. Portanto, a partir das conversas com os familiares foram gerados os seguintes relatos:

Entrevista Piloto - Família 1

“A gente conta histórias, a gente não lê, a gente conta o que na nossa infância foi contado para gente: contar historinhas. **Eles** (o pai e a irmã) **contam também, a minha filha principalmente,** porque ele fica bastante com ela, porque eu trabalho durante a noite também, aí o meu marido fica mais tempo no serviço dele também. Daí é ela que fica com ele. Eles deitam na cama dela, ela fica fazendo trabalho dela de escola, aí ele pede, ou ele fica olhando um videozinho, daí **ela bota para ele um videozinho de uma historinha ou daí ela mesma conta para ele uma historinha. Meu marido também, depende quem está com ele, ele pede a gente conta,** cada um do seu jeito, mas a gente conta (rsrsrsrs)”

Família 2 - **“Sim, o meu marido também conta e ela nos conta também. Ela relata as coisas do dia a dia da escola,** ou então ah, que ela, a Tânia e a Clarice brincaram de boneca, ah a Bibi, ela fala na terceira pessoa, não quis brincar sempre, a Bibi não quis brincar com a Magda, então ela relata as coisas. Aí dependendo do que ela relata eu explico para ela que não, que não pode tal coisa, que não é legal sabe, ah, tem um dia que ela relatou que ela não quis brincar com a Magda. - Mas por quê? A Magda é tua amiga, a Magda é tua colega, tu tem que brincar com a Magda, ela é querida e tal, tentando manejar para melhorar algumas situações, porque ela tem que entender que elas são coleguinhas dela né. Então, aí melhora, as coisas melhoram. As vezes tem algum comportamento meio diferente na escola as profes falam. Normalmente o comportamento dela é muito resultado da noite dela bem dormida ou não. Hoje provavelmente ela vai estar um pouco mais chorosa, porque ela dormiu menos, foi dormir muito tarde e acordou cedo, porque as duas dormem cedo. Oito da noite as duas estão dormindo normalmente, e elas foram dormir 10h30min, porque nós estávamos no aniversário, então provavelmente hoje o comportamento dela vai ser influenciado pelo sono que ela não dormiu, não foi suficiente. Elas dormem tarde muito raro. Normalmente a gente nem sai com elas a noite, a gente não faz nada a noite com elas, se a gente vai fazer alguma reunião de amigos, os nossos amigos que não envolvem crianças, eles vem até aqui e eles vem depois que elas dormirem daí para gente poder ficar a vontade e elas dormirem no horário certo assim, **a gente tenta seguir uma rotina,** a Ana dorme mais cedo entre sete e meia e quinze para oito, a Betânia dorme um pouquinho depois, mas elas costumam dormir cedo”

Família 3 - “**Sim, tanto eu quanto o pai dele, a gente gosta de ler com ele, o pequeno já pede pra gente ler para ele, ele traz o livro lá do quarto (rsrsrs)**”.

Família 4 - “**Não, porque eu pego o livro para ler, aí eu pego livro, eu vou ler histórias, ela não deixa eu ler, ela não quer que eu leia, ela quer olhar e dizer balão, casa, peppa pig, papai, mamãe. Ela quer olhar as figuras e dizer o que é que tem nas figuras, e ela não se prende, ela não deixa, aí eu começo a ler, né, e ela não deixa, ela puxa, aí ela começa, casa, carro. Ela começa a apontar os desenhos e querer mostrar o desenho que é, e começa a folhear o livro, a gente tem muitos livros, ela adora livros, comprei novos agora, mas ela quer apontar os desenhos e falar. E esse é vamos dizer que a gente lê pelas figuras, aí quando eu tento né, ela não quer, ela não aceita, não sei se isso é uma fase daqui a pouco vai passar, acredito que sim, então é assim que a gente lê, agora eu comprei um novo livro que ele tem as historinhas ali, personagens e daí em cima tu pode desenhar os personagens, então a gente ah, bola, balão aí desenha ali naquele tipo lousa pequenininha que apaga**”.

Família 5 - “**Sim, não diariamente, porque os nossos dias são muitos corridos né. A gente acorda de manhã, já arruma a criança, já leva para a escolinha. Ela fica o dia inteiro na escolinha, eu fico o dia inteiro fora, meu marido também. A gente pega ela seis horas na escolinha para ir para casa. Ela vai na creche umas 8h15min, 8h20min, meu marido leva ela, fica até 6h da tarde. Bota roupa para lavar, faz janta né, dá jantar para criança, dá banho para criança, daí quando vê ela já está cansada e já quer dormir. Então, mas a Isabela tem muitos livros, a gente seguidamente conta história para ela. Ela explora bastante, não só leitura, mas eu acho que muito ajuda da minha área também né, como eu sou da área da pedagogia, então eu acabo incentivando mais. Ela tem contato com lápis, um caderno, com outras coisas materiais de escritas né, em geral. E, os livros sim, são muitos explorados, mas não diariamente, não tem como né, o nosso tempo não permite, mas antes de dormir as vezes a gente conta uma historinha, uma coisa, e ela é muito falante né. Ela tem 1 ano e 10 meses, mas ela fala tudo, por isso que eu te perguntei se tu queria que eu trouxesse ela. Claro, que talvez ela ficaria tímida né, porque às vezes quando a gente pega ela no meio de pessoas estranhas, ela acaba não falando, mas ela fala tudo. Ela forma frases desde um ano e quatro meses, ela já formava, eu quero água, não gosto disso, ela fala direitinho. E eu quando era professora do berçário e do maternal que é da idade que ela está agora, eu não tinha crianças que falavam assim, só que isso muito veem porque nós falamos muito com ela. Nós estamos o tempo todo conversando com ela. Eu coloco casaco nela, eu digo agora vai, me dá tua mão direita, agora eu vou botar tua mão esquerda, vamos botar na cabeça, oh! agora nesse buraco vai a cabeça, então o tempo todo a gente está falando com ela. Eu até tenho um vídeo depois eu posso te mostrar, mas isso foi quando ela tinha um ano e quatro meses. Eu acho que ela contou de um a 10 perfeitamente e falou as vogais, a, é, i, o, u, bem bonitinho assim, mas é uma coisa que a gente fica cutucando?, não?, não é, é na brincadeira que ela vai aprendendo. A gente tem um livro com as vogais com letras, olha aqui a letra L, olha aqui a letra I né, ah, isso aqui é a letra da Mamãe, essa aqui é a letra da Isabela. E agora se ela abre o livro, ela diz, olha aqui oh, a letra da Isabela, então acho assim oh, o livro ajuda bastante nesse sentido e mais também a nossa fala, a nossa interação com ela**”.

2º Comentário - Do mesmo modo, foi importante saber em que momento do dia os familiares costumam ler e/ou contar as histórias para a criança. Quanto a esse aspecto, foram gerados os seguintes registros:

Família 1- “Na maioria das vezes na parte da noite, porque durante o dia a gente não fica junto. Daí eu trabalho ele vai na creche, **então é na maioria das vezes de noite, antes de dormir a gente conta uma historinha. Ele gosta também de falar sobre as historinhas, porque lá na creche a profe conta muitas historinhas para eles**”.

Família 2 - “Quando ela está em casa, nos finais de semana, ela pede para ler, nós lemos para ela. **Também tem o hábito de ler histórias no banheiro** (rsrsrs) quando ela está no banheiro, ela quer que a gente leia histórias, então lemos lá, **lemos aqui durante brincadeiras, enfim, não tem horário definido não: é antes de dormir. Eh, quando está brincando**, daqui a pouco, vamos ler, vamos lá, ela escolhe o livro que ela quer, a gente lê para ela, assim funciona”.

Família 3 - “No final da tarde normalmente, depois do jantar, depois que eles tomarem banho e como o meu mais velho está aprendendo a ler, **então o pequeno vê ele lendo e quer ler um livro também, acontece com os dois juntos. Muitas vezes o mais velho lê para o pequenino também**, mas como é uma leitura mais pausada, o pequeno perde a paciência, ele não quer (rsrsrsrs)”.

Família 4 - “Ah, de manhã como fica só eu e ela, a gente faz isso. A noite no quarto quando a gente vai deitar, aí a gente fica brincando com esses livros. **Às vezes pela manhã que fica só eu e ela, ela pega.** A gente tem uma caixa que tem todos os livros dentro do quarto dela. Ela pede pra mim tirar a caixa, levar para sala, a gente coloca no chão da sala e **ela pega os livros e fica folheando os livros, tem livros que tem mais gravura, ela fica ali mexendo. Ela repete os nomes, então são vários momentos assim que acontece essa leitura desta maneira né**, talvez ela não entenda ainda, *agora não posso*”.

Família 5 - “Nos finais de semana acontece também, mas como a gente mora no interior, que é mais interior né, onde é a nossa casa, ali é bastante pátio, bastante árvore, então a Isabela é uma criança muito ativa. Ela não vai querer ficar dentro de casa com o livro. Ela até leva os livros para fora, que ela tem uma sacolinha, parece uma palha assim, né, acho tão bonitinho que ela pega aquela sacolinha e bota os livros ali dentro. Isso a gente deixa debaixo da TV na sala. Tem uma caixinha, eu vou tirar uma foto e mostrar para ti, tem uma caixinha de palha também transadinha que os livrinhos estão tudo em pezinho ali e os brinquedos dela, alguns brinquedos não todos. Isso fica debaixo da TV, então ali ela tem a livre escolha. Ela pega o que ela quiser, assim como ela tem a sacolinha também que ela leva para fora do pátio. Tem uns livros mais machucadinhos, judiado que eu deixo ela levar para o pátio e tem outros livros que ela só pode usar dentro de casa, porque nós temos grama, nós temos terra e tem pedra. Eu não quero que ela machuque os livros bons né, é aquela preservação para preservar por mais tempo. E ela é pequeninha e não tem esse cuidado assim de não pisar em cima, de não sentar em cima, de não rasgar né. Ela ainda não sabe isso, então ela leva para rua também, mas é difícil. Ela gosta mais de correr na grama e brincar com pedra e com terra quando ela está no pátio. **Mas nos finais de semana sim acontece, a gente vai na casa do vô e da avó, separa uma sacola de brinquedos.** Oh! Nós vamos na casa do vô e da avó, o que é que tu quer levar? ah, eu quero levar o nenê. Ela disse que quer levar nenê, **daí tem o livro do peixe** que ela disse, quero levar o livro do peixe, é **girinos** na verdade, não são peixes (rsrsrs), são dez girinos, daí ela conta um, dois, três. Um vai para lagoa, dois vai para lagoa, ela vai contando girinos. **E dali escolheu da Branca de Neve, porque ele é de interação**, puxa para um lado aparece Branca de Neve, puxa para o lado aparece a Bruxa, né, e **os brinquedos de panelinha, panelinha de comidinha.** Esses normalmente que ela escolhe e a gente sempre dá opção para ela escolher, para ter essa autonomia dela também. A minha mãe está ligando (...). Ah, **mas é mais nesse sentido assim, final de semana a gente pega, claro que é com mais frequência, às vezes de manhã, às vezes de tarde, às vezes de**

noite também, mas durante a semana assim ah, não são todas as noites, porque não dá tempo né, a demanda não dá, **mas eu sei que na escola eles pegam seguido**, inclusive hoje era o dia do brinquedo, ela levou dois livros, não levou brinquedo, porque ela escolheu, ela quis, eu disse, não, tu leva escolhe qual tu quer e tu leva”.

3º Comentário - Exemplos de livros e/ou histórias de tradição oral que os familiares costumam ler ou contar para a criança. Dessa forma, foram gerados os dados com histórias diversas contadas por meio de livros ou pela imaginação. Aqui, temos exemplos de alguns livros de histórias que os familiares costumam contar no dia a dia para a criança.

Família 1- “A gente conta do **chapeuzinho vermelho**, a gente conta dos **três porquinhos**, ah, **Branca de Neve**, hum, é, eu acho mais que seria isso assim. Outras vezes que ele me pergunta, ai, deixa eu pensar, alguma coisa relacionado assim, tipo **histórias sobre índios** às vezes, porque como era dia dos índios eles comentavam na creche. Daí ele pergunta, eu acabo contando alguma coisa para ele. Eu mostro um videozinho que tem algum índio, uma musiquinha, assim, ele gosta. **História tradicional na infância, eu gosto muito das histórias dos três porquinhos, eu gosto muito do Saci Pererê, eu gosto muito de chapeuzinho vermelho tradicionais**, assim, eu gosto. Na família a gente não criamos com o hábito de contar histórias não. A minha mãe não contava histórias, gente escutava assim da escola mesmo que a professora contava para nós, ou avó contava. Avó às vezes, assim, vamos dizer, sentava e contava uma história para gente, mas era difícil. Na minha casa assim, a gente morava no interior, então estava sempre todo mundo na agricultura, sabe. A minha avó era costureira, a outra também era da agricultura, então ninguém tinha tempo estava sempre trabalhando. O que a gente aprendia, o conhecimento que a gente adquiriu, coisa assim, era da escola, tanto que eu tenho só Ensino Fundamental, porque meus pais não tinham condições para mim pagar. Nós morávamos no interior pra pagar um ônibus pra ir pra cidade estudar, então eu terminei o Ensino Fundamental fui trabalhar, sabe, então é o que a gente conseguiu”.

Família 2- “Na verdade assim, **contação de histórias a gente acaba inventando uma história, às vezes para ela assim. Tem um período que nós contávamos histórias para ela dormir, a gente inventava uma história, na verdade, a história que eu contava era retratando o dia a dia dela, mas sem colocar o nome dela. Assim, ah, era uma vez uma menina com a pele branquinha de porcelana, cabelo cor de ouro, e ela começa (suspiro) igual a Bibi, igual a Bibi, então a história eu retratava o dia a dia dela, mas sem dar o nome dela, né**, porque fazia isso para ela dormir. Teve um período que a gente fazia isso de contar história ou então o meu marido também contava a história do **Menino Mogli, mas assim, inventando a história, não seguindo a risca. O conto como ele seria, a gente vai inventando**, e ela fica ali prestando atenção. **Ela gosta muito de histórias, não é nada específico, a gente não segue um roteiro, uma história específica, assim ah, a história chapeuzinho vermelho, não, a gente inventa tá, até pode contar a chapeuzinho vermelho, mas a gente bota outras coisas no meio. Vamos incluindo outras coisas no caminho da história (rsrsrsrs), não tem um nome específico. Sim, daí cada um tem a sua historinha né, então esses livros a gente conta o que está escrito, mas quando a gente conta a história sem ler um livro, aí a gente vai inventando a história e vai contando conforme ela vai tendo interesse a gente vai ampliando (rsrsrs)”**. Ah, tem **chapeuzinho vermelho**, tem o **Bom dia do Urso e o Rato (rsrsrs)**, tem do **Pescador Jeremias**, do **Ernesto**, tem várias histórias ali (rsrsrs). **Histórias de tradição oral, não tem nada muito específico, é o que está ali**. Ah, nós tínhamos uma assinatura de clube de leitura, então todo

mês vinham dois três livros, então só que não era nós que escolhíamos os títulos, né. Eles que nos enviavam, então **muitos dos livros que tem aqui são nacionais, não são do Rio Grande do Sul, porque são autores dos diversos lugares, então ah, não seguem uma cultura específica, são livros que vêm de fora.** A gente assina, é uma distribuidora do Brasil, eh, assim vamos supor, é um clube de assinatura ah, tu paga uma mensalidade e eles te enviam títulos de acordo com a idade da criança, então agora até cancelei assinatura, mas eu assinei antes dela ter 1 ano. Então no início vinham **livros esses de banho, esses livros plásticos,** deixa eu te mostrar, **livros assim mais simples, só com formas e bichinhos.** Enfim, que a criança pode morder e levar para o banho, depois começaram a vir **livros com histórias um pouco mais complexas e elaboradas.** Se quiser olhar pode ficar bem à vontade, então tem todo tipo de livro, tem um ou outro que eu comprei, que eu tenho uma amiga minha que ela é pedagoga e vende livros, então alguns livros eu já comprei dela também, então assim vai indo. Agora até faz um tempinho que estou sem adquirir livros, mas tem bastante coisa, teve um período por mais de um ano que a gente recebia três livros por mês, vinham por esse clube de leitura e agora não está vindo mais, dei uma parada que tinham muitos livros lá (rsrsrsrs)”.

Família 3 - “Ah, é historinha do **chapeuzinho vermelho, as histórias infantis da Disney,** eles tem uma coleção com livrinhos da Disney. Ah, **são muitos livrinhos assim, tipos de histórias infantis com animais, personagens,** traz também o que eles enxergam na TV, né, então tem **Patrulha Canina** que é um desenho que eles adoram, **tem os livrinhos da patrulha canina** também, então a gente faz essa mescla assim. **Histórias de tradição oral,** aí acho que é muito mais na fala mesmo, não apoiado num livro né, mas na fala. O pai deles tem mais forte essa coisa de falar sobre tradição com eles, então de contar histórias daqui é mais com o pai, mas falamos sobre. **Ah, esses dias ele estava falando sobre Saci pererê, mas não sei se é bem do Rio Grande do Sul na verdade, mas é mais tradicional.** Aí tem uma que ele veio contando, ah, não, mas aí estou misturando. **Com o pequeno não, tradicionais aqui do Rio Grande do Sul com o pequeno eu acho que não, daí é já com o mais velho, com o pequeno é mais essas histórias mais lúdicas, assim, personagens mesmos. Mas muitos livros, por imaginação, são menos”.**

Família 4 - “Temos da **Peppa Pig** é um desenho infantil, tem **livros de animais, zebra, macaco, bichos** que daí ela também aponta. A gente tem um que ela gostou muito, *ai Meu Deus (...), (rsrsrsrs)*. Esses livros a gente tem alguns até que são **aqueles livros de banheiros de plásticos que eles têm mais os animaizinhos, assim.** Daí por exemplo vaca, daí tem a vaca escrito vaca, pato, tem o pato escrito pato. **Aí um outro que é um dos primeiros que ela gostou muito, é um grandão que ela ganhou que fala das crianças para ir no banheiro assim, né, daí tinha uns bebês com vasilho.** Ela adorava aquele livrinho que falava bebê e tal, só que aquele começou a se rasgar. Era duro assim tinha todo um né, deu uma rasgadinha assim, mas ela gostou muito desses que tinham imagem de bebês aprendendo a ir ao banheiro sozinho, mas é mais de desenho assim. Ela ganhou um outro agora da Conceição que é também de **animais, girafa, as coisas do zoológico,** então a gente tem, até quero comprar alguns novos assim. **Histórias tradicionais, ainda não, porque ela não entende né, ela é muito bebê, ela tem apenas dois anos né, então ainda não cheguei. A gente fala muito em animais, em mostrar. A gente tem um quadro em casa ah, na parede que é preto para escrever de giz, aí ali a gente faz desenhos, mas, mais é desenho de carro, nuvens, sol, então essa é a maneira que a gente desenvolve um pouco assim essa questão, mas ela ainda não se prende contar historinhas sabe, eu acho que talvez é porque ela não vai na escolinha também, ela ainda não tem essa visão ainda”.**

Família 5 - “Eu não consigo assim ah, a **Isabela é uma criança muito ativa, então ela pouco para, para escutar uma história. Leitura mesmo para essa idade é difícil de eles prestarem atenção, então eu uso dedoche.** Tenho um material em casa assim que ficou meu né, meu da pedagogia, meu da escola de Educação Infantil que eu trabalhava antes de ir para o Sesi. **Ah, para interagir com a criança, aí ela presta atenção do início ao fim da leitura.** Se eu só pegar, senta ela no meu colo né, e ler o livro, ela olhando nem tudo, ela não quer prestar atenção do início ao fim, aí ela só quer assim ah, olha aqui o porco. O porco faz ronqui ronqui que ela diz sim né. Olha ali o cavalo, upa, upa, ela já pula que nem o cavalo, quando vê, ela já está correndo por ali. Ela não presta atenção de início ao fim, então para..., mas na escolinha eu sei que ela para, porque as profes já gravaram uma roda de contação de histórias e ela fica quietinha, mas tem mais crianças né, ela enxerga os outros, então ela para. **Em caso, o que é que a gente faz muito? Eu não leio ao pé da letra o livro, eu olho a gravura e ou contando né. Olha só! que nem o João Pé de feijão né. Ela tem coleção de João pé de feijão, da Rapunzel, Branca de Neve e Sete Anões. Aí, eu vou contando a história e vou virando as páginas, eu faço assim normalmente.** Ah, o livro da Malala, ela tem o livro da Malala, mas era meu livro, eu estou dando para ela agora, porque eu acho lindo a história da Malala. Ela adora as gravuras. A menina, ela sempre diz a menina, ela não diz a Malala. A menina, a menina está dodoi, daí eu disse é, a menina fez dodoi, mas já passou, está tudo bem, só ali, como ela está feliz agora. **Sabe, a gente vai contando assim. É dessa maneira que eu vou contando a história para ela. É uma conversa né, é uma conversa que a gente vai tendo.** Ah, livros que eu gosto muito assim de que ela explora, **Ruth Rocha que eu adoro, sabe, que ela explora. Ela gosta muito da Bruxa, Bruxa Onilda, né,** daí ela vai, ah, Bruxa faz hahahahaaaa né. Ela interage bastante no meio, mas contar do início ao fim ela não consegue, ainda não, talvez por ela ser pequenininha né, e toda essa construção. **Histórias de tradição oral não aconteceu ainda,** alguns tu quer dizer assim ah, algum livro, alguma tradição?, não, nós não temos nenhum livro desses, tá entende. Ela recebeu um livro, ela ganhou um livro, nós não compramos ah. **A Bíblia das Meninas é uma tradição né, é um livrinho pequenino, acho que é a Bíblia das meninas, agora não lembro seu nome, mas é de menina, está escrito algumas coisas de menina ou história sagrada de meninas.** Ai desculpa não vou lembrar, ali daí tem **historinhas pequeninas da Arca de Noé, de Jesus,** sei lá o quê, porque nós somos católicos, praticante ao pé da letra nós não somos, mas ainda nós carregamos muito de isso no meio do nosso contexto familiar. **Então esse é um dos livros que ela tem, que a gente conversa um pouquinho ali, sobre né. Sobre a nossa cultura, a nossa tradição, mas alguma coisa especifica do Rio Grande do Sul, ah, não, do Rio Grande do Sul em especial não, mas de origem alemã, sim.** Eu sou de origem alemã, eu falo alemão fluente, sei ler e escrever também e **eu tenho livros que estão escritos em alemão, então eu conto para ela, mas também a gente não fala da origem né. Eu só falo em alemão com ela, mas ainda não, porque ela é pequenininha.** Nós ainda não chegamos nesse momento, ela é muito pequena, se ela tivesse talvez uns três aninhos que ela interage bastante com a gente. **Ela conversa bastante, mas nós ainda não temos uma conversa, entende, é diferente.** A gente conversa assim oh, ah, aí agora um, nós temos uma gata né. Ai agora a Nick vai dormir, agora a gente não pode mais incomodar ela. Ela pergunta, não pode?, não, não pode, ela vai dormir agora tá, morreu, entende sabe acabou, ah desculpa morreu. Acabou o assunto ali, então **ela ainda não está nas idades dos porquês também, no momento que ela tiver na idade do porquê, aí eu acho que a gente vai começar dizer, não, porque na época da mamãe era assim, ou o teu avô e tua avó não deixava a mamãe fazer tal coisa, então é assim, tu entende sabe, acho que ali a gente vai chegar, por enquanto ainda nós não chegamos. E não adianta também que nem a história do Rio Grande do Sul, só se eu tivesse um livro para mostrar para ela, mas se eu não tenho um livro, uma narrativa, alguma coisa, não adianta dizer assim**

ah o quero - quero é daqui do Rio Grande do Sul. Ela vai achar que quero - quero é um passarinho assim. Então ela não vai entender essa questão de cultura né”.

4º Comentário - Depois das famílias mencionaram exemplos de livros e/ou contação de histórias com e para a criança, foi importante saber se os familiares estabelecem algum tipo de interações que permitam às crianças colocarem em prática as experiências obtidas entre a mediação do adulto e a criança. Portanto, os familiares falaram um conjunto de relatos extremamente necessários que nos ajudam a compreender as vivências junto aos familiares, a maneira que cada uma contribui neste sentido. A partir de então foi gerado os seguintes dados:

Família 1 - “**Ele faz, ele não faz muita pergunta, mas a gente pergunta para ele assim, normalmente responde certinho**, porque ele é um pouco acanhado. **Ele não interage ainda direitinho, mas se eu pergunto para ele, tipo da história dos três porquinhos, o que é que o primeiro porquinho fez?, aí, ele sabe, fez a casinha de madeira, de palha, tudo ele sabe, tudo ele conta e presta atenção. Ele pede para contar histórias, ele gosta”.**

Família 2- “**Ah, nós brincamos, ela às vezes acaba também falando da história, ou ela inventando junto.** Ela está numa fase que está gostando de inventar historinhas ou então música. Na escola trabalham muito com música, então **ela acaba criando uma música num ritmo de outrem entende.** A gente fala aqui paródia né, que **a gente troca as palavras, pega um ritmo da música e troca as palavras, então ela tem feito isso e também inventar historinha dela. Ela relata a história** enfim, uma brincadeira, ela começa inventar a historinha dela, ela é bastante falante se tu visse ela tu ia apavorar (rsrsrs) que ela fala muito (rsrsrsrs)”.

Família 3 - “**Eu costumo contar história e voltar no livrinho com ele, para ele mostrando o que ele está vendo no livro né, e aí, ele vai trazendo algumas coisas que ele traz só a imagem, é um patinho, mas ele já começa a juntar ação que aquele personagem está fazendo.** Então agora com 1 ano e 10 meses ele disse assim, ah, **o patinho está comendo, ele está brincando, e aí, eu vou deixando ele não montar a história, mas ele me contar o que está vendo naquelas páginas, eu tento sempre fazer com que ele pratique o vocabulário dele ali. Ele tem curiosidade de questionar do jeito dele na verdade,** ainda não é uma pergunta bem formada, mas ele tenta trazer, ele fala alguma coisa do livro e daí ele olha para gente, tipo é isso que está acontecendo? (rsrsrs), é muito ainda na expressão dele, e a gente tenta confirmar a ação ou dar mais informações sobre aquilo para ele. **E a gente percebe o quanto isso muda ou incentiva a fala dele no dia a dia,** por exemplo, hoje a gente estava almoçando e aí o noticiário da TV trouxe notícia de uma senhora que morreu e ele estava de boca cheia comendo (suspiro) mamãe!!! Hoje, o passarinho bateu no vidro e morreu, lá na minha mãe tem uma área muito grande de vidro e ele estava impressionado. A minha mãe já tinha me contado antes sem ele ter visto, que ele estava impressionado, o passarinho doeu muito forte no vidro e caiu mortinho já tadinho. Ele ficou muito impressionado com aquilo e quando ele escutou a palavra morreu na televisão, nós estávamos assistindo a notícia ele lembrou a história do passarinho, e ele mais do que de pressa com aquela boca meio cheia ainda sabe, eu disse calma!, e aí veio com a história para mim, mamãe!!! ‘passainho’ bateu vidro morreu!!!(rsrsrsrsrs) então aí a gente percebe que ele fala bastante para idade dele, para o que a gente vê perto das outras crianças”.

Família 4 - “Tu diz em brincadeira? ah, a gente no quarto dela tem uma mesinha com cadeirinha, então ali tem giz de cera. Eu comprei aqueles papeis grossos, sabe, bloco, a gente desenha ali. Ela pede para mim desenhar as coisas, vou desenhando, então tem esse cantinho que daí tem os livros juntos nesse canto, que a gente pega ali os livrinhos. Eu compro aqueles livrinhos de desenhar para ela também, geralmente eu pego com animais, ela gosta muito de carrinhos, bonecas. Aquele cantinho, a gente desenha, temos essa outra parte da casa que é na sala que é uma sacada que tem essa parede que dá para escrever de giz, então a gente desenha ali com giz. Aí ela vai muito no meu quarto, inclusive eu baixei a minha cama assim botei ela no chão, *porque ela caiu*, mas aí eu deixei no chão, então ali o que é que ela faz? Ela carrega muitos brinquedos para cima. **Ela carrega brinquedos e a gente brinca em cima da cama, assim ela gosta muito de brincar com carrinho, bola, então tem duas caixinhas que ela leva ali para cima e a gente fica ali né, brincando. No quarto dela também tem uma piscina de bolinha assim pequenininha que a gente colocou, tem uma mesa musical**, então ali essas brincadeiras porque ela brinca, mas eu também tento assim alguns momentos, como não posso, não vou passar o dia todo brincando com ela, entretendo, **incentivo muito ela também a ter umas brincadeiras sozinhas**. A brincar né, ah, então assim eu pego os brinquedos coloco ali, ah, mãe vai botar aqui pra ti. Fica brincando que a mãe vai lá fazer a comida, que a mãe vai lá estender a roupa, **então ela fica se entretendo ali brincando com os brinquedinhos e tal. Ela tem um cavalinho também que ela brinca, então é assim, em alguns momentos a gente brinca junto**, mas ela também tem que ter liberdade, tem que saber que ela também tem alguns momentos para brincar sozinhas e a gente passa muito tempo junto, porque eu estou nesse momento só cuidando dela, nem estou trabalhando, então a gente passa muito tempo junto. O pai dela também não está aqui, então a gente já acaba que né, fazer muitas coisas”.

Família 5 - “Normalmente assim, oh, **é raramente nos finais de semana que acontece, que está eu, o Guto tomando chimarrão, alguma coisa assim. E ela no meio com brinquedos e livros**, é que sempre ficam misturados brinquedos e livros. **Aí a gente conta uma história**, coisa assim. **Ela pega e guarda o livro, e ela disse agora é este, daí a gente conversa um pouquinho, quando vê ela está brincando com uma outra coisa**, mas ela segue brincando com uma outra coisa. Devagarinho a gente vai se acomodando e vai guardando tudo. Oh, está na hora de guardar os brinquedos, pega os brinquedos, pega o livro e guarda, mas a gente depois de uma contação, a gente segue tomando chimarrão ou se eu tenho que levantar para botar uma roupa para estender, levanto, ou se é o Guto, mas é bem tranquilo. A gente raramente assiste televisão em casa, a televisão é uma coisa que muito pouco a gente liga, e se ligar botar numa música né. Quando ela vai dormir que a gente assiste uma série, algum filme, alguma coisa assim. Não sei se estou te ajudando (rsrsrsrs)”.

5º Comentário - Seguidamente, foi importante também saber junto aos familiares se eles costumam ler / contar histórias para a criança todos os dias, então foram gerados os seguintes relatos acompanhados de narrativas e experiências que cada família contribui ou fazem neste sentido para melhor terem resultados neste processo.

Família 1- “**Não, não é todos os dias**, tem vezes que ele está mais com sono, daí ele pega no sono antes da gente, sabe, então não é sempre”.

Família 2- “**Não, não todos os dias**, agora não tanto, porque como ela passa o dia todo na escolinha, quando ela chega em casa, ela janta toma banho e dorme, então assim, a gente tem lido histórias no banheiro (rsrsrs), que é a rotina dela é de noite, ela janta, toma banho, toma mamadeira daí ela quer ir no banheiro fazer coco, então quando ela está no trono (rsrsrs) a

gente lê alguma história para ela. Ela tem historinhas lá dentro do banheiro, **então todos os dias é lido, mais são as mesmas histórias, tanto que ela mesma sabe de cor, ela pega e vai abrindo livrinho e vai contando as histórias as vezes sozinha também, às vezes ela mesma pega o livro conta a sua própria histórias**”.

Família 3 - “**Ai, não posso dizer que são todos os dias, mas num três, quatro vezes por semanas eu acho que sim, e ele tem contato com as histórias na escola também,** porque eu sei que na escola professora dele sempre disse que é um momento onde ele presta muita atenção. **Então provavelmente na escola tem essa contação todos os dias,** que eles gostam. Nessas três, quatro vezes por semana que a gente pega livros em casa, é tanto eu quanto o pai dele, um dia um, outro dia outro, então essa tarefa é dividida, os dois fazem”.

Família 4 - “**Todos os dias, mas em momentos diferentes,** por exemplo de manhã quando a gente acorda daí eu dou uma mama para ela, mamadeira né. Aí no quarto eu pego os brinquedos e ali a gente trocando fralda, porque ela ainda usa fraldas e aí a gente fica ali um pouco brincando. Ah, com esses brinquedinhos que já fica ali no quarto né, bota em cima da cama daí ela pede para ligar o desenho na TV. Eu ligo, aí depois ela fica brincando sozinha e eu vou fazer café da manhã. **Eu acho bem importante essa questão da criança participar desses momentos também de refeição com os pais né. Eu preparo um café da manhã, eu arrumo a mesa, nós sentamos juntas, eu e ela para tomarmos café da manhã. Já é uma segunda interação que aí eu converso, ah vamos comer mamão, vamos comer ovos, tomar uma aguinha, então aí a gente fica já interagindo nesse momento de café.** Aí depois né, outros momentos daí ela me puxa para ir no quarto, tem um organizador de brinquedos, ela aí faz eu tirar todos os brinquedos para fora, ela senta dentro do organizador quer colocar os brinquedos lá dentro (rsrsrsrs) e assim vai indo. Aí depois temos também o horário do almoço e aí enquanto eu faço o almoço geralmente ela fica no quarto também brincando. Sentamos juntos para almoçar também, é o momento importante almoçamos juntas e aí a tarde tem essa outra pessoa que vem para ficar com ela que aí é onde eu saio faço as minhas coisas né, então não dá 24h, sete dias por semanas (rsrsrsrs), aí a tarde tem a Conceição. A Conceição também ensina muitas coisas para ela. Ela lê para ela, como a gente tenta né?, a Conceição também me comentou que ela não aceita que a gente lê historinhas. Ela quer apontar e dizer o que é, ela decora muito assim as coisas, e que é azul, amarelo, bola, ah né cachorro, carro e assim a gente vai mostrando no quadro também e aí tem os brinquedos de montar. Ela gosta muito de aqueles brinquedos de montar, sabe, e assim vamos indo”.

Família 5 - Foi respondido na pergunta 2 e 3.

6º Comentário - Por exemplo, durante a leitura / contação de histórias existem palavras que possam não ser do conhecimento da criança e às vezes existem crianças que questionam a respeito daquilo e outros por terem menos idade nem tanto, então é importante que os familiares estejam cientes neste sentido, porque pode passar despercebido, porém as vezes antes que isso aconteça existem familiares que interferem logo de momento, explicando o significado e sentido da palavra. Nesta perspectiva, a partir das conversas com os familiares a respeito, a preocupação foi perceber se durante a leitura/ ou contação de histórias têm essas interações, dessa forma foram gerados os seguintes dados:

Família 1 - “Eu já costumo assim falar para ele com uma linguagem que ele entenda, não usar uma linguagem muito difícil, ah, porque daí eu sei que ele vai me entender. Ele vai entender o que eu estou querendo dizer para ele, sabe, então eu costumo já usar, interagir com ele, conversar com ele da maneira que ele compreenda, porque se eu acabar falando uma palavra muito difícil ele é uma criança de três anos, ele não vai entender. Se aparecer uma palavra nova na contação de histórias, a família tem a preocupação de explicar, porque ele vai perguntar, a maioria das vezes ele pergunta, o que é isso mamãe?, aí a gente explica para ele, é a mesma coisa que..., sabe, daí a gente complementa, porque ele é uma criança bem inteligente assim, as professoras mesmo falam na escola, que ele é bem interessado. Ele pode não ter aquela mania assim de ficar toda hora perguntando, mas quando ele ouve uma historinha, ou que nem lá, ela conta assim, outras histórias do livrinho que eles tem, sabe, ele costuma participar, ele gosta, *né filho você gosta? Qual é a historinha que a profê conta para você? muitas né?*”.

Família 2 - “Eh, ainda são histórias muito simples, não são muito complexas ao ponto de ela questionar o que são as coisas, mas eventualmente se tem alguma coisa que ela não entenda, alguma palavra que ela não conheça, ela pergunta o que é, e a gente explica aquilo, então os livros muitas vezes contam assim ah, tem quantidade de personagens, então a gente lê aquela parte e vai contando as personagens para ela ia aprendendo a contar né, as cores a gente vai falando, vai descrevendo. Às vezes a gente descreve além do que está escrito na história, a gente descreve a cor do pintinho, o céu, quantas árvores tem. Então tudo que compõe aquela página além do que está escrito a gente descreve para ela também, aí vai mostrando o que é cada coisa, então acho que ela acaba ampliando vocabulário por isso, porque a gente descreve além do que está escrito, às vezes a história página é só duas frases, mas a gente descreve a cena toda né, os animais, então o ambiente que está li, então acredito que ela nem chega a questionar muito, porque é automático da gente já descrever o que está ali. **A gente explica, ela é curiosa, normalmente ela vai nos questionar e aí a gente explica o que é aquilo**”.

Família 3 - “Eu acho que ainda a gente adapta muito a história para realidade dele, então se a história, como os livros lá em casa são muitos variados por ter o filho mais velho, se o vocabulário daquela história vai além do que ele sabe, a gente ainda se adapta muito. Já conta para ele nas palavras que ele vai entender, mas ao mesmo tempo assim, surgiu uma palavra nova que eu acho que pode fazer parte do vocabulário dele, eu tento incluir já ou deixar essa palavra na história, e pela carinha dele entende se ele sabe do que a gente está falando ou não. Daí tem essa preocupação de fazer esse acompanhamento, ele em si eu acho que não toma a iniciativa ainda de questionar o que é, mas aí pela reação dele, pela carinha dele de se entender ou não, a gente tenta explicar e falar sobre”.

Família 4 - “Sim, o que é que significa isso, como até comentei com o pai dela, esses dias a gente acaba viajando bastante né, da questão de ele está em outra cidade, e a gente estava voltando de uma viagem e aí ela olha na estrada, por exemplo ela fala caminhão, ônibus. Ela sabe identificar porque a gente vivencia muito isso, quando aparece uma coisa nova a gente ensina, fala e ela logo aprende assim, e ela logo sabe o que é aquilo, então sempre que aparece, porque ela ainda não tem vocabulário muito extenso, curto ainda. Então quando aparece a gente sempre tenta, mas ela logo já lembra assim da palavra, ela já decorou várias palavras, já sabe né, mas muito pela vivência também. A gente vai, a gente mostra né, que nem animais, cachorro, gato, cavalo, tudo ela já sabe, ela aponta e fala. Se aparece imagem novo no livro, por exemplo, copo, daí eu ah, o copo ah, né, não assim isso de detalhar né, mas esses dias até aconteceu que eu peguei, ela tem uma xícara,

e aí ela toma água no copinho dela, e aí eu disse ah, vou trazer uma água para ti, aí ela disse não, no café. Ela quis dizer que queria na xicrinha de café, ela confundiu, então daí eu, aah! expliquei, não, essa é uma xícara, esse é um copo, mas às vezes não todo tempo assim fico dizendo a explicação daquilo sabe, para quê que serve vamos dizer, mas ela sabe prato, garfo. Mas em algum momento tem essa interação sim de dizer né. Eu digo celular, aí table, mas não assim, o tablet é para isso, celular é para aquilo, ah a faca é para cortar, isso não, é como se fosse uma coisa do extinto dela assim de às vezes de entender e saber que a xícara mesmo que ela ia tomar água ela chamou de café, mas foi ela que foi sozinha que descobriu”.

Família 5 - “Ah, ela não questiona né, ela é muito pequenininha, então se ela vê, se ela não conhece um copo e ela vai ver um copo naquele livro para ela, ela não vai dar bola para aquilo. Ela não vai perguntar, mamãe o que é isso? né, mas eu por ser mãe, eu sei que algumas coisas do livro ela não conhece, eu já vou explicando, porque se eu não explicar, como que ela vai conhecer? né, eu entendo assim, alguém precisa mostrar para ela. Explicar para ela as coisas para ela compreender e conhecer as figuras gráficas daquele livro que ela tem, mas ela por conta, ela não pergunta, ela é muito pequena ainda nesse sentido, mas eu vou explicando. **Eu vou contar a história, aí ah, lá pelas tantas, eu disse aí, a Branca de Neve pegou o espelho, olha! está aqui oh, o espelho na mão da Branca de Neve! Daí, ela vai aprendendo o que é o espelho nesse sentido né, assim que a gente faz”.**

7º Comentário - Exemplos de outras atividades para além da leitura /ou contação de histórias que a criança realiza em casa e que os familiares consideram importantes para que ela conheça novas palavras. Neste sentido, apresentei alguns exemplos dentre os quais mencionei: se a criança costuma conversar bastante, é muito curiosa ou é mais comedida; interage com outras crianças; costuma realizar joguinhos (físicos ou eletrônicos); costuma assistir desenhos animados; ouvir músicas; dialogar com outros membros da família; etc... Neste sentido, os resultados obtidos foram os seguintes:

Família 1 - “**A gente compra para ele, a gente tem lá para ele, jogos de quebra cabeça, do alfabeto que daí ele sabe das letrinhas, a maioria ele já conhece, daí ele vai colocando. A gente tem tabuleiro assim, fazem em caixa alfabeto, daí vai montando, se ele erra, a gente fala, não é essa, olha bem, aí ele vai e procura, e daí tem do alfabeto, quebra cabeça que é de dinossauro que é de bichinhos, daí ele sabe encaixar.** Nesse sentido assim, porque como ele ainda é muito pequeno, eu acho que se a gente usa alguma coisa, comprar algo que é muito difícil ele ainda não vai saber, porque lá na creche como ele fica mais tempo lá do que nós, lá eles ainda brincam bastante. Ela (professora) ainda não trabalha muito a área pedagógica sabe, ela faz a leitura do livro, eles brincam com massinha de modelar ou fazem outros joguinhos, mas assim, a parte pedagógica ela me explicou quando eu fui buscar o parecer dele que é a partir do ano que vem, a partir dos quatro anos, que daí eles começam a entrar na parte mais de trabalhos, mais de afazeres didáticos assim, porque esse ano ainda é mais o brincar, porque eles precisam disso. **Ele é bem participativo**, ele gosta de participar das atividades, que nem a professora fala lá na creche. **Em casa ele interage bastante com a gente, ele conversa, mas assim, desenhos, ele gosta de olhar na TV. A gente mostra para ele desenhos de bichinhos, ele gosta muito de dinossauros, a gente bota desenho de dinossauro ou um que tem musiquinha, sabe, esse tipo de coisa. Ele canta, volte meia está assim, quando ele está sozinho, a gente vê que ele está cantando alguma coisa, (rsrsrs).** Só que às vezes são musiquinhas que eles

cantam na creche que a gente não conhece. Daí a gente não tem muito que questionar, sabe. Daí fica mais difícil, mas ele canta, são músicas educativas, eles brincam bastante com amigos, brigam também. Antes de ontem, quando fui buscar ele, hoje é quinta, eh, na terça feira, a gente fica meio perdida. A profe disse: hoje o Sérgio teve que ficar de castigo, ele brigou com o coleguinha ai ontem quando eu fui buscar ele, daí me mandaram mensagem durante o dia que um coleguinha deu um chute no estomago dele, que eles iam reparar que qualquer coisa eles chamam, mas é isso, coisa assim, sabe, brincam bastante, também ocorrem um desentendimentos, mas normal na idade deles. Ele não vai na casa dos outros amigos para brincar, isso não, e também eu acho que lá na creche assim, os outros coleguinhos também não vão, porque na maioria das vezes eles ficam juntos só de segunda a sexta. Então fim de semana eu acho que cada pai e cada mãe leva o seu filho para sua família ou ficam em casa, mas não é assim de se visitar entre colegas não, mas eu tenho as minhas primas, meus parentes que têm crianças pequenas que daí a gente vai passear no interior eles brincam. Carrinhos é uma coisa que ele gosta bastante, ele tem muitos caminhões, quando passa um caminhão, nossa!!! Ele se encanta com os caminhão, ele tem brinquedos, mas é a maioria assim, a bola e os caminhões deles, só isso, mas não tem muitos brinquedos assim. Ele passa a maior parte do tempo na creche, ele fica na creche mais ou menos das sete e meia da manhã até às seis e meia da tarde, bastante tempo, quase todo dia. Eu e ele só nos vemos de noite. Algumas atividades ele faz na creche, aqui eles vão a partir dos quatro meses até cinco anos, aí depois vai para pré-escola quando a EMEI própria não tem a pré-escola, porque a maioria tem, daí eles fazem, deixa eu pensar, eles fazem a pré-escola ainda na creche e depois vão direto para escola”.

Família 2 - “Ela participa, aí a gente vai cozinhar, ela quer estar junto, então a gente fala o que está sendo feito, fala os nomes dos ingredientes que estão sendo usados né, café da manhã, as coisas que tem aí. Elas não assistem televisão, é muito raro mesmo assistir televisão, então tanto que o brinquedo está na frente da TV, a gente nem assiste, então são coisas do dia a dia mesmo. As brincadeiras, é pegar os brinquedos e falar o que é que tem ali, eh, ela tem uma imaginação muito forte, ela vai criando uma brincadeira, ela pega um pote de manteiga e ela vai brincar que está fazendo comidinha e aí ela nas brincadeiras relata o que a gente faz na cozinha, um exemplo, vamos fazer um café, eu vou fazer um pão, vou fazer um sanduíche, então assim, as coisas que a gente faz no dia a dia que ela vai aprendendo com a gente, ela traz para brincadeiras e fala nas brincadeiras. O que está fazendo ou então a gente brinca com ela, faz um cappuccino que é um café, ela vem vamos fazer um ‘catutino’, ela fala que não consegue falar direitinho, ela vai lá pega um copinho, pega uma colher e brinca e traz o ‘catutino’ dela. Então a gente vai falando, vai descrevendo ou eu peço para ela, ah, eu quero agora um milk shake com tal coisa, então assim, ela vai aprendendo palavras novas. Às vezes acho que ela nem sabe o que é aquilo, mas a palavra ela está aprendendo, um dia ela vai ver o que é aquilo de verdade, mas é nas brincadeiras mesmos que a gente vai incluindo as palavras. Televisão não é a fonte de palavras novas dela não (rsrsrsrs), as palavras que ela aprende na cozinha, ela traz para brincadeira para tentar assim imaginando, ai ela traz para brincadeira, ai ela faz a comidinha de faz-de-conta que ela diz, ah então é assim que a gente faz no dia a dia. Elas tem os brinquedos, mas muitas vezes elas nem brincam com os brinquedos, as duas eu digo, porque a pequena está brincando com ela está interagindo também, então às vezes a questão da imaginação mesma, ela fala muito enquanto está brincando ou ela pega as bonecas e aí ela conversa com as bonecas. Essas coisas assim, é brincar, elas brincam muito, elas não são crianças de ficar paradas, sentada olhando a televisão como a grande maioria hoje em dia, elas brincam bastante. Ela passa o dia todo na escola, eh, a pequena (bebê) vai só a tarde para escola que é o momento em que

eu trabalho, a Betânia que é maior vai o dia todo, mas nos finais de semana a gente costuma passear, vai na pracinha ou então quando é calor a gente vai passear ao ar livre, vai para algum rio, vai passar o dia, aqui a gente fala campê, um lugar onde tem rio, tem muitas árvores enfim, aí faz churrasco, então assim, **a gente tem com que elas têm bastante contato com a natureza e que tenham disponibilidade de brincar de corre**, porque apartamento a gente fica muito preso, então finais de semana a gente tenta passear, vai nos avós, às vezes em algum amiguinho volte meia tem aniversário para ir com elas. Ontem, nós estávamos num aniversário à noite com elas, numa casa de festas, então ela brincou muito né, a gente tenta que elas tenham bastante movimento, que elas não fiquem paradas, que elas brinquem muito. **Ele (meu marido) senta, ele brinca, esse final de semana eles brincaram muito de mercado, ela era a titia do mercado, a funcionária do caixa né, aí ela sentava aí vinha com a bacia com algumas coisas da cozinha, então eles brincaram bastante de mercado, daí ela era a titia do caixa, daí ela imitava coisas que às vezes a gente acha que não prestam atenção, mas ela pegava controle remoto e fazia como se estivesse apitando os itens do mercado né, ela gosta de brincar e ele brincou com ela, ele que puxou essa brincadeira.** Eu estava em casa, mas aí eu presenciei, então ele brinca sim, mas nos finais de semana que a gente acaba tendo tempo de dar atenção para elas de estar junto, porque durante a semana, hoje ele está em casa, mas ele trabalha o dia todo. Eu fico de casa de manhã com a pequena né, faço a rotina dela de manhã, de café da manhã, eu levo a outra para escolinha, ela vai junto, mas ela volta para casa comigo, daí depois a tarde eu levo ela para eu poder trabalhar. **Ela conversa bastante, não é silenciosa**, de início se ela tivesse em casa quando tu chegou ela iria ficar bem retraída e envergonhada, mas depois ela vai se soltando e aí já era então, já não segura mais (rsrsrsrsrs). **Ela não tem o hábito de jogar nada (jogos eletrônicos), nada de eletrônicos, nenhum tipo de tela.** O momento que ela assista alguma coisa de televisão é se eu não consigo buscar lá na escola antes das 6h da tarde, que o período das 6h a 6h30min como as professoras começam a ir embora, os alunos que ficam vão para uma sala de apoio que tem televisão, então o pouco contato que ela tem com televisão é nesse momento na escola que daí é desenho né, mas é questão de minutinhos, porque eu chego no máximo 6h15min, então vai ser 10min a 15min, mas normalmente eu pego antes de isso acontecer, e aí se a gente vai visitar alguém que a pessoa está com a televisão ligada a gente não vai pedir para pessoa desligar, porque é a casa dela né, mas aí é um programa que não é aleatória, não é infantil né, se alguém pergunta, se a gente chega em algum lugar, quer botar um desenho, não, não precisa botar. Daí a gente fala que não é para colocar, ou se a pessoa vem, que ela que coloca um desenho, a gente logo disse que não precisa, que ela não assiste, que ela brinque, então a gente evite o máximo, em casa não assiste, quando assiste televisão é fora, e jogos nada, nada disso, ela nem sabe jogar (rsrsrsrsrs). **Ouvir músicas sim, ouvir música ela gosta, então eu coloco músicas, gosto de colocar músicas tradicionais, ciranda, cirandinha, ela gosta pula-pula pipoquinha, a dona aranha, essas músicas bem tradicionais. Eu não gosto muito assim de músicas que remetem funk, um exemplo tem funk para criança, mas eu tento não, mais próximas disso é os bolofofos que é uma música do pão e queijo que ela gosta, mas eu tento evitar isso, porque acho que tem uma vida inteira para dançar funk e esse tipo de coisa. Então enquanto criança seja criança, então ela escuta música, ela gosta bastante de música, mas ela escuta, eu não coloco o vídeo da música para ela assistir, só para escutar, não tem desenho rodando, não tem animação da música, ela não fica assistindo, a gente só coloca música ou na caixa de som para ela dançar e sem estar assistindo aquela animação da música, porque é tudo muito colorido, enfim é um desenho né, então ela não assista”.**

Família 3 - “A gente conversa muito, como tu pode ver eu gosto de conversar né (rsrsrs), meu marido conversa mais do que eu (rsrsrs), e **uma das coisas que eu tenho com eles**

desde nenezinho é falar sobre tudo que está acontecendo, então eu sei que ele não vai entender tudo que estou falando, mas tudo que está acontecendo na rotina da casa a gente fala né, não, agora mãe está fazendo comida, agora nós vamos trocar sua fralda, enquanto a gente estava trocando a fralda fica ali conversando com ele. Então isso, eu acho que para o desenvolvimento da fala deles também ajudam muito sabe, que a gente vinham sempre conversando, falando sobre situação, o que estava acontecendo, e não sei, e aí outras brincadeiras, o carrinho lá no chão, vamos fazer de conta que a gente está indo no supermercado, o que é que tu vai comprar no supermercado?. Tentar instigar eles a entrarem numa história, numa historinha que está acontecendo ali, foram coisas que a gente sempre fez muito, eu acho que funciona, que hoje eu vejo o irmão mais velho fazendo com o pequeno também, então eu acho que essa atividade, essa conversa tem os dois lados né. Eu sempre digo que nunca eu tive filhos que sentaram sozinhos e brincaram durante muito tempo, porque parece que eles precisam dessa companhia, assim essa conversação, sabe, então eles estão ali, eles podem até está brincando, mas eles estão falando, eles estão querendo atenção e eu acho que em muito disso a gente incentivar essa conversa, essa brincadeira falada, sabe. Nunca sei se é 100 % certo ou errado, porque às vezes é tão bonitinho ver a criança sentadinha ali brincando sozinha né, quietinha, mas isso nunca tive muito (rsrsrsrs), meus filhos sempre conversaram, sempre quiseram companhia para brincar e para fazer de conta e aí a gente aproveita esse momento. Ele é bem curioso de querer mexer, de entender o que está acontecendo e extremamente independente, aí eu não sei se tem relação ou não, mas assim, ele gosta muito e quer fazer as coisas, então o que ele vê a gente fazendo ele quer fazer igual, tudo ele diz, eu ajudo, eu faço, eu abro, então ele quer abrir a porta sozinha, ele quer ligar as luzes do quarto sozinho, são coisinhas simples ainda, mais são todas as coisinhas que ele mesmo quer poder fazer, então ele está sempre bem ativo. Aí, é mais na escola com os colegas, aos finais de semana que a gente tem mais tempo para sair, aí sim ele tem interação com outras crianças, mas o dia a dia daí é na escola, porque se não em casa é com irmão, com nós ou com os meus pais, com os avós que aí passam a manhã com ele. Eletrônicos não, ele gosta claro, quando ele enxerga um celular, ele quer pegar, ele acha o máximo, porque vê o mano mais velho às vezes com o celular, mas ele não tem acesso ainda, não joga nada, ele assiste TV, isso sim, ah, como o mais velho assiste. É difícil aquela função, não, até os 2 anos não ter contato com telas. O primeiro eu levei mais tempo, consegui deixar mais tempo sem esse contato com as telas, mas daí entrou a pandemia também a tela acabou salvando a gente muitas vezes, e o segundo agora o mais pequeno como ele tem o irmão mais velho que assiste o desenho, entrou no ritmo, mas ele não, a gente nota que ele não fica muito tempo à frente da televisão quando tem desenho, ele assiste um pouco e daí ele sai para brincar. Então ele não tem muito contato com tela, jogos eletrônicos nada, e joguinhos sim, brincadeira sim, brincadeira assim, ah, massinha de montar, isso ele faz bastante, brinca bastante. Tipo pega-pega, jogar bola, essas coisas, sim, bastante, porque eles tem bastante energia né, então a gente brinca bastante do lado de fora, pega-pega, jogar bola, andar de bicicleta, de triciclo, ele tem um triciclo pequenininho, então anda ali, a gente faz bastante. Eu acho que na TV, o que é que acontece, como ele fica tão pouco tempo, ele não nos pergunta, ele só fica ali 10 minutos talvez, e a agente acaba, vou ser sincera, não acompanhando 100% do tempo, porque a gente sabe o que eles assistem, então ele vai assistir ou patrulha Canina ou Blazer que é um outro desenho, mas eu acho particularmente que nesse momento do desenho ele fica muito atento as imagem do que a fala, porque o irmão dele muitas vezes assiste o desenho em inglês, então ele está assistindo mais não está entendendo nada, porque é inglês e ele fica ali naquele mesmo tempo, fica aqueles minutinhos ali. Então na TV não desperta essa coisa assim de ele está, eu realmente tenho muita impressão de que ele fica muito mais ligado à colorido das

imagens do que a fala do desenho mesmo, porque ele não reage, ele ri junto com as personagens, aí acontece uma coisa no desenho que todo mundo cai, aí ele vai lá se atira no chão, mas ele nunca questiona uma coisa que foi falado no desenho, acho que realmente a TV é mais pelas imagens. A música, ele ouve muito do que a gente ouve ainda né, então a gente escuta muito a música Gauchesca, toque Gaúcho, ele escuta muito disso, mas agora nos últimos tempos, as musiquinhas infantis né, que a gente canta, dona aranha, as mais tradicionais, e ele gosta muito, então ele sempre **demonstrou gostar disso**. Ele gosta muito das aulas de músicas na escola, é um relato que as professoras sempre trazem. E, nos últimos dias ele descobriu uma na casa do avô um CD ainda que o avô mostrou para ele né, que é do **Toquinho, que é um compositor brasileiro bem famoso, compositor infantil, ele canta aquela música, uma das músicas do CD é patati patacolá, uma música do patinho**, vou lembrar daqui a pouco, sou péssima com músicas (rsrsrsrs) e aí, ele está muito encantado com essa música **que daí sim é uma música infantil, ritmo bem infantil e coisa, e aí ele está bem cantado e sai cantando a música, e daí tem uma outra que é da foca que bate palma, ele bate palma com a foca**, assim vai indo, **mas ainda é muito música que a gente escuta também**. Na verdade, **tudo que a gente faz eles vão junto, então dias que precisa fazer compra no mercado ele vai, o final da tarde tem que passar no mercado para comprar pão para janta, pão para o café da manhã outro dia, essa rotina da casa a gente faz assim com que eles participam bastante, então um dia vai no mercado, vai abastecer o carro e tudo sempre conversando muito com eles**. Tudo que a gente está fazendo e aí ele acha o máximo ir no mercado pegar uma coisa e colocar dentro da prateleira e colocar dentro do carrinho, **o pequeno então quando a gente está brincando em casa ele pega um carro qualquer que tem um espaço para colocar coisas dentro e aí está no mercado fazendo compras, ele faz essa simulação nas coisas que acontece durante o dia e ele traz para as brincadeiras dele dentro de casa. No mercado tem a interação de dizer, agora nós vamos comprar maçã, banana, e ele é extremamente decidido, então ah, agora vou comprar mamão, e ele, não quero. Então ele já tem, não sei se é certo dizer uma personalidade, mas ele já tem muito forte o que ele gosta e o que ele não gosta, então dependendo do que ele disse, não, mas vou comprar igual, porque a mãe vai comer, o pai vai comer, ah, tá, mas ele vai e aí tem dias que é claro, é mais tranquilo, tem dias que ele passa maior parte do tempo no carrinho no mercado só ajeitando as coisas no carrinho, tem outro dia que ele quer sair do carrinho quer ajudar colocar as coisas para dentro e aí tem dias que ele quer comprar o que não deve (rsrsrsrs), mas assim é uma construção que a gente vai fazendo com eles, para que a nossa rotina também ela tenha, como que eu posso dizer, não é porque assim tem filho que as coisas não acontecem mais ou tem que mudar. Muita coisa a gente tentou colocar eles dentro da nossa rotina, então eles vão junto no mercado, se a gente vai sair num bar a noite conversar, ah, final de tarde, a gente leva eles junto, eles ficam brincando ao redor da mesa, então, eh, essa coisa assim de realmente transformar essa rotina para que tudo possa acomodar e que eles possam estar acostumado com isso. **Na cozinha para preparar algo, ele ainda não é muito, é mais no café da manhã que ele fica junto ali, que ele quer ajudar fazer o pão que a gente come de manhã**, mas em termos de comida não é tanto, até porque a gente cozinha pouco em casa como passo o dia fora, eu levo comida lá da avó normalmente, então facilita, **mas sim quando a gente está em função de alguma coisa, ele quer estar junto para ver**, principalmente também porque o irmão dele o mais velho quer participar. Então ele traz um banco bota na cozinha quer ver tudo que está acontecendo aí o pequeno também quer (rsrsrsrs) tem que deixar ele por perto e **aí é isso, e aí vou falando sobre tudo que está acontecendo, aí agora a gente vai cozinhar tal coisa para eles entendendo, para esse vocabulário fazendo parte do dia a dia dele**”.**

Família 4 - “Sim, como ela não vai na escolinha ela tem pouco essa questão de conviver com outras crianças de brincar, mas ontem foram duas crianças lá em casa por umas amigas minhas que têm filhos um pouco maior que ela, e ela ficou muito curiosa e quis se aproximar aí eu levei eles para o quarto dela, tinha bola. Ela quis jogar bola junto, ela ficou feliz assim, muito feliz que tinha outras crianças, então assim ela vai se aproximar, mas as vezes ela espera um pouco pela reação da outra criança, porque eram maiores né, mas ela sim fica muito feliz com a interação, gosta muito que nem quando a Conceição chega de brincar né, fazer as coisas, ela gosta assim. **Brincar na casa de outras crianças isso não acontece muito, porque como sou uma mãe um pouco mais velha já perto dos 40 ano, a geração de pessoas da minha idade, das minhas amigas, das minhas convivências, não têm filhos pequenos são poucos,** então que nem ontem uma tinha já quatro anos e outro já tinha sete, as pessoas que eu convivo não tem filhos e hoje em dia menos ainda que as pessoas não estão tendo filhos, então **a gente não tem muito contato com crianças da idade dela, muito pouco, mais com adultos, né, com as famílias, mas ninguém tem filhos. Ela não é de conversar muito, ela conversa, fala tudo, mas pode ver ela, não é de ficar falando,** mas isso eu acredito que é da personalidade dela, é o jeitinho dela. **Ela é mais silenciosa, mas ela é curiosa,** ela escuta um barulho de um caminhão por exemplo na rua, ela sai correndo para ir para sacada para olhar para rua, e enxergar. Ela vê um cachorro e quer ir. A gente estava saindo do prédio agora e ela viu um cachorrinho, ela au au au quis vim em direção a ele. Aí a Conceição estava indo embora e ela tchau Conceição, começou a dar tchau, ela é bem assim observadora acredito, eh, eu acho mais assim. **Jogos ainda não, porque ainda acho que ela não entende né, jogos não, mas desenhos ela olha, esses Peppa Pig. Ela vê vídeo de cores ah, esses vídeos tipo assim que tem caminhão, ela gosta muito de caminhão, carrinho, e ela vê mais vídeos de cores, coisas bem mesmo Peppa Pig que é um desenho animado bem infantil, coisas assim, mas jogos ela não entende ainda. Ela tem umas pessoas que ela convive mais que aí ela se aproxima mais né, claro óbvio, mas ah, com pessoas estranhas já é mais difícil assim né, fica um pouco, mas com a família assim e pessoas mais próximas que ela mais convive é tranquilo. Ela não se prende muito na TV, ela pede para ligar, eu ligo desenhos, mas ela é como se não prendesse ainda muito sabe. Ela olha um pouquinho, mas não é nada assim, mais o celular né, o celular sim, ela gosta, ela se prende mais, esses videozinhos assim, mas a TV ela olha mais não é aquela coisa sabe de ficar ali, de ficar muito tempo parado ali, não fica, e eu não olho também, não tenho hábito de olhar Tv. Na cozinha eu mostro também, ela adora subir, eu tenho um banquinho e ela sobe em cima do banquinho fica olhando junto, ela quer ver tudo, ela adora. A gente escova os dentes também, a parte de escovar os dentes juntas eu boto um banquinho, ela mesma pega já escovinha dela, ela já sabe, bota, escovamos os dentes ali. Na cozinha a mesma coisa, ela está pesada agora, então ela quer mamar, ela quer estar junto para fazer. A gente bota ela em cima do banquinho daí esquento água, bota mama, aí ela fica junto, ela adora, aí a gente de manhã, algumas café da manhã a gente faz panquequinha com banana esmagada com aveia e ovos né. Ela quer que ela mexe, ela adora mexer a panquequinha, então ela mexe, ela gosta de abrir a geladeira e pedir ovos, daí eu abro, ela pega o ovo, é um perigo, pode cair no chão, já caiu, mas não tem problema (rsrsrsrs). Aí eu me mexo, boto lá, ela ajuda mexer. **Ela adora, ela gosta assim de participar, eu sempre procuro deixar ela participar de tudo, o banho, a gente toma banho juntas também. Ela adora ir no mercado, ela chega no mercado e ela já pede para ir no carrinho, ela senta no carrinho do mercado dentro e adora ir no mercado, aí a gente bota as coisas dentro do carrinho, aí ela fica lá dentro, gosta de ver as coisas.** Alguns mercados aqui tem até um carrinho que é embaixo, tem um carrinho de criança com direção zinho, ah daí ela quer sentar naquele ali né. Ela adora, gosta muito de ir ao mercado, gosta muito de sair e de interagir com outras pessoas. Ela já sabe várias coisas, mamão, banana, iogurte, pão, ela já sabe o nome de**

quase tudo assim, do que a gente está acostumado a consumir, óbvio né, então ela já sabe. Ela mesmo de manhã, que é que tu quer? eu pergunto né, o que é que o nenê quer de café de manhã, mamão, dou assim muita liberdade para ela escolher, hoje no almoço eu disse que é que o nenê quer almoçar?, massinha, aí eu fiz massinha, então ela já sabe o que é massa, arroz, ela já sabe quase tudo assim de comida”.

Família 5 - “Ela é curiosa, mas a curiosidade dela não vem através das palavras, como eu falei né, ela ainda não está na fase dos porquês, mas ela vai atrás para ver as coisas e/ou ela vira o nosso rosto e as vezes aponta quando ela não quer falar. Eu disse tá, tu quer saber o que é isso?, ela, sim, né, nesse sentido é diferente né, ela ainda não desenvolveu, mas ela é bem curiosa. Interação com outras crianças em casa, é só quando a gente vai passear na casa de um casal de amigos, coisa assim, que tem criança, mas como eu falei, a gente mora numa rua sem saída, não tem nenhum vizinho perto. Olhando para fora da janela, a gente não enxerga outra casa, porque é uma rua sem saída, tem bastante mato ao redor, então ali não, mas se a gente vai passear sim. Ela nunca pegou celular, a gente nunca deu celular para ela, nem para assistir. Assim oh, nós já mostramos, os únicos desenho animados que ela conhece é a masha e o urso, que ela assistiu na casa de uma conhecida nossa e nós em casa mostramos o desenho do Mike, foi o único, porque agora ela vai completar dois aninhos em novembro e a gente não sabe o que fazer de decoração para o aniversário dela, daí nós mostramos o Mike para ver se ela ia gostar, por causa disso (rsrsrs) se não, nós também não tínhamos mostrado né. Celular, ela nunca mexeu, no máximo ela sabe que se apertar aqui do lado liga luz e daí aparece essa aqui, que ela disse que é a bola. É o máximo que ela faz no celular, e daí a gente já pega e já tira dela. Jogos, nenhum, ah, e o que ela joga que a gente diz assim, a gente joga bola com ela né, nesse sentido. A gente brinca, as outras coisas tecnológicas não. Ela participa de tudo, a nossa cozinha e sala é junto como se fosse esse quadradão aqui, vai ter uma copa aqui no meio que atrás é a cozinha, aqui já tem o sofá e aqui já tem televisão e aí já é tapete do chão que ela brinca, então se eu estou fazendo o arroz ou alguma coisa daí ela vem nas minhas pernas, mamãe!, mamãe! Quero ver, aí eu levanto ela, daí ela, arroz!, arroz!, daí eu disse, eh, agora mamãe vai botar sal, vai botar água e nós vamos deixar cozinhar né. Daí eu disse agora tu desce, porque está quente, tu vai te queimar, daí ela, como a gente fala em alemão, daí eu falo reis. Reis é quente em alemão, aí ela fala reis!, eu disse eh, tu vai fazer dodoi. Tu vai te queimar ali, não pode botar mão, ali tem o fogo, assim a gente vai falando com ela todo tempo. Aí, o meu marido faz o chimarrão e daí ela não consegue falar chimarrão, ela fala marrão, alguma coisa assim, não consigo lembrar agora. Eu disse assim, é, o papai vai fazer o chimarrão e daí a gente vai sentar lá no sofá para tomar o chimarrão e daí ela também quer tomar chimarrão junto. E, ela toma uma cuia por noite, ela ganha né, e daí ah, eu disse espera tua vez. Ela dá um chorinho, eu disse, não Isabela agora é a vez do papai. Papai vai tomar, depois tu vai tomar e depois de você sou eu, assim a gente vai conversando com ela. No mercado a gente leva ela, não todas às vezes, porque às vezes eu busco ela na escolinha, às vezes meu marido busca, mas a gente leva ela no mercado sim. No mercado para explicar as palavras, às vezes sim, às vezes não, depende do momento. Dependendo assim, como eu vou te dizer, ah no mercado talvez a gente não tenha tanta essa interação com ela, mas em casa na hora de guardar as compras sim, porque a gente desce do carro, eu desço ela, depois vou descer as sacolas. Eu boto as sacolas tudo no chão e daí eu peço ajuda dela para ajudar a guardar. Digo, Isabela começa a tirar as coisas de dentro da sacola, ajuda a mamãe, e daí ela vai pegando e vai falando o que é já. Ah! feijão! lentilha! Arroz! ‘arruis’, ela fala ‘arruis’ (rsrs), aí ah, daí a gente pergunta, tá isso aqui, o que é?, quando ela não fala tal coisa. Ela não fala massa, mas a massa ela conhece né, ah um azeite vamos supor, ah isso aqui o que é?. Ela só olha para a gente, ela não diz

não sei, ela só olha, eu digo, isso aqui é o azeite, aí ela repete azeite, oh mamãe!, azeite. É assim, mas no mercado em si não, porque só acontece alguma coisa de ela querer pegar. Daí eu disse, não filha! Não filha, não pegue isso aí, porque esse a gente não vai comprar, esse é tal tal tal coisa, mas às vezes no mercado acontece tão rápido as coisas, que tu está cansada às vezes durante né. Tu vai no mercado ainda com ela, tu quer ir para casa? Em casa tu tem mais tempo, porque é só tu e tua família, não tem fila para encarar no mercado. Tu não tem pessoas caminhando no meio do corredor. E criança pequena quanto fica muito tempo fora de casa, eles ficam cansados, começam a ficar chatinhas, daí tu não precisa comprar mais nada, então quando tu vai no mercado, tu tem que comprar logo as coisas (rsrsrs) para chegar em casa, pois em casa tu explica. **Com a criança, nós falamos, eu acho bem assim interação de adultos, porque a única coisa assim oh, ah, cachorro, eu não falo olha aqui um au au au, eu falo, olha aqui um cachorro né. Olha um miau, olha um cocó,** tem gente que não sei se ... sabes o que é cocó? não né (rsrsrs) aqui na nossa região normalmente eles chamam cocó, a galinha, porque a galinha faz cocorococó, (rsrsrs) entendeu?, **então essa é uma fala mais de bebe né. Se eu falasse, olha lá filha! olha o cocó! Gente aquilo ali não é um cocô, ela faz cocô, mas não é um cocô. Ela é uma galinha, é um galo, então a gente fala olha lá uma galinha, olha lá um galo, a gente não fica fazendo mimimi com ela né.** No máximo o que eu falo assim é coisas assim, mas eu acho que é da cultura alemã, de na hora de dormir, aí filha vamos dormir, ela sabe, se eu falar para ela, filha vamos dormir? Ela sabe que ela tem que ir para cama. Daí, ela já disse, na cama? É! na cama, mas às vezes eu falo assim vamos fazer nani?. Nani é dormir em alemão, mas daí é um modo assim mais de nenezinho, mas é uma e outra palavra assim, até porque eu nem gosto de ficar falando muito assim, **porque eu acho que a criança demora para aprender. Ela aprende uma coisa e depois ela aprende o correto, nesse sentido”.**

8º Comentário - Neste sentido, foi necessário saber se há outros tipos de atividades realizada por membro familiar, que os pais ou alguém que cuida da criança considere necessário que contribua para que ela possa ampliar seu vocabulário. Como exemplo, avôs, tias, tios, primos, primas, madrinha, padrinho etc, se costumam cantar, brincar com a criança, e quais tipos de músicas e brincadeiras. Nesta perspectiva, estas perguntas geraram os seguintes relatos:

Família 1- “**Eu acho bem importante também o negocinho de jogos que ele joga, assim, que ele senta e interage com ele. A Rita, sabe, principalmente a Rita, tipo na hora de montar alfabeto, ela sempre pergunta vamos dizer, tem a letra A e tem um bichinho abelha, que é isso aqui?, ah, uma abelha, daí ela pergunta o que é que a abelha faz?, faz o mel, tudo ele sabe, ele complementa, e quando ele não sabe, ela ajuda ele. Ela disse, ah, isso aqui é casa, o C da casa, a gente mora numa casa, sim, a gente mora numa casa. Sabe, esse tipo de coisa assim, então, eu gosto, porque ajuda no desenvolvimento dele, porque daí ele sabe que a abelha faz o mel, tem a letra b que é do boi, que o boi puxa carroça, tipo essas coisas assim, sabe. Todo mundo brinca, o mano gosta muito de jogar bola com ele, ele joga futebol, eles andam de bicicleta, ele tem uma motoquinha. O Beto empurra, então, todo mundo do seu jeito sabe, a Rita é mais da parte assim, como é que eu vou dizer, da brincadeira mais séria, vamos fazer um alfabeto, nessa parte assim. O Beto já é aquele que bota na motoca, que empurra, que chuta bola, que brinca com ele de correr, de esconder, cada um do seu jeito. Eh, música, assim a gente costuma o que ele gosta, tipo assim, atirei o pau no gato, Sérgio, qual uma musiquinha que você gosta de cantar? nenhuma, nenhuma?, mas a gente sempre (rsrsrsrs). Sérgio, você está com vergonha,**

assim, a gente canta, porque é uma maneira que eu acho assim, além de cantar, ele aprende com isso. A Benilde também, a Benilde Bah, muita coisa assim, como é que eu vou dizer, ah, **a gente tem um diálogo com ele, ele fala assim com tanta clareza as coisas assim, porque tu pergunta para ele, ele te responde, ele não tem dificuldade em memorizar alguma coisa. Alguma coisa que eu falo para ele, ele sempre vai se lembrar, então todo mundo ajuda. A Benilde ajuda, sabe todo mundo do seu jeito, então para ele isso só acrescenta. Mas assim, é a nossa família, a Benilde, a minha mãe, sabe, assim, todo mundo ajuda um pouquinho, sabe, todo mundo interage com ele.** Eu acho que é o fato de ele ser o bebe da casa, sabe, o nenenzinho, então todo mundo ajuda, para ele é bom. Ah, na maioria das vezes, quando a gente não sai ou coisa assim, a gente procura sair com ele para levar ele para brincar, sabe, pra gente fazer alguma coisa com ele, porque a gente passa pouco tempo com ele, e está passando tão depressa, mas ele é o filho que a gente mais procura acompanhar, é o filho que a gente mais tem tempo, é o filho que a gente mais conversa, é o filho que a gente mais brinca, é o que a gente deixa de fazer as nossas coisas para acompanhar ele, é bem diferente que os outros dois. Na maioria das vezes assim é coisa que a gente sabe que para ele vai fazer bem, entende, que vai agregar no futuro dele, eu acho que é bem importante para ele. Eu acho bem importante que nem eu te falei assim, a gente procura dar para o Sérgio uma atenção assim, como é que vou te dizer, um pouco diferente. O Beto e a Rita quando eram pequenos, a gente só pensava em trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, a gente nunca tinha tempo para os filhos, sabe, então eles acabaram ficando um pouco de lado. Tipo Beto, tem bastante dificuldade hoje tanto nos afazeres da escola, quanto também na leitura, ele tem dificuldade em ler. Eu acho que a gente é um pouco culpado, sabe, porque a gente praticamente não tinha tempo. A Rita é uma criança bolsista, ela estuda no educar-se, ela tem uma bolsa escolar desde pequenininha dela, sempre foi assim. Eles puxaram ela bastante, sempre foi cobrado muito dela, você tem que estudar, você tem que tirar boas notas, porque você precisa passar, porque você é bolsista, sabe, então, ali é diferente. Daí para o Beto, eu não consegue a bolsa, daí ele foi para uma escola municipal, lá já cobrança é diferente, então ele já tem bastante dificuldade e não foi cobrado dele assim, uma ajuda maior, alguma coisa assim, então tem os três pontos, a Rita que é muito estudiosa, muito inteligente, tem o Beto que é mais... tem o Sérgio que ganha de nós todos, de mim, do meu marido, da Rita e do Beto. Um pouquinho de cada, sabe, e cada um do seu jeito ah, que é de uma maneira ou de outra assim que ele absorve alguma coisa, que ele leve alguma coisa boa para vida dele, do nosso jeito também sabe, não só diariamente na creche, porque eu sei que lá ele está para aprender para futuramente ser um menino estudioso, mas ele precisa ter de casa também. Eu acho bem importante aquele suporte, aquele alicerce, porque ele sabe que se lá na frente se ele tiver uma dificuldade que ele pode contar com a gente, mas cada um do seu jeito, eu do meu jeito, meu marido desse, o Beto do jeito dele, mas sabe que o mano está sempre ali, estão sempre brigando, mas ao mesmo tempo estão sempre se ajudando, então assim é tudo do seu jeito, eu acho bem importante”.

Família 2 - “Eu canto muito para ela, essas músicas que coloco para tocar, eu também canto da dona aranha. No carro a gente canta às vezes, porque como elas não assistem telas, no carro para entreter ela, as duas né, a gente leva algum brinquedo, a gente quase não viaja, mas um exemplo se a gente for fazer uma viagem, a gente leva brinquedo para elas, mas chega um ponto que a gente canta, se elas não dormirem, **então eu acabo cantando nós dois, eu acabo que passo mais tempo com elas, eu acabo cantando mais para elas, então eu canto as músicas que eu coloco para ela ouvir no rádio, enfim, na caixa do som. É o que eu canto para ela, dona aranha, a casinha, enfim, são músicas infantis que eu canto. Brincadeiras tradicionais é se movimentar, é pintar, brincar de massinha, então eu tenho hábito de cantar bastante para ela e de pintar.** As massinhas tem que comprar

novas, porque estão horríveis as delas, **então tem tinta, lápis, canetinha, ah, tem adesivos para ela colar, enfim, tem monte de coisas, materiais assim, coisa de papelaria. Eu adoro ir à papelaria comprar um monte de coisas para inventar coisas no final de semana com ela, meu marido fez chapéu de jacaré, então assim, a gente vai inventando brincadeiras.** Ela tem inglês na escolinha então estava aprendendo as cores em inglês, ah, aí fazia atividade com ela, com cores, ah, o amarelo, como é que é o amarelo? e ela como que é verde? Green, aí o amarelo e verde junto tá, fazia umas brincadeiras assim para ela ia aprendendo tentando reforçar o que ela estava aprendendo na escolinha. Eles nos passam assim algumas atividades que estão sendo feitas no dia a dia né, então ela tentava dar uma ênfase em casa nessas coisas também para ela ia aprendendo, então a gente senta brinca enfim (rsrsrs) é brincar. **Os avós conversam muito, sentam para brincar, as avós dos dois lados, tanto minha mãe quanto a minha sogra, as duas sentam e brincam, brincam de comidinha. Ela está numa fase de brincar de comidinha, aí brincam com ela, ai vão conversando e ela vai interagindo, ela vai falando junto**”.

Família 3- “Sim, cantar sim, cantar a gente busca essas canções mais tradicionais assim, que a gente vê que ele reconhece né. O pintinho amarelinho é uma musiquinha bem famosa no brasil, não sei o quanto, mas o pintinho amarelinho, a dona aranha são músicas que a gente sabe que acontece na escolinha também, então conforme a gente começa cantar ele já começa a relacionar também, e agora ele está na fase de a gente cantar um pedacinho da música e ele fala uma palavra, então já dá para ver que ele realmente reconhece. Interação de brincadeiras nas famílias têm, mais são todos adultos, porque a única criança pequena é ela, então, essa coisa de brincar muito na rua também na casa dos meus pais, principalmente jogar bola, correr, pega-pega, essas brincadeiras mais agitadas normalmente são na casa do avô e da avó que tem pátio, ah, mas é isso são todos adultos, na família às única duas crianças são os meus meninos”.

Família 4 - “Na verdade, quem faz isso é a Conceição que é a babá dela, ela coloca para ela aquela palavra cantada, videozinhos de palavra cantada. Ela tem uma mesa musical que daí aperta dá música, porque ela gosta muito de música. Ela deu para ela alguns instrumentos musicais que é um chocalho, um outro lá que nem sei direito o nome, então ela tem esse costume de cantar, de mostrar músicas, ah, mostrar os instrumentos, dos livros que ela deu. Ontem e hoje foi dois dias que ela usou bastante essa mesa musical que aperta como se fosse um pianinho, tem várias coisas nessa mesa musical, aí ela ontem e hoje brincou bastante com isso. É aquela coisa, tem dias que ela brinca com aquilo depois muda, assim vai indo, mas a Conceição é uma pessoa que tenta introduzir sempre essa questão da música com ela, porque ela gosta muito. Na verdade tem Avó Zilda, a dinda dela, a Alice, aí tem a minha outra prima que é também dinda e o meu marido que é o pai dela, e as pessoas que ela mais convive assim, mas são todos adultos. A interação é mais de brincar, levar para passear, levar em restaurante, porque é o que nem acredito às vezes também que a vivência de ir aos lugares que nem por exemplo, mas, ela ia até mar, oh! isso aí é o mar! então ela já sabe o que é mar, porque ela foi até lá, porque ela viu, porque ela sabe, ela foi na areia, ah que nem eu te falei da estrada vê caminhões, ela vê, ela já sabe identificar, porque ela viveu isso, ela vive bastante assim coisas na realidade muito mais que nas histórias né”.

Família 5 - “Sim, oh, a música é muito presente. A minha família inteira, na casa dos meus pais né, na casa dos meus tios, do meu sogro, então é assim oh, são músicas de crianças e são músicas de adulto também, não tem sabe. A Isabela está acostumada a tudo, então músicas de crianças que meu sogro canta para ela. Meu sogro canta, ele fala alemão também, então ele canta musiquinhas de crianças em alemão para ela. Que ela

acaba cantando juntos. E, as musiquinhas em alemã que a gente conhece são musiquinhas interativas que tu não só canta, mas que tu brinca com a criança, que ela tem que bater palmas, que ela tem que pular, que ela tem que rodar né, nesse sentido, a música bastante. Brincadeiras de roda? Que tipo de brincadeiras? jogar bola não? É que a brincadeira também está inserida, mas na brincadeira de roda não muito ainda. Ciranda, Cirandinha, a minha mãe tentou brincar com ela esses dias, ela até brincou. Ela deu a mão para minha mãe e girou, mas pouco ainda. É que eu acho que ela ainda está se construindo, mas outras brincadeiras sim, né, meu pai tem um pião de madeira, então seguido, claro meu pai que domina o pião né, você sabe o que é um pião?, pião de madeira é..., é, isso, que faz girando, mas ele é com cordinha, é bem antigo, bem velhinho, que ele puxa e aquilo fica girando, ai ela adora, ela festa, ela pula e sorri né, mas ela ainda não sabe brincar diretinha né, mas normalmente a gente brinca bastante com ela. Ah pazinha, brincar na areia. Eles fazem com ela, e ela faz em casa também né. A minha mãe no último sábado pegou ela, e levou ela para a casa dela né e levou o carrinho junto de pazinha, e ela ficou brincando, daí pegou arreia botou no carrinho e brincava de comidinha. Aí a minha mãe arrancou umas florzinha do jardim dela. E ela fez de conta que aquilo era saladinha dela, nesse sentido assim, um faz de conta. Ela brinca bastante de faz de conta, e consegue brincar sozinha também. Às vezes ela fica uma hora assim brincando sozinha, pega o nenê, dá a mamadeira para o nenê. Isso em casa e com a minha mãe, e com a dinda dela também, não só em casa, fora de casa também”.

9º Comentário - Nesta perspectiva, foi necessário perguntar aos familiares, quando não estão conversando diretamente com a criança, quais outros assuntos a respeito dos quais eles conversam na convivência familiar, a partir de então cada participante respondeu o seguinte:

Família 1- “Ah, que é que eu vou te dizer, assim, assuntos diários do nosso dia a dia, o que é que aconteceu, o que é que está acontecendo, assim. Quando a gente conversa entre nós, a gente conversa de uma maneira mais adulta, porque daí a gente sabe que não é coisa que é direcionado diretamente para ele, sabe, agora se é alguma coisa que a gente quer que ele entenda, coisa assim, daí a gente fala mais do jeito dele que a gente sabe que é para ele entender”.

Família 2 - “Ah, sobre elas, elas são focos ou então nós conversamos, eu e o meu marido a gente conversa sobre o trabalho enfim, mas normalmente quando elas estão presente a gente acaba nem conseguindo conversar muito sobre o nosso dia a dia, coisas assim, como elas exigem presença para brincar a gente está envolvido no brincar dela. A gente acaba não conseguindo conversar sobre o nosso dia a dia fora, então acaba que quase tudo envolve elas, praticamente se estão acordadas tudo envolve elas, até o nosso assunto. A gente conversa no geral assim, inclusive estou tentando botar umas palavras difíceis para ela, estou tentando ensinar ela falando paralelepípedo (rsrsrsrs), então assim, eu lembro umas palavras difíceis, algumas coisas, e eu começo tentar que ela fale, e é interessante que ela sabonete não conseguia falar sabonete até poucos dias, ela falava ‘Samenete’. A gente sabia o que é que era né, a gente convive com ela, do nada virou sim uma chave, ela começou a falar sabonete. Eu (suspiro) meu Deus!!! ela aprendeu, então assim, ela vai, a gente vai tentando. Quando ela fala, nós temos o hábito de não infantilizar as palavras, a gente não fica, ah meu ‘amooiii’, não, é meu amor, sabonete. A gente não infantiliza o errado dela, né, a gente não infantiliza as palavras, a gente fala as palavras corretas, então acho que isso influencia também no vocabulário dela, ela não

está aprendendo a falar coisas erradas, ela fala errado, porque não consegue articular palavras, mas nós falamos as palavras correta para ela, então acho que isso influencia. A gente não fica assim ah, o piu piu, o passarinho, em vez de falar passarinho, falar o piu piu, não, é o passarinho né, é o pássaro, ah enfim, a gente não fica falando as coisas assim diminutivo, tudo no diminutivo, a gente tenta falar mais correto possível a palavra para ela aprendendo as coisas certas, né, então é engraçado que às vezes ela fala plural, ela fala ah, os gatos, ela não era assim. Ela fala os gatos, o gênero das coisas, o feminino, masculino, ela está aprendendo bem, então tudo a gente está tentando falar o mais correto possível para ela tentar aprender (rsrsrsrs)”.

Família 3 - “Ah, eu acho muito do que aconteceu no dia né, de trabalho, serviços, eles estão ali por perto então, como foi teu dia, aconteceu isso, aquilo, então a gente costuma trocar muito sobre isso, planos do que vai fazer no final de semana, do que vai fazer no final de tarde, então isso eles sempre participam, então pensando no momento que eles estão junto. Eu acho que é muito isso, porque aí assuntos mais densos ou conversas mais sérias dentro da família acabam acontecendo depois que eles já foram dormir normalmente, então essa rotina do dia a dia que a gente conversa muito enquanto eles estão juntos, pensando de forma geral eu acho que é. A fala é adulta, nunca falei, isso é uma coisa que eu escutei muito com o meu primeiro filho que era incrível como ele falava certo desde o início, nunca, nunca, nunca falei com uma voz diferente com eles aquela coisa de ai que (fala infantilizada aqui), não, não, e nem a palavra errada. A gente tenta não repetir, eu entendo que eles tem um tempo que eles precisam para aprender a falar certinho né, mas a minha fala com ele vai ser sempre certa por mais que eu acho engraçadinho o jeito que ele fala, quê que é? Ah colher, ele fala ‘pelher’ e não tem jeito é ‘pelher’. Gael, é colher, ele, é ‘pelher’, tudo bem, ele não está conseguindo falar certo, mas eu continuo tratando que eu vou lá dar a colher para ele, e aí nesse momento eu não tento corrigir a palavra, claro tento dizer para ele que está errado, mas se eu vejo que ele não está conseguindo falar certo, eu deixo ele falando do jeito dele, mas toda vez que eu vou falar a palavra eu reforço, a colher, Ga, pega colher, então assim, isso aos poucos, eu acho que vai, era uma coisa que com o meu mais velho eu ouvi muito que ele falava muito certo, que ele não tinha essa coisa, e agora estou tentando ir pelo mesmo caminho, então sempre falando normal (rsrsrs). **Que eu percebo lá em casa é muito nessa linha do que eu te falei de está conversando tempo inteiro com eles, falando sobre o que está acontecendo, atividade do dia a dia mesmo, além dessa coisa de falar como estou falando contigo, eu vou falar com o meu filho, ah, claro adaptando aí, alguma coisa de vocabulário, mas no mesmo tom de voz, não vou mudar o jeito de falar. No que eu percebo é muito isso sim, que tem ajudado eles a desenvolverem o vocabulário e a fala de forma tranquila, sabe, não sei, mas eu acho que é nessa linha. Depois vai ser interessante ver as tuas conclusões, eu vi que a gente vai ser informado quando trabalho finalizar né, porque é uma preocupação que nós como pais temos também, se estamos fazendo certo se não, o que a gente poderia fazer para melhorar e desenvolver esse vocabulário, a forma correta de falar essa coisa toda, então vai ser bem legal”.**

Família 4 - “Ah, eu essa questão sempre eu cuido muito de ter um ambiente saudável, mas a gente conversa, claro que ela está junto sempre né, quando vai inclusive visitas na minha casa, ela senta junto na mesa, eu sempre faço essa questão de ela participar de tudo. Ah! criança come depois, criança senta lá, não, ela senta na mesa eu boto a cadeira dela na ponta para ela sentar junto para participar junto, então a gente conversa sobre tudo às vezes na frente dela, porque ela está junto sempre. Mas claro, nenhum assunto assim né, coisas da vida, do dia a dia, às vezes a pessoa conta histórias, mas ela está sempre junto. Claro, a gente acaba não falando coisas horríveis, né, nada, mas não tem assim que nem,

agora teve a questão das enchentes e tal. A gente fala abertamente assim sobre o que está acontecendo, que nem agora aconteceu com pai dela, arrombaram, assaltaram a casa dele que é dos pais deles e aí a gente fala sobre isso, ele me liga ah, estou aqui ah, fizeram isso, a gente fala, sabe, mas eu sempre tento assim manter um ambiente calmo, tranquilo sem stress vamos dizer né, apesar que é sempre quase só eu e ela né, talvez por isso que ela é mais calma ou também ela é mais silenciosa, não é tão de falar. **Até às vezes não sei se eu deveria, eu falo bem na linguagem de criança infantil que nem bebê (rsrsrsrs), que é tão bonitinho (rsrsrsrs), então eu falo mas numa linguagem bem infantil mesmo, até algumas palavras erradas (rsrsrsrs), mas com certeza não é nem um pouco na linguagem adulta mais na linguagem infantil mesmo que ela possa entender.** Mostro também, tento mostrar, muito isso tento mostrar como aquela questão, ah vamos mexer a panela, o ovo está ali, ah. A Conceição também mostra muito as coisas sabe, por exemplo ela vê um carro na rua branco igual o meu, ela (criança)! olha lá o carro da mamãe! Ela sabe, porque a Conceição mostra pela janela, ela vê, ah o travesseiro, então assim mais essa coisa de ver e aprender vendo, vivenciando. **Mas, ela (Conceição) já é mais fala de adulta, não é tão como eu que fala né, ela já gosta de falar mais séria assim, vamos dizer assim, as palavras certas. Ela não faz que nem eu, oh nenezinho, bisserinho, mamazinho, ela fala travesseiro, vamos lá sabe, já fala palavra correta, eu já não, eu já invento palavras, não sei se isso é certo (rsrsrsrs)”.**

Família 5 - “Depende da ocasião, de tudo, do nosso serviço, como foi o nosso dia, ah de ideias. Bom, eu e o meu marido conversamos de tudo em casa, assim, que nem agora quando a gente chega em casa, provavelmente a gente vai conversar sobre... ele vai perguntar como que foi lá a conversa contigo. Meu sogro está lá em casa agora com a gente, então a gente vai conversar com ele. Ele foi no médico essa semana, a gente vai perguntar como que está o braço dele, que ele está machucado. Ah, ontem de noite meu marido, nós estávamos vendo uns cursos novos para ele fazer, que ele é da área da TI- Técnico de informática né, então a gente estava conversando sobre cursos e livros. Eu ainda disse para ele assim, ah, eu preciso comprar um livro novo para mim, não tem uma indicação? É bem assunto aleatório mesmo, mas que condiz com a gente né, no nosso dia a dia”.

10º Comentário - Relatos sobre o hábito da leitura na família, e se é feita com frequência. Neste sentido, os familiares responderam o seguinte:

Família 1 - “Eu acho que ainda ele tem mais frequência, mais leitura lá na creche, não tão em casa, em casa a gente não costuma, a não ser a Rita que daí de vez em quando lê um livro para ele. A gente conta mais o que a gente sabe, porque eu realmente não tenho um livrinho assim, das histórias para ler para ele, então lá na creche eu acho que a profe conta pelo menos uma duas vezes por semana. Eles sentam para escutar uma historinha, sabe, e daí eles tem que interagir, eles tem que contar. Ela (professora) faz perguntas e eles respondem, ela me falou isso quando eu fui lá ver o parecer dele, ou Rita daí que volte meia está lá deitada com ele contando alguma coisa. Então, de vez em quando sim, então né, as vezes principalmente quando é um dia assim, que a gente não possa aproveitar o dia que chove, daí a gente sempre pensa, o que a gente podia fazer com ele, para fazer algo com ele. Daí a gente procura um desenho que seja mais educativo, alguma coisa assim que ensina né, que não seja de lutinha, essas coisas assim sabe que os meninos gostam, daí a gente tenta achar alguma coisa. Na família a minha filha tem muito o hábito de leitura”.

Família 2 - “Atualmente não, chega no final do dia, assim, depois que elas dormem a gente só quer tentar relaxar com qualquer outra coisa, tanto que até ele (marido) tinha o hábito de ler mais do que eu. Ah, ele também relata que ele tem saudade de ter animo

e vontade de ler, mas no final do dia está tão cansado que acaba se jogando no sofá ou na cama, e aí o celular. Elas não têm eletrônico, mas a gente tem (rsrsrs), então acaba que a gente vai muito para celular, eu excluí o instagram, porque me tomava muito tempo. Eu acho que aquilo ali nos vicia demais e realmente tu fica assim, passei uma semana em crise de abstinência quase por não estar acessando instagram, mas eu acho que a gente vai ter que arranjar uma forma de retroceder as tecnologias para conseguir voltar a ter o hábito e o prazer de ler o livro. Enfim, nelas a gente está tentando que não tenham tantos eletrônicos para não chegar ao ponto de não querer mais ler, mas a gente também vai ter que mudar, **então a gente não tem o hábito de ler livros, enfim.** A frente delas a gente usa mas acaba evitando, mas acaba usando para responder um whatsapp, coisa assim, mas a gente tenta não usar tanto o celular, mas assim, ela entende tanto que ela pega um espelho. Eu tenho um espelho pequenininho, ela brinca que é celular dela de espelho, aí ela pega aquele espelho, daí ela fica assim que vai tirar foto, daí ela vira espelho para ti para mostrar foto, então assim, ela brinca, porque ela nos vê fotografar, filmar as coisas do dia a dia delas, porque a gente manda para avós enfim, para as recordações mesmos. Então, ela não brinca com o celular, ela imagina o celular né, eu não dou o celular na mão dela, mas ela pega alguma coisa e ela brinca que é o celular dela, ela faz com dedinho como nos vendo fazendo né (rsrsrsrs), então, ela achou o máximo agora esse espelho que ela disse que ela faz a foto. Daí quando ela vira o espelho a gente se vê no reflexo do espelho, então ela disse que a foto que ela fez nós, ou então ela pega e brinca que está ligando para alguma colega, ela imagina uma conversa, ela imagina um diálogo no celular de brinquedo dela né, então ela acaba nos vendo mexendo no celular sim”.

Família 3 - “O pai deles leem bem mais, tem esse hábito de pegar o livro e ler, eu infelizmente não”.

Família 4 - “Olha, ultimamente eu não estou lendo nada, eu até tenho muita vontade, mas eu parei assim, não sei o que é que aconteceu, depois da maternidade acontecerem outras coisas. E, é como se eu fiquei um pouco aéreo e tal, não consigo, e também é aquela questão sempre preocupando fazer as coisas, dar atenção para ela, em arrumar a casa, é aquela vida de mãe de dona de casa. Eu acabei olhando para os meus livros, mas eu não pego eles para ler. Eu teria que ter um momento, mas também ela está sempre comigo, então eu vou pegar um livro vou sentar para ler e ela vai vir em cima, vai querer pegar o livro, já tentei, ela vem tira o livro de mim, ela adora né (rsrsrsrs), então ultimamente realmente não estou lendo, é muito isso né mas...”

Família 5 - “Ah, é só eu e o meu marido, é difícil, eu vim de uma ah, como que eu vou te dizer, de uma cultura de não ler. A minha mãe não lia, meu pai não lia, eu tenho um irmão, mas o meu irmão tem 19 anos hoje. A gente tem 15 anos de diferença de idade né, mas ele também não tem o hábito de ler, então os meus avôs não liam, meus tios não liam. Todos de origem alemã e morando no interior trabalhando na roça, então eles não davam ah, não julgavam isso como necessário ou como importante. Eles preferiam trabalhar que rendiam dinheiro do que sentar e ler alguma coisa, nem gazeta, tinha uma época que a gente tinha gazeta do sul assim na tour quando eu era criança. A gazeta do sul, pai e mãe só pagavam, eles nem liam, muitas vezes só folheavam e olhavam as gravuras e acabavam não lendo, então até eu pegar o hábito da leitura demorou. Eu aprendi mesmo a pegar o hábito da leitura no Ensino Médio e quando eu iniciei a graduação aqui (UNISC) eu intensifiquei mais, mas eu não tinha esse hábito. **O meu marido já tem esse hábito,** desde criança que o meu sogro, **pai dele já lia mais, mas hoje ele também não é um leitor ativo** assim, volte meia a gente compra um livro e a gente empresta para ele, olha! né, não quer dar uma lida nesse livro, eu acho que é bem legal né, daí ele lê. Ele leva para casa e lê, mas ele não compra, não tem essa iniciativa de comprar livros”.

11º Comentário - Seguidamente, exemplos de tipos de textos que a família ou outros membros familiares costumam ler.

Família 1 - “**A gente, eu e o meu esposo gostamos mais de ler notícias assim sobre o dia a dia. A Rita gosta de ler tudo, porque ela gosta muito de ler, ela adora pegar livros enormes assim, ela lê.** Uma hora vou perguntar para ela o que é que ela gosta de ler, daí eu vou te falar, mas ela gosta muito de ler, já o Beto não gosta de ler. O Beto é o de 14 anos, ele não gosta de ler, é muita diferença do Beto para Rita. **Então a gente olha no jornal, na TV nas notícias ou a gente procura na internet, o meu marido também é assim.** E a gente escuta muito a notícia através do rádio, **a gente escuta bastante a gazeta** que traz muita notícia, **arauto também,** são daqui assim que tem mais informações para gente. A gente não conta para ele, a gente comenta mais entre nós mesmos dessas mortes, essa água toda assim, a gente não passou para ele, a gente conversou mais com os outros dois, os maiores sabe, com ele não. A gente comentava entre nós, não sei se ele entendia ou não, mas não perguntou, sabe, mas assim quando estava dando a notícia na TV, assim, ele disse, até disse assim meu Deus! Mamãe muita água entrou dentro das casas das pessoas, as pessoas tiveram que sair, sabe, daí a gente quando ele faz uma pergunta nesse sentido de uma coisa que ele enxerga a gente sempre procura explicar”.

Família 3 - “**O pai, histórias tipo senhor dos aneis** ah, deixa eu pensar numa outra trilogia que ele leu, ele gosta bastante dessas histórias, dessas linhas assim. Ele lê para ele, aí claro aqueles momentos que ele vai ler para as crianças, aí pega os livros das crianças, ele gosta desses momentos também, mas ele lê muito para ele, é o momento dele, é a hora de relaxar dele, é a hora de pegar um livro. **Ele tem hábito de ler notícias, mas aí é muito no celular, né, jornal impresso a gente não tem mais, então essa questão de notícias e tudo isso é muito no celular, aí tem uma que é outra revista que a gente lê, mas daí não é tão rotina, é mais esporádica, alguma coisa de revista”.**

Família 4 - “**Os últimos que eu li foram os livros até assim ah falando sobre pessoas, ah o último que foi** do prin ba como que é, aí meu Deus, estou com a memória fraca, *daquele, Alice! qual? aquele livro que a gente leu lá em casa? do? qual? aquele coloridinho, do prin que tu lia um pouco, nós líamos juntas, eu e tu? ah, do prin ba, do Prem baba?, gente, como é o nome do livro?* pra ti ver eu estou com a memória assim, *eu também estou com a memória assim.* **Mas aí este foi um dos livros que eu li depois da Monja Coen,** aquela também comecei a ler. Monja Coen, é Monja que se diz? *É,* eu adoro ela assim mais são coisas que fala em relações as pessoas, comportamento vamos dizer. **A Bodice,** *tu leu aquele da organização também. Qual? o da organização, Ah daí eu também li um que fala sobre aquele de Paris, também da moda depois tu me emprestou, eh, o de paris ele é um livro a parisiense, ele fala de como os parisiense se vestem, se comportam, até inclusive falam das crianças. O comportamento das pessoas na França né, que é totalmente diferente, que é mais básico, não é como aqui no Brasil que é tudo essa, né, então isso também eu li, aí eu li da Monje que é sobre pessoas, relacionamentos. **A Monja fala muito sentimentos, também voltados tudo para o budismo e aí a gente leu esse também que fala de relações entre as pessoas, amar e ser livre esse que também fala essas coisas questões humanas, né, e aí também li um** que até eu quero ler de novo **que é sobre organização que é manter a casa organizada, tirar o que não serve e a energia que isso traz.** Então depois que a Itelvina nasceu aconteceu comigo uma questão que a minha casa virou uma bagunça. O apartamento é muito grande e aquilo começou a me incomodar muito, não podia ver aquilo e parece que aquilo na minha vida não estava andando, porque a casa não estava organizada e aí eu li esse livro que ele me ensinou um pouco as práticas de organização de descartar coisas, não se*

apegar e aí eu fiz botei em prática inclusive mudou bastante mesmo, parece que fluiu as coisas (rsrsrs)”.

Família 5 - “**O último livro que eu li foi da Natália Cury, ela fala sobre como economizar dinheiro**, sabe bem finanças, ela é bem financeira mesmo. **O anterior foi do Augusto**, agora eu acho que eu erreí para ti o nome, não sei se é Natália. Acho que é Augusto que é Cury agora. O Augusto, ele é filósofo, então é bem variado assim, depende do assunto né, mas **eu gosto bastante de ler, mas não tem nenhum tema específico. O que eu não gosto de ler assim oh, romance eu não gosto de ler, drama assim, eu não curto essa leitura. Eu gosto de alguma leitura que agregue alguma coisa, além de só ler e conhecer palavras e sim de conhecer algum método de pesquisa, alguma coisa assim nesse sentido. É Nathalia Arcuri**, falei errado (rsrs) ah, **notícias leio alguma coisa**, mas eu pouco pego celular, pouco pego assim, durante o dia que estou na escola é o momento que eu mais fico com celular na mão. Eu respondo, se tu me mandar uma mensagem eu consigo responder logo, porque o meu trabalho durante o dia muitas das professoras me contacta e eu tenho que responder elas logo, faz parte do meu trabalho, mas se eu estou em casa eu largo o celular num lugar, eu esqueço dele, se as pessoas não me ligar e o celular não tocar alto, eu nem sei onde ele está, então poucas as vezes eu leio noticiário assim no celular, mas sim de vez em quando eu paro assim né. Eu disse ah vamos dar uma olhada, vamos ver algum noticiário, alguma coisa que me chama atenção, alguma coisa que eu queira procurar, que nem agora muita chuva, muita enchente né. Ah esses dias eu acessei o portal Gazi, G1 para ver como que estava né. Vamos ver como que estão as chuvas na nossa região, daí eu acessei, mas se não, eu não tenho o hábito de todo o dia está acessando uma página da gazeta coisa assim, isso não, até porque eu evito o celular, eu não gosto muito, e **no Sesi nós temos a Gazeta, nós temos o físico né, então ali sim, ali eu acesso**”.

12º Comentário - Deste modo, apresento os relatos sobre a frequência da leitura nessas famílias. Contudo, foi necessário compreender se a leitura na convivência familiar é feita por dia, semana/ mês. Para este objetivo as famílias responderam o seguinte:

Família 1- “Não, por semana, a gente costuma conversar com ele, contar uma historinha assim, uma, duas vezes, três vezes por semana, quando não é a gente, é Rita. **Ela faz por conta própria, diariamente, ela lê muito, gosta muito de ler**”.

Família 2 - *Os familiares não têm o hábito de leitura.*

Família 3 - *Foi respondido na pergunta 14.*

Família 4 - “Ah, é que alguns eram fáceis de ler, uma semana, esse do outro a gente levou bastante tempo, lia um pouco uma semana, depois na outra um pouco, demorou mais, então era uma coisa assim diária, mas isso até foi para mim agora pensar sobre isso e tentar fazer isso né, ler, mas que momento vou fazer isso? vou ter que achar (rsrsrsrs), *quando a Iteivina dorme we?*. Claro, eu leio muito no celular coisas, muitos textos no celular, eu vejo um link lá e eu abro e leio inteirinho assim textos coisas. Eu gosto de muitas coisas sobre pessoas, isso eu leio mas no celular né que é diferente num livro. A leitura no celular ora às vezes é curta, mas geralmente é todos os dias, eu leio alguma coisa, hoje mesmo eu estava fazendo a unha e comecei a ler uma coisa assim, coisa sobre o que está acontecendo no mundo, reportagem, às vezes uma coisa interessante ah, por quê que algumas pessoas, até sobre empatia, sobre pessoas mesmos eu gosto de ler. Assim, quase todos os dias, à noite, vamos dizer duas, três vezes por semana, que aí a noitinha, tardinha

depois da janta a gente vai para o quarto, ela brinca lá na cama e eu sento do lado dela e fico ali dando uma lida em alguma coisa no celular”.

Família 5 - “No Sesi a leitura é de segunda a sexta, todos os dias, nem sempre dá tempo todos os dias, mas eu tento. O livro, quantidade tu quer dizer? Bom, depois que a gente tem filhos, tu tem filhos? não né, depois que a gente tem filhos, a gente parcela a leitura do livro (rsrsrs), porque não dá tempo, é incrível, **mas um por mês vai, mas grossinho talvez em torno de um por mês vai,** mas, mais não consigo de jeito nenhum. **O meu marido, ele consegue ler mais,** porque o serviço dele não é tão puxado que nem o meu, a carga horária né. Como ele é da área da TI, ele tem mais livros durante o dia, então se durante o dia ele não tem nenhum cliente e nem nada para atender, ele não faz nada, ele sempre tem um livro junto com ele. **Ele sempre lê, mesmo sendo no horário do serviço dele,** mas ele pode fazer isso, eu não consigo. Eu estou sempre envolvida com criança e adulto, de tarde estou envolvida com 150 crianças, não tem condições, às vezes eu não consigo nem parar para lanchar né, assim dizer, muito menos ler um livro, então **eu quando pego um livro, é nos finais de semana, durante a semana eu também não consigo,** não dá tempo. Raramente, **às vezes dá, sexta de noite dá,** porque sexta de noite mesmo se eu tenho que lavar roupa ou se eu tenho que fazer alguma coisa, não lavo, eu deixo para o sábado, porque sábado não trabalho né. **O meu marido, eu não sei se ele lê todos os dias, pode ser que sim, porque ele não lê num livro físico né, ele tem um kindle. Ele leva o kindle junto todos os dias e ele vai lendo ali, eu já não gosto, eu gosto do livro,** preciso de papel, de livro, gosto de fazer observações, de riscar né, então eu já gosto assim. É que eu evito, não sei se tu já percebeu, eu evito tecnologia, eu não gosto, me dá dor de cabeça, eu fico cansada, por mais que o kindle se tu lê, ele parece um livro né. Ele é bonitinho e tudo, mas o Guto já não, ele prefere mais”.

13º Comentário - Torna-se necessário saber se a criança costuma ver os familiares (outra pessoa) lendo na convivência familiar. Nesta perspectiva, os resultados gerados relatam a experiência de leitura que cada um tem ou desempenham neste sentido, para este efeito foram respondido o seguinte:

Família 1 - “É complicado, sabe, a gente não convive muito junto diariamente, quando a gente daí lê alguma coisa, assim de noite, a gente procura não ficar em celular, a gente procura dar mas atenção para ele, sabe, conversar com ele, perguntar o que ele fez na creche, com quem ele brincou, o que aconteceu. Eu chego em casa 21h, então a gente tem pouco tempo, mas quando estamos com ele deixamos uso de celular de lado, para poder ficar com ele, até para saber um pouco mais do dia a dia dele, sabe, para gente mostrar o interesse, porque ele conta assim, e vem disse para nós, mamãe, eu gosto de ir na creche, daí eu pergunto, o que é que tu fez na creche hoje?, daí ele disse eu brinquei, daí eu pergunto, foi no lanche?, sim. A professora contou historinhas? contou historinhas, ela (professora) brinca de massa de modelar. Eles brincaram com argila, tudo ele conta para gente, aí então quando ele faz o cartão dos dias da mãe que ele me desenhou do jeitinho dele, ele mostra para todo mundo que vem lá em casa”.

Família 2 - *Os familiares não têm o hábito de leitura.*

Família 3 - “Normalmente o que acontece é que isso é depois que os meninos foram dormir, então assim dificilmente os meninos veem a gente com o livro na mão lendo. Eu, porque realmente não tenho hábito e o pai, porque isso acontece mais tarde, acontece depois que eles vão dormir. De vez em quando sim, mas essa coisa de ser um hábito de

leitura de todo dia ler um pouco, não, porque na maioria das vezes é à noite depois que as crianças foram dormir, eles já viram claro, o pai com os livros, eles veem a quantidade de livros que o pai tem lá que gosta de ler, mas essa coisa de ser um hábito de ver o pai ler todo santo dia, não, porque costuma acontecer mais tarde, ele lê só a noite, e os filhos vejam o pai a ler só de vez em quando com livros”.

Família 4 - “Não, olha hoje em dia está difícil ver as pessoas lendo como antigamente, está bem complicado isso (rsrsrsrs). Claro, na verdade eu ainda tenho muitas dúvidas do que seria melhor, eu fico muito nessa questão de será que eu teria que tentar insistir mais nessa questão da leitura? né, como ela (criança) não deixa, como eu te disse, tentar daqui a pouco, mas também não posso forçar, então eu sempre tento deixar tudo que acontece na vida dela, então é uma coisa muito natural. Eu tento não ficar forçando sabe, não forçar assim uma coisa que às vezes não é o momento, não está preparada para aquilo, ela não quer aquilo, então sempre deixo ela no desenvolvimento mais natural como eu já te disse, de mostrar, de vivenciar, vamos lá misturar, vamos no banheiro vamos escovar os dentes agora juntas, a gente senta escova os dentes, vamos almoçar, vamos tomar café da manhã e sentar na mesa. Então, **sempre tentei o tempo todo mostrar as coisas na realidade, vivenciando**, então até comida que nem te disse no mercado, ah, mamãozinho, vamos pegar o mamão para Itelvina, a banana, e ela vê banana e ela aponta, ela sabe né, então vivenciar, mostrar o que dá também, não é tudo no mundo que a gente vai conseguir o tempo inteiro, que nem plantas. **Eu adoro plantas, tem bastantes na minha casa, eu mostro vamos botar água nas plantas, vamos juntas, vamos lá, daí eu mostro colocando** sabe, então tudo assim, **eu sempre tento incluir ela nas tarefas, mostrar, incluir, vamos lá arrumar a cama com a mãe, bota aqui travesseiro**, ah vamos né, tudo assim **tentar mostrar, incluir nas atividades do dia a dia**, que nem essa questão do supermercado né, de ir junto, de mostrar, no restaurante sentar, viajar, no mar, ah ali é a piscina, então assim, mas tento mostrar sempre o natural, nunca forçar. Se ela diz não quero mais comer a comida, por exemplo, eu não fico forçando, tem que comer né, essas coisas, não, não faço nada disso, ah então tá bom, se não quer mais está tranquilo, depois a gente come outra coisa. Vamos lá, não tem problema, sabe, deixo muito ao natural, porque eu acho que forçar pode daqui a pouco está forçando fazer alguma coisa perdendo aquela fase que ela deveria estar vivendo. **É que nem a minha tia ensinou ela a dizer a, e, i, o, u, ela passou um dia inteiro falando. Ela era bem pequenininha e até hoje ela repete a, e, i, o, u, ela repete né, a gente quando vai fazer mamã, a gente conta ali 1, 2, então ela já sabe contar até 5, porque a gente coloca 1, 2, 3, 4, 5, ai ela aprendeu, mas tudo natural fazendo atividades juntas, nunca, sim, forçando.** Qualquer dúvida também que tu precisar depois se faltar alguma informações tu me manda no Whats eu te passo não tem problema, que eu me lembrar que na hora a gente fica assim né, às vezes não lembra das coisas, mas pode me perguntar. Inclusive né, eu fico feliz de participar, porque é bom a gente pensar, faz a gente até refletir né, no que poderia mudar e melhorar”.

Família 5 - “Ah, eu já tentei, mas não dá certo, porque ela é muito pequenininha, rasga o livro, puxa e daí ela diz vem brincar mamãe né, mas nós já fizemos isso, tanto eu como o Guto, nós já lemos com ela juntas assim. Ah, não digo que eu desiste, eu ainda continuo tentando, uma hora ela vai entender que é o meu momento de leitura, que ela tem que brincar que eu quero ler ou eu ofereço assim, a mamãe tem um livro, a mamãe está lendo, pega o teu livro e lê, daí ela olha as figuras e tudo mais, mas ela quer que a gente esteja com ela. Ela não quer ficar muito tempo sozinha aí daí, se ela enxergar a gente sozinha, ela quer a nossa presença também né, **mas ela já viu e já participou disso. Ela já sentou no meu colo, já ficou quase dormindo no colo e eu lendo, daí eu acabava lendo em voz alta né, para ela deixar eu ler.** A gente faz de tudo para dar certo (rsrsrs), legal essa pesquisa gostei. Tu vais pesquisar outras mães, né? Vais conversar com outras pessoas também, tu tem outras? Já

conversou? e as outras tinham outras idades as crianças? Até eu ia te dizer né, porque algumas perguntas ali, tu não teve muito retorno de mim, porque a minha é menorzinha, daqui a pouco tu chama uma mãe que tem filho/a de 3 aninhos, tu vai ter mais retorno. A minha fala foi importante pra ti, vai ser importante para a sua construção, mas também uma fala da mãe de uma criança de três anos dá para tu fazer as comparativas né, é bem bom. Deixa eu olhar se eu tenho algumas fotos, mas eu te envio, aqui estava a minha mãe brincando com ela, isso foi lá em casa, essa é a minha mãe, né daí ela estava botando óculos na minha mãe, daí elas cantando parabéns, sabe. A gente tem uma vida muito simples com ela, muito simples, eu sou simples, eu gosto assim de envolver ela bastante no nosso dia a dia assim e quando ela suja o chão a gente acaba dando um pano, agora a Isabela vai ter que limpar, a gente dá para ela limpar, para ela aprender também, porque eu acho importante a interação da criança no meio dos pais, sabe, e de saber assim de onde é que vem as coisas né. Eu não posso fazer tudo pela minha filha, eu tenho que interagir ela no nosso convívio. A criança não pode saber assim que recebe o prato pronto, tá mas a mãe cozinhou, a mãe fez isso, fez aquilo né, e ela precisa saber esse desenrolar do fazer a comida, que demora, que tem isso, que tem aquilo, que depois ela vem no prato para ti pronto, então assim que a gente é, bem tranquilo. Olha lá, ela tomando chimarrão (rsrsrs). Ela é bem alemoa, com olhos azuis e cabelo branco. É que nós somos todos assim, nós somos de origem alemã. Deixa eu ver, onde que está? Deixa eu ver se é esse aqui que eu estava conversando com ela, alí oh, ela estava com a gata em cima da cama, não sei se eu conversei com ela aqui. Às vezes eu só gravo ela, só para ter registro né. *Como é que é o nome dela? Isabela, né? A Nick, a Niki, olha querida!* Ela não gosta muito de celular também, *como que fez, mião*, que Nick fez mião. Ela todas as vezes que a gente pega celular, essa é uma coisa que atraí né, a gente pega celular, ela quer ver o que a gente está vendo, então é tecnologia né, acaba atraindo, *dá tchau, dá beijo, tchau*, acho que ela não fez nada aqui, mas onde que está? É que a gente acaba fazendo tantos vídeos, *we, meu sogro?* (...). Na iluminura, nós fomos duas semanas atrás, eu fui comprar um presente para um menino de um aninho, sempre eu compro livros, sempre, em todos os aniversários de criança que a gente vai, eu compro livros para dar. E, ela gosta bastante da lua, das estrelas, do sol, ela enxerga a lua, disse ah lula, lua! E daí eu disse tá, a gente vai comprar um presente para o Bartolomeu, e tu escolhe um livro para ti, daí ela escolheu isso aqui. Não é da faixa etária dela, esse aqui é de quatro anos para cima. **É o nome do livro, meu primeiro livro dos porquês e tu abre ele daí ah, ele tem um desenho do sol, aí está escrito assim embaixo, por que o sol só aparece de manhã cedo? Daí tu abre e dentro está a resposta, ah por causa disso, isso aquilo. Ah, por que escurece de noite? Daí tu abre a aba e dentro tem as respostas, por que as estrelas brilham, né, é os livros dos porquês, aí tem tudo sobre constelação, sobre sistema solar né, planetas.** Ele é bem legal, aqui tem outro oh, é assim oh, o livro por dentro é assim. Daí isso aqui foi nós na iluminura, daí ela estava pegando vários livros, daí ela queria isso aqui que era de banho né, que ele não é de papel é emborrachado e dá para levar para o banho junto na água. Aí, eu disse para ela, mas Isabela tu já tem dois desses em casa e tu já não é mais tão nenê assim, tu não precisa. Usa os dois que tens em casa, escolhe um diferente que tu ainda não tem em casa, aí foi quando ela pegou o outro. É que esse aqui tem uma vaquinha, e ela liga luz, chama atenção porque liga luz. É colorido, daí ela queria esse, por causa que a vaquinha ligava luz, mas assim oh (rsrsrs) aí todo momento assim, ela ficou todo momento olhando livro ali, no final foi ela que escolheu, mas assim a gente é, a gente gosta bastante. **Esse aqui é um outro videozinho, a gente foi para dois irmãos, daí esse é meu marido e o outro é o tio dele, daí ela brincava de correr. Ela corria de braço de um para o braço de outro, é como eu disse como ela é pequenininha, é essas brincadeiras né, assim ela ia para um lado para o outro.** Não sei se tem mais videos, isso aqui o que é que ela está fazendo?, ah, essa, ela está pegando a cadeira para sentar e com alguma coisa na boca, acho que era uma

bolacha não sei (rsrsrs). Eu não sei lidar com esses cachinhos, quem tinha cachinhos era o meu avô já falecido, e a bisavó dela, avó do meu marido só esses que tinham cachinhos e ela herdou esse cachinho. O meu cabelo era liso liso, hoje, ele é levemente ondulado. *Filha, o que é que tu está comendo? banana?*, ah era banana, *mostra para mãe? Ai que delícia né? está gostosa? como a banana.* Ela não queria mais a banana, ela ficou braba ahhh, mas assim a gente fala com ela. Ah, isso aqui é um outro livro que ela tem em casa, isso aqui é da Branca de Neve, viu oh, para não dizer, desde setembro eu tirei essa foto, então não foi para ti (rsrsrsrsrsrs), depois a gente tem esse hábito, a gente gosta bastante. Esse é da Branca de Neve, e assim vai não sei onde que está, aqui ela sujou de feijão (rsrsrs), ai coisa bem boa! criança é tudo de bom, aí, eu adoro, mas é isso então Celina, não vou achar outro vídeo, tipo assim não mandei num grupo. A gente tem um grupo dos padrinhos. Ah, isso aqui, mas isso aqui foi do dia 26 de junho, é **um tablet que ela tem, quando ela mal sabia falar em junho, olha isso aqui oh, as vogais aqui oh, a, fala? Daí ela desligou, como que é o nome desse vogal? a, e essa?é, esse aqui oh? o, u, e daí ela vai falando, mas isso aqui foi em junho. Julho, agosto, setembro, outubro faz 3 meses, e pouco atrás, aí depois disso ela logo aprendeu de 1 a 10, ela sabe. E daí quando a gente começa a falar, a, daí ela fala e, i, o, u, né, quando fala a, b, daí ela sabe que é c, d, e, daí ela tranca**, ali ela para, mas também né coitado (rsrsrsrs) que ela saiba tudo, mas é assim, a gente vai brincando. Se tu quer que eu te mando algumas coisas desses registros, eu posso te mandar, não tem problema Celina, que eu lembro quando eu fiz o meu trabalho de conclusão, o meu era... o tema certo, o título não me recordo, mas era a influência da língua alemã no contexto escolar. Eu chamei aquelas crianças assim oh, aqueles estudantes que ia para a escola e que sabia falar somente a língua alemã, mas que a escola era a língua portuguesa né, então esse foi o meu projeto, mas fui atrás também, a gente precisa, é bom, importante, legal”.

Conforme apresentei antes, durante as entrevistas surgiram algumas questões de curiosidades que serviram para que eu pudesse ver se conseguiria mais dados para as minhas buscas, ou seja, outras informações que julguei que seriam importantes para os meus objetivos, mas apresentei de maneira bem exploratória. As questões de curiosidades surgiram devido às diferentes possibilidades que os familiares encontraram para contribuir com a ampliação do vocabulário na infância, despertando na criança o interesse e prazer pela linguagem. Estas narrativas não compõem o quadro geral de dados e também não estão apresentadas com a codificação (destaques), pois foram geradas a partir das minhas curiosidades e poderão servir para outras pesquisas a respeito do tema.

14º Comentário - Perguntei para a **Família 1**, se em casa eles escutam mais as músicas infantis e/ou músicas populares do Brasil? E a resposta foi o seguinte:

“Nem um, nem outro, quando eu escuto a musiquinha assim, daí ele pede para colocar na TV musiquinha e daí ele escuta, ele pede mãe que olha um desenho e daí a gente bota um desenho, daí vai passando, daí assim, acha um canal que tem musiquinha, daí a gente bota musiquinha”.

15º Comentário - Ainda na **Família 1** surgiu uma outra questão referente à livraria, então perguntei para a mãe, se ela ou outra pessoa da família tem o hábito de levar o Sérgio à Livraria e se costumam comprar livros de histórias para ele? Obtive a seguinte resposta:

“Não, isso não, a gente não faz isso, tu sabe que é uma coisa que talvez faria, deveria ter, a gente deveria fazer isso, mas a gente não faz, meus pais não faziam comigo quando eu ia numa livraria, numa biblioteca da minha escola. A minha filha frequenta muito a biblioteca, ela estuda lá na Unisc no Educar-se, então ela vai muito na biblioteca, ela lê muito, ela adora ler, ela já vai bem mais e partiu deles lá, para te ver a diferença, eles lá incentivam mais a leitura, meu filho frequenta uma outra escola que assim não é tão rígida sabe, é uma escola municipal”.

Nas palavras de Rodrigues (2016, p.31), “(...) a mediação da leitura pelos pais, atitudes de levarem os filhos para visitas a livrarias, bibliotecas e espaços que promovem a leitura no bairro ou em outro local, são formas que contribuem para que a leitura faça parte da vida deles”.

16º Comentário - Neste sentido, referente a pergunta sobre acesso à livraria, surgiu uma outra questão para a **Família 1**, perguntando para a mãe, se eles não vão à livraria, então como é que a família adquire livros? A mãe da criança respondeu o seguinte:

“Às vezes é um presente ou às vezes a minha filha tem, porque ela ganhou bastante livro quando ela era pequena, então ela até tem ainda desde o tempo que dela ser pequena, porque ela cuida muito das coisas dela. Ai seguida ela tem livrinhos de histórias assim que ela conta para ele, principalmente de bichinhos, ele adora histórias de bichinhos de onde tem galinha, porcos, uma fazendinha, aí ela conta para ele, ele adora”.

17º Comentário - Ao mesmo tempo surgiu uma outra questão, então eu perguntei para a mãe, se a irmã da criança tem o hábito de levar o Sérgio para a biblioteca? quanto a isso foi respondido o seguinte:

“Não, porque ela quando frequenta a biblioteca é no horário de aula dela, durante o dia que ela fica lá na Unisc, ela tem algum trabalho, alguma coisa para fazer e nesse meio tempo Sérgio está na creche, sabe não fecha”.

18º Comentário - Do mesmo modo, para a **Família 2** surgiu uma questão semelhante da família anterior, como eu estava presente na casa dessa família, então observei que tem estantes cheios de livros da criança, aproveitei o momento e perguntei, se eles têm o hábito de levar a criança à livraria para comprar livros ou familiares dão de presente para ela? Logo, a resposta foi o seguinte:

“Não, livraria acho que fui uma ou duas vezes só com a Betânia, acabo que eu que compro, eu que providencio, acho que livro de familiares não ganhamos”.

19º Comentário - Na **Família 2**, percebi que a criança dessa família tem oportunidades de estar em contato com vários livros, então perguntei para a mãe, se os livros que estão nas estantes, se são somente livros de histórias ou outros gêneros textuais? De antemão respondeu o seguinte:

“São livros de histórias infantis de diversos títulos assim, até de comportamento enfim, mas tudo que envolva, tudo voltado para, são livros infantis mesmos, até porque na escola quando vem a lista de materiais escolar, eles pedem o livro de acordo com a idade que na verdade esse livro vai ficar na biblioteca da turma durante o ano. No final do ano ele não vai ser devolvido para gente, ele vai para biblioteca da escola, então fica lá no acervo da escola, aí eles tem esse. Eles vão fazer o acervo deles de livros que é pedido no material escolar né, então ela tem o hábito de escolher. Cada duas semanas ela escolhe um livro novo para vim para casa, daí claro como ela não sabe ler, ela vai pelos desenhos, provavelmente, o que atrai ela no livro que vai escolher, é o desenho, é o personagem, a cor, enfim, algo que chama atenção dela.”

20º Comentário - Ainda, na **Família 2** também surgiu uma outra pergunta, ao mesmo tempo perguntei para a mãe da criança, se ela tem o hábito de ir à biblioteca? Dessa forma, obtive a seguinte resposta:

“Sim, na escolinha, na escola eles retiram livros. Eles têm biblioteca na escola, então a cada duas semanas, eles retiram livros, eles tem uma pastinha, então eles vão lá escolhem livros que eles querem, vem para casa, o livro fica duas semanas com a gente depois retorna para escola”.

21º Comentário - Além disso, em síntese, perguntei para a mãe, se ela tem alguma curiosidade que gostaria de compartilhar comigo? Então, ela falou o seguinte:

“Olha, acho que não, acho que é isso mesmo, ah, Betânia no início assim quando ela fez um ano parece que as palavras não vinham, ela não falava, ela fazia só as sílabas né, eu estava ficando preocupada quase levei ela numa fonoaudióloga para ver se tem uma coisa errada que ela não fala, quando ela começou a falar, ela não parou mais (rsrsrsrsrs), então assim, eu acho que ler a gente lê para ela desde muito pequena né, acaba que com a mais nova por ter a demanda da maior, eu acabo não tendo dedicação que eu tive com a Betânia, noto que isso no geral não só na leitura, em várias outras coisas né, então eu sinto que não consigo ter a dedicação que eu tinha com a Betânia, mas eu acho que ela vai falar antes do que a Betânia falou, mas disso da Betânia, eu cheguei a pensar que ela estaria atrasada na fala, mas na verdade buscando informações, ela não está atrasada, ela estava dentro do esperado para idade, mas a mãe é ansiosa queria que ela já falasse, mas ora que ela começou a falar não parou mais, então assim, ela sempre falou muito. Na escola as professoras sempre falaram que quando ela começou a falar ela logo foi aprendendo as palavras novas, e ela foi, claro que do jeitinho dela. De início eles não conseguem falar direito né, quase não entende o que eles falam, mas ela começou a falar e só foi, então hoje ela fala muito, nossa!!! Ela relata as coisas nos mínimos detalhes inclusive, tem coisas que ela observa e depois ela nos relata né, um exemplo assim esses dias minha mãe veio me ajudar que meu marido não estava aí, minha mãe secou o cabelo dela com o secador de cabelo e ela olhou para minha mãe, vovó! seu secador de cabelo é vermelho. Ela observou que o secador da minha mãe é vermelho, sendo que ela viu no banheiro um dia, então assim ela observa muito as coisas, e ela grava as coisas

depois de um tempo ela relata né, ela fala bastante, eu acho que ela tem um vocabulário bem amplo (rsrsrsrs)”.

22º Comentário - Na **Família 3**, surgiu uma pergunta em relação às outras famílias, de antemão perguntei para a mãe, se eles têm o hábito de levar a criança à livraria e/ou à biblioteca? portanto, foi respondido o seguinte:

“Na escola a biblioteca vem até eles, então a professora da biblioteca traz até eles uma série de livrinhos que eles podem passar um tempo ali descobrindo esses livros, né. Olhando esses livrinhos e aí em determinado momento ela (professora) escolhe um desses livros e conta a história para eles na escola. Nós frequentamos livrarias não, confesso que não é um hábito que a gente tem, porque se compra muita coisa pela internet hoje né, então, mas eles têm em casa também, está sendo construído desde o mais velho, né. Eles têm um espacinho na parede onde têm vários livrinhos e é de lá que ele vai buscar os livrinhos que ele quer ver, quer ler naquele dia, mas a gente não frequenta a livraria nem biblioteca”.

Para Rodrigues (2016, p.31) “(...) uma criança que cresce numa família de cultura letrada terá chances maiores de se tornar um leitor. E conviver com pais que apreciam um bom livro, uma boa leitura, que possuem livros em casa, que frequentam livrarias e bibliotecas e que no dia a dia aplicam a leitura em seus lares”.

23º Comentário - Já na **Família 4**, como a mãe da criança disse que ela tem muitos livros em casa, então aproveitei o momento e perguntei se eles têm o hábito de levar a criança para livraria e/ou é presente? Logo, a mãe respondeu o seguinte:

“Eu sinceramente não sou de comprar muitas coisas, não sou muito assim de ficar comprando, ela tem alguns que ela ganhou dos primos dela, eles tinham bastante livros, deram. Eu também comprei semana passada que a gente estava viajando, a gente estava em Santa Catarina na casa da minha prima. A gente foi no shopping e aí tinha uma livraria grande bonita assim no shopping, e aí a gente entrou com ela e aí mostrou os livros, deixou ela escolher o livro que ela queria. Aí sim, quando a gente vai assim no lugar maior e tal a gente leva né e mostra e deixa ela escolher, e ela escolhe, olha ali pelo desenho mais colorido e tal ou desenho que ela olha daí. Ela reconhece né, mas eu não sou muito de ficar comprando exageradamente coisas, livros, mas ela tem os que ganhou, e às vezes eu compro alguns esses de pintar para ela pintar apesar não entender muito bem ainda. Ela adora giz de cera aí quando a gente vai a algum lugar, algum restaurante e tal que tem esses desenhos para pintar ela adora mexer com caneta, com giz, com essas coisas, ela desenha do jeitinho dela né”.